

A close-up portrait of actress Bianca Carvalho, looking directly at the camera with a serious expression. Her long, dark hair is slightly tousled. The background is dark and textured.

# SABORES MORTAIS

TODO E QUALQUER SEGREDO UM DIA PRECISA SER REVELADO

B I A N C A   C A R V A L H O



ERACLIPSE



# Sabores Mortais

*“Todo e qualquer segredo um dia  
precisa ser revelado...”*

Vol. 3 –Trilogia das Cartas

1ª. Edição

Bianca Carvalho

PERIGOSAS NACIONAIS

Rio de Janeiro  
Edição do Autor  
2014

PERIGOSAS ACHERON

*“E ainda que tivesse o dom de profecia,  
e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência,  
e ainda que tivesse toda a fé,  
de maneira tal que transportasse os montes,  
e não tivesse amor, nada seria.”*

*1 Coríntios 13*

# PERIGOSAS NACIONAIS

## SUMÁRIO

[Prólogo](#)

[I](#)

[II](#)

[III](#)

[IV](#)

[V](#)

[VI](#)

[VII](#)

[VIII](#)

[IX](#)

[X](#)

[XI](#)

[XII](#)

[XIII](#)

[XIV](#)

[XV](#)

[XVI](#)

PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

[XVII](#)

[XVIII](#)

[XIX](#)

[Epílogo](#)

PERIGOSAS ACHERON

## PRÓLOGO

A casa estava escura e silenciosa, e havia chuva lá fora. Não chegava a ser uma tempestade, mas as gotas de água que caíam do céu açoitavam a janela com certa força, embaçando o vidro.

Lolla não costumava gostar de chuvas fortes. Sabia que elas eram apenas o prelúdio de algo bem mais significativo. E aquela chuva ter começado exatamente naquele momento só podia ser um mau sinal...

Segurava nas mãos o peso de um destino. Mais um, na verdade. Embora o papel ainda estivesse em branco, ela sabia que ele seria portador de todas as palavras que ainda precisava dizer para Tatianna. Sentia a morte chegando, penetrando em seus domínios como um explorador



sedento por território, mas ainda teria a oportunidade de deixar por escrito seu último desejo para sua última neta.

A terceira carta pulsava em sua mente, implorando para ser escrita, de forma mais intensa do que as outras duas.

Porém, permitiu-se também um breve momento de nostalgia. Caminhou devagar pela casa que fora sua por mais de cinquenta anos, observando cada espaço vazio, cada móvel e alimentando-se de cada lembrança. Fora feliz ali. Então queria morrer feliz também.

Sentou-se, enfim, à mesa de jantar e começou a redigir suas últimas palavras. Dali em diante não haveria mais volta... Faith, Cailey e Tatianna, seus bens mais preciosos naquela vida, estariam por sua própria conta.

Ao menos teriam suas cartas... suas três

## PERIGOSAS ACHERON

cartas, que não as deixariam desamparadas.

E aquela que tinha em mãos pertencia à moça dos sabores, que proporcionava tanto deleite ao paladar dos outros, mas que provaria apenas do gosto mais amargo da vida. Pertencia àquela que fechara os olhos para seu próprio dom, para si mesma.

Portanto, pela última vez, outra longa jornada se iniciaria com uma receita mágica, uma busca e uma profecia de amor...

## I

### Noz-Moscada

*"Simboliza mudanças na vida de uma pessoa, proporciona o poder da clarividência e do crescimento espiritual."*

### NOITE DE NATAL - 1993

Um calafrio gelado percorreu o pequeno corpo de Tatianna. E não tinha nada a ver com a neve que caía do lado de fora da janela.

Era estranho que se sentisse tão apreensiva, enquanto Faith e Cailey brincavam, correndo pela casa, sendo que, das três, era ela quem mais gostava do Natal. Gostava de ver as luzes da bela árvore que Lolla montava todos os anos, piscando ritmadas ao som de "*Jingle Bells*"; gostava do

### PERIGOSAS ACHERON

cheiro da comida gostosa que sua mãe preparava, dos programas que passavam na TV e de pendurar meias na janela. Por mais que não acreditasse em Papai Noel, visualizar a imagem de um bondoso velhinho de barba branca, descendo pela chaminé da casa e distribuindo presentes para as crianças bem comportadas, sempre a deixava mais feliz.

E Tatianna sabia que tinha sido uma boa menina. Por isso, não havia nenhum motivo para seu presente não ser mais que especial.

Mas, então, por que será que aquela sensação tão ruim começava a arder em seu peito?

Já fazia duas horas desde que sua mãe e vovó Lolla tinham subido sozinhas para o quarto e estavam conversando sobre coisas que Tatianna não podia ouvir. Ela sabia que deveria ser algo sério demais para uma menina de oito anos, o que fazia com que se sentisse um pouco excluída. Além

disso, sua avó parecia apreensiva desde a noite anterior, o que significava que tinha tido uma *visão*.

A menina sentia um pouco de medo dos tais dons que as mulheres de sua família possuíam. Diziam que em breve ela também reconheceria o seu, mas ainda não compreendia muito bem o que tudo aquilo significava, especialmente porque a última premonição significativa de Lolla fora sobre a morte de seus tios, dois anos atrás. E ela não queria perder mais ninguém.

Foi então que esse mesmo medo lhe deu coragem para levantar da poltrona onde estava sentada e ir ver o que estava acontecendo.

Subiu as escadas da casa com pressa, mas em silêncio, tentando distinguir de quem era o soluço baixo e agoniado que se tornava mais e mais audível, conforme se aproximava do quarto.

Sem nem pensar no que estava fazendo,  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Tatianna abriu a porta e entrou, sem bater, pronta para pedir explicações.

Mas a cena que viu lá dentro ficaria guardada em sua memória para sempre.

Jane, sua mãe, segurava uma mala pequena nas mãos, e seus olhos estavam vermelhos e molhados por lágrimas. Lolla se encontrava na mesma situação, também parecendo emocionada com alguma coisa.

— Tatianna! — Jane exclamou, assustada por ver a filha ali. — O que está fazendo aqui? Deveria estar na sala com Faith e Cailey. — Aquilo não soou como uma reprimenda, mas deixou a menina um pouco indignada. Não queria mais ser excluída do assunto, que parecia tão sério.

— O que é essa mala? Vamos viajar?

Tatianna percebeu que a pergunta provocou

## PERIGOSAS ACHERON

algumas reações nas duas mulheres à sua frente. Lolla desatou a chorar com mais intensidade, e Jane suspirou como se sentisse dor. E talvez estivesse sentindo mesmo, mas não uma dor física; uma dor emocional... como se seu coração estivesse sendo arrancado do peito.

Ainda sustentando aquela expressão de culpa no rosto bonito, Jane pousou a mala no chão e aproximou-se da filha.

— Querida, sente-se aqui — segurando os braços da menina, Jane fez com que ela se sentasse na cama. — Eu vou ter que fazer uma viagem sozinha.

A palavra *sozinha* ecoou na mente de Tatianna como se tivesse sido proferida no vácuo e começasse a ser repetida inúmeras vezes. Era quase inacreditável; só podia estar presa em um pesadelo.

— Outra vez? — meses antes, Jane também tinha viajado para algum lugar que Tatianna não conhecia e ficara por lá por algum tempo. A menina sofrera com a ausência, e lembrar disso trouxe lágrimas a seus olhos. — Por que eu não posso ir com você desta vez? — Porque eu preciso resolver uns problemas de adulto.

— Mas eu não sou mais criança. Posso te ajudar... — com aquilo, Jane também começou a chorar e nem teve coragem de dizer nada. — Quando você volta?

Mais um suspiro. Hesitou em responder, até que olhou para Lolla, que a encorajou a falar, como se Tatianna tivesse o direito de saber.

— Não sei ainda, filha — para Tatianna, aquilo significava que iria demorar muito. Ou que talvez ela nunca mais voltasse.

— Não me ama mais? — a frase saiu como  
PERIGOSAS ACHERON



uma chicotada severa. Tatianna realmente tencionava soar cruel. Havia raiva em seu coração; toda raiva que uma criança de apenas oito anos poderia sentir.

— Não diga isso, Tatianna! — Jane segurou novamente a filha pelos braços, quase sacudindo-a, como se quisesse arrancar aquele pensamento de sua cabeça. — Eu te amo mais do que qualquer coisa na vida. Nunca duvide disso.

— Então por que está me deixando? — a voz da menina quase não podia ser ouvida, muito menos compreendida, de tão embargada pelo choro.

— É complicado. Não posso explicar agora, mas um dia você vai entender.

Não havia nada mais que pudesse ser dito. A dor no peito de Tatianna era tão profunda que ela podia jurar que iria cair no chão, sem forças, sem

PERIGOSAS ACHERON

vida. E quando Jane olhou para ela, antes de cruzar a porta do quarto, prestes a sair da casa, a menina teve a certeza de que estava olhando para ela pela última vez.

Quando já não conseguia mais ver sua mãe, sentiu os braços de Lolla a envolvê-la com força. Muito mais força do que Tatianna acreditava que sua avó poderia ter. A força que ela mesma não tinha naquele momento.

\*\*\*

### JUNHO DE 2012

Revirando-se na cama, Tatianna despertou. Estava suada, com os cabelos desgrehados e o coração batendo descompassado. Os lençóis sob seu corpo estavam amassados, como se tivessem

sido cenário de um filme de guerra.

Seria possível que mesmo depois de vinte anos aquele sonho ainda fosse capaz de provocá-lo aquela reação tão intensa?

A dor do abandono era quase física, mas o terrível sentimento de não conhecer a verdade, mesmo depois de tanto tempo, a feria em cheio na alma. Era um silêncio eterno, um vazio insuportável. Uma solidão que não seria preenchida nem mesmo com a presença de mil pessoas.

Sabendo que não iria conseguir dormir outra vez, Tatiana levantou-se da cama, lutando contra o edredon que parecia prendê-la.

Tentando recuperar-se, começou a caminhar pela casa, em busca de uma paz que não encontraria em seu sono. Porém, tudo que encontrou foi...

...Silêncio.

Fazia quase um ano desde que Cailey casara-se com Jayce, e desde então passara a morar sozinha naquela casa enorme, repleta de fantasmas. Porém, os fantasmas que assombravam a vida de Tatianna surgiam apenas na forma de dolorosas memórias, não permitindo que ela esquecesse aqueles tristes momentos nem por um segundo.

Se ao menos fossem fantasmas reais a assombrar a casa, ela poderia ter alguém com quem conversar.

Era um pensamento mórbido, mas Tatianna acabou rindo daquela possibilidade. O próximo passo para a loucura seria falar consigo mesma ou arrumar um amigo imaginário... o que não a surpreenderia.

Indo direto à cozinha, serviu-se de um copo d'água e vestiu um casaco que, displicentemente, PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

tinha deixado pendurado em uma cadeira da mesa de jantar. Então, devidamente agasalhada, foi à varanda da casa, aproveitando que ainda era noite e o céu estava estrelado, e sentou-se no banquinho de madeira, que costumava ser o preferido de Lolla.

Havia uma certa mágica no silêncio, ela não podia negar. Ao mesmo tempo em que ele era terrivelmente solitário, e até um pouco assustador, era um bom aliado de profundas reflexões. O que podia também ser perigoso, quando tentava compreender o que diabos tinha acontecido com sua vida.

Fascinada, ela olhava para as estrelas e tentava encontrar respostas, embora mal soubesse quais eram as perguntas certas. Fazia pedidos, pois sabia exatamente o que queria. Desejava, mais do que sua própria vida, descobrir seu dom. Sabia que em seus momentos mais sombrios, Faith contava

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

com suas flores e Cailey possuía suas palavras. E ela... não tinha *nada*. Era como se, na verdade, não fizesse parte daquela família que tanto amava.

Mas nunca se permitia chorar. Sentia como se lágrimas fossem o fim da linha, o último grito de desespero, o suspiro de despedida de quem está se afogando em uma areia movediça. Lágrimas eram o sinal de uma profunda desesperança. E ela não queria deixar de acreditar. Não *podia*.

Como sabia que o sono não viria mais, Tatianna se contentou em passar o resto da noite daquela forma: acordada, contemplando estrelas no céu e imaginando o que mais ainda estava por vir.

\*\*\*

O barulho era de vidro se espatifando no chão.

## PERIGOSAS ACHERON

Rowan sorriu, fechando o jornal que lia. Era sábado, uma linda manhã ensolarada, e Faith acordara cantando, alegre, como não costumava acontecer nos últimos tempos.

Desde que Cailey anunciou que estava grávida, na noite de Natal do ano anterior, sua esposa se fechou em uma delicada melancolia. Embora não deixasse que aquilo afetasse o casamento, ele sabia que ela sofria. Também queria muito aquele bebê, mas não podia suportar que a mulher que amava profundamente se abatesse diante da primeira dificuldade que enfrentavam. Ele seria capaz de dar o mundo a ela, de matar e morrer para mantê-la segura e feliz, mas o motivo de sua tristeza independia de sua vontade. Apenas Deus podia presenteá-los com tal bênção.

Então, tentando não pensar mais naquilo, levantou-se do sofá e decidiu ir até a floricultura

ver o que sua esposa, que andava muito desastrada, tinha quebrado daquela vez.

Porém, ao chegar lá, deparou-se com Faith apoiada na mesa, tentando se manter de pé. Ela tinha uma das mãos nas têmporas, como se suportasse uma dor imensa.

Mas Rowan sabia que não se tratava de uma dor comum. Ela estava recebendo alguma premonição.

Aproximando-se dela, segurou-a pelos braços, como que para firmá-la de pé, e sentiu sua pele gelada. Algo lhe dizia que o que quer que fosse que estava vendo não era nada bom.

— Faith, o que houve?

Por um momento ela não respondeu nada. Permaneceu inerte, na mesma posição, com uma constante expressão de sofrimento. Mas logo



proferiu uma única palavra, com dificuldade.

— Crisântemos...

— O que eles significam? — Rowan tinha até medo da resposta.

— Morte... — aquela palavra amaldiçoada trouxe lágrimas aos olhos de Faith, especialmente por causa do que falou em seguida: — Para Tatianna.

Após dizer aquilo de forma convicta e mórbida, Faith despencou nos braços de Rowan, como se quisesse escapar daquela terrível premonição.

\*\*\*

Cozinhar não era apenas um hobby para Tatianna. Também não era algo que encarava

somente como sua profissão. Era uma *arte*.

Não.

Era mais que isso.

Era pura magia.

Fascinava-a a forma como cada coisa possuía um sabor completamente diferente, como simples pitadas de orégano ou pimenta podiam alterar totalmente o paladar de uma iguaria. Combinar sabores, em sua opinião, era um verdadeiro deleite. Havia algo de muito sensual na arte de cozinhar, na ciência de combinar um bom vinho com um prato elaborado, na delicadeza de se decorar uma sobremesa de forma romântica.

Quando cozinava, Tatianna não se sentia tão só. Era como se sua mãe estivesse sempre com ela.

Jane DeWitt costumava ser uma exímia

## PERIGOSAS NACIONAIS

cozinheira, assim como sua filha. Tatianna se lembrava de cada momento que passaram juntas na cozinha, preparando novas combinações e compartilhando segredos. Lembrava-se de olhar para sua linda e jovem mãe, admirando-a enquanto ela fechava os olhos, respirava fundo e, em um tom de brincadeira, soprava o que quer que fosse que estava fazendo, alegando que aquele era seu segredo para a comida ficar saborosa. Ela também sempre pedia que Tatianna fizesse um pedido. Costumava dizer que cozinhar com amor era como fazer mágica.

E naquele momento, de alguma forma, Tatianna sentia a presença dela ao seu lado. Pensando nisso, decidiu brincar um pouco com o destino.

A receita era um bolo de nozes. Enquanto mexia a massa com cuidado, como se embalasse

## PERIGOSAS ACHERON

um bebê, fechou os olhos e fez um pedido. Era um pedido bem difícil, mas que se manifestava em seu coração de forma plena e verdadeira.

Um sorriso brotou em seus lábios ao pensar o quanto era tola por sequer acreditar, mesmo que de brincadeira, que o que desejara pudesse se tornar realidade. Não tinha mais oito anos, mas muitas vezes pensava que ainda preservava muito daquela menininha; até mesmo a fé nas coisas mais simples.

Uma suave batida na porta da casa ressoou em seus ouvidos. Não esperava visitas àquela hora, pelo menos não até o jantar, quando receberia suas primas e seus respectivos maridos.

Limpou as mãos em um pano de prato, tirou o avental, ajeitou os cabelos e foi abrir a porta.

Assim que se deparou com a pessoa que a esperava impaciente, percebeu que trazia um

## PERIGOSAS ACHERON

envelope nas mãos. Imediatamente sentiu seu coração gelar.

Era Thomas. Sabia exatamente o que ele estava fazendo ali, mas não tinha certeza se estava preparada.

Ele trazia a carta de Lolla para ela. *A última das três.*

— Oi, Tatianna! Finalmente chegou o seu dia — com um sorriso de orelha a orelha, Thomas estendeu a mão e balançou o envelope para mostrá-lo. Segundos depois, entregou-o a ela.

A carta parecia pesar em suas mãos. Sabia que ali poderia conter sua desgraça ou sua salvação.

Thomas, sorridente por cumprir sua missão, estranhou que Tatianna parecesse tão apreensiva e relutante. Para ele, que conhecia a história daquelas mensagens de Lolla DeWitt, a reação da moça à

## PERIGOSAS NACIONAIS

sua frente não era nada natural. Porém, sabia que não lhe cabia perguntar nada.

— Obrigada, Thomas... — ela finalmente esboçou uma reação qualquer e tentou sorrir. Em seguida, pegou alguns trocados em cima da mesa e entregou para ele.

O garoto, que tinha crescido a olhos vistos naqueles últimos meses, também sorriu e deu meia volta, começando a se afastar. Porém, ouviu Tatianna chamar seu nome.

— Thomas, o que acha de almoçarmos juntos? Pensei em preparar um rocambole de carne, e tem também uma torta de nozes que acabei de colocar na geladeira para a sobremesa que parece estar deliciosa. O que acha?

— Eu vou adorar! — satisfeito, ele entrou na casa, uma vez que Tatianna abrira caminho.

## PERIGOSAS ACHERON

— Mas não pense que vai comer de graça! Vai ter que lavar a louça.

Thomas gargalhou e se deixou ser conduzido até a cozinha, onde esperaria Tatianna terminar de preparar o prato.

E ele, tão animado pela conversa, sequer percebeu que ela tinha jogado a carta sobre a mesinha de centro da sala, encostada em um vaso, quase esquecida.

\*\*\*

— Tatianna, você está *proibida* de fazer esse tipo de jantar até o dia da festa! — uma Cailey muito grávida e com os hormônios alterados se manifestou, assim que todos acabaram de jantar. — Não vou encontrar nenhum vestido que caiba bem em mim — apesar de estar falando daquela

## PERIGOSAS NACIONAIS

maneira, ela ainda passava o dedo na cobertura da torta de nozes que havia restado na travessa.

— Não seja boba, querida. Você está linda!

— Jayce comentou, tentando apaziguar os ânimos de sua esposa.

— Fique calado, Jayce. A culpa disso aqui — ela apontou para a própria barriga de quase oito meses — é toda sua. Parece um ninfomaníaco! — todos à mesa gargalharam.

A festa mencionada por Cailey referia-se a um evento importante da empresa de Rowan, a Aller's Arquitetura, que fora criada por seu pai e completava vinte anos de existência. Tinha acabado de ganhar um prêmio por uma construção de grande porte, em um moderno e elegante design. Seria, portanto, um jantar formal, com direito a imprensa e pessoas importantes, e Rowan fizera questão de convidar toda sua nova família.

## PERIGOSAS ACHERON



— A minha intenção, Cailey, é te deixar neste estado mais umas cinco vezes, pelo menos — zombou Jayce, e Rowan riu.

— Nos seus sonhos, querido. A não ser que inventem uma maneira de o homem engravidar — retrucou ela.

— Seria interessante ver Jayce, grandalhão desse jeito, com um barrigão de oito meses — Rowan também entrou na brincadeira, fazendo com que todo o grupo gargalhasse ao imaginar a cena.

Ainda contagiada pelo clima agradável, Tatianna se levantou e começou a recolher a louça. Faith se prontificou a ajudá-la, enquanto Cailey ficava na sala, acompanhada pelos homens e seus próprios resmungos.

Não demorou muito, porém, para que Tatianna ouvisse seu nome sendo chamado pela prima mais nova, com um estranho tom de voz, que

PERIGOSAS ACHERON

ela não conseguiu interpretar.

— Tatianna DeWitt, venha aqui... *agora*.

Tanto Faith quanto Tatianna se entreolharam, estranhando a reação de Cailey, porém, ambas deixaram a louça para ser lavada depois.

Assim que Tatianna chegou à sala, compreendeu o motivo da exclamação tão desesperada. Cailey segurava a carta de Lolla nas mãos.

— Você recebeu a carta da vovó e não nos falou nada? — indignada, ela fuzilava a prima com os olhos. No entanto, ficou mais irritada ao perceber que o envelope ainda estava lacrado. — Você nem abriu ainda! O que está esperando? Que vovó se materialize na sua frente e leia para você? — falou com rispidez.

Sentindo-se envergonhada por sua própria covardia, Tatianna respirou fundo, tentando encontrar uma forma de se explicar. Claro que abrir ou não aquela carta era um direito dela, mas sabia que a mensagem pertencia um pouco às três. E daquela vez a certeza era ainda maior, pois era a *última*. Eram efetivamente as últimas palavras da mulher que elas mais amavam no mundo. O anjo da guarda que as protegia mesmo depois da morte.

— Não tive coragem de abrir até agora — confessou, sem reservas.

— Sabe que está sendo covarde, não sabe?  
— Cailey falou, depois de proferir um suspiro desapontado, soando muito mais suave e compreensiva.

— Querida, você tem que ler a sua carta quando preferir, mas não se esqueça que vovó  
PERIGOSAS ACHERON

sempre deixa uma data estipulada para que o desejo seja realizado — Faith alertou, contrariando a atitude mais incisiva da irmã.

A simples frase de Faith acendeu uma fagulha na mente de Tatianna. Aquela carta podia ser a chance de uma vida, a última cartada do seu destino. Porque a verdade era que ela não conseguia enxergar nenhuma luz. Estava sepultada em uma melancolia, abandonada em um abismo que parecia não ter fim. Mas talvez ainda houvesse uma oportunidade. Esperava, ao menos, que ainda tivesse tempo.

Sem dizer nada, Tatianna pegou a carta das mãos de Cailey, sentindo todo o corpo tremer. Contudo, não tardou para que as palavras de Lolla preenchessem seu coração de forma quase celestial.

*Minha querida Tatianna,*

*Essas são minhas últimas palavras. Não tenho mais dúvidas de que chegou minha hora de partir. E, talvez, pensar que em meu último ato em vida eu estava pensando em você a faça refletir que nunca está ou estará sozinha. Sei que há momentos em que parece que não há nada ao seu redor além de vazio, que parece que você não pertence a lugar algum... Mas saiba que tem uma missão, exatamente como suas primas tiveram, se tudo aconteceu realmente como previ nas cartas. Contudo, minha querida, sua missão pode acabar sendo a mais importante das três, no final de tudo.*

*Na verdade, Tatianna, eu menti nas linhas anteriores. Eu não estava pensando somente em você em meus últimos momentos. Estava pensando também na sua mãe.*

*Sei que a dor ainda está aí dentro do seu*

*coração, fincada como uma estaca. Sei que esquecer nunca foi uma opção e que você vive um dia após o outro, tentando encontrar explicação para o que aconteceu. Finalmente você terá suas respostas.*

*Peço, querida, portanto, como meu último desejo para você, que abra algum de seus velhos livros de receitas e escolha um prato especial. Quero também que o prepare pensando no quanto deseja descobrir as respostas para as perguntas que fez durante toda sua vida e, principalmente, que quer ser aceita, em todos os sentidos. Depois, vá até o endereço que consta no final desta carta e entregue o prato para um homem chamado Taylor Hannigan, no dia 18 de Junho de 2012. O resto, o destino irá prover.*

*Vamos lá, garota, pare de tentar desvendar as entrelinhas deste pedido. Apenas obedeça e a*

*verdade surgirá.*

*Além disso, Tatianna, quero que passe a ter mais fé em si mesma. Enquanto se deixar abater, enquanto permitir que sua mente domine seu coração, sempre haverá uma dúvida. Sua luz não brilhará enquanto você enxergar apenas as sombras.*

*Você sempre foi a mais forte das três. Então, cuide delas por mim aqui na Terra, que cuidarei de todas vocês lá do céu.*

*Lolla.*

Fim.

Aquilo, definitivamente, era um adeus.

Durante aquele tempo, elas viveram com um doce conforto no coração: a certeza de que

Lolla ainda surgiria em suas vidas de alguma forma. Ler suas palavras era como tê-la por perto, como sentir sua presença. As cartas que ela lhes deixara eram um presente, não apenas por conterem diretrizes que as levariam, eventualmente, até seus destinos, mas porque eram um legado tangível. Algo em quê se apoiar quando as coisas ficassem muito difíceis de suportar.

Ali estava o final da jornada. Era a vez de Tatianna encontrar sua luz.

E isso a apavorava. Sentia o peso da responsabilidade nos ombros. Sua avó lhe dissera que era a mais forte das três, mas será que teria coragem de enfrentar os obstáculos que com certeza apareceriam, como Faith e Cailey fizeram?

— O que você está esperando? — Cailey, de forma autoritária, resgatou Tatianna de seus devaneios. Apesar de seu tom firme, ela também



chorava discreta, emocionada com a carta.

— Cailey, não a julgue, você também hesitou bastante na sua vez — Faith a defendeu.

— Claro! Eu não queria ver Jayce nem pintado — afirmou. — Só estou dizendo que ela precisa se apressar, porque dia 18 de junho é amanhã.

— Acho que prefiro ficar sozinha agora...  
— Tatianna finalmente falou, ainda sem tirar os olhos da carta. Parecia hipnotizada, não sabendo exatamente como reagir.

— O quê? — Cailey se surpreendeu.

— Ela tem direito de fazer o que quiser — Faith se intrometeu.

— Por favor, não me levem a mal, mas eu realmente preciso resolver isso por mim mesma.

— Faith, se a deixarmos sozinha ela não vai  
PERIGOSAS ACHERON

fazer o que a vovó pediu! — insistiu a mais nova.

— Ainda assim, é uma escolha dela — cheia de sabedoria, Faith falou e se dirigiu a Rowan, pegando a mão dele, conduzindo-o para fora da casa.

Cailey, por sua vez, permaneceu parada no mesmo lugar, como se esperasse uma atitude da prima.

— Amor, vamos embora — Jayce se aproximou dela, colocando as mãos em seus ombros.

— Tatty, por favor... por nós... não desista!

*Desistir...*

A palavra soava estranha, e ela nem conseguia compreender porquê. De quê, afinal, poderia desistir se não tinha sequer começado a tentar? Por isso, logo depois que Cailey e Jayce

saíram de sua casa, um turbilhão de pensamentos tomou sua mente. Tinha finalmente em mãos a carta pela qual esperara por quase dois anos. Ali estava todo o peso de seu destino...

A decisão era dela, é claro, e de mais ninguém. Mas dentro de si sabia que não tinha o direito de renegar aquele último desejo à pessoa que nunca a abandonara, que nunca a decepcionara.

Sendo assim, não teve mais nenhuma dúvida quando pousou a carta na mesinha à sua frente e foi para a cozinha, cheia de esperança.

## II

### Cerejas com chantilly

*"A cereja representa a esperança. No Japão, para os samurais, simbolizava a força guerreira e o destino..."*

A sensação era deliciosamente estranha. Assim que saltou do carro, pisando pela primeira vez naquele local tão longe de sua casa, na cidade de Moreau, sentiu como se alguém tivesse dado corda em seu coração, fazendo-o bater em um ritmo extremamente acelerado.

Será que era um sinal? Será que Cailey e Faith também tinham se sentido daquela forma?

Moreau era uma cidadezinha com pouco mais de quatorze mil habitantes, no interior de Nova Iorque, ao nordeste do estado. Era

PERIGOSAS ACHERON

aconchegante, simples e bonita.

O estabelecimento para onde o endereço mencionado na carta a levou possuía um letreiro que indicava um nome: "The Hannigan's". Não havia muito o que ela pudesse enxergar dali, do lado de fora, especialmente por causa do sol que batia nos vidros, mas conseguia visualizar, superficialmente, elegantes mesas de madeira, cobertas por toalhas de renda, além de uma decoração de bom gosto. Era um restaurante, e a julgar pelo sobrenome do homem a quem tinha que procurar, ele devia ser o dono do lugar. Aquilo fez com que se sentisse um pouco apreensiva. Algo lhe dizia que tudo tinha a ver com sua mãe.

Tomou fôlego, pegou o embrulho que pousara no banco do carona do carro e dirigiu-se até a porta.

O restaurante estava fechado, de acordo

## PERIGOSAS NACIONAIS

com o que uma imensa placa vermelha anunciava. Por já ser quase meio dia, Tatianna estranhou, mas decidiu simplesmente bater na porta de vidro até que alguém aparecesse.

Conforme os minutos iam se passando, começava a perder as esperanças. Sabia que estava no lugar certo, que sua avó jamais errara em uma premonição, mas podia jurar que havia algo errado daquela vez.

Mas sua impressão durou apenas um milésimo de segundo, pois logo ouviu uma voz masculina, vinda dos fundos do restaurante, pedindo que esperasse um pouco.

E de repente a porta foi aberta por um homem.

O mais bonito que Tatianna já tinha visto em toda sua vida.

## PERIGOSAS ACHERON

Um breve momento de silêncio se formou entre eles. Naquele instante, Tatianna pôde observar com mais atenção os olhos verdes que a fitavam de volta. O dono deles tinha a aparência de um anjo: lisos cabelos loiros, levemente despenteados, que alcançavam um ponto bem abaixo de suas orelhas; maxilares proeminentes, nariz fino e aquilino. A leve sombra de uma barba muito discreta realçava a masculinidade de seu rosto, que era evidenciada por uma altura e corpo imponentes.

Sim, ele tinha uma beleza celestial, mas os olhos eram de demônio.

— Olá — ele finalmente a cumprimentou, com um sorriso no rosto. — Está perdida?

— Vim falar com Taylor Hannigan. Ele se encontra?

— Sim. Ele está, sim.

— Então não estou perdida — ela também sorriu. — Por acaso é você? — de alguma maneira ela torcia para que ele fosse o homem mencionado na carta de Lolla. Não seria nada mal tê-lo em seu destino.

— Infelizmente, não — flertando também, ele respondeu. — Ele é o dono disso aqui; eu sou Sebastian Hannigan, o irmão dele.

Para cumprimentá-la, Sebastian estendeu a mão, e ela aceitou-a, com uma expressão simpática no rosto. Só não esperavam o que viria a seguir.

Assim que suas mãos se tocaram, uma corrente elétrica percorreu todo o corpo de Tatianna, como se ela tivesse encostado o dedo em uma tomada de alta voltagem. Porém, a sensação, ao invés de ser ruim, era boa. Ela sentia sua pele formigar, esquentando suas entranhas, aquecendo sua alma. Não havia dúvidas que alguma coisa de



especial tinha acontecido ali; ela só não sabia o quê.

Ao olhar para Sebastian, era fácil ver que ele sentia a mesma coisa, pois sua reação ao tocá-la foi tão súbita e assustada quanto a dela. Contudo, ele com certeza não estava achando a sensação tão boa, pois se afastou de forma abrupta, como se tivesse tocado um fantasma. A reação seguinte foi pior ainda: ele estreitou os olhos e continuou a fitá-la, como se a estudasse; como se soubesse algo sobre ela que mais ninguém sabia.

— O que quer com meu irmão? — o tom de voz, que antes era brincalhão e descontraído, tornou-se frio, irritadiço, quase sombrio.

O problema era que Tatianna não fazia ideia da resposta. Sua avó tinha lhe deixado um pedido em uma carta, informando o nome de uma pessoa, mas não lhe dissera o que tinha que pedir a ele.

Quando decidira entrar naquela loucura nem sequer pensara nas consequências.

— Estou aqui para me oferecer como cozinheira.

Aquela frase soaria comum para qualquer um, mas o homem à sua frente teve a mesma reação que teria se ela tivesse lhe contado algo muito absurdo: franziu as sobrancelhas, fitando-a com uma curiosidade profunda. Mas ela podia jurar que havia algo mais naquele olhar. Só não saberia interpretar o quê.

— Você ouviu o que eu disse? — insistiu Tatianna, percebendo que Sebastian não esboçara nenhuma reação. Parecia atordoado demais, olhando para ela como se simplesmente não compreendesse o que estava acontecendo.

— Sim. Mas está só perdendo seu tempo. Não estamos contratando. O restaurante está à beira

PERIGOSAS ACHERON

da falência. — mais uma vez respondeu de forma ríspida. Aquela reação estranha fez com que toda sua beleza desaparecesse aos olhos de Tatianna e se transformasse em pura arrogância. E ela odiava pessoas arrogantes.

— Ainda bem que, até onde eu sei, não é você quem decide. Não é mesmo? — e ela sorriu. Por pura pirraça. Se ele queria jogar, não seria ela a estar presa em um xeque-mate.

Ainda com o mesmo sorriso irônico no rosto, viu as faces de Sebastian ganharem uma cor rubra, demonstrando que ficara irritado. Mas que diabos ela tinha feito para que ele a tratasse tão mal se apenas o conhecia há alguns minutos?

— Como eu disse, quero falar com Taylor Hannigan. Pode chamá-lo, por favor?

E foi nesse momento que Tatianna percebeu que havia algo de errado no comportamento

## PERIGOSAS ACHERON

daquele homem. Apesar de ter insistido que queria falar com seu irmão, ele continuava parado à sua frente, como se esperasse algo; como se buscasse uma explicação dentro de si mesmo. Mas, assim como Tatianna, ele não a estava encontrando.

Portanto, depois de se dar por vencido, ele lhe deu as costas e saiu, entrando por uma porta que deveria ser da cozinha. Ela esperava que, ao menos, ele tivesse a consideração de fazer o que lhe fora pedido e não a deixasse ali, esperando como uma tola.

Não que ela já não estivesse se sentindo assim...

\*\*\*

Vinte minutos... contados no relógio...  
segundo por segundo.

Só podia ser um golpe destino. Direto no coração. Não sabia exatamente como tinha acontecido com Faith e Cailey, mas seu primeiro contato com a carta de Lolla não tinha sido dos melhores.

Apesar disso, não estava disposta a desistir. E não era apenas uma questão de atender ao último pedido da avó que tanto amava ou o medo de decepcionar suas primas. Era algo que fazia por si mesma. Há muito tempo vinha pensando mais nos outros; era hora de mudar aquilo.

Por isso, pousou o embrulho que levava consigo sobre uma das mesas e continuou a esperar de pé, uma vez que não fora convidada a se sentar pelo ser mal educado que a atendera.

E também não pensava em ir embora. Nem que tivesse que vasculhar aquele restaurante inteiro em busca do tal Taylor Hannigan.

Para sua sorte, no entanto, não foi necessário chegar tão longe. Esperou apenas por mais uns três minutos e outra pessoa apareceu. Um homem, outra vez. Nem de longe tão bonito quanto Sebastian Hannigan, embora alguns traços de seus rostos fossem muito similares. Eram irmãos, sem sombra de dúvidas, o que fazia com que ela concluísse que aquele à sua frente era o famoso Taylor Hannigan. O homem que tinha alguma ligação com seu destino.

Ao vê-la, ele abriu um sorriso. Ora, ora, ao menos uma pessoa simpática naquele lugar!

Enquanto caminhava em sua direção, ainda em silêncio, Tatianna aproveitou o momento para analisá-lo. Não era um homem feio, mas não tinha a beleza quase utópica do irmão. Também tinha cabelos claros, em um tom mais escuro que os de Sebastian, usando-os curtos e penteados para trás,

dando-lhe um ar sério. Os olhos eram castanhos e estavam cobertos por óculos de grau, de armação escura e grossa, que conferiam-lhe certo charme. Era alto e atlético também, sem ser musculoso.

Quando aproximou-se de Tatianna, com a mão estendida, pronto para cumprimentá-la, ela quase teve medo de tocá-lo e ser arrebatada pela mesma sensação de quando tocara Sebastian; aquela estranha eletricidade que percorrera toda a extensão de seu corpo. Mas não foi o que aconteceu. Cumprimentar Taylor chegou a ser um alívio, um sopro de normalidade naquele estranho caos.

— Sou Taylor Hannigan. Meu irmão disse que estava procurando por mim.

— E eu sou Tatianna DeWitt. Não sei se ele já mencionou, mas tenho interesse em me candidatar para trabalhar aqui — foi direta, pois

não tinha tempo a perder.

Na verdade, não fazia ideia de onde tinha tirado a ideia de pedir um emprego, só sabia que precisava se infiltrar naquele restaurante de alguma forma. Talvez fosse Lolla guiando seu caminho...

Mas, apesar de ter proferido a frase da forma mais decidida que conseguiu, teve que novamente encarar um olhar surpreso. E isso a deixou insegura. Contudo, apesar de demonstrar certa curiosidade a respeito de sua atitude, ele mantinha o sorriso no rosto, divertindo-se com a situação.

— Bem, isso foi totalmente inesperado... — Taylor coçou a cabeça, parecendo não saber como reagir. — Alguém te disse que estávamos contratando?

— Não — engoliu em seco. Por que raios não tinha preparado o texto inteiro a dizer para não

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

parecer uma completa idiota? — Na verdade, minha avó me pediu para vir até aqui. Pelo que me parece, ela adorava este lugar — estava se tornando uma mentirosa de primeira. Esperava que, ao menos, servisse de alguma coisa.

— Eu lamento informar, Tatianna, mas estamos fechando o The Hannigan's.

Ela enxergou um forte pesar nos olhos de Taylor ao falar aquilo. Parecia desolado por ter que fechar o estabelecimento; o que era, sem dúvidas, um trunfo nas mãos de Tatianna.

Não que quisesse se aproveitar da tristeza daquele rapaz, mas tinha que dançar conforme a música. E aquela valsa tinha cheiro de *oportunidade*.

— O que acha de, ao menos, me dar uma chance? — usou seu sorriso mais charmoso.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu não sei... Talvez não seja uma boa ideia. Infelizmente o The Hannigan's tem nos trazido muito prejuízo.

— Você ama este lugar, não ama? Posso sentir em seus olhos... — intrometeu-se. Podia jurar que Taylor iria expulsá-la dali, com toda razão, por causa daquela insolência. Porém, ali estava um homem que não tinha vergonha nenhuma de demonstrar seus sentimentos. Tanto que sentou-se à mesa onde ela tinha pousado o embrulho e colocou as mãos na cabeça, expondo toda sua tristeza.

— Isso aqui é minha vida. É tudo que sei fazer; é parte de mim, assim como foi parte do meu pai também.

— Então vale a pena lutar, não vale? — ela perguntou, insistindo naquela louca tentativa de convencer um homem que mal conhecia de algo tão sério.

— Eu já lutei tanto...

— O que acha de fazermos uma aposta?

A pergunta foi proferida em um impulso. Tanto que ele chegou a sobressaltar-se, passando a observá-la com os olhos bem abertos, assustados com sua ousadia.

— Uma aposta? Moça, eu não estou entendendo onde quer chegar — sua fala soou um pouco mais rude. Mas Tatianna estava disposta a ir até o fim. Sabia que era apenas um obstáculo a ser vencido. Faith e Cailey tinham vencido muitos.

— Sim, uma aposta. Eu trouxe um prato preparado por mim e queria muito que experimentasse. Se não gostar, prometo que vou embora e nunca mais vai ouvir nada sobre mim. Se gostar, vai me dar uma chance.

Taylor começou a avaliá-la com cautela,

como se tentasse definir se ela estava mesmo falando sério ou simplesmente pregando-lhe uma peça.

E aqueles segundos de espera foram os mais angustiantes para Tatianna. Apesar de sequer saber o que estava fazendo, sentia que era uma situação de tudo ou nada. Sentia que seu futuro inteiro dependia daquela resposta.

— Posso te fazer uma pergunta antes de decidir?

— Claro...

— Por que quer tanto trabalhar aqui? Não conheço seu trabalho, mas, pela confiança que tem em si mesma, já vi que é boa no que faz. Poderia estar em busca de algo verdadeiramente concreto.

Claro que poderia mentir, inventar qualquer história, mas sentia que *precisava* dizer a verdade.

Ou parte dela.

— Como eu disse, foi um último desejo da minha avó.

Aquilo pareceu convencê-lo. Tanto que decidiu provar o que ela tinha levado, uma vez que percebeu o embrulho sobre a mesa.

Com o mesmo cuidado com que tratava qualquer um de seus pratos, Tatianna desembrulhou-o, retirando a tampa da vasilha e fazendo com que o delicioso odor do que havia ali dentro se espalhasse por todo o salão.

— Poderia me dar licença? Gostaria de arrumar uma mesa para você.

— Serviço completo? — começando a levar na esportiva, Taylor levantou-se, preparando-se para fazer o que Tatianna tinha pedido.

— Eu nunca faço nada pela metade — com

uma piscadinha casual, ela começou a preparar a mesa com algumas coisas que tinha levado consigo, enquanto Taylor se afastava, sentindo-se cada vez mais curioso com tudo aquilo.

Mas ela não demorou, pois sentia que não tinha tempo a perder. Então, quando chamou Taylor de volta, ele contemplou uma mesa posta de forma simples e objetiva — até porque ela não tinha muitos recursos no momento —, mas bem delicada e elegante. A louça era bonita, de porcelana, com motivos orientais; um bonito jogo americano contrastava com as cores das peças e com a toalha da mesa que ela também tinha colocado ali. Mas o que realmente chamava a atenção era a iguaria que ela tinha escolhido: um belo "Salmão ao molho de iogurte".

— Olha, eu não sei de onde você veio, menina, mas com certeza é uma bruxa. Como pode

ter acertado exatamente o meu prato favorito? Estou gostando disso.

Animado e esperançoso, Taylor sentou-se e deixou-se ser servido com uma generosa porção do peixe. Tatianna também derramou uma boa colherada do molho, que caiu de forma consistente sobre o salmão.

Claro que, enquanto fazia tudo isso, não conseguia parar de pensar que a escolha da receita não poderia ter sido mera coincidência. E isso a assustava.

Mas preferiu preocupar-se com isso depois, afinal, sem demora, Taylor provou um pedaço, fazendo com que o coração de Tatianna chicoteasse dentro seu peito de tanta ansiedade. Enquanto ele saboreava o gosto agri-doce daquele prato, o paladar que a jovem cozinheira sentia em sua boca era completamente diferente. Era doce... algo como

cerejas cobertas por chantilly. Era uma sensação muito comum sempre que estava prestes a conquistar alguma coisa. Por isso não se surpreendeu quando ele proferiu sons de puro deleite.

— Meu Deus! Faz tempo que não provo nada tão bom!

Era tudo que ela queria ouvir.

— Então temos um trato?

— Menina, enquanto eu estiver comendo isso aqui, fico proibido de fazer qualquer acordo com você. Isso é pura chantagem — ele riu, e ela o acompanhou.— Vamos combinar uma coisa? Vou te dar três meses. Se nesse tempo nada tiver mudado, o The Hannigan's vai ter que ser fechado.

— Eu topo.

— Então, seja bem-vinda, Tatianna. Você,



nesse momento, passou a ser minha mais preciosa esperança.

E Taylor sequer imaginava que Tatianna pensava a mesma coisa.

\*\*\*

Como um leão enjaulado, ele andava de um lado para o outro. Inquieto, sentia-se ansioso para que Taylor voltasse logo.

Ansioso? Ele estava *desesperado*. Por que estavam demorando tanto? Por que ele simplesmente não mandava aquela mulher embora, para bem longe deles?

Ela não tinha culpa de ser quem era, é claro, mas não facilitava em nada o fato de ela ser tão linda, como ele sempre esperara que seria. Facilitava menos ainda que tivesse surgido no

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

restaurante da *sua* família, para falar com *seu* irmão. Se ela estava marcada em seu destino, daquela forma tão errada, por que, então, aparecera procurando por Taylor e não por ele?

Fosse como fosse, precisava afastar aquele pensamento de sua cabeça. Ela era *proibida*.

Interrompendo os pensamentos de Sebastian, a porta da frente de sua casa se abriu, revelando um Taylor sorridente e com um inusitado brilho nos olhos. Fazia tempo que Sebastian não o via assim.

— Afinal, Taylor, quem era aquela mulher?  
— servindo-se de um copo de uísque, Sebastian perguntou, tentando parecer indiferente.

— Aquela mulher, Sebastian... Era um milagre! Um milagre no meio da confusão das nossas vidas! .

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou entendendo.

— Ela veio se oferecer para trabalhar no restaurante. Ela é gourmet. E é incrível. Nunca vi ninguém cozinhar assim, desde Madeline — animado como uma criança, ele não conseguia parar de rir e falar, atropelando as palavras.

— E você aceitou?

— Claro! Ela me pediu uma chance... O que eu tenho a perder? Dei três meses. Nada mais que isso. Se não der certo, voltamos ao plano inicial de fechar.

O mundo de Sebastian deu uma volta de trezentos e sessenta graus, em velocidade acelerada. Taylor tinha *contratado* aquela mulher. Trouxera-a para suas vidas, impondo um convívio diário. Seria menos perigoso se a tivesse atirado de um precipício.

## PERIGOSAS ACHERON

Tentando absorver aquela notícia com toda a calma que lhe restava, sentou-se no largo sofá de couro de sua imensa sala de estar, com seu copo — já quase vazio — nas mãos. Hesitou um pouco antes de começar a falar, não querendo soar grosseiro ou desesperado.

— Você nem sequer pensou em me consultar? —nervoso, ele quase não conseguia manter o controle.

— Te consultar? — Taylor surpreendeu-se.  
— Sebastian, tudo que sempre quisemos foi trazer o The Hannigan's de volta... por que eu pensaria duas vezes quando uma chance dessas cai no nosso colo? Você lembra como era quando Madeline estava aqui?

— Mas ela não é Madeline! — descontrolado, Sebastian alterou o tom de voz. — Na verdade não fazemos ideia de quem é. Não acha

## PERIGOSAS NACIONAIS

muito estranho que tenha aparecido aqui do nada? Não acha que devemos desconfiar desse tal *milagre*?

— Que diabos aconteceu com você, Sebastian? Nunca o vi agir desta forma... sempre foi muito mais positivo do que eu — Taylor suspirou derrotado. — É só uma mulher, afinal. Na pior das hipóteses, pode simplesmente não dar certo.

— Uma mulher que surgiu do nada, pedindo emprego em um restaurante falido? Se ela é tão talentosa quanto você diz que é, por que não tenta a sorte em um lugar melhor?

— Ela disse que tem a ver com um último desejo da avó...

— Isso me cheira a mentira... Acho que tem a ver com Frost...

## PERIGOSAS ACHERON

— Você está paranoico. Espero que ainda se arrependa do que está falando sobre ela.

— Eu também, Taylor. Eu também...

Não havia mais como argumentar com seu irmão. A verdade era que Sebastian não teria coragem de lhe negar aquela oportunidade. Era apaixonado pelo restaurante, principalmente porque cada esquina daquele lugar estava impregnada de boas memórias, de lembranças de um tempo em que tudo era muito mais simples. Essas recordações esmigalhavam seu coração todas as vezes em que olhava para aquele lugar que tanto amava e o via vazio, praticamente despencando sobre todas aquelas histórias que tinha para contar... quase pronto para ruir.

E lá estava mais um fantasma: Tatianna DeWitt. Um fantasma bastante insistente... e que estava ligada a ele por um segredo que era melhor

que ficasse guardado para si mesmo.

E que Deus a protegesse, pois se seria ela a responsável por trazer vida de volta ao The Hannigan's, ele não iria estragar tudo. Teria apenas que mantê-la afastada de si e fazer com que o odiasse. Mas isso iria partir seu coração. Então, que Deus o protegesse também.

\*\*\*

— O quê? A carta da vovó te deu um emprego? Em Moreau? — Cailey estava completamente surpresa. Tanto ela quanto Faith, extremamente curiosas com o resultado do último pedido de Lolla, foram visitá-la naquela mesma noite.

— É... foi isso que aconteceu — Tatianna respondeu sorrindo, divertida com a forma como

## PERIGOSAS NACIONAIS

Cailey interpretou as coisas.

— Mas fica a quatro horas daqui...

— Eu sei, querida, mas sinto que faz parte do meu destino; que era o certo a fazer.

— Como vai fazer para ir e voltar todos os dias? Não seria melhor alugar uma casa por lá e vir para cá apenas durante a sua folga? — Faith opinou, com sua peculiar sensatez.

— Não tenho condições para isso. O salário inicial que me ofereceram é bem baixo, e não quero usar o dinheiro da vovó...

— Com isso não precisa se preocupar, Tatty, eu tenho uma casa em Moreau. Não é muito grande, mas acho que vai servir bem para você. Para sua sorte, os inquilinos que a alugavam saíram tem uns quatro meses e ela ficou vazia — Rowan, que também estava presente, ofereceu. — Claro

## PERIGOSAS ACHERON



que você não vai precisar me pagar nada. Pode usufruir dela pelo tempo que precisar.

— Jura? Ah, Rowan, nem sei como agradecer — Tatianna levantou-se do local onde estava sentada, foi até Rowan e lhe deu um beijo no rosto.

— Fala sério, Rowan... você tem uma casa em cada canto do país ou é impressão minha? — Cailey zombou.

— Não é bem assim — riu. — Mas como arquiteto, eu descobri que investir em propriedades é um negócio muito rentável.

— Deve ser mesmo... Mas a sua boa ação não diminui o fato de que é um traidor! Está ajudando Tatty a ficar longe de nós. — Cailey fez um bico, parecendo uma criança.

— Não, Cailey. Rowan a está ajudando a

seguir seu destino...

— Assim eu espero... — Cailey comentou.

— Só peço que tome cuidado, Tatty. Por favor — Faith era sempre uma mulher muito preocupada com seus entes queridos, mas aquele aviso foi um pouco mais enfático, como se soubesse de algo.

E deveria saber.

Mas Tatianna achava que, fosse o que fosse, era melhor que ficasse em segredo. Não queria obstáculos em seu caminho.

\*\*\*

Ficar na companhia da família era um prazer que Tatianna nunca dispensava. Mas, algumas vezes, quando precisava pensar, até que

apreciava o silêncio de sua solidão. Sendo assim, quando Jayce foi buscar Cailey, e Faith e Rowan também decidiram que era hora de partir, ela se sentiu aliviada. E um pouco culpada por pensar desta forma.

Rowan pediu que ela passasse em sua empresa no dia seguinte, assim que chegasse em casa, para pegar a chave da casa em Moreau, o que realmente facilitaria e muito sua vida. Portanto, seria menos um problema a resolver.

Assim que se viu sozinha, tomou um banho, colocou uma roupa confortável e sentou-se um pouco, com uma caneca de chá fumegante nas mãos e com os pés sobre o assento da poltrona, decidida a refletir.

Primeiro de tudo, seus olhos percorreram todo o cômodo onde se encontrava, tentando se acostumar com a ideia de que teria que deixar

aquela casa. Seria uma condição temporária, é claro, mas esse pensamento não fazia com que seu coração doesse menos. Aquele era seu lar. Dali, levaria na bagagem mais do que apenas seus pertences pessoais, teria que levar lembranças, sonhos e sentimentos. Sabia que estaria ali em cada final de semana, mas sempre sentiria falta de casa. Tanto quanto sentia falta de Lolla... Tanto quanto sentia falta de...

... Sua mãe.

Era uma dor que somente crescia, que ganhava novas formas, mas nunca a abandonava. Mas sabia que estava perto de descobrir muitas coisas... que era apenas uma questão de tempo.

Foi então que sorriu. Um sorriso desanimado e um pouco inseguro, mas tomado por um pouco de fé.

Enquanto sorria, entretanto, um aroma  
PERIGOSAS ACHERON

assaltou suas narinas. Coisa que andava acontecendo muito constantemente naqueles últimos dias. Demorou para discernir qual era o cheiro, mas reconheceu: manjerição. Parecia que estava impregnado em toda a casa, como se houvesse mais de cinquenta cozinheiros preparando pratos e utilizando tal tempero.

A sensação era tão forte que ela precisou se levantar e procurar um antigo livro de sua mãe, que ela sabia que iria ajudá-la no que precisava.

Tratava-se de um velho exemplar, com uma capa de couro marrom, onde não havia nada escrito, nem o nome de um autor, nem uma logomarca de editora. Tatianna sempre vira sua mãe mexendo em tal livro, mas nunca teve coragem de abri-lo, pois o via como um segredo, algo que ela não se atreveria a violar. Contudo, tinha plena noção de que encontraria sua explicação ali; apesar

de não fazer ideia de onde vinha essa certeza.

Encontrou-o onde ele sempre estivera: dentro de um baú, no sótão, enrolado em um pano de veludo vermelho. Tendo-o em suas mãos, Tatianna sentiu o peso da responsabilidade; ele era como uma relíquia, como um objeto sagrado. Tanto que levou-o até seu quarto, como sempre quisera fazer, deitou-o aberto sobre a cama, à sua frente, e começou a folheá-lo.

E qual não foi sua surpresa ao perceber que ele era todo escrito à mão... com a caligrafia de Jane.

Era como um diário, mas não continha relatos sobre acontecimentos de seu dia-a-dia. O que continha ali era como um presente para Tatianna...

De acordo com a data de início, Jane começara a escrever naquele livro quando tinha

# PERIGOSAS ACHERON

apenas dezoito anos. E a primeira frase que eternizara ali fora: *"Hoje, finalmente, me tornei uma DeWitt. Meu dom se manifestou."*

Somente isso já seria suficiente para que Tatianna se sentisse emocionada, porém, na página seguinte, havia um papel solto, bem pequeno, com um bilhete.

Direcionado a ela...

E dizia:

*"Filha,*

*Fico feliz que tenha encontrado esse bilhete, pois é sinal de que seu dom, exatamente como aconteceu com o meu, quando comecei a escrever este livro, finalmente nasceu dentro de você.*

*Portanto, vai precisar de todas as coisas*

*que escrevi aqui. Use este livro com sabedoria e a seu favor. Sempre. Ele saberá conduzi-la nesta longa jornada.*

*Com amor,*

*Jane DeWitt.*

— Ah, meu Deus! — Tatianna exclamou assim que terminou de ler o bilhete. Não fazia ideia de quando tinha sido escrito e colocado ali, mas suspeitava que fora antes de ela partir. Mas como Jane sabia que o dom da filha iria se manifestar e que ela iria precisar do livro?

Uma pergunta tola, é claro... Só podia ser coisa de sua avó.

Mas a surpresa maior ainda estava por vir. Ao folhear o caderno, percebeu que a primeira página continha uma breve definição do significado



de manjerição. Exatamente a erva cujo aroma começara a preencher suas narinas sem nenhuma explicação. Não apenas suas propriedades na culinária, mas um significado muito mais importante para ela. Aquele tempero significava uma coisa que ela realmente temia: o mal.

E foi nesse momento — nesse exato momento — que Tatianna teve um vislumbre de que aquilo era realmente um prelúdio para o despertar de seu dom. Algo dentro dela sabia que não era apenas aquilo, que havia mais a ser explorado, mas um sorriso bobo brotou em seu rosto. Ainda havia uma chance. Nem tudo estava perdido.

Apesar de estar contente por finalmente ter uma pista, algo significativo para compreender quem era, sentia que algo de obscuro se aproximava... escondendo-se nas sombras,

# PERIGOSAS NACIONAIS

espreitando... mas ela sabia que era apenas uma questão de tempo até que se revelasse.

# PERIGOSAS ACHERON

### III

#### Pêssegos em calda

*"Pêssego é o fruto que simboliza ganhos financeiros, boas notícias, prosperidade e longevidade."*

Dirigir quatro horas, para muitos, poderia ser extremamente cansativo, mas Tatianna até que apreciava o ato, especialmente com uma música tocando e com uma paisagem bonita do lado de fora da janela para observar. Porém, naquela manhã, às cinco horas, ela se sentia exausta. Mas tinha que se contentar em deixar o sono para trás, assim como estava fazendo com a adorada casa da avó, e focar no resto do dia, que seria bem cheio.

E não tinha que lidar apenas com o cansaço. Havia muito mais em jogo: a confiança de uma

pessoa. Taylor Hannigan apostara todas as suas fichas em uma pessoa que ele simplesmente não conhecia somente porque ela apresentara bons argumentos. Isso, ao mesmo tempo em que lhe proporcionava uma emoção diferente por causa da perspectiva, fazia com que se sentisse assustada. Era muita responsabilidade, e ela simplesmente poderia não dar conta. Não era mais apenas o seu destino que estava em suas mãos, mas também o sonho de outro alguém.

Foi por isso que quando se sentou naquele escritório, algumas horas depois, frente a frente com Taylor, esforçou-se ao máximo para que suas ideias valessem o tempo que aquele homem estava lhe dedicando.

A primeira sugestão que apresentou foi a de uma festa de reinauguração. Algo simples, mas elegante, para brindar a nova fase do The

Hannigan's e anunciá-la de forma oficial como a nova chefe de cozinha. Taylor se animou com a ideia, e os dois começaram a criar uma planilha de orçamento, com uma lista de alguns fornecedores que já eram utilizados por ele. Animados, prepararam toda uma simulação, e Tatianna viu a expressão de Taylor, que antes era só sorrisos, murchar.

— O que houve, Taylor, algum problema?

— Todos — ele sorriu de forma tímida, como se estivesse envergonhado em dizer o que viria a seguir. — A ideia é ótima, mas não temos verba para isso.

— É, era o que eu temia — sentindo-se desolada, Tatianna suspirou e afundou o corpo na cadeira.

E o gosto da derrota chegou à sua boca como uma fruta amarga. Não podia permitir que

PERIGOSAS ACHERON

sua chance terminasse ali, que falhasse antes mesmo de ter tentado. — Vamos ter que encontrar outra forma de dar um novo início para o The Hannigan's. Infelizmente — Taylor quebrou o silêncio, ainda mostrando-se desolado pela falta de sorte.

— Sim. Infelizmente — Tatianna repetiu, levantando-se da cadeira e alongando o corpo. — Bem, já passa da hora do almoço, vou preparar algo para comermos.

Dirigindo-se ao balcão, Tatianna começou a observar os ingredientes que tinha à mão para poder preparar alguma coisa decente. Era o seu primeiro dia de trabalho, não poderia ser medíocre ao ponto de cozinhar um macarrão à bolonhesa.

Juntou, portanto, o que havia de disponível e decidiu que poderia fazer um medalhão com risoto de ervas e açafrão.

O que poderia parecer extremamente inocente se não fosse o fato curioso de o açafrão parecer quase hipnotizá-la, no momento em que abriu a despensa. Seu cheiro invadiu suas narinas, embora o pacote do tempero estivesse fechado e houvesse muitos outros ingredientes no mesmo pequeno espaço. Ele queria ser usado, como se tivesse vida própria.

Ela *sabia...* finalmente sabia que era parte de seu dom, embora ainda não compreendesse muito bem como ele funcionava.

Com o prato escolhido, começou a organizar os ingredientes e tudo que iria precisar para a receita, que sabia de cor.

Gostava de cada etapa da preparação de uma iguaria. Desde a escolha dos temperos, o que sempre fazia com bom senso e criatividade, até a ornamentação do prato, para ir à mesa. Sempre

## PERIGOSAS NACIONAIS

acreditara que a culinária fora feita para agradar os cinco sentidos, não apenas olfato e o paladar. A receita perfeita era aquela que trazia deleite também aos olhos.

Enquanto cozinhava o arroz para o risoto, perdeu alguns segundos para olhar para Taylor, que estivera calado durante todo esse tempo. A cena era de partir o coração. Ele estava com os olhos fixos na tela do computador, como se esperasse que a solução para seus problemas aparecesse na sua frente, como um passe de mágica. As mãos, ora percorriam os cabelos curtos, ora ajeitavam os óculos no rosto, ora massageavam a própria têmpora. Era fácil ver que aquele problema o estava incomodando muito mais do que ele tentava demonstrar. A possível falência do The Hannigan's não o deixaria triste ou decepcionado; ela o deixaria de luto.

## PERIGOSAS ACHERON



Pouco conhecia do homem que observava, mas acreditava já gostar dele. Era simpático, amigoso e muito dedicado. Sabia que, com a convivência, poderiam se tornar amigos, por isso, sentiu uma ponta de compaixão por seu sofrimento. Sem nem perceber, conforme preparava o almoço, começou a pedir aos céus que surgisse uma solução para o problema. Sabia que dinheiro não caía do céu de uma hora para outra, mas que pelo menos Taylor se lembrasse de algo que pudesse ajudar.

E foi nesse exato instante, com uma pequena diferença de dois minutos, que um milagre aconteceu.

Um milagre vindo de um demônio... mas ainda assim um milagre.

Sebastian entrou na cozinha, sem ser convidado, e Tatianna, ao virar-se para olhá-lo, viu claramente que ele estava prestes sair do ambiente

no momento em que a viu lá dentro. Isso a encheu de raiva, mas logo mudou sua expressão quando o viu se aproximar de Taylor, com uma expressão preocupada, com certeza percebendo o quanto seu irmão estava desanimado.

— Taylor? — Sebastian tocou o irmão no ombro, pois este estava de olhos fechados, com as mãos ainda na cabeça, parecendo pensar. Tão concentrado que chegou a se assustar com o chamado e o toque. — O que aconteceu?

— O de sempre... decepções... — suspirou. — Tatianna teve uma ideia incrível para uma festa de reinauguração do The Hannigan's, mas eu não tenho dinheiro para algo assim.

Com as sobrancelhas franzidas, demonstrando desconfiança — ou talvez algum tipo de surpresa —, Sebastian olhou para Tatianna por alguns segundos. A força daquele olhar parecia

sugá-la para ele, mas ela tentou fingir que não estava prestando atenção à conversa e continuou seus afazeres sem nem retornar o olhar.

Sebastian, comovido pela tristeza do irmão, sentou-se ao lado dele, na cadeira onde Tatianna estivera sentada minutos atrás, e começou a rolar a barra do software para visualizar todo o projeto criado. Prestou bastante atenção ao valor final dos gastos e declarou:

— Façam a festa. Eu empresto o dinheiro — anunciou, sem mais nem menos, e saiu da cozinha, como se ficar ali fosse uma tortura ou uma chance de pegar alguma doença contagiosa. De Tatianna, é claro, o que ela simplesmente não compreendia.

— Você ouviu isso? — Taylor levantou-se e subitamente a abraçou. — Temos nossa salvação! — exclamou animado, mas Tatianna não parecia

## PERIGOSAS NACIONAIS

compartilhar daquela alegria toda. Não quando simplesmente não conseguia compreender aquele homem.

— Não entendi. Por que ele fez isso?

— Sebastian tem muito dinheiro, Tatianna. Ele administra várias vinícolas pelo país, e é meu sócio no The Hannigan's, então, nada mais natural que queira ajudar.

— Então se ele tem tanto dinheiro, por que o restaurante está falindo?

— Não é uma questão de dinheiro. Desde que nossa última cozinheira faleceu, não conseguimos encontrar outra que segurasse os clientes... que se comparasse a ela. Parece uma maldição. Ou melhor... parecia... até você chegar.

Tatianna assentiu com a cabeça, compreendendo exatamente o problema.

## PERIGOSAS ACHERON

E logo seu pensamento se voltou para Sebastian. Sua intenção de ajudar parecia simples, exatamente o que um irmão faria em uma situação como aquela, mas alguma estranha intuição lhe dizia que havia algo mais naquela súbita decisão.

E ficou com esse pensamento na cabeça por um bom tempo até que Taylor a deixou sozinha. Assim que ele saiu, ela correu para pegar sua bolsa, em busca do livro de sua mãe, não tendo nenhuma dúvida, nem por um momento, que ali encontraria respostas. E, claro, na segunda página estava a explicação do motivo que levara Sebastian a se mobilizar em ajudá-los.

Fora mágica... pura e simples mágica.

O tal açafrão, que praticamente implorara para ser utilizado naquela receita que preparara há alguns minutos, significava: *prosperidade*.

Lendo aquilo, tomando finalmente  
PERIGOSAS ACHERON

consciência do que tinha feito, foi inevitável que deixasse o livro que tinha em mãos cair. O barulho foi alto, mas ela sequer pareceu perceber. Tudo que ouvia ao seu redor era uma voz inexistente que sussurrava em seu ouvido: *Não foi apenas uma mera coincidência, você desejou isso.*

Seria isso um poder? Seria isso parte do seu dom?

Ah, meu Deus... ela estava mais confusa do que nunca!

Tateando às cegas, buscou uma cadeira, quase com desespero, pois sabia que precisava se sentar. Precisava juntar as partes do quebra cabeça e tentar compreender como sua própria mente funcionava. Se é que aquele dom vinha da mente; poderia vir da alma... ou do coração. E foi exatamente com a mão no peito que ela descobriu que este batia completamente desordenado,

combinando com a bagunça de seus pensamentos.

Foi então que um sorriso surgiu, seguido por uma risada descontrolada. Finalmente tinha compreendido. Tudo. Inclusive a si mesma.

Ela tinha uma ligação com certos ingredientes; assim como Faith conseguia se comunicar com as flores e como Cailey, de alguma forma, se comunicava com as pessoas através de suas palavras. Mas havia uma particularidade muito importante em sua habilidade especial: com a ajuda destes ingredientes ela podia *desejar* coisas enquanto cozinhava. E esses desejos se tornavam *realidade*.

Claro que ainda faltavam muitos detalhes até que pudesse compreender realmente como toda a coisa funcionava, mas... finalmente... lá estava ele... seu dom. Ele existia, não era mais apenas um sonho distante...

E aquela certeza era tudo que ela precisava. Funcionava como uma motivação. Era para isso que estava ali: para descobrir-se e descobrir o que tinha acontecido com sua mãe.

Bem, a primeira parte do plano estava indo muito bem. Já a segunda... ainda precisava de alguns empurrõezinhos para se concretizar.

Sentindo-se como uma nova pessoa, levantou-se da cadeira e foi até a porta da cozinha verificar se havia alguém ao redor. Mas não havia. Por isso, encostou a porta, tentando obter um pouco mais de privacidade, decidida a explorar um pouco mais aquele lugar e descobrir qual era a ligação de Jane com o The Hannigan's. Pois ela sabia que havia alguma; sua avó não mencionaria o restaurante se não fosse importante. Lolla DeWitt não dava ponto sem nó.

O coração batia acelerado no peito,



enquanto começava a vasculhar aquele ambiente. A cozinha era grande, com muitos armários, e a despensa era maior ainda. Não estava muito cheia, o que era compreensível, pois com a possível falência do restaurante era muito mais fácil não estocar nada perecível. O pouco que havia ali era suficiente para o tempo que o estabelecimento ainda iria durar, mas com o acréscimo de três meses, para a oportunidade que fora dada para Tatianna, teriam que reabastecer.

Sentia-se uma gatuna entrando ali para remexer e procurar segredos, mas era mais forte do que ela. Toda a cozinha fora vasculhada, e já estava perdendo a esperança de encontrar qualquer coisa, quando, dentro de uma gaveta, viu uma foto onde um grupo de cinco pessoas posava sorridente, no salão principal do restaurante. Eram duas mulheres e três homens, sendo que um deles segurava uma

placa, que parecia ser algum prêmio.

Virando o retrato para observar seu verso, viu que havia uma mensagem. Escrita por Bernard Hannigan, estava endereçada a uma mulher chamada Madeline Moore, e dizia: *"Devemos este prêmio a você."*

Em um primeiro momento, aquela fotografia poderia lhe passar despercebida, caso não reconhecesse um sorriso.

Sim... o sorriso que ela jamais esqueceria. Por mais que anos e anos se passassem.

Lá estava sua mãe. Ela posava ao lado do homem que segurava a tal placa, e por sua fisionomia, Tatianna quase podia jurar que ele tinha alguma ligação com Sebastian, pois eram impressionantemente parecidos. Não era difícil deduzir que se tratava do pai dele. E pela forma como Jane mantinha sua mão pousada no ombro do

PERIGOSAS ACHERON

homem, fazia com que deduzisse que tinham algum relacionamento. Amoroso, talvez.

Foi então que tudo começou a se encaixar. Aquele homem era Bernard Hannigan, conforme informado no verso da foto, e Madeline Moore era, na verdade, sua mãe. Claro que poderia ser apenas uma especulação, uma fantasia de sua cabeça, mas parecia uma explicação muito lógica.

Mas a pergunta crucial, que ainda não tinha sido respondida, era: por que Jane DeWitt (ou Madeline, fosse lá qual fosse o nome pelo qual ela preferia ser chamada) tinha ido embora de Nova Iorque? E o que ela tinha ido buscar naquela cidadezinha pequena e naquele restaurante? O que havia de tão importante naquele lugar que a fizera deixar tudo para trás, inclusive a filha?

Era melhor que não ficasse pensando naquelas coisas, ou lágrimas acabariam surgindo

em seus olhos, exatamente o que não queria.

Planejava continuar sua busca, mas foi interrompida por uma voz feminina, um pouco rouca, que surgiu de repente:

— Ei, o que você tá fazendo aí? — a pergunta veio de forma tão súbita que Tatianna chegou a se assustar e deixar uma caixa, que tinha acabado de pegar, cair de suas mãos. Logo depois de abaixar-se para pegá-la, finalmente olhou na direção da voz e viu que pertencia a uma mulher que não conhecia.

De meia-idade, ela usava o cabelo, com diversas mechas brancas e muito crespo, amarrado de forma desordenada, deixando escapar vários fios em sua testa. O corpo era cheio, sua estatura era baixa, e ela não poderia ser considerada uma mulher bonita. Pelo menos não daquela forma como se apresentava. Mas os olhos... Ah, os olhos

tinham o tom de azul mais claro e lindo que Tatianna já tinha visto. Contudo, apesar de toda a beleza deles, eram severos e pareciam ainda mais contrariados ao vê-la ali, remexendo naquelas coisas.

— Falei com você, menina. O que tá fazendo aqui? — insistiu, aproximando-se.

— Sou Tatianna DeWitt, a nova cozinheira.

A mulher olhou para Tatianna por mais alguns minutos, fixamente, como se buscasse algo nela; como se a reconhecesse de algum lugar. Instantes depois, um leve e discreto sorriso apareceu em seu rosto, fazendo com que parecesse satisfeita pelo que a jovem tinha acabado de falar.

— Claro! Claro que você é a nova cozinheira! — ainda sorrindo, a mulher falou aquilo de forma enigmática, como se soubesse de PERIGOSAS ACHERON

algo que ninguém mais sabia. — Sou Antonia Welsh. Seja bem-vinda.

— Obrigada. — Ainda organizando de volta na caixa os itens que tinham caído no chão, Tatianna percebeu que a mulher mais velha a observava enquanto terminava o que estava fazendo. — Ah, desculpe! Eu não queria xeretar, mas estava checando o que ainda temos na despensa e acabei encontrando essa foto.

Tatianna pegou o retrato que tinha acabado de colocar sobre uma prateleira. Em seguida entregou-o para Antonia. Assim que pegou-o em suas mãos, um ar nostálgico tomou conta de seu rosto.

— Não tem problema, menina. É aqui que você vai trabalhar, então tem que poder mexer nas coisas todas. Até porque, o que não pode ser xeretado tem que ficar escondido, não é mesmo? —

falou e continuou observando a fotografia. — É bom olhar para ela outra vez... Era tão bonita nossa Madeline; trazia luz a este lugar.

— *Trazia?* O que aconteceu com ela? — ao fazer aquela pergunta, Tatianna tentou esconder ao máximo seu nervosismo. Seria a primeira notícia que receberia de sua mãe em dezenove anos; era difícil disfarçar a ansiedade.

— Ela morreu há três anos. Foi assassinada. E o assassino nunca foi preso... só temos suspeitas, na verdade.

*Assassinada...*

A força da palavra teve o mesmo impacto que um tiro atingindo algum de seus órgãos vitais. Tatianna chegou a cambalear com a revelação, mas, por sorte, Antonia estava ainda concentrada, olhando para a foto, e sequer percebeu.

— Bem, Tatianna, já disse isso, mas digo de novo: seja bem-vinda. Se precisar de qualquer coisa, eu cuido da coordenação da limpeza e das compras para abastecer a despensa. Acho que vamos trabalhar juntas ainda — com mais um sorriso, Antonia afastou-se, estrategicamente, deixando Tatianna novamente sozinha, na companhia daquela foto e daquela palavra tão forte.

Quase cambaleando, saiu da despensa, indo parar na cozinha, sem nem saber como. Apoiando-se na bancada da pia, começou a construir pensamentos que pareciam não ter ordem alguma.

Desde que sua mãe desaparecera, Tatianna imaginara várias coisas que poderiam ter acontecido com ela. Ao começar a procurá-la, pensara que ela poderia estar feliz, fazendo parte de outra família, fora do país... Pensara até mesmo que ela poderia estar em alguma clínica psicológica,



sofrendo de alguma doença mental; ou que tinha morrido de forma natural ou em um acidente, mas nunca, *jamais*, cogitara a hipótese de ela ter sido *assassinada*.

Várias perguntas começaram a brotar em sua mente. A primeira delas era *quem* poderia tê-la matado; a segunda era *por quê*?

E havia outra, um pouco mais egoísta, mas que não parava de invadir sua mente, embora tentasse afastá-la. Por que sua mãe jamais a procurara, se ficara viva por todos aqueles anos? Ela teve malditos dezenove anos para voltar e, quem sabe, explicar o que tinha acontecido, mas não fez nada disso. Jane DeWitt tinha realmente cortado laços com a filha para sempre. E aquela era uma dor que nunca teria fim.

Precisava sair daquela cozinha. Sentia uma enorme claustrofobia, como se aquele cômodo

## PERIGOSAS NACIONAIS

tivesse menos de um metro quadrado de extensão. Precisava recuperar um pouco de oxigênio para seus pulmões... desesperadamente. Entretanto, ao dar o primeiro passo, viu todos os azulejos girando e uma mancha negra tomou seus olhos, como se os tivesse fechado, embora pudesse jurar que os mantinha abertos.

Sabia que estava prestes a cair no chão, que em instantes sentiria o impacto da queda, mas foi amparada por alguém muito forte, que sustentou todo seu peso em seus braços. Sem nem ter consciência do que estava acontecendo, foi conduzida de volta até um banco em um canto do local.

Aos poucos foi voltando a si, e a primeira coisa que viu quando abriu os olhos foi o belo rosto de Sebastian, muito perto do seu, encarando-a com preocupação.

## PERIGOSAS ACHERON

— Tatianna, você está bem? — ele ainda sustentava seu corpo com seus braços, uma vez que ela parecia estar prestes a cair para frente a qualquer momento.

Assim que viu quem a estava amparando, de forma tão protetora e gentil, Tatianna o empurrou com todas as forças que possuía naquele momento, tentando afastá-lo de si.

— Estou bem... — falou em um sobressalto, como que por puro reflexo.

— Você não parece bem. Ainda está muito pálida.

— Preciso tomar um ar. Só isso.

E, desvencilhando-se de seus braços, deixando o retrato que ainda segurava em suas mãos cair no chão, ela afastou-se daquele homem e saiu correndo para longe da cozinha. Tudo que

PERIGOSAS NACIONAIS

queria era ir para bem longe do The Hanningan's.

PERIGOSAS ACHERON

## IV

### Beijinho de Coco

*"O coco é um fruto calmante, que atrai a tranquilidade da alma quando esta se encontra inquieta e atormentada por algo."*

O que diabos tinha acabado de acontecer?

Entrara naquela cozinha, um pouco sem rumo, não esperando encontrar ninguém ali, mas sem nem saber o que pretendia fazer. Na verdade, desde que aquela mulher aparecera no The Hannigan's, como um fantasma amaldiçoado, ele simplesmente parecia perdido.

Ah, mas que merda, quem ele queria enganar? Ele fora até lá para vê-la, para se torturar um pouco. Jurou para si mesmo que iria aproveitar que Taylor já tinha saído para somente observá-la

por alguns instantes. Seria cauteloso o suficiente para que ela nem percebesse sua presença. Tudo que queria era apenas olhar para ela em silêncio e...

Que inferno! Estava se tornando um maldito obcecado!

Estava curioso a seu respeito. Já que estavam destinados um ao outro, mesmo que daquela forma obscura, ele sentia vontade de saber mais sobre ela, de descobrir o que havia de tão especial que o faria se apaixonar perdidamente, embora fosse preferível manter-se afastado. Pelo menos era isso que *deveria* fazer.

.Não que já não estivesse muito interessado no que via. Não esperava, porém, ao entrar naquela cozinha, que testemunharia uma breve perda de sentidos e que teria que ampará-la em seus braços para que não caísse.

Algo a tinha deixado daquela forma. Ela

## PERIGOSAS ACHERON

não parecia doente, parecia *assustada*.

E Sebastian tentou fingir que não percebeu que ela segurava uma foto antiga, do dia em que o The Hannigan's ganhara aquele prêmio. Ou melhor, que Madeline ganhara. Ela fora eleita a melhor chef de cozinha do estado de Nova Iorque.

Ao olhar para aquele retrato que lhe trazia tantas recordações, ele subitamente percebeu algo que não tinha percebido até então. Algo que fez com que ele compreendesse tudo...

\*\*\*

A cabeça ainda girava um pouco quando se sentou no banco do motorista, pronta para dirigir. Sentia-se melhor do que minutos atrás, quando quase desmaiou na cozinha do The Hannigan's, mas ainda não recuperara completamente a sanidade.

Suas mãos apertavam o volante com força, até que as articulações de seus dedos ficaram brancas.

Respirando fundo, ela conseguiu parar de tremer e decidiu que era hora de sair dali. O mais rápido que pudesse, afinal, já não era muito cedo e ainda teria que dirigir por um longo caminho. Ao menos pegaria a chave da casa com Rowan naquela mesma noite e poderia começar a levar suas coisas para onde iria morar. Sem dúvida lhe pouparia um bom tempo e uma alta dose de estresse.

Para tentar relaxar, ligou o rádio bem alto, em uma estação local, e ficou feliz ao perceber que conhecia a música que tocava. Poderia cantarolar junto, prestando atenção na letra, o que a faria com que esquecesse momentaneamente as lembranças daquele dia.

Contudo, começava a chover. Não chegava a ser uma chuva torrencial, mas suficiente para



## PERIGOSAS NACIONAIS

embaçar o vidro do carro, contribuindo para o nervosismo de Tatianna, que começava a se arrepender de ter saído do restaurante naquele estado.

Mas tudo que lhe restava era seguir em frente...

Diminuiu a velocidade e tentou dirigir com o máximo de cautela. Estava se saindo bem até que uma estranha figura atravessou a estrada correndo, bem na frente do carro de Tatianna. Por puro reflexo ela conseguiu desviar e se manter na estrada, mas foi o suficiente para que suas mãos comesçassem a tremer e para perder novamente a controle da situação. Já não dirigia mais tão devagar, e a chuva parecia aumentar, contribuindo para que sua ida para casa fosse ainda mais perigosa.

Um quilômetro à frente, porém, a mesma

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

figura veio correndo, na direção contrária, e tudo pareceu acontecer sem que Tatianna sequer percebesse. Era uma mulher, vestindo branco — o que fazia com que parecesse um fantasma—, mostrando-se completamente desesperada. Desta vez, porém, foi impossível que Tatianna desviasse com precisão. O asfalto estava molhado, o que fez com que perdesse completamente o controle da direção e fosse de encontro a uma árvore, com certa violência. Com o impacto, bateu com a cabeça no volante e sentiu que ficava tonta.

Sabia que era apenas uma questão de tempo para que perdesse os sentidos, mas ainda teve tempo de ver a tal criatura fantasmagórica se aproximando do vidro de seu carro e olhando para ela. Em sua semi-consciência, Tatianna a observou, com a visão turva e fora de foco, e acabou enxergando um rosto familiar.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Mãe? — ela sussurrou com todas as forças que lhe restavam.

— Você está em perigo. Fique atenta.

E desapareceu.

Mantendo-se desperta com todo seu esforço, Tatianna tentou compreender o que tinha acabado de acontecer. Seria mesmo o fantasma de sua mãe alertando-a de algum perigo? Ou seria simplesmente uma alucinação?

Talvez ela nunca viesse a descobrir. E naquele momento sequer importava, pois sua consciência finalmente falhou, e ela foi tragada para o breu de sua própria mente.

\*\*\*

Trovões... Ela ouvia trovões...

## PERIGOSAS ACHERON

Não... não eram trovões. Era uma voz falando.

E chamava seu nome.

Tatianna...

Tatianna...

A princípio ela só conseguia distinguir algumas sílabas, mas logo pôde, inclusive, perceber que a voz era masculina.

Mais que isso. A voz era de Sebastian.

Ele tentava reanimá-la, chamando-a e dando leves tapinhas em seu rosto. Não demorou muito para que ela conseguisse abrir os olhos e vê-lo. Seu cabelo dourado estava encharcado, e a primeira coisa que falou, parecendo uma completa idiota, mas ainda sob o efeito da pancada na cabeça, foi:

— Sai da chuva, você vai pegar um resfriado!

Ela não tinha nem certeza se a voz parecera coerente, se realmente proferira algum som e muito menos se Sebastian tinha respondido qualquer coisa, pois não ouviu nada. Ainda se perguntava o que ele poderia estar fazendo ali, mas a verdade era que sua presença a acalmava. Não que confiasse nele, mas ao menos não estava sozinha.

— Tatianna, vou ter que tirar você daqui, tudo bem? — ao dizer aquilo, ele começou a apalpar várias partes de seu corpo. — Você não parece ter quebrado nenhum osso, então, tente se manter consciente, ok?

— Minha... cabeça... — ela proferiu com dificuldade. — Está doendo.

— Vai passar. Foi uma pancada forte.

Depois de dizer isso, Sebastian, com muita cautela, começou a retirar Tatianna de dentro do carro. A gentileza com que ele a ergueu nos braços

PERIGOSAS ACHERON

e a forma como a protegeu da chuva com o próprio corpo, enquanto sussurrava em seu ouvido que ia ficar tudo bem, fez com que ela relaxasse em seus braços, mesmo não o considerando um amigo. Naquele instante, porém, ele parecia uma escolha segura, uma pessoa completamente diferente do homem rude que conhecera.

Assim que ele a pousou no banco do carona de outro carro, que devia ser dele, outra imagem se apossou da mente de Tatianna:

— A mulher...

— Que mulher, Tatianna? — ele perguntou, enquanto colocava-lhe o cinto de segurança.

— Tinha uma mulher na estrada... ela... ela... parecia a minha... — e Tatianna nem conseguiu terminar a frase, pois mais uma vez foi levada pela inconsciência.

Sebastian ainda tentou reanimá-la, mas foi em vão. Então deu a volta no carro, sentou-se no banco do motorista e partiu, rumo ao hospital mais próximo.

\*\*\*

A dor tinha finalmente cessado. Ao menos a física. Mas sentia que ainda havia uma ferida em sua alma. Algo muito mais profundo do que um corte, um hematoma ou uma cicatriz. E este era, sem dúvida, o pior tipo de dor, pois nenhum remédio era capaz de curar.

Quando abriu os olhos, não conseguiu reconhecer de imediato o lugar onde estava, mas em uma avaliação mais consciente percebeu que se tratava de um hospital.

Aos poucos, as lembranças do acidente

foram retornando à sua mente. Lembrava-se de seu nervosismo, de sua insegurança ao começar a dirigir, em contraste com a pressa que tinha de voltar para casa. E lembrava-se da mulher... incrivelmente parecida com sua mãe e que ela quase podia jurar que não era real. Talvez fosse apenas um fruto de sua imaginação. Mas a frase que ela dissera... fazia todo sentido.

Claro que, em meio àquelas lembranças desarrumadas, havia Sebastian e a forma como a tinha ajudado. Contudo, assim como acontecera com a mulher de branco na estrada, ela não conseguia discernir se ele também fora real ou apenas parte de uma fantasia criada por seu subconsciente.

Ainda desorientada, tentou se levantar, mas uma enfermeira de meia idade, que a estava observando e fazendo algumas anotações, pediu



que permanecesse deitada.

— Calma, querida. Não se levante ainda. A pancada na cabeça foi forte — e, com certa delicadeza, fez com que Tatianna deitasse novamente.

— Há quanto tempo estou aqui?

— Umas duas horas. Já fizemos alguns exames e está tudo bem com você. Foi apenas um susto. Logo, logo a liberaremos.

— Como eu cheguei?

— Um rapaz entrou carregando você. Parecia muito preocupado. É seu namorado? — sorrindo de forma cúmplice, a enfermeira falou, como se conversasse com uma menininha de dez anos.

— Não, não é...

— Ah, mas eu acho que ele gosta de você.

Foi muito cuidadoso e atencioso, até comprou um vestido em uma loja aqui perto, para que não precisasse vestir novamente as suas roupas que ficaram encharcadas.

As coisas pareciam completamente fora de lugar, como se Tatianna tivesse se perdido em uma realidade alternativa. Pela forma como Sebastian a tratara logo que se conheceram, era difícil acreditar que tivesse mudado da água para o vinho em questão de horas. Mas pagaria para ver.

Deixada sozinha pela enfermeira, e informada que faltava apenas o resultado de dois exames para que pudesse ser liberada, Tatianna pôs-se a esperar. Enquanto esperava, vários pensamentos confusos começaram a dançar em sua mente. Precisava falar com Jayce; precisava contar a ele toda a história que havia descoberto, pois sabia que ele poderia ajudar a descobrir o que tinha

acontecido com sua mãe.

Tatianna sabia que passaria a pensar constantemente nisso. E a verdade era que conhecia muito bem aquele tipo de pensamento. Ele tinha o mesmo poder de um tornado, que chega sendo anunciado por uma leve brisa e depois toma proporções catastróficas. Sabia que, conforme o tempo passava, aquilo começaria a se tornar uma ferida aberta, em carne viva, que jamais lhe permitiria esquecer.

Nem percebeu quanto tempo se passou, mas um barulho de alguém batendo à porta do quarto interrompeu seus devaneios. Tatianna pediu que a pessoa entrasse. Para sua surpresa, era Sebastian.

Surpresa? Será que ela ainda se surpreendia com alguma coisa naquele dia?

— Como você está? — lá estava o tom de voz frio e indiferente, como se perguntasse apenas

PERIGOSAS ACHERON

por obrigação.

— Um pouco cansada, mas estou me sentindo melhor. Obrigada por ter me ajudado. — falou, um pouco embaraçada, sem saber como agir perto dele.

— Vim avisar que os o médico já te deu alta. Está liberada.

— Ah, que bom — foi se levantando da cama lentamente, pronta para se arrumar, mas percebeu que Sebastian não tinha se mexido nem um centímetro. — Você pode... me dar... licença para me trocar? — gaguejou. Havia algo nele que a deixava nervosa.

— Desculpe. Estarei esperando lá fora.

— Não precisa me esperar. Pode ir, se quiser.

— Já esperei por horas — falou com

rispidez. — E, além do mais, como iria para casa?

Ao dizer isso, Sebastian saiu porta afora, como se não quisesse esperar por nenhuma resposta, deixando Tatianna furiosa.

Ele, com certeza, planejava deixá-la louca.

Tentou se vestir o mais rápido possível, não querendo dar margem a mais grosserias ou motivos de reclamações, e saiu do quarto. De fato, como havia prometido, ele a estava esperando do lado de fora, de pé, com os braços cruzados no peito, como um cavaleiro protegendo sua princesa. Pena que Sebastian se comportasse como o dragão e não como o príncipe, embora se parecesse com um.

E ele nem disse nada, apenas começou a andar, tomando a dianteira, sem olhar para ela.

Ao entrarem no carro, ele finalmente disse:

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Precisa me dizer seu endereço —  
começou a ligar o carro.

— Eu estava indo para minha casa em  
Manhattan.

— Há alguém lá que possa ficar com você?  
— ao perguntar, tentou não demonstrar  
preocupação.

— Não. Eu moro sozinha.

Por mais que Tatianna não tivesse a  
intenção de se mostrar sentimental ao falar, havia  
uma solidão intrínseca em cada palavra. E  
Sebastian pareceu perceber isso, tanto que sua  
expressão suavizou um pouco. Por isso, ele disse:

— Não posso te levar para a sua casa. Você  
sofreu um acidente...

— Mas eu estou acostumada a ficar  
sozinha.

## PERIGOSAS ACHERON

— Já disse que não vou te levar para lá. Vou te colocar em um hotel. — Tatianna ia protestar, mas antes que proferisse qualquer coisa, Sebastian a interrompeu: — E não adianta tentar argumentar. Já me decidi.

E foi exatamente o que Tatianna fez: ficou em silêncio. Poderia aguentar passar a noite em um hotel, é claro, até porque não estava em condições de discutir. Sentia-se exausta, cheia de dores pelo corpo por causa da pancada que resultara do acidente, e ele, no final das contas, a ajudara, o que lhe garantia algum crédito.

A viagem levaria mais ou menos uns quarenta minutos, então, sabendo que não haveria nenhum diálogo durante aquele tempo, Tatianna recostou a cabeça no banco, fechou os olhos e cochilou.

Enquanto isso, Sebastian praguejava em

## PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio. Ele simplesmente tentava manter o foco na estrada, mas seus olhos insistiam em buscar a imagem da mulher ao seu lado. Havia ferimentos leves em seu rosto, não se encontrava nenhum resquício de maquiagem em sua pele, mas, ainda assim, ela parecia um anjo, descansando em calma. Parecia muito frágil também, especialmente depois de ter dito, com um tom dolorido na voz, que vivia sozinha. Aquilo atizou sua curiosidade em saber se tinha família, alguém que se preocupasse com ela de verdade... amigos, talvez; ou um namorado. Não seria difícil imaginar que deveria haver uma fila de homens interessados nela.

Segundos depois ela proferiu um suspiro, como se estivesse relaxada. E demonstrou ainda mais fragilidade, com toda uma doçura que deveria ser uma característica que guardava para pessoas

## PERIGOSAS ACHERON



que a tratavam bem, o que não era o caso. Odiava-se a cada momento por precisar se manter indiferente e lamentava magoá-la, pois, pelo que podia perceber, ela já tinha sua cota de sofrimento no coração. Mas preferia vê-la triste do que morta, que era o que, eventualmente, iria acontecer..

No entanto, aquela maldita fragilidade que ela demonstrava, mesmo que não fosse sua intenção, fazia com que ele pensasse duas vezes antes de realmente levá-la para um hotel. Porém, a segunda opção não era lá muito melhor. Teria que levá-la para... sua casa. O que, definitivamente, não era uma escolha muito inteligente.

Mas, por Deus, era exatamente o que ele queria.

E foi o que fez também. Só teria que saber se comportar...

Assim que parou o carro, Tatianna sentiu

## PERIGOSAS ACHERON

que tinham chegado e abriu os olhos, mas o que viu a deixou muito surpresa. Tanto que, por mais que Sebastian tivesse parado o carro, desligado o motor e soltado seu cinto de segurança, ela sequer se mexeu.

— Onde estamos? — o que via à sua frente era uma linda casa, de tamanho imponente, que se erguia em luxo e ostentação. E, por acaso, ficava na rua atrás do restaurante The Hannigan's.

— Esta é a minha casa — dizendo isso, ele saiu do carro e começou a andar, tomando o caminho da entrada, sem sequer dar qualquer chance para que ela contestasse.

— Não...! Sebastian??? — ela chamou por ele e começou a se apressar para segui-lo. Porém, sua perna, cujo músculo estava um pouco machucado pelo acidente, falhou, em uma espécie de câimbra, e ela acabou se desequilibrando e

caindo no chão. — Droga!

Ao ouvi-la praguejar, Sebastian virou-se em sua direção e a viu caída no chão, com um pouco de dificuldade para se levantar. Voltou para perto dela, então, com um semblante preocupado, que não lhe era peculiar.

— Você está bem? — ajudou-a a se levantar. — Merda! Você deveria ter dito que estava machucada. Eu poderia carregar você. Venha... — ele se inclinou para levantá-la no colo, mas Tatianna o impediu.

— Pare com isso! — explodiu. — Você não pode decidir as coisas por mim. Você não vai me carregar para lugar nenhum, muito menos para sua casa. Eu não vou passar a noite aqui. Ficou louco? Eu mal te conheço!

— Você não vai ficar sozinha. Fui eu que te encontrei e que te tirei daquele carro, então, você é PERIGOSAS ACHERON

*minha* responsabilidade.

— Ah, claro, e ouvindo você falar dessa forma *tão* gentil, eu vou mudar de opinião e adorar passar a noite na casa de um cara que me odeia! — ironizou.

— Mas que ideia absurda. Eu não odeio você. Eu não te conheço o suficiente para isso! — na verdade seria muito mais prático se ele a deixasse pensar que realmente a odiava. Mas a resposta saiu sem que ele nem percebesse.

— Exatamente! Já que não me conhece, podia ao menos ser educado. Você não sabe nada sobre mim... — ela baixou o tom de voz ao proferir a última frase. A melancolia estava lá, novamente, algo que ele não pôde deixar de perceber.

E também não pôde deixar de perceber um gemido que ela deixou escapar. Estivera se fazendo de forte durante todo aquele tempo, com certeza

PERIGOSAS ACHERON

tentando provar algo, mas a verdade era que deveria estar sentindo mais dor do que deixava transparecer.

— Ah, Tatianna... venha... deixe de ser teimosa — finalmente Sebastian a ergueu nos braços e começou a carregá-la para sua casa.

— Mas eu não... — protestou quase sem forças.

— Shhhh — pediu que se calasse, mas o fez com tanta delicadeza que ela acabou obedecendo. — Vamos nos dar uma trégua por hoje, tudo bem? Você está fraca, precisando descansar. Prometo que não vou me sentir vitorioso na discussão por causa disso. Apenas relaxe. Vou colocá-la na cama.

Fechando os olhos novamente, conforme ouvia a voz rouca de Sebastian soando tão suave, ela se deu ao direito de deixar as armaduras de lado e dar a batalha como interrompida. Não encerrada,  
PERIGOSAS ACHERON

é claro. Como ele mesmo tinha dito, era apenas uma trégua. E ela estava mesmo cansada para aquele jogo bobo de egos.

Ela nem viu o tempo passar, apenas sentiu-se sendo pousada gentilmente sobre um colchão macio e sendo coberta. Estava desperta, mas manteve os olhos fechados, pois não tinha sequer coragem de encará-lo naquele momento.

Sem dizer nada, Sebastian a observou por um tempo, sentindo um aperto no peito por ter que deixá-la sozinha. Era melhor assim.

Mal sabia ele que, ao fechar a porta, um estranho pressentimento se apossou do coração de Tatianna. Algo de ruim estava prestes a acontecer.

V

## Cupcake de Baunilha

*"Uma lenda portuguesa afirma que a baunilha é a especiaria que indica a saudade, o abandono, a nostalgia..."*

O pressentimento foi forte demais para ser ignorado.

Na verdade, ela sequer podia afirmar que era um pressentimento, mas seu coração começou a bater mais forte, angustiado.

Abriu os olhos, portanto, sabendo que, por mais cansada que estivesse, não iria conseguir dormir. A primeira coisa que fez foi olhar o quarto ao seu redor. Era digno de um palácio, com uma decoração sofisticada, uma lareira, cama de dossel e cortinas de renda. Viu também que havia uma

suíte, o que fez com que se sentisse compelida a tomar um banho.

Levantou-se com um pouco de dificuldade, pois o corpo parecia estar mais dolorido do que antes, e abriu os armários para procurar uma toalha. Contudo, não havia nenhuma. Não havia nada guardado naquelas gavetas e prateleiras, com exceção de uma camisola de seda, em um tom de lilás, com delicadas rendas no busto e na barra. Parecia confortável, por isso, por mais que quisesse tomar um banho, teria que se contentar em apenas tirar aquele vestido que Sebastian tinha lhe comprado, ao menos para dormir.

Não sabia a quem pertencia aquela camisola, mas poderia tirá-la bem cedo pela manhã, antes que alguém pudesse vê-la usando-a.

Assim que acabou de se trocar, dirigiu-se ao banheiro para lavar o rosto. Ao contemplar-se no



espelho, enxergou um pequeno band-aid em sua têmpora e um leve hematoma na altura da bochecha direita. Era como se aquelas marcas estivessem ali para fazê-la acreditar que o acidente tinha sido real e não apenas um produto de sua imaginação.

Porém, interrompendo a própria imagem refletida, um outro rosto deu lugar ao dela, como uma assombração de uma lenda urbana.

Era um rosto conhecido, não muito diferente do seu. Cabelos castanhos e lisos, olhos amendoados, maçãs do rosto proeminentes e lábios pequenos em formato delicado.

O rosto no espelho era o de sua mãe.

Ela parecia preocupada... infeliz... quase desesperada. Como se estivesse ali para lhe dar um aviso.

— Mãe? — ela balbuciou com a voz

trêmula, tocando o espelho. Porém, assim que as pontas de seus dedos tocaram o vidro, a imagem desapareceu.

Ofegante, desorientada e cambaleante, saiu da suíte e foi até o quarto, que parecia muito mais frio do que há dez minutos. Congelado, na verdade.

Estremecendo, ela começou a caminhar em direção à cama, escorando-se nas paredes. Contudo, no exato momento em que se apoiou, foi como se flashes de memórias invadissem sua mente com violência.

E o pior: as memórias não lhe pertenciam.

Era como um sonho, turvo, um pouco desfocado, mas parecia extremamente real. Ela enxergava aquele mesmo quarto, como uma expectadora imparcial. Mas não estava mais sozinha, havia duas pessoas ali além dela, cujas vozes ela conseguia escutar, embora não fosse

PERIGOSAS ACHERON

capaz de visualizar nenhum rosto. Uma pertencia a uma mulher, a outra, porém, estava completamente abafada, não permitindo que distinguísse a quem pertencia.

Apesar de tudo parecer um sonho, podia compreender o teor da conversa. Falavam sobre alguém ter sido desmascarado, estar enganando outras pessoas. O desespero da conversa fez com que reconhecesse que uma daquelas pessoas, a tal mulher, era sua mãe. E ela gritava que iria à polícia, que iria contar a verdade para todos.

E foi então que um tiro foi ouvido. Perfurou o peito de Jane DeWitt e, conseqüentemente, seu coração. Mas Tatianna também pôde sentir a mesma dor que ela deve ter sentido, como se o tiro tivesse lhe atingido também. Sentiu como se sua carne estivesse sendo rasgada, assim como suas emoções, que pareciam ainda mais fatais do que

aquela bala. Cada uma de suas escolhas erradas, cada lágrima que não lhe foi permitida chorar e cada grito que ficou sufocado em sua garganta... tudo isso era uma ferida aberta, uma agonia lenta e fatal.

Não havia dúvidas de que aquela cena representava o momento da morte de sua mãe. Era uma terrível experiência sobrenatural que ela não queria ter tido o desprazer de viver.

Em meio à cor escarlate do sangue que lentamente formava uma poça no chão — naquele mesmo chão onde Tatianna estava pisando —, uma mancha negra começou a surgir, transformando a cena em um borrão preto, uma escuridão imensa e vazia, até que ela foi subitamente transportada para a realidade.

Ao retornar, constatou que estava caída no ponto exato onde sua mãe também caíra, depois de

## PERIGOSAS NACIONAIS

ser alvejada com a bala que lhe tirara a vida.

Tatianna não mais sentia a dor física — que estranhamente tinha herdado do tiro que acontecera no passado —, mas discernia um torturante conjunto de sentimentos enraizados dentro de seu peito. Ao ver-se novamente em sua realidade, foi como se as lembranças que não lhe pertenciam tivessem sido exorcizadas, mas somente pela metade, pois ainda podia sentir alguns demônios dentro de seu corpo, fazendo festa, brincando com seus pensamentos.

Sentia-se sem forças. Seus membros estavam trêmulos e frágeis demais, mal conseguindo sustentar o peso de seu corpo. Por isso, arrastou-se até a cama e praticamente escalou-a para poder se deitar. Jogou seu corpo no colchão e permaneceu ali, da exata forma como caiu, esperando ser levada pelo próprio adormecer.

## PERIGOSAS ACHERON

\*\*\*

O maldito sono não chegava nunca. Não adiantava se revirar na cama, tentar focar sua mente em qualquer pensamento bom, pois ele apenas conseguia pensar na mulher que abrigara em sua casa.

Cada movimento e reação dela estavam entranhados em suas lembranças como uma maldição. A forma como se defendera perante ele, os olhos tristes ao mencionar que vivia sozinha... mas, mais do que isso, o jeito como relaxara em seus braços, confiando nele por um breve instante. Era como se ainda pudesse senti-la, encaixada, protegida, como se tivesse nascido para ficar ali.

Mas também não podia esquecer da forma como a tratara e como parecera magoá-la. Meu

PERIGOSAS ACHERON

Deus, ela chegara a dizer que ele a odiava!

Sebastian nunca fora um destruidor de corações. Pelo menos não intencionalmente. Sabia o quanto sentimentos eram valiosos, e ele devia seu cavalheirismo e boas maneiras a uma única mulher, que ele amara como a uma mãe. E lá estava ele, desrespeitando todos os seus bons ensinamentos porque essa mesma mulher profetizara que Tatianna seria a mulher certa, na hora errada.

O problema era que, conforme tentava se afastar, conforme a deixava nervosa e irritada, mais atiçava seu desejo. Tatianna era pura emoção, comportava-se de forma autêntica e suas explosões a tornavam muito mais atraente a seus olhos.

E, enquanto pensava nela, lembrava-se de como se sentira preocupado ao vê-la inconsciente dentro daquele carro, desamparada ao cair no chão gemendo de dor, já na porta de sua casa, e em como

se aninhara na cama, demonstrando cansaço...

E apenas por se lembrar disso, já estava novamente desesperado para vê-la, saber se estava bem.

Ficar perto dela era como se jogar em um abismo, de onde ele sabia que não havia salvação, mas que parecia chamá-lo incessantemente.

Para ele, Tatianna era como uma porta trancada da qual ele não tinha a chave. Ela lhe era proibida, negada, mas ele sabia também que algo muito bom viria dela. Algo, por exemplo, como sua redenção.

E era exatamente essa dúvida que o deixava angustiado. Ele jamais saberia como seria a vida com ela, como seria ter sua alma libertada de pecados e de todas as tristezas. E sentia-se culpado por todas elas. Exatamente por causa disso não poderia arriscar envolvê-la em sua escuridão.



## PERIGOSAS NACIONAIS

Mas simplesmente não conseguia se conter. Algo lhe dizia que precisava vê-la, como se estivesse em perigo.

Ao pensar nisso, seu coração quase parou. Havia algo de muito errado com ela. Era como um alerta em sua mente, um sinal...

Não era certo entrar no quarto em que ela dormia sem ser convidado, mas não tinha escolha. Conforme se aproximava, a sensação ficava cada vez mais forte.

Ao abrir a porta, deparou-se imediatamente com Tatianna praticamente jogada na cama, como se tivesse sobrevivido a uma guerra, mas ainda estivesse estirada no meio do campo de batalha. Além disso estava inquieta, trêmula e murmurando coisas sem sentido. Estava sonhando com alguma coisa. E não era nada bom, a julgar pelo franzir de sua testa e pela respiração entrecortada.

## PERIGOSAS ACHERON

Mas ainda havia um problema maior.

Sebastian sentia uma estranha presença dentro daquele cômodo. Uma força sobrenatural que ele não sabia se era boa ou má.

A ideia de colocá-la naquele quarto foi uma estupidez. Contudo, sabia que seria ainda pior tirá-la dali. Por isso, ajeitou-a na cama, cobriu-a novamente, tentando não perceber que ela usava uma camisola que ele nunca tinha visto, mas que provavelmente estava guardada dentro dos armários. O que não importava, é claro... a verdade era que ficara belíssima nela, mais uma vez atizando seu desejo.

Exatamente por isso ele saiu daquele quarto mais uma vez, deixando-a sozinha, esperando que mais nenhum espírito sombrio a importunasse.

\*\*\*

Tatianna acordou um pouco desorientada. Sentia como se tivesse sido tragada para dentro de um mundo imaginário na noite anterior, com visões, aparições de fantasmas e vozes sobrenaturais falando em sua cabeça. A explicação? Estava ficando louca.

Sua esperança era que o dia que amanhecia trouxesse um pouco mais de paz à sua existência.

Levantando-se da cama com dificuldade, tirou a camisola que não lhe pertencia e recolocou o vestido que Sebastian lhe dera. Não esperou nem um segundo para sair daquele quarto que lhe proporcionara péssimas lembranças e foi direto ao The Hannigan's, agradecendo por não ter encontrado seu anfitrião pelo caminho. Com certeza ele deveria ter fugido enquanto ainda era tempo, simplesmente para não encontrá-la.

Ao chegar na cozinha do restaurante, Tatianna decidiu que iria tomar apenas um café, pois queria falar com Jayce o quanto antes. Contudo, encontrou-se com Taylor. Ele mesmo já tinha preparado a cafeteira, que exalava o aroma que Tatianna tanto sonhava em sentir naquele instante. Seu corpo pedia cafeína depois de uma noite tão agitada.

— Tatianna! — Taylor exclamou assim que a viu, parecendo um pouco alarmado. — Sebastian me falou do acidente que sofreu. Você está bem?

— Sim. Agora estou.

— Você precisa descansar. Pode ficar em casa amanhã também. Podemos começar os preparativos para a festa na terça-feira, sem problemas.

Tatianna nem quis argumentar. Precisava mesmo daquele tempo para colocar as ideias em

# PERIGOSAS ACHERON

ordem e começar sua busca com a ajuda de Jayce. Além do mais, seria bem providencial ficar uns dias afastadas de Sebastian. Por isso, apenas balançou a cabeça, concordando com o que ele dissera.

— Ah, antes que eu me esqueça, Sebastian deixou a chave de um de seus carros para que possa voltar para casa. Ele disse que o seu está na oficina e que todas as despesas já foram pagas.

— Mas ele não deveria ter feito isso! — indignou-se. Em qualquer outro momento acharia o gesto muito gentil, mas vindo daquele homem era mais fácil desconfiar.

— Como eu disse ontem, Sebastian tem muito dinheiro e é um homem generoso. Não pense mal de sua atitude. Ele é assim...

Ouvindo as palavras de Taylor, Tatianna decidiu desistir de reclamar de qualquer coisa. Estava exausta e queria colocar um ponto final

## PERIGOSAS ACHERON

naquela história toda. Simplesmente aceitaria a oferta por hora, depois conversaria com Sebastian, quando estivesse de cabeça fria.

— Você está em condições de dirigir?

— Sim, estou bem. Obrigada pela preocupação.

Sendo assim, depois de tomar seu café, Tatianna pegou a chave do carro oferecido por Sebastian e dirigiu-se novamente à casa dele. Mais uma vez não o viu, exatamente como se estivesse se escondendo. O que era ridículo, é claro.

E mais ridículo ainda foi apertar o botão que abria a garagem e se deparar com uma pequena coleção de carros. Eram pelo menos uns seis. Apertando o alarme no chaveiro que lhe fora entregue por Taylor, ela constatou que ele estava lhe emprestando um belíssimo Audi A6 prata, do ano. Não era o carro mais valioso dali, mas era,

PERIGOSAS ACHERON

sem dúvida, uma beleza de automóvel.

Sem hesitar, ela entrou no carro e rumou para seu destino, cheia de ansiedade. A verdade, porém, é que não tomou o caminho direto para a casa de Lolla, onde poderia descansar. Primeiro foi até a delegacia.

Pediou que fosse anunciada para Jayce Hernandez, que prontamente foi buscá-la na recepção, abraçando-a e levando-a para sua sala, fazendo com que se sentasse. Assim que ambos se acomodaram, Jayce logo percebeu os ferimentos em seu rosto.

— Tatty, o que houve com você? Está toda machucada! — ele estendeu a mão na sua direção para tocar os hematomas, parecendo muito preocupado. — Alguém fez isso com você? É por isso que está aqui?

— Não. Eu sofri um acidente, mas não tem

PERIGOSAS ACHERON

nada a ver com a minha presença aqui — ela fez uma pausa e respirou fundo. Em seguida entregou a ele a fotografia que encontrara na despensa do The Hannigan's. — Eu queria pedir sua ajuda.

— Você sabe que pode me pedir qualquer coisa.

— Descobri ontem que minha mãe não está mais viva.

— Ah, Tatty... querida... eu lamento muito! — ele a abraçou com pesar, sem nem lhe dar chance de terminar sua fala.

— Jayce... é mais que isso. Ela foi assassinada.

O detetive, que ainda segurava Tatianna nos braços, soltou-a de forma súbita, ansiando por olhá-la nos olhos e tentar compreender se era realmente sério o que ela tinha acabado de falar, embora não



acreditasse que fosse capaz de mentir sobre tal coisa.

— Quero que você investigue essa história. Sei que não vai ser fácil, porque faz três anos que aconteceu, mas gostaria de ver esse assassino atrás das grades.

— Vou fazer tudo que estiver ao meu alcance. Você tem alguma informação?

—Tenho...

— Então espere um minuto — Jayce pegou o telefone sobre sua mesa e discou dois números para chamar um ramal, pedindo que a pessoa do outro lado da linha fosse até a sua sala. Em pouquíssimos instantes, Steve apareceu e se surpreendeu ao ver Tatianna ali, mas logo depositou um beijo em sua cabeça, em um sinal de carinho. Assim que ele se sentou, Jayce explicou-lhe toda a história e concedeu a palavra a Tatianna,

PERIGOSAS ACHERON

pedindo que ela lhes desse todas as informações que tinha, por mais banais que pudessem parecer.

— Bem, eu sei que quando me abandonou, dezenove anos atrás, ela foi para esse restaurante onde estou trabalhando, o The Hannigan's, mas ainda não consegui descobrir o motivo. Sei também que ela passou a usar um nome falso: Madeline Moore, e que possivelmente teve um relacionamento com um homem chamado Bernard Hannigan.

Jayce e Steve se entreolharam, embora suas expressões não fossem muito animadoras.

— Não é muita coisa, mas acho que podemos começar com isso — afirmou Jayce, depois de fazer algumas anotações sobre tudo que ouviu de Tatianna.

— Eu espero que sim — Tatianna tentou sorrir, mas parecia mais desanimada do que nunca.

## PERIGOSAS ACHERON

Depois de se despedir dos dois amigos, ela saiu porta afora, com um semblante preocupado e um pouco cabisbaixo, enquanto ambos, tanto Steve quanto Jayce, a observavam em silêncio.

— Tem alguma coisa cheirando a podre nessa história — Jayce comentou, depois de um tempo.

— Será que vai valer a pena cavar fundo esse buraco? Ela pode sair magoada.

— Magoada ela já está. E, seja lá o que for que tenha acontecido, Tatianna tem o direito de saber. Todo segredo um dia precisa ser revelado...

## VI

### Cravo e canela

*"A canela representa a clarividência e proporciona vibrações espirituais."*

Era uma simples questão de honra.

Não. Não era apenas isso.

Era uma questão de justiça. A palavra que Jayce tanto apreciava.

Já eram dez horas da noite, e ele ainda estava na delegacia, analisando a pasta que tinha nomeado como "Caso Tatianna". A cadeira precária de sua sala começava a fazer com que suas costas reclamassem, e uma dor de cabeça muito leve teimava em se manifestar, atrapalhando seu raciocínio. E ainda havia outro motivo para se

sentir um pouco incomodado em estar trabalhando até aquela hora: queria estar com Cailey. Ela estava prestes a dar a luz, e qualquer minuto ao seu lado era precioso.

Mas tinha feito uma promessa para uma pessoa que lhe era muito importante. E uma promessa para Jayce era algo sagrado.

Steve não estava em condições muito melhores. Já tomava a sexta caneca de café, e seu humor estava começando a oscilar. Falava por Skype com Emily e as crianças para avisar que realmente não tinha hora para chegar em casa, quando foi interrompido.

— Chegou o e-mail, Steve! — entusiasmado, Jayce anunciou subitamente. Estavam há mais de três horas esperando uma mensagem da delegacia de Moreau, com informações sobre a morte de Madeline Moore, e

esta finalmente tinha chegado.

Tão animado quanto Jayce, Steve levantou-se da cadeira onde estava sentado e aproximou-se do parceiro, debruçando-se sobre a mesa para poder observar a tela do computador com mais facilidade.

Eram muitas informações, e Jayce acreditava que algumas delas seriam muito valiosas para a investigação. Havia depoimentos do tal Bernard Hannigan, mencionado por Tatianna, de seus filhos, Taylor e Sebastian, e de funcionários do restaurante. Fazendo uma espécie de "colagem" de todos os pontos de vista, ele chegava à conclusão que Jane DeWitt — ou Madeline Moore, como ela se denominava na época — fora encontrada morta, em seu quarto na bela casa dos Hannigan, com um tiro no peito. Havia marcas de dedos em seu pescoço, o que sugeria que ela tinha sido asfixiada por algum tempo, antes de receber o

## PERIGOSAS NACIONAIS

tiro fatal. Fora encontrada por Antonia Welsh, uma espécie de governanta da casa, que também trabalhava no restaurante.

O mais curioso era que todos os interrogados possuíam uma mesma teoria: o culpado só podia ser Stuart Frost.

De acordo com o relatório, o mencionado fora capturado dois dias depois de Madeline ter sido assassinada, mas fora liberado logo em seguida por falta de provas conclusivas. E, claro, o caso foi arquivado após alguns meses.

— Por que será que eu tenho a impressão de que os depoimentos dessas pessoas estão parecidos demais? — Steve comentou, assim que terminou de ler o relatório.

— Como se tivessem sido ensaiados? Estou com a mesma sensação — Jayce afirmou preocupado.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não que esse cara não me pareça culpado, sabe? Pelo que foi dito por essas pessoas, ele era mesmo obcecado pela mãe de Tatianna...

— É, mas será que podemos acreditar? Será que não se trata de uma farsa muito bem planejada?

— Meu amigo, você sabe que eu não me surpreendo com mais nada nessa vida. Acho que você pode estar certo — Steve voltou a se sentar na cadeira, de frente para Jayce.

A verdade era que Jayce sentia-se intrigado. Sua mente estava lotada de perguntas: por que Jane DeWitt fora para aquele restaurante? Será que estava fugindo de alguma coisa?

Talvez aquele fosse o pontapé inicial para a investigação. Primeiro precisava descobrir tudo sobre a fuga de Jane DeWitt, para, então, compreender quem era Madeline Moore.

## PERIGOSAS ACHERON



Não seria fácil, mas não iria desistir.

— Jayce? — Steve chamou, percebendo que o amigo estava um pouco perdido em seus próprios pensamentos. — Você acha que essa família... — consultou suas anotações para conferir o sobrenome daquelas pessoas — ...Hannigan... pode estar envolvida no assassinato de Jane DeWitt? Acha que eles podem ter criado todo um teatro e usado um bode expiatório para saírem ilesos?

— Acho que tudo é possível — Jayce respondeu muito sério e ainda um pouco pensativo.

— Então Tatianna pode estar em perigo trabalhando para essa gente...

— É. Eu também já pensei nisso.

E, claro, não gostava nada da ideia...

\*\*\*

Foram dias de trabalho duro e constante. Para sua sorte, Rowan tinha lhe entregado a chave da casa em Moreau com uma prontidão muito providencial, e ela já estava instalada — muito bem instalada, por sinal —, morando perto do restaurante.

A casa era acolhedora, com uma decoração minimalista e prática. Exatamente o que ela precisava. Não queria se sentir desconfortável, mas, ao mesmo tempo, não queria que tivesse cara de lar. Sua casa sempre seria aquela que a esperava em Manhattan. Sua condição naquela cidade era temporária; ficaria ali apenas até descobrir tudo sobre sua mãe.

Sim, aquela fora uma decisão que tomara enquanto trabalhava com Taylor na preparação do

jantar de reinauguração. Não podia dizer que não estava se divertindo, que ele não era uma companhia agradável e que o The Hannigan's não era um bom ambiente de trabalho. Seria uma hipócrita se tentasse mentir para si mesma que não estava apreciando seus momentos ali. Porém, a verdade era que se sentia uma intrusa, uma espiã, mentindo para aquelas pessoas. Ou melhor, omitindo sua verdadeira identidade, exatamente como sua mãe fizera anos atrás. Claro que estava usando seu nome verdadeiro, mas não revelara para ninguém que era filha de Madeline Moore, a ex-cozinheira que todos tanto amaram por ali.

Contudo, também precisava admitir que aquele não era o único motivo para que não planejasse ficar ali por muito tempo. Cada dia que passava sentia-se mais e mais incomodada com a presença de Sebastian. Era fácil perceber que ele

tentava se manter afastado, mas encontros casuais eram inevitáveis, afinal, ele almoçava no The Hannigan's todos os dias, fazia constantes reuniões com o irmão e morava a poucos passos do restaurante. Na maioria das vezes sequer trocavam cumprimentos educados, mal se olhavam. Era como se tivessem criado um pacto de silêncio, sem que ela nem soubesse o motivo.

Mas o problema... o *real* problema era que ele a intrigava.

Ah, por favor, quem ela estava tentando enganar? Era mais do que isso... ele a *desafiava*. Talvez não tivesse a menor intenção, mas, conforme Sebastian Hannigan a repelia e a ignorava, mais ela tinha vontade de conhecê-lo, de saber mais sobre ele e o motivo pelo qual a tratava com tanta indiferença.

Para sua sorte, porém, os dias que

## PERIGOSAS NACIONAIS

antecederam o evento de reinauguração do The Hannigan's foram muito cheios e desgastantes. Foram inúmeros telefonemas para contatar fornecedores, várias reuniões, muitos cálculos e planejamentos. No final das contas, até mesmo Faith entrou na brincadeira, no fornecimento de flores para a decoração do ambiente. Com a habilidade especial da prima, Tatianna sabia que havia mais uma chance de tudo dar certo.

Quando a noite especial chegou, Tatianna sentia que o coração ia escapar pela boca de tanto nervosismo. Tinha plena consciência de que fizera o seu melhor e que tudo estava completamente planejado, mas, ainda assim, a apreensão era inevitável.

A presença de Faith, sem dúvida, lhe trazia um pouco de conforto. Seu profissionalismo, sua calma e a forma organizada como começara a trabalhar eram exemplos que

## PERIGOSAS ACHERON

Tatianna planejava seguir. Além de tudo isso, sua prima conseguira um resultado além do esperado. O salão do The Hannigan's ganhara nova vida com as belas flores que ela escolhera, transmitindo uma atmosfera de elegância e sofisticação, mas também um quê de romantismo, o que era um toque bastante pessoal da florista.

Sem nem dizer nada, ao ver o resultado final, Tatianna abraçou a prima. Havia um pouco de desespero naquele abraço, que Faith não deixou passar despercebido.

— Fique calma, querida. Você se saiu muito bem até aqui; agora é a parte fácil: cozinhar, que é o que faz de melhor.

— Mas e se não gostarem dos pratos que escolhi? E se eu acabar piorando a situação do restaurante? Taylor vai ficar tão decepcionado...

— Taylor apostou em você sabendo dos  
PERIGOSAS ACHERON

riscos que poderia correr. Ele sabe que tudo isso pode dar muito certo, mas também pode dar muito errado. Mas eu tenho um palpite... acho que você vai surpreender a si mesma com o resultado — Faith sorriu, acariciando o rosto da prima.

— E as flores que usou? O que elas significam?

— Bem... espalhei alguns Jasmins, pois eles trazem sorte. Além disso, eles exalam um aroma especial à noite, o que acho que vai contribuir para o clima romântico e elegante do jantar — ela fez uma pausa e apontou para outro belo tipo de flor que usara na decoração. — Usei Lírios também, pois eles proporcionam fartura. Tomei o cuidado de escolher alguns na cor amarela, pois ela transmite satisfação. E, por fim, coloquei algumas Frésias na cozinha, para que você tenha calma e proteção.

Com todo aquele carinho e cuidado,

Tatianna sabia que não deveria temer, estava mais do que protegida, quase armada contra qualquer problema ou falta de sorte.

Para provar o quanto estava satisfeita, abraçou Faith novamente, agradecendo-a em um sussurro muito cúmplice.

— Você vai vir com Rowan, não vai? E Cailey e Jayce também...

— Eu e Rowan estaremos aqui, mas Cailey está um pouco indisposta. O que é normal nessa fase da gravidez — explicou. — Agora vá trabalhar. Eu vou me trocar na sua nova casa e mais tarde volto. Vai ser um sucesso...

As duas trocaram beijos de cumprimentos, e Faith foi embora. Mas Tatianna não pôde deixar de sorrir ao perceber que, apesar de não ter mais a prima consigo, transmitindo-lhe força e confiança, ela tinha deixado um pouco de si em cada uma

## PERIGOSAS ACHERON



daquelas flores. Então soube que ficaria bem.

\*\*\*

Eram oito horas quando as pessoas começaram a chegar. Na porta, a recepcioná-las, estava uma belíssima *hostess*, trajando um *tailleur* preto, sorrindo e conduzindo os convidados às suas respectivas mesas. Com rapidez, um garçom surgia e oferecia a carta de vinhos, tudo por conta da casa naquela noite especial.

Um jazz em um volume agradável servia como música ambiente, permitindo que os casais e famílias pudessem conversar sem serem atrapalhados. Além disso, uma luz baixa iluminava o ambiente e havia uma pequena vela em cada mesa, acesa, além das flores escolhidas por Faith.

Apesar de tudo parecer perfeito e estar

## PERIGOSAS NACIONAIS

correndo melhor do que o esperado, Tatianna observava os rostos das pessoas e percebia que todas pareciam muito descrentes. Eram antigos clientes do The Hannigan's, na época em que sua mãe trabalhava ali. De acordo com Taylor, eram os mais assíduos, mas que pararam de frequentá-lo quando Madeline morreu e fora substituída por uma mulher com metade de seu talento, simpatia e paciência.

Aquilo não era um bom sinal. Precisava que as pessoas estivessem receptivas e prontas para serem agradadas. Se houvesse resistência, nada daria certo.

— Você fez um excelente trabalho. Está tudo muito bonito.

Enquanto espiava pela porta da cozinha, por uma frestinha mínima, uma voz chegou aos seus ouvidos. Uma voz fria e quase sem sentimento.

## PERIGOSAS ACHERON

Nem precisava se virar para ver quem era, mas a sua boa educação pedia que lidasse com ele da melhor forma possível, afinal, era o dono daquele lugar. Por isso, virou-se em sua direção e quase perdeu o fôlego quando o viu.

Sebastian estava todo vestido de preto. Uma calça preta perfeitamente moldada em suas pernas, uma blusa social da mesma cor e um blazer, também com caimento perfeito, tornavam-no perigosamente sedutor. Tatianna podia jurar que ele tinha acabado de sair de uma das páginas de um anúncio de revista de uma marca cara de perfume.

Mas, por mais bonito que pudesse ser, Tatianna tentou disfarçar ao máximo sua admiração. Ele não merecia ser olhado duas vezes, pois seu interior não era belo como sua aparência.

— Obrigada — ela respondeu com toda dignidade que encontrou.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Boa sorte... — e lá se foi ele de novo, como se fugisse. Em seus olhos, no momento em que ela se virou para encará-lo, podia jurar ter visto uma espécie de dúvida, como se estivesse em conflito consigo mesmo. Como se algo em sua alma gritasse que não deveria falar com ela, comportar-se amigavelmente ou sequer fitá-la. Porém, ao mesmo tempo, ele parecia lutar bravamente contra isso. Era como se essa outra parte desejasse ficar por perto, elogiá-la e conhecê-la melhor. Realmente ela não conseguia compreendê-lo.

Achou melhor, portanto, esquecer o que tinha acabado de acontecer e focar suas energias no trabalho. Precisava provar para todos e para si mesma que era capaz de reerguer aquele lugar. Precisava fazer aquilo, principalmente, por sua mãe.

## PERIGOSAS ACHERON

Dirigiu-se à cozinha no momento em que Taylor surgiu. Ele fazia seu papel de anfitrião, cumprimentando a todos como se fossem velhos amigos. Sabia que os convidados estariam em boas mãos, se dependesse da simpatia e gentileza daquele homem.

Colocou o avental por cima de seu vestido preto tubinho de gola alta, prendeu uma touca na cabeça, por sobre o coque elegante, e iniciou seu ritual de sempre. Tinham contratado vários ajudantes, mas Tatianna fazia questão de preparar tudo que fosse principal. Até porque ela sabia que a mágica que fazia, ninguém era capaz de imitar.

O prato de entrada consistia em pequenas postas de Salmão temperadas com limão siciliano. Tratava-se de uma iguaria leve, que seria acompanhada por uma salada verde. E, claro, para dar seu toque especial, acrescentou alguns ramos de

## PERIGOSAS NACIONAIS

alecrim, que proporcionava alegria e prazer — conforme ela tinha consultado no livro de sua mãe —, que era exatamente o que aquelas pessoas estavam precisando... Necessitavam relaxar e apreciar aquela noite. Usando seu dom, fechou os olhos e fez um desejo, enquanto salpicava o peixe com a erva: pediu que aquela noite se tornasse inesquecível na mente de cada um dos convidados que estavam lá fora. Queria que o sabor de contentamento não se restringisse apenas a seus paladares, mas que conseguisse chegar até suas almas; queria que sua comida fosse degustada com deleite, com luxúria.

Menos de meia-hora depois, o prato de entrada estava sendo servido. Como já tinha que iniciar a preparação do próximo, não pôde espiar o salão para verificar se as expressões dos convidados tinham mudado. Só podia rezar e

## PERIGOSAS ACHERON

acreditar.

Para o prato principal, escolhera um delicioso frango ao molho de mostarda e vinho branco, com batatas assadas, não esquecendo de acrescentar folhas de louro, que proporcionariam força e proteção.

Por fim, precisava preparar sobremesa. Conforme pesquisara no livro, era o momento de preparar algo com canela, afinal, esta era usada para se obter sucesso nos negócios. Então, preparou deliciosos Strudels de banana com canela e sorvete de creme. Uma receita perfeita para adoçar os corações de todos os presentes.

Estava curiosa, quase desesperada, para saber o que estava acontecendo no salão. Mas, para sua sorte, Taylor não demorou a aparecer, mostrando-se mais animado do que nunca.

— Tatianna, você é um sucesso! Estão  
PERIGOSAS ACHERON

todos maravilhados com o seu bom gosto, com os temperos, com a sobremesa... Está dando certo! Muito mais certo do que eu imaginei! — Taylor a abraçou de súbito, sem lhe dar tempo sequer para se preparar. — Eu vim buscá-la, porque todos querem te conhecer...

— O quê? — indagou assustada, conforme Taylor agarrava sua mão e a puxava na direção do salão. — Não, Taylor! Eu não...

— Ah, não seja tímida! Você merece ser reconhecida e receber elogios. Vamos! Todos vão adorá-la — ele insistiu tanto que Tatianna não viu outra alternativa. Dando-se por vencida, retirou o avental e a touca, desamassou o vestido e ajeitou o cabelo, tentando parecer mais apresentável. — Não precisa se preocupar. Você está linda.

O comentário foi inesperado, mas agradável, e a fez sorrir instintivamente,



esquecendo-se por um minuto que estava prestes a encarar várias pessoas que não conhecia e que iriam julgá-la por seu trabalho.

Contudo, para sua surpresa, foi um momento muito especial. Era a primeira vez que tantas pessoas provavam de sua comida e que a elogiavam por seu próprio talento. Tentou conter a emoção e se mostrar o mais profissional possível, sorrindo e agradecendo pelos comentários, indo de mesa em mesa, não esquecendo de falar com Faith e Rowan, que também estavam ali para prestigiá-la.

Com o coração inundado em alegria, ela estava prestes a retornar para a cozinha, quando foi impedida por uma mão que segurava seu braço.

Estava pronta para dar de cara com Sebastian ao se virar para olhar para a pessoa, mas surpreendeu-se ao ver que se tratava de um homem de cabelos grisalhos, muito atraente. Mas, apesar

## PERIGOSAS NACIONAIS

disso, algo em sua expressão facial lhe dizia que não deveria confiar nele.

— Você... — foi tudo que ele falou, com os olhos apertados, como se a estudassem de forma profunda.

— Desculpe, senhor... deseja alguma coisa? — tentou ser educada, apesar de estar um pouco assustada com o comportamento dele.

— Como pode? Você deveria estar... Mas não é possível...

— O que não é possível? — Tatianna tentava se soltar das mãos do homem desconhecido, mas ele a segurava com força. Na verdade, ele usava força até demais, como se sentisse raiva. O problema era que não conseguia sequer imaginar o motivo.

— Você cozinha igual a ela...

## PERIGOSAS ACHERON

Foi então que Tatianna compreendeu tudo. Aquele homem estava tão perturbado porque reconhecia sua semelhança com Madeline Moore. Bem, não que fossem assim tão parecidas, mas alguns traços eram bem similares. E havia a forma de cozinhar. Já tinham se passado anos desde que provara qualquer prato preparado por sua mãe, mas, naquele momento, não teve mais dúvidas de que havia similaridades naquilo também.

— Está se referindo a Madeline Moore? O que sabe sobre ela? — sabia que não deveria demonstrar tanto interesse, mas foi inevitável. Poderia, em poucos minutos, descobrir o que vinha lhe atormentando há anos.

Mas o destino sempre encontrava um meio de interrompê-la quando a brincadeira ficava mais e mais divertida.

— Tire as mãos dela!

## PERIGOSAS NACIONAIS

Era Sebastian. Sua voz soou protetora e ao mesmo tempo muito severa. Com certeza ele conhecia o homem que a segurava e, a julgar por sua reação em relação a ele, não eram exatamente amigos.

Imediatamente o homem soltou seu braço e pareceu tentar se recompor de seu rompante inexplicável.

— Não sei o que está fazendo aqui. Tenho certeza de que não foi convidado — Sebastian continuou.

— Já estava de saída — e, sem tirar os olhos de Tatianna, nem por um segundo, acrescentou: — Ainda vamos ter tempo para conversar. Há muitas coisas que precisam ser ditas.

E com isso ele foi embora, sem dizer mais nada, apenas deixando sua promessa cheia de entrelinhas.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem? — em uma atitude desesperada, Sebastian agarrou os dois braços de Tatianna e quase a sacudiu.

— Estou. Mas quem era aquele homem?

Assim que ouviu a pergunta, Sebastian pareceu voltar ao seu estado normal e a soltou, como se tocá-la fosse mais doloroso que um sacrifício para ele.

— Ninguém...

— Como ninguém? Eu vi a forma como você falou com ele; não me trate como uma estúpida! — alterou o tom de voz. Estava nervosa demais para manter-se serena e educada.

Surpreendeu-se, portanto, quando ele apontou um dedo em sua direção e aproximou-se de seu rosto, deixando uma diferença de apenas alguns centímetros a separá-los.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ele se chama Stuart Frost. E é melhor que fique longe dele; para o seu próprio bem.

Em seguida, assim como o outro fizera, Sebastian deu-lhe as costas e saiu, deixando-a sozinha com suas indagações.

Era como estar em uma ponte levadiça, estreita e frágil, onde qualquer passo que desse poderia levá-la para frente ou simplesmente fazê-la cair, em um abismo profundo e fatal. E esse abismo possuía um nome: *verdade*. Cada vez que descobria mais um detalhe daquela história, insistia em perguntar a si mesma se estava fazendo a coisa certa. Será que não seria melhor simplesmente deixar tudo para trás e voltar a viver sua vida normal? Contudo, toda vez que pensava nisso, a carta de Lolla surgia completa em sua mente, sussurrando palavras diretamente à sua alma. Sabia que seria uma covarde e uma tola caso desistisse

## PERIGOSAS NACIONAIS

quando já tinha chegado tão longe. Até mesmo Jayce estava envolvido na história.

Ao pensar em Jayce, lembrou-se exatamente das coisas que ele tinha lhe dito dois dias atrás. Estivera tão absorvida nos últimos planejamentos do evento que as informações meio que se perderam em seu inconsciente, por isso quase deixou passar um detalhe muito importante: Stuart Frost, o nome mencionado há poucos minutos por Sebastian, pertencia ao principal suspeito da morte de sua mãe.

Aquilo a deixou um pouco desconcertada. Estivera tão perto dele, ele a tocara... encostara em sua pele com as mesmas mãos imundas que usara para matar alguém tão importante para ela. Lembrar disso fez com que corresse desesperada em direção à cozinha, como se pudesse fugir daquele pensamento.

## PERIGOSAS ACHERON

Nervosa, apoiada em uma bancada, como se seu corpo simplesmente não conseguisse se sustentar sozinho, sentiu quando suas narinas começaram a ser invadidas por um odor conhecido. Um aroma forte, não muito agradável, que ela conhecia muito bem. Aroma de alho. Não era muito experiente com seu dom, mas, pelo que já tinha aprendido com os pequenos sinais que começava lentamente a receber, o cheiro que sentia não tinha nada a ver com qualquer receita que estivesse sendo preparada. Era um aviso, um sinal. E não precisava sequer consultar o livro de sua mãe para saber que aquilo tinha a ver com perigo, proteção.

Exatamente o que temia...

— Senhorita... senhorita... — uma voz chamou ao seu lado, interrompendo seus pensamentos. Sem dizer nada, ainda um pouco atordoada pelo que tinha acabado de acontecer,



virou-se na direção da pessoa para ouvir o que tinha a dizer. — Podemos finalizar? — tratava-se de um dos rapazes contratados temporariamente para ajudar na cozinha durante o evento; porém, Tatianna gostara tanto do trabalho dele que estava pensando em conversar com Taylor. Caso tudo desse certo, seria bom tê-lo por perto.

Com sua pergunta ele se referia ao fato de o jantar já ter finalizado. O garoto queria saber se poderiam começar a arrumar a cozinha e terminar o expediente.

— Sim. Podem encerrar. E obrigada, vocês fizeram um ótimo trabalho! — disse, sem emoção nenhuma, mas percebeu que seu elogio foi suficiente para o rapaz, que acrescentou:

— Nunca trabalhei com uma cozinheira como a senhorita. É a melhor, sem dúvida.

Contente com o comentário, Tatianna  
PERIGOSAS ACHERON

pousou a mão carinhosamente sobre o braço do rapaz, com um sorriso um pouco mais animado no rosto, e saiu dali, antes que demonstrasse todo seu nervosismo diante de uma pessoa que mal conhecia.

Não sabia sequer para onde poderia ir, mas acabou parando no banheiro feminino individual; o único lugar onde conseguiria ficar sozinha.

No entanto, não pôde tirar muito proveito da solidão, pois uma leve batida na porta foi ouvida alguns minutos depois — talvez meia-hora.

— Está ocupado! — avisou.

— Tatty, sou eu, Faith. Procurei você por toda parte... está tudo bem?

Era tudo que ela precisava! Um colo e conselhos de uma pessoa em quem confiava no meio daquele mar de estranhos. Portanto, com

pressa, quase desespero, levantou-se do chão onde estava sentada e abriu a porta, puxando Faith para dentro.

— Não, Faith, não está tudo bem... — virou-se de costas para a prima, passando a encarar o espelho, enquanto Faith ficava às suas costas, sendo refletida também.

— O que aconteceu? Você está pálida, parece nervosa. E o que faz aqui sozinha neste banheiro?

— Ele esteve aqui...

— Quem? — indagou sem entender. Como a prima demorou para responder, Faith segurou seus braços e a virou para si. — De quem está falando, Tatianna?

— O assassino da minha mãe.

Aquela simples frase pareceu convencer

Faith de que o assunto era realmente sério. A DeWitt mais velha arregalou os olhos em surpresa e mal conseguiu proferir qualquer palavra por uns bons minutos.

— Como você sabe que era ele? — finalmente conseguiu falar, mas sua voz saiu fraca como um sussurro.

No mesmo dia em que contara para Jayce tudo que tinha descoberto, tivera a oportunidade de conversar também com Faith, em sua visita à casa dela para buscar com Rowan a chave da casa que usaria em Moreau. Ainda não contara muitos detalhes para Cailey, pois preferira privá-la de algumas emoções desagradáveis.

— Jayce descobriu seu nome — ela fez uma pausa e corrigiu-se: — Na verdade não há provas de que ele realmente seja o culpado, mas é o principal suspeito. Mesmo que não seja o assassino,

ele fez muito mal à minha mãe. E. ele me olhou de uma forma estranha, como se me confundisse com ela.

— Realmente, há semelhanças entre vocês...

— Isso não vem ao caso agora, Faith! O que eu estou tentando explicar é que estive perto dele por vários minutos e não fiz nada, porque não sabia quem era. Foi Sebastian quem me disse.

— E o que você poderia ter feito? Não acho que se atirar sobre ele cheia de acusações fosse uma boa ideia. Primeiro porque, se ele for mesmo o culpado, é um homem perigoso, e em segundo lugar, porque você está tentando manter uma farsa aqui. Quer descobrir coisas sobre a sua mãe, mas, para isso, não pode revelar quem é. Pelo menos por enquanto.

— Eu sei. Aliás, isso é horrível! Estou enganando várias pessoas que estão sendo muito PERIGOSAS ACHERON

boas para mim.

Faith não respondeu nada por um tempo, apenas colocou sua mão no rosto da prima, com uma expressão serena, como se quisesse lhe transmitir um pouco de paz.

— Você é uma pessoa maravilhosa, Tatty. Mas é humana. Muitas vezes precisamos colocar a nós mesmos acima dos outros e acabamos errando em alguns momentos, mas acertamos em outros. É o ciclo da vida. O caminho nem sempre é fácil, mas, normalmente, as consequências fazem todo ele valer a pena.

Tatianna ouviu tudo com atenção e não pôde conter um sorriso.

— Mas que merda, Faith... por que você tem sempre que dizer a coisa certa?

— Eu aprendi com a melhor... — Faith

encostou a testa na de Tatianna, de olhos fechados, ambas compartilhando um momento e uma certeza: as duas sabiam a quem ela se referia; a Lolla. Não havia melhor conselheira no mundo inteiro. E Faith não ficava atrás.

E nenhuma das duas duvidava que ela deveria estar ali presente naquele instante, ao lado delas. De alguma forma.

\*\*\*

Foi quase às nove da noite que Jayce recebeu a ligação que vinha esperando o dia inteiro.

Estava em casa, assistindo a um jogo de futebol na televisão, enquanto Cailey escrevia algo no laptop, ao seu lado. Contudo, quando atendeu ao telefone, toda sua atenção se voltou para a voz do outro lado da linha. Era um dos policiais da

## PERIGOSAS NACIONAIS

delegacia informando que John Briggs, ex-funcionário do The Hannigan's, com quem eles tinham entrado em contato um pouco mais cedo — e se mostrara relutante em ceder um tempo para algumas perguntas —, estava lá, pronto para falar. Era uma oportunidade de ouro.

Ao desligar, deu um pulo do sofá e virou-se para a esposa:

— Amor, recebi um chamado da delegacia. Você fica bem sozinha?

— Fico, mas é alguma coisa grave?

— Não. É uma testemunha... mas é importante — Jayce preferiu não mencionar que tinha a ver com Tatianna. Cailey ficava muito agitada quando o assunto era sua prima. — Preciso mesmo ir, mas prometo não demorar, ok? Qualquer coisa, me ligue. Qualquer coisa *mesmo*.

## PERIGOSAS ACHERON



Com um olhar sedutor, ela se levantou, pousando o laptop na mesinha ao lado da poltrona e colocando os braços ao redor da cintura dele.

— Quer dizer então que eu posso te ligar se estiver desesperada de tesão? E você vai vir correndo?

— Principalmente por isso — ele baixou a cabeça e a beijou nos lábios.

— Então volte logo, detetive. Já estou ansiosa.

Apesar de estar quase no final da gravidez, Cailey não perdera a boa forma. A barriga estava proporcional à sua altura e corpo, o que apenas deixava uma saliência na região. O estado especial apenas fizera com que seus olhos se tornassem mais brilhantes, a pele mais sedosa e o rosto mais jovem e feliz; e, como consequência, seu marido parecia sentir-se ainda mais atraído por ela. O que

PERIGOSAS ACHERON

parecia deixá-la insaciável.

Infelizmente teve que se afastar com apenas um beijo cálido e muito mais breve do que ambos gostariam. O trabalho o chamava.

Demorou menos de quinze minutos para chegar e logo encontrou Steve ali. Sabia que o amigo não perderia um bom interrogatório por nada no mundo. Aliás, já estava do lado de fora da sala de interrogatórios, observando pelo vidro, ansioso para entrar e falar com o homem.

Quando Jayce chegou, deu um tapinha no ombro do amigo, cumprimentando-o, e ambos entraram na sala.

— Por que me mantiveram aqui nesta sala? Vocês disseram que era só um interrogatório, que eu era uma simples testemunha... — o cara estava nervoso; o que poderia não ser algo a seu favor. Porém, com anos de experiência, tanto Jayce

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

quanto Steve já sabiam distinguir uma pessoa inocente desesperada de um culpado com medo.

— Fica frio, amigo, é só uma medida de protocolo. Os interrogatórios têm que ser feitos nesta sala para manter a confidencialidade das suas respostas. É para sua própria segurança — Steve respondeu, enquanto Jayce permanecia calado, o que era bem típico, lendo alguns papéis relacionados ao que já tinham descoberto a respeito da testemunha.

— Olha, John, vamos acabar logo com isso, ok? — Jayce mostrou que iria ligar um gravador, e o homem assentiu com a cabeça. — Qual sua ligação com os Hannigan?

— Eu fui assistente de cozinha do The Hannigan`s, restaurante deles.

— Você conheceu Madeline Moore?

## PERIGOSAS ACHERON

O rosto do homem se modificou, adquirindo uma expressão quase sublime. Era fácil ver que ele adorava a mulher mencionada. Tanto que chegou até a sorrir.

— Claro. Ela era incrível. A melhor gourmet com quem já tive o prazer de trabalhar.

— E qual era a relação dela com Bernard Hannigan? — Steve perguntou.

— Eles foram casados.

Jayce e Steve se entreolharam surpresos.

— E sobre Stuart Frost? O que pode nos dizer?

Mediante a pergunta de Jayce, John começou a se mostrar inquieto e um pouco nervoso. Remexeu-se várias vezes na cadeira, incomodado com alguma coisa.

— Eu tenho mesmo que falar sobre esse

PERIGOSAS ACHERON

assunto? Já faz tanto tempo...

— Faz muito tempo, mas não muda o fato de que o assassinato de Madeline Moore nunca foi desvendado — Jayce acrescentou.

— E por que vocês estão desenterrando isso depois de anos?

— Amigo, não leva a mal, mas quem faz as perguntas somos nós. Seu papel aqui é só colaborar para ser mandado para casa rapidinho.

Isso bastou para convencê-lo, até porque a forma como Steve falou fez parecer que aquilo era uma ameaça bem sutil.

— Frost foi sócio de Bernard por pelo menos dez anos. Até o dia em que surtou e começou a persegui-la que nem um louco. Todos nós sabíamos que ele tinha uma paixão platônica por ela, mas nunca pensamos que chegaria tão

longe.

— E o que aconteceu depois?

— Frost foi expulso da vida dos Hannigan, mas nunca mais os deixou em paz.

— Quanto tempo depois Madeline morreu?

— Pouco mais de quatro meses.

Uma mera coincidência? Nenhum dos policiais acreditava nelas.

— Você sabe como ela foi assassinada? — a pergunta veio de Steve daquela vez.

— No quarto onde dormia com Bernard, com um tiro no peito. Foi uma perda terrível.

— E esse romance de Bernard e Madeline? Como era? O que você podia perceber no relacionamento deles?

— Eram muito felizes. Bernard perdeu a

segunda esposa, mãe de Sebastian, para um câncer. No final da vida ela já estava definhando, mas ele e Madeline sempre a respeitaram e só ficaram juntos depois que ela faleceu.

— Ah, então ele foi casado mais duas vezes antes de Madeline?

— Sim. A primeira esposa faleceu em um acidente. Era uma mulher educada e muito simpática. Mas ele sempre disse que Madeline era sua verdadeira alma gêmea, tanto que não viveu muito depois de sua morte.

Era uma linda história de amor, mas havia lacunas ali. No entanto, sabiam que não seriam preenchidas assim tão fácil, muito menos por uma pessoa de fora.

Então, Jayce tentou sua última cartada. De dentro de sua pasta, retirou uma cópia da foto que Tatianna encontrara no The Hannigan's e mostrou-a

## PERIGOSAS ACHERON

# PERIGOSAS NACIONAIS

a John

— Quem são essas pessoas?

— Estes são Bernard e Madeline —  
apontou para o casal à esquerda do retrato. — Este  
sou eu, ao meu lado está Antonia Welsh e Stuart  
Frost.

E finalmente Stuart Frost ganhava um rosto  
para eles. Era necessário mais que isso para que  
pudessem se aprofundar em sua vida e descobrir  
mais sobre ele, mas era um começo. E um começo  
sempre poderia levar a algum lugar.

PERIGOSAS ACHERON



## VII

### Morangos Silvestres

*"Sensualidade, paixão, tentação. Lendas acreditam que duas pessoas que dividem um morango estão destinadas a se apaixonar."*

Era uma daquelas malditas noites de primavera onde o frio estava pronto para congelar alguns ossos e castigar todos os seres vivos que ousassem sair de casa. E era exatamente uma das noites em que Tatianna tinha decidido voltar para Nova Iorque. Sabia que estava tarde, que poderia não ser uma boa ideia, mas estava louca para retornar para sua *verdadeira* casa. Queria deitar na cama que quase já guardava o contorno de seu corpo, poder se sentar na sua varanda e olhar as estrelas... queria aquelas lembranças que somente

um lar possuía.

Naquele momento, contudo, sentia-se uma estúpida, pois poderia ter pegado uma carona com Rowan, mas deixara que eles fossem embora para ter a derradeira ideia. Seu carro ainda estava no conserto, e a previsão para ficar pronto era dali a dois dias. Estava contando os minutos.

Apesar disso, a vontade de voltar era tanta que sentia-se disposta a pegar um táxi. Depois, na segunda-feira, bem cedo, poderia pegar um ônibus na estação rodoviária e voltar para Moreau.

O problema era que estava do lado de fora do restaurante, na calçada, tremendo de frio há quase uma hora, e, claro, não tinha visto um táxi sequer passar.

Só podia ser uma maldição.

Contudo, ela mal sabia que estava sendo

observada.

Olhos cheios de repreensão, que a observavam desde que iniciara aquela espera completamente sem fundamento. O que ela esperava, afinal? Que às duas horas da manhã um cavalo branco surgiria de Nárnia para levá-la em casa? Ou que uma das abóboras que ela deveria usar em suas receitas iria milagrosamente se transformar em uma carruagem e lhe dar uma carona? Por Deus! O que será que havia em sua casa que ela não poderia esperar para ver novamente? Talvez um namorado...

Sebastian preferiu repelir aquele pensamento antes que começasse a sentir o peito queimando de raiva e o gosto amargo do ciúme na boca.

*Ciúme?* Mas que coisa ridícula! Ele sequer conhecia aquela mulher, como poderia ter qualquer

sentimento de posse sobre ela?

Mas, pensando bem, não era nada absurdo. A verdade era que Tatianna estava destinada a ser sua, a escrever uma história ao seu lado, mas fora ele quem decidira protegê-la e reescrever seus caminhos, apagando o que as mãos de Deus tinham criado. No entanto, por mais que tivesse feito aquela difícil escolha, não podia negar que não era uma decisão fácil, menos fácil ainda era colocá-la em prática.

E, enquanto pensava, tentando imaginar o que a fazia ter tanta urgência em voltar para casa, agiu de forma que o faria se arrepender amargamente.

Tudo que Tatianna sentiu, minutos depois, foi um calor percorrer seus braços, conforme um tecido grosso era colocado por cima de seus braços, cobrindo todas as partes que lhe provocavam frio. Para completar a surpresa, ao

virar-se para trás, percebeu que fora Sebastian o autor daquele gesto tão gentil e inesperado.

O homem que era um mar de contradições.

— Obrigada — agradeceu, sentindo-se uma verdadeira idiota. Não conseguia explicar por que ficava tão encabulada e desajeitada perto dele.

— Vai acabar ficando doente se continuar aqui no sereno, desagasalhada.

— Estou esperando um táxi...

— E ainda não entendeu que não vai passar nenhum? Já está aqui há quanto tempo? Uma hora?  
— falou com a rispidez de sempre.

— Estava me espionando?

Pronto. Ponto para ela. O que iria dizer? A verdade? Isso seria praticamente uma confissão; uma prova de que se preocupava e de que não conseguia tirar os olhos dela sempre que a via.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Aproveitava aqueles momentos como se fossem muito especiais, pois era raro poder olhá-la e não parecer um obcecado insano.

— Não. Não estava. Mas apareci na janela algumas vezes e... — interrompeu-se. — Ah, eu não tenho que ficar me explicando para você. Vim ajudá-la, apenas isso. Se pretende continuar aí, boa sorte e boa noite.

— Boa noite — ela simplesmente respondeu, e ele lhe deu as costas, voltando a caminhar em direção à sua casa. Porém, não deu nem cinco passos e desistiu, sabendo que não conseguiria se sentir tranquilo enquanto ela ficasse ali, esperando, sem conseguir nenhum transporte para casa.

— Vamos, Tatianna... vou te dar uma carona — voltou-se para ela com uma expressão impaciente. Como sempre.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem pensar. Vou para Nova Iorque.

— Ficou louca? Vai encarar uma viagem de mais de três horas? Você não tem nenhum lugar por aqui para ficar?

— Tenho. Estou alugando uma casa a dez minutos daqui. Mas quero ficar com a minha família neste domingo.

— Ora, então pegue a estrada amanhã cedo — sugeriu. — Olha, eu não quero me meter na sua vida, nem tenho esse direito...

— Não tem mesmo! — Tatianna interrompeu-o, mostrando-se um pouco indignada, mas Sebastian decidiu ignorar e prosseguir com o que estava falando.

— Eu acho que você deve ficar aqui por perto mesmo. O dia foi cansativo, deve estar ansiosa por uma boa noite de sono.

## PERIGOSAS ACHERON

— Sim, eu estou, mas...

— Então vamos, Tatianna... não seja teimosa, vou levá-la para sua casa alugada — Sebastian afirmou, com uma expressão que demonstrava que não estava nem um pouco interessado em discutir.

Ela poderia argumentar, poderia usar de sua mais poderosa teimosia, mas a verdade era que também estava cansada. Também sentia-se um pouco perdida dentro de seus pensamentos, inundada por emoções conflitantes e por um desesperado desejo de ficar só, entre quatro paredes, para poder refletir sobre todos os acontecimentos daquele dia. Não importava onde.

— Tudo bem. Não vou discutir.

— Melhor assim...

Ao dizer isso, Sebastian sorriu. Era,



provavelmente, o primeiro sorriso que ele dirigia a ela desde que se tocaram, pela primeira vez no The Hannigan's. E foi exatamente neste momento que ela compreendeu que seu mundo inteiro tinha acabado de ruir, em um simples segundo. Aquele mero sorriso seria capaz de esmagar todos os seus sentimentos, de provocar um terremoto de proporções catastróficas em seu coração.

Apesar disso, aceitou a carona, permanecendo o caminho inteiro em silêncio. Ele também não falava nada; o único som dentro do carro era a música que tocava, uma antiga balada do Aerosmith, que Tatianna achava muito agradável.

Talvez muitas coisas precisassem ser ditas, muitas palavras estivessem presas em suas gargantas, lutando por liberdade, mas ninguém tinha coragem de dar o primeiro passo. O medo de

## PERIGOSAS NACIONAIS

se jogar de olhos fechados em um precipício os mantinha inertes.

Ao chegarem à bela casa que Rowan emprestara para Tatianna, Sebastian parou o carro e ambos saltaram.

— Não precisa me acompanhar até a porta — ela alertou, já começando a caminhar.

Mas ele sequer lhe deu ouvidos. Não apenas continuou a acompanhá-la, como também segurou seu braço com delicadeza, pouco antes de chegarem à porta, fazendo-a parar.

— Tatianna, eu falei sério quando disse que era melhor que ficasse longe de Stuart Frost. Ele é um homem perigoso — a preocupação em seus olhos era visível e muito súbita.

— E o que faz dele tão perigoso? — a pergunta foi feita de forma inquiridora, como se ela

## PERIGOSAS ACHERON

o desafiasse a responder.

— Não importa. Quero apenas que confie em mim.

— Confiar? — Tatianna riu com sarcasmo.  
— Como é que eu posso confiar em uma pessoa que nunca me deu motivos para isso?

— Você não entende...

— É claro que eu não entendo! Nunca fiz nada para que você sinta tanto desprezo por mim...

— Desprezo? Eu não...

— Não seja covarde, Sebastian! —  
explodiu. — Desde o primeiro dia em que nos conhecemos você tem me tratado como se eu fosse uma inimiga. Ou gosta de mim ou não gosta... não há meio termo comigo.

Havia paixão em sua voz. Mas não apenas isso... havia também uma mágoa muito mais antiga

PERIGOSAS ACHERON

do que o incômodo que aquele comportamento de Sebastian lhe causava. Tatianna era uma mulher em pedaços, uma alma cujos cacos estavam espalhados por um chão gelado e íngreme, e ela parecia acreditar que nunca mais seria capaz de encontrá-los e juntá-los. Bem dentro de si, ele queria ser o homem que iria salvá-la e lhe dar exatamente o que precisava. A verdade, porém, era que, no fundo, se tivesse coragem suficiente para deixar tudo para trás e se jogar de cabeça em um relacionamento com ela, seria ele a ser salvo.

Ainda observando-a, quase não respondendo por suas próprias ações, ele sentiu algo que definitivamente o impediu de fazer qualquer coisa impensada.

No mesmo instante, ele agarrou o braço dela novamente e a puxou para trás de si, quase

com violência, como se quisesse usar seu corpo como escudo para protegê-la de alguma coisa.

— O que está fazendo? — ela só teve tempo de proferir esta pergunta antes que ele cobrisse sua boca com a mão, fazendo-a ficar em silêncio.

— Alguém esteve na sua casa — alertou em um sussurro, fazendo com que Tatianna arregalasse os olhos assustada, enquanto ele ainda a mantinha em silêncio. — Espere aqui fora.

— Mas você vai entrar sozinho?

— Só me espere. E não entre na casa em hipótese alguma.

Assim que terminou de dizer isso, pegou a chave da mão de Tatianna, destrancou a porta e entrou.

A verdade era que a casa estava completamente revirada, tanto o primeiro andar

## PERIGOSAS NACIONAIS

quanto o segundo, que consistia apenas em um pequeno quarto com suíte. Este cômodo, principalmente, estava um caos. As gavetas estavam abertas, a cama encontrava-se desfeita e havia uns poucos livros, algumas roupas, sapatos e papéis espalhados pelo chão. A intimidade de Tatianna tinha sido completamente invadida, o que a deixaria em frangalhos, com certeza.

Tencionava esperar alguns breves segundos antes de ir chamá-la, pois queria vasculhar o local em busca de uma explicação para aquela baderna. Quando resolvesse chamá-la, queria ter alguma explicação plausível para dar. No entanto, não teve tempo, pois logo a viu ali, de pé, na soleira da porta, olhando para seu quarto com uma expressão devastada.

— Pedi que esperasse lá fora.

— A casa é minha...

## PERIGOSAS ACHERON

— E se ainda tivesse alguém aqui? Você agora estaria em perigo.

— Não acho que iria mudar muita coisa. Me parece que a minha situação não é das melhores, levando em consideração o estado deste lugar — ela entrou no quarto, desviando dos objetos no chão, e sentou-se na cama bagunçada. — O que aconteceu aqui?

— Está sentindo falta de algo? Levaram algum dos seus pertences?

— Não guardo nada de valor aqui.

— Então alguém pode ter entrado, revirado a casa e ido embora frustrado. Pode ter sido um assalto.

Sebastian jogou aquela mentira ao vento, esperando soar convincente, mas percebeu que falhou visivelmente, uma vez que Tatianna olhou

para ele com uma expressão desconfiada.

— Você acha mesmo que eu sou muito idiota, não é? — ela cruzou os braços mostrando toda a sua indignação. — Acha que eu não sei que isso aqui tem alguma coisa a ver com o que aconteceu no The Hannigan's hoje? Aquele homem... Frost... agiu de forma muito estranha comigo. Tem algo errado acontecendo, principalmente por causa da sua reação quando viu que ele estava perto de mim — Tatianna levantou-se. — O que está tentando esconder?

— Não estou escondendo nada. Está reagindo de forma paranoica — Sebastian recuperou seu comportamento frio de sempre.

— Saia já da minha casa! Você nem deveria estar aqui dentro — com essa frase, ela saiu do quarto e dirigiu-se ao primeiro andar, sendo seguida por ele. Lá embaixo, abriu a porta da rua,



## PERIGOSAS NACIONAIS

dando a entender que realmente queria que ele fosse embora.

— Não vou te deixar sozinha.

— Ué? Não quis tentar me convencer que foi apenas um assalto? Se foi mesmo isso, a pessoa não vai voltar em uma casa onde não há nada para ser roubado.

Ele tinha que se dar por vencido. Ela sabia argumentar e era boa em uma discussão. Se a situação não fosse tão perigosa, estaria sorrindo ao vê-la ainda mais alterada do que antes. Tatianna tinha um pavio curto, embora guardasse uma certa dignidade e elegância que a impediam de soar grosseira, mesmo quando estava gritando ou ansiosa por chutar uns traseiros.

E, pelo diabo, aquilo estava mexendo demais com ele.

## PERIGOSAS ACHERON

— Já pedi que vá embora... Não me faça chamar a polícia e alegar que foi você quem invadiu a casa! — foi uma fala estúpida e um pouco sem noção, apenas o primeiro pensamento que surgiu em sua mente.

Mas foi exatamente esse discurso que fez com que Sebastian não conseguisse mais resistir. Então, ele passou um braço ao redor de sua cintura e a puxou para si.

— Mas que merda está fazendo? Me solta! — ela se debateu, completamente desconcertada por causa do ato.

— Já que vai me denunciar por alguma coisa, que seja algo que valha a pena!

E foi então que todo o mundo pareceu se incendiar, como em uma perfeita simulação de Apocalipse, no exato momento em que os lábios de Sebastian devoraram os dela, em um beijo

## PERIGOSAS ACHERON

inesperado e completamente sensual.

Em um primeiro instante, Tatianna tentou resistir, usando de toda sua força para empurrá-lo, na intenção de se livrar daquele contato. Contudo, sua resistência tinha uma explicação: ela sabia que se ele continuasse a beijá-la daquela forma, se permitisse que rompesse a barreira que se empenhara tanto em criar entre eles, seria tarde demais.

Porém, sua luta foi em vão. Não demorou muito para que simplesmente se deixasse levar, relaxando em seus braços e permitindo que aquele beijo realmente acontecesse. Todas as suas defesas, portanto, pareceram se dar por vencidas quando a língua quente e experiente começou a dançar dentro de sua boca, seduzindo-a, possuindo seus lábios, provocando as emoções mais devastadoras e inebriantes que ela poderia sonhar em

experimental.

Inesperadamente, Sebastian ergueu-a do chão alguns centímetros, ainda com o braço em torno de sua cintura, e carregou-a desta forma até a escada, onde a deitou em alguns degraus e começou a despi-la, sem nem pedir qualquer permissão. O corpo de Tatianna gritava, suas reações eram mais que suficientes para que ele compreendesse que ela o queria também.

Ao mesmo tempo, conforme a despia, revelando a mulher maravilhosa que ela era, ele começava a sentir que sua racionalidade se esvaía, tornando-se tão distante quanto um sonho impossível. Sentia que tocá-la, explorar seu corpo de todas as formas, era mais que um desejo, era uma desesperadora necessidade. Não podia mais voltar atrás.

Ao vê-la ofegante, molhada de suor e

vestindo apenas suas roupas de baixo, ele a colocou encaixada em sua cintura e começou a subir as escadas, de dois em dois degraus. Chegando ao quarto, jogou-a na cama, ainda bagunçada, segurando suas mãos acima da cabeça, como se tivesse medo que fosse capaz de fugir. Seus beijos ininterruptos tornavam-se cada vez mais desesperados, como se ele desejasse prová-la inteira, como se Tatianna fosse uma das iguarias que ela mesma preparava com tanto esmero.

E o gosto que sentia ao beijá-la era doce... Tão doce que ele sabia que poderia ficar viciado, completamente perdido.

A forma como ele a tocava, como se precisasse sentir em suas mãos cada mero centímetro de sua pele, fazia com que ela se sentisse desejada, cada suspiro soava como um

## PERIGOSAS NACIONAIS

elogio, mesmo que ambos estivessem em silêncio. Porém, não precisavam dizer nada; não havia palavras que coubessem no momento, pois qualquer coisa que dissessem poderia soar errada.

Na verdade, ela sabia que tudo aquilo era errado e que haveria arrependimentos, mas, naquele instante, nada mais importava, apenas aquela estranha corrente elétrica que sentiam conforme se tocavam, como se fosse proibido. Era uma sensação sobrenatural... algo mais forte que vida, morte ou magia.

E Sebastian apenas os uniu em um só, mal sabendo que, lentamente, enquanto tomava posse de seu corpo, também começava a tomar posse de seu coração.

## PERIGOSAS ACHERON

## VIII

### Papaya com cassis

*"O mamão, dentre vários significados, representa a sensibilidade e a intuição masculina."*

A vista da janela poderia ser encantadora, se ao menos ele estivesse prestando atenção nela. Não saberia dizer se havia estrelas no céu, se a lua despontava no meio do firmamento ou se a noite parecia mais amaldiçoada do que de costume.

Dentro daquele quarto havia apenas um coisa que merecia ser admirada: a mulher adormecida a seu lado.

Como aquele relacionamento que parecera tão sublime e puro poderia ser capaz de lhes proporcionar sofrimento? Como algo tão belo, tão próximo da perfeição, poderia resultar em dor?

Não... Sebastian jamais compreenderia...

E, de mais a mais, já era tarde demais para voltar atrás. Sabia que não conseguiria ficar distante, não quando fazer amor com ela o fizera se sentir tão vivo, tão em paz consigo mesmo.

Tatianna era linda. Linda como ele sempre sonhou que a mulher que o deixaria fascinado seria. Lembrava da maneira desesperada com que se entregara, e isso fazia com que quisesse mais. Queria mais daquilo que apenas ela poderia lhe oferecer, não apenas a paixão que vinha de seu corpo... queria-a inteira.

Pensando nisso, sem nem se importar em acordá-la de seu sono tranquilo, Sebastian debruçou-se por cima dela, pronto para beijar-lhe o pescoço, quando percebeu uma pequena gota de sangue manchando o lençol branco.

Foi então que ele afastou o edredom roxo

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

que a cobria e viu que o belo corpo de Tatianna estava todo retalhado.

A doce mulher com quem fizera amor madrugada adentro era, agora, nada mais que um cadáver.

## PERIGOSAS ACHERON

## IX

### Uvas e vinho tinto

*"De acordo com a cultura cigana, uvas e amizade andam sempre juntas. Elas representam o amor e devoção fraternal, desprovido de paixão..."*

Um pesadelo...

Um maldito e aterrorizante pesadelo.

Seu corpo estava encharcado de suor, embora um vento fresco balançasse as cortinas, proporcionando um clima agradável ao cômodo. Além do calor que sentia, estava ofegante. E ficou ainda mais ao olhar para Tatianna e perceber que ela estava deitada na mesma posição de seu sonho, de bruços, com o mesmo edredom lilás a cobrir seu corpo.

Não... não podia ser verdade. Não podia conviver com a culpa de sua morte... Não poderia sustentar a lembrança daquela noite maravilhosa, sabendo que o preço a pagar por momentos de prazer fora a vida dela.

Temendo o pior, ele começou a descobri-la, com uma lentidão quase letárgica, revelando aos poucos o que lhe proporcionou um desesperado alívio: Tatianna estava viva, intacta... Não havia nenhuma marca de violência em seu corpo.

Apesar disso, sentiu-se inquieto.

O sonho preencheria sua mente de forma tão profunda que ele poderia jurar que cada momento e cada imagem tinham sido reais. Não apenas reais, mas também cruéis, como toda realidade costumava ser.

Cruel, como seria tê-la morta em seus braços, caso a profecia se concluísse.

Ele simplesmente não sabia o que fazer.

Havia uma certeza em seu coração: tinha que deixá-la, enterrar a noite maravilhosa em um canto obscuro de sua mente... E o pior: perdê-la para sempre.

E aquilo o feria mais profundamente do que ele poderia sequer imaginar.

Não era difícil compreender por que tinha adquirido um sentimento por ela tão rápido. Primeiro de tudo, é claro, tratava-se da intensa curiosidade que sempre sentira a respeito da mulher misteriosa que chegaria em sua vida, bagunçando sua mente, fazendo-o se apaixonar desesperadamente — palavras da mesma pessoa que previra a tragédia. Em segundo lugar, não era difícil encantar-se por Tatianna, ainda mais tendo-a tão perto, no restaurante, todos os dias. Por mais que tentasse evitar sua presença, era inevitável não

esbarrar em um corredor, não ouvir o som de sua voz ou sentir o aroma irresistível de sua comida; que era quase uma parte de sua alma. E, por fim, fazer amor com ela fora o que selara de vez a maldição. Sua paixão, sua doçura, a forma como dera tudo de si e como pedira tudo que ele poderia lhe dar fora especial. Jamais sentira tamanha conexão com outra mulher.

O que não era nenhuma surpresa... afinal, Tatianna era *ela*. Sua prometida.

Era quase uma dor física pensar que finalmente a tinha encontrado, que tinha sentido o gosto do que poderia viver com ela, mas que precisaria renunciar a isso. Uma amarga trapaça do destino.

Para machucar ainda mais seus sentimentos, Tatianna remexeu-se na cama, preguiçosa, e um sorriso satisfeito surgiu em seus lábios, ainda

## PERIGOSAS NACIONAIS

inchados depois de serem beijados incessantemente. Ela era a perfeita visão da sedução e feminilidade, seminua ao seu lado, saciada e esperançosa. Esperança essa que seria partida em mil pedaços assim que despertasse.

Não encontraria nenhum bilhete, nenhuma explicação... apenas uma cama vazia e uma mágoa.

Sabia que iria decepcioná-la profundamente, que faria com que o odiasse para sempre... O que também a manteria a salvo. Seria uma punhalada definitiva... que deixaria uma imensa cicatriz em ambos.

Com um último suspiro, aproximou-se dela e beijou aqueles lábios sorridentes. Queria levar consigo a lembrança de mais um último beijo.

O último... definitivamente.

## PERIGOSAS ACHERON

\*\*\*

Ela caminhava por uma ponte desconhecida. Ao seu redor, um vasto campo florido, com árvores a proporcionar uma sombra bem-vinda que protegia seu caminho dos fortes raios solares. Havia uma brisa agradável também, que se encarregava de manter a temperatura sempre amena, tudo combinando entre si para um momento de perfeição.

Só havia uma dúvida: ela não sabia para onde estava indo.

Mas sabia para *quem* estava caminhando. E por essa pessoa ela seria capaz de vagar por toda a eternidade, até sentir os pés sangrando, até cruzar o horizonte.

Caminhando na direção contrária, vindo ao seu encontro, estava sua mãe. A aparência era a

PERIGOSAS ACHERON

mesma que Tatianna se lembrava, como se o tempo não tivesse sequer passado. E talvez, naquele lugar mágico, naquela dimensão paralela onde tudo era possível, o relógio realmente não tivesse se movimentado.

Sempre esperara encontrar Lolla naqueles sonhos sobrenaturais, assim como acontecera tantas vezes com Faith e Cailey, por isso, não estava preparada para dar de cara com Jane DeWitt.

— Mãe? — ousou indagar, mesmo se sentindo um pouco insegura sobre o que estava acontecendo. Era um sonho, é claro, mas não sabia até que ponto poderia interagir com os elementos dele.

— Olá, filha... — um sorriso calmo complementou o cumprimento. Ela não mudara nada; ainda mostrava-se serena, de voz mansa e bela como uma fada.



— Por que estamos aqui? — havia muitas coisas a serem questionadas, mas Tatianna preferiu começar pelo início.

— Porque eu precisava te dar um recado.

— Um recado? Depois de dezenove anos? — por mais que tivesse jurado para si mesma que não iria se mostrar ressentida se algum dia tivesse a chance de reencontrá-la, foi inevitável.

— Sim.

— E o que poderia ser?

— Quero que você saiba que tudo tem explicação, mesmo o ato mais absurdo. Que ninguém nunca faz nada por acaso; e que as razões dessa pessoa podem ser muito mais profundas e sérias do que você pode imaginar.

— O que é isso? Está se justificando pelo que fez? Por ter me abandonado sem nenhuma

## PERIGOSAS NACIONAIS

explicação? — Tatianna se mostrou um pouco alterada.

— Não. Isso não tem nada a ver comigo. Estou te dando um conselho para algo que ainda vai acontecer.

— O quê? Do que está falando?

— E tem mais uma coisa: nem todos os desejos podem ser realizados.

Depois desta frase ainda mais confusa que as outras, tudo que Tatianna pôde contemplar foi a imagem de sua mãe desvanecendo lentamente, demonstrando uma expressão dolorida no rosto, como se temesse por algo que iria acontecer com sua filha.

Foi então que Tatianna acordou.

Estava tão confusa e tocada pelo sonho que demorou a perceber que estava sozinha.

## PERIGOSAS ACHERON

Teria sido um sonho também? Será que Sebastian não estivera ali com ela? Se isso era verdade, por que ainda sentia o corpo cansado e quente depois do êxtase que vivera. Ainda sentia o cheiro dele impregnado nos lençóis, por isso podia quase jurar que fora tudo realidade.

E teve certeza disso quando levantou-se da cama, cobrindo o corpo precariamente com o lençol, e viu que o quarto estava um caos.

Com isso, as lembranças começaram a retornar à sua mente, tanto da invasão de sua casa quanto dos momentos de amor com Sebastian.

Já não tinha mais dúvidas que dormira acompanhada. Mas, então, por que estava acordando sozinha?

Ainda com o lençol enrolado em seu corpo, começou a caminhar pela casa, na esperança de ele estar em algum canto, preparando um café ou

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

simplesmente esperando que ela acordasse.

Entretanto, ele tinha realmente ido embora. E esse pensamento não era apenas doloroso, mas irritante, inaceitável.

Da mesma forma como tinha entrado em sua cama, tinha saído: sem que ela nem notasse o que estava acontecendo. Deixara-se ser enganada como uma menininha apaixonada, como uma tola. Mas era exatamente isso. Desde que o conheceu sempre soubera que estaria lidando com um homem perigoso, extremamente sedutor, mas sem sentimentos, capaz de ser rude e grosseiro com uma mulher que sequer conhecia. Por que raios, em sua mente iludida, chegara a acreditar que tudo mudaria naquela noite? Que ele simplesmente passaria a ser o príncipe encantado que a resgataria da torre da solidão e viveriam felizes para sempre?

Idiota...

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Contudo, não seria ainda mais idiota ao ponto de culpar somente a si mesma pela situação. Era *ele* o covarde, *ele* que a tinha seduzido em um momento de fragilidade, que assaltara seu corpo, arrebatara sua mente, aprisionara suas emoções deixando-a sem escolha. *Ele* era o culpado. Fora ele quem a usara sem nenhum remorso.

Mas por que será que doía tanto? Por que será que sentia como se seu coração estivesse sendo rasgado em dois, à força, serrado lentamente por uma faca cega?

Tentou segurar o choro pelo máximo de tempo que conseguiu, até que se viu jogada sobre a cama novamente, com a cabeça enterrada no travesseiro, sentindo uma imensa vontade de gritar. Não sabia se era por ódio ou por mágoa, ou talvez por ambos. Mas isso sequer importava. O que realmente queria naquele momento era esquecer.

## PERIGOSAS ACHERON

E quem sabe não poderia dar um jeito nisso? Tinha um dom, não tinha? Ele precisava servir para alguma coisa, afinal.

Levantou-se da cama rapidamente, cheia de decisão, colocou um vestido bem confortável por cima do corpo nu e foi à cozinha — o lugar ideal para afogar suas mágoas.

Abriu uma garrafa de vinho, como se estivesse prestes a celebrar algo, e encheu uma taça até a metade. Pegou o livro de sua mãe e começou a folheá-lo em busca de algo que pudesse ajudá-la. Precisava de algum ingrediente que desse uma mãozinha no seu pedido para esquecer Sebastian.

Pesquisou o livro de trás para frente e de frente para trás, até que encontrou o que precisava. E já tinha uma receita em mente.

Na cozinha, levando consigo a garrafa de vinho, da qual serviu mais uma taça para si mesma,

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

começou a separar os ingredientes que iria precisar para iniciar a receita. Aproveitaria que já estava quase na hora do almoço e prepararia uma Sopa Francesa de Cebola, que poderia levar alguns punhados de cravo-da-índia, que seria o protagonista daquela história.

Ligou o pequeno radinho que mantinha no cômodo e começou a cantarolar uma canção da Shania Twain que tocava. A música falava de amor, tinha uma letra romântica, mas Tatianna não estava dando a menor atenção para aquilo. Estava tranquila, pois em poucos minutos teria sua mente livre daquele pesadelo. Começando a cozinhar, fechou os olhos bem apertados e pediu, quase que de forma desesperada, que simplesmente esquecesse, que exorcizasse aquelas lembranças da noite passada com Sebastian.

Mas não foi exatamente isso que aconteceu.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que a sopa ficou pronta, ela arrumou um lugar para si mesma à mesa de jantar e serviu-se de uma generosa. No momento em que a abocanhou, sentiu um gosto azedo, como se houvesse algum ingrediente estragado. Ou todos.

Curiosa, levantou-se e foi analisar as embalagens, em busca das datas de validade. Estava tudo correto. Tudo dentro do prazo.

Não demorou muito, portanto, para se lembrar das palavras de sua mãe no sonho: "*nem todos os desejos podem ser realizados*". E aquele, sem dúvida, era um deles.

Nem mesmo magia era capaz de eliminar uma pessoa — ou momentos — da mente de alguém. Algumas coisas tinham sido feitas para ficarem marcadas, como uma maldição, uma tatuagem mal feita que não queremos mais manter em nosso corpo, mas que é impossível de se apagar.

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

O que significava que Sebastian ficaria exatamente onde estava naquele momento: preso em seus pensamentos, em seu corpo. E em seu coração.

Bem, se não podia esquecer com magia, usando o poder que lhe fora concedido pelo destino, ela teria que usar outra fonte: o álcool.

Não era muito adepta a bebidas alcoólicas, mas acreditava que algumas situações pediam um bom porre. Mais uma garrafa, além daquela que já estava pela metade, seria suficiente. Já até conseguia sentir, depois de três tacinhas, que começava a ficar alta, um pouco mais alegre. Sabia que era apenas uma questão de tempo até que começasse a se importar cada vez menos com o que tinha acontecido — por mais que fosse um esquecimento passageiro —, mas, por enquanto, ainda doía.

## PERIGOSAS ACHERON

Já estava iniciando a terceira garrafa, depois de algumas boas horas, quando a porcaria da campainha tocou. Claro que ela não pretendia atender, mas ouviu a voz de Jayce, desesperado do outro lado, ameaçando arrombar a porta; e ela sabia que ele seria capaz disso. Com aquele tamanho todo e sua força, iria destruir a madeira e daria um trabalhão para consertar. Sendo assim, mesmo cambaleante, esforçou-se para levantar-se e caminhar até abrir a porta e deparar-se com um Jayce furioso e preocupado.

— Mas que merda, Tatianna! O que aconteceu com você?

— Eu... não... An?! Do que está falando? — completamente confusa e desorientada, ela franziu o cenho, como se assim fosse conseguir compreender o que estava acontecendo.

— Te liguei umas dez vezes e já estou aqui

há mais ou menos meia hora batendo na porta. Dirigi por horas cheio de preocupação. Cailey ficou desesperada, queria vir também, mas não deixei ela pegar a estrada no estado em que está — Jayce falou sem parar, sem nem sair da soleira da porta. Em instantes, porém, percebeu um cheiro forte de álcool no hálito de Tatianna quando ela abriu a boca para começar a falar. Porém, é claro, foi interrompida. — Você andou bebendo? — havia revolta na voz dele.

— Só um pouco, e... — respondeu, mas, ao dar um passo para trás, para que ele pudesse entrar na casa, cambaleou e teria caído no chão se ele não a tivesse segurado.

Sem que ela nem sentisse, Jayce a levantou no colo e a carregou até o sofá. Foi então que percebeu que a casa estava em pura desordem.

— Mas que diabos aconteceu aqui?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— A casa foi invadida ontem — afirmou como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— O quê? Você está falando sério? — perguntou, sentando-se na poltrona, de frente para ela.

— Claro. Sebastian veio me trazer em casa, ele até tentou me proteger. Depois fez o que fez... filho da puta!

Se levasse em conta que a desbocada da família era Cailey, tinha que acreditar que a situação era séria.

— Tatianna, pelo amor de Deus, se não me explicar exatamente o que aconteceu, de forma coerente, vou te jogar nos ombros e te enfiar debaixo do chuveiro.

— Tá... vou tentar... — respirou fundo e iniciou o relato: — Sebastian Hannigan, um dos

## PERIGOSAS ACHERON

donos do restaurante, veio me trazer em casa. Ele sempre foi um grosso comigo, mas eu não tinha outro transporte. Daí, quando chegamos aqui, parece que ele pressentiu alguma coisa que o fez acreditar que a casa tinha sido invadida. Ai depois ele me seduziu — alterou a voz. — Ele me seduziu, Jayce! E acabei transando com ele. Só que o maldito me abandonou sem nem deixar um bilhete.

A forma como ela falou fez com que Jayce sentisse o coração se despedaçar. Amava aquela garota de forma fraternal e, assim como faria com suas irmãs, sentia vontade de matar o canalha com as próprias mãos. Mas claro que não pioraria a situação dizendo isso para ela. E havia outra coisa: o que mais o preocupava no momento era a suposta invasão da casa, embora, para Tatianna, em sua fúria cega, a atitude do tal Sebastian Hannigan a

ferisse de forma muito mais profunda. Então ele lhe daria o ombro amigo e os conselhos que ela precisava no momento, depois seria o policial que iria ajudá-la com seu problema.

— E foi por causa disso que você decidiu ficar bêbada?

— Foi. Eu queria esquecer....

— E a dor desapareceu?

— Acho que sim. Mas ainda não estou feliz — sua voz soava um pouco embargada por causa de seu estado.

— Não vai ficar. Essa forma que escolheu para afogar a mágoas só anestesia a dor. Ela leva o sofrimento embora, mas deixa um vazio sufocante no lugar. Senti esse vazio por muito tempo. Sei do que estou falando — Jayce referia-se a seu período de luto, após perder Debra, sua namorada, morta

## PERIGOSAS NACIONAIS

pelo assassino de um caso que estavam investigando. Depois deste episódio, ele passou um bom tempo embriagando-se para esquecer.

— Eu sou uma idiota... como pude deixar que ele chegasse tão longe?

— Gosta dele?

— Não! — exclamou rápido demais, sem nem hesitar. — Ou melhor... não posso gostar. Mas tem algo nele que me intriga. Na verdade, há algo entre nós que parece quase sobrenatural — ela fez uma pausa, riu de forma envergonhada e olhou para o amigo. — Acho que estou mesmo muito bêbada. Estou falando besteiras; não me dê crédito.

— Você está mesmo muito bêbada. Mas não me surpreendo com mais nada que tenha a ver com vocês — Jayce riu.

Enquanto isso, seu celular tocou. Ele

## PERIGOSAS ACHERON

atendeu avisando a Tatianna que era Cailey. Ela estava na casa de Faith, desesperada querendo notícias da prima. As três tinham combinado de almoçar juntas, mas eram quase três da tarde e Tatianna não dera notícias. O detetive, portanto, as acalmou e disse que a tinha encontrado, que estava tudo bem e que depois contaria o que tinha acontecido.

— Odeio deixá-las preocupadas. Não sou de fazer isso, mas me esqueci completamente de telefonar para elas. O que está acontecendo comigo? — ainda tomada pela embriaguez, Tatianna levou a mão à cabeça e começou a chorar.

— Não fique assim. Você sempre cuidou das duas, Tatty. É hora de cuidar de si mesma — Jayce suspirou e decidiu que era hora de entrar no assunto que o levara até ali, além da preocupação. — Ainda mais agora... Descobrimos algumas



## PERIGOSAS NACIONAIS

coisas sobre Stuart Frost. Ele era o homem que estava com sua mãe e Bernard Hannigan naquela foto.

— Conseguiu alguma coisa sobre ele? — a consciência de Tatianna pareceu retornar naquele momento.

— Algumas coisas. Eu e Steve interrogamos um homem e descobrimos que Stuart e Bernard eram sócios.

— Sócios? Mas me pareceu que Sebastian o odeia.

— É porque a história não acaba aí.

— Nunca acaba, não é mesmo?

Jayce, portanto, contou tudo que descobriu com John Briggs sobre Stuart Frost. Tatianna ouviu horrorizada, principalmente quando ele descreveu a morte dela.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus, foi exatamente como eu vi na visão que tive.

— Visão? Você também, Tatty?

— Pelo que entendi, isso não tem nada a ver com meu dom; foi uma espécie de bônus — Tatianna ficou surpresa com sua própria capacidade para fazer piadas com aquilo.

— Mas, afinal, sobre o seu dom... o que você pode fazer?

— Eu uso alguns ingredientes específicos em minhas receitas. Encontrei um livro da minha mãe com os significados de alguns deles, e acho que isso influencia no meu poder. Ainda estou um pouco perdida, confesso.

— Ah, então é parecido com o de Faith?

— Não, Jay. Eu não posso prever o futuro. Mas posso desejar coisas. E elas acontecem.

## PERIGOSAS ACHERON

Aquilo era grande.

Não. Era enorme.

— Você sabe a extensão desse poder? O limite desses desejos?

— Não, não sei. Mas já posso dizer que não posso desejar qualquer coisa. Desejei esquecer o que aconteceu entre mim e Sebastian, mas não deu certo — falou em tom de lamento.

— Ele não te merece, Tatty — Jayce afirmou, percebendo o quanto aquilo a estava magoando.

— Mas e se for ele? Se ele for meu Rowan ou meu Jayce?

— Nem eu nem Rowan magoamos suas primas dessa forma.

— Eu não entendo. Tem alguma coisa errada, sabe? Às vezes me parece que quando ele

PERIGOSAS ACHERON

me magoa, acaba também magoando a si mesmo. Como se ele simplesmente tivesse que me repelir por algum motivo — e foi nesse momento que Tatianna lembrou da frase da mãe, em seu sonho. — Ah, meu Deus, Jayce! Tem, sim, alguma coisa. Eu sonhei com a minha mãe, e ela me deu um recado. Disse que tudo tem explicação, mesmo o ato mais absurdo. E foi bem antes de eu acordar e não encontrar Sebastian. Será que tem alguma ligação?

— E você pergunta isso para mim? Eu sou novo nesse negócio de sobrenatural, priminha. Me coloca fora dessa... — brincou ele.

— Nunca vou te deixar de fora de nada, gigante. Você é meu melhor amigo...

— Fico honrado em ouvir isso. Faz qualquer coisa valer a pena.

Os dois amigos se abraçaram, sabendo que,  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

assim como a ligação das DeWitt era especial e tinha a ver com destino, a deles dois também tinha. E seria eterna.

## PERIGOSAS ACHERON

# X

## Chocolate com Pimenta

*"A pimenta é uma especiaria usada para afastar o mal que pode rondar um indivíduo. Ela atrai para si toda a inveja e provoca um gosto ruim na boca de quem deseja o mal a alguém."*

Cailey nunca tivera nenhum problema em ficar sozinha. Costumava até mesmo a gostar da solidão. Por isso, quando Faith avisou que teria que ir na floricultura resolver um problema, apesar de ser domingo, e que Rowan passaria boa parte da tarde no escritório da casa preenchendo algumas planilhas, ela aceitou de bom grado ficar no sótão, que mais parecia um cômodo de bonecas, escrevendo algumas poesias e apreciando o momento sereno. O que era uma grande novidade,

vinda da mulher que costumava não gostar nem um pouco de calmarias.

Ela sabia que a gravidez tinha lhe ensinado muita coisa. Aquele pequeno serzinho que crescia dentro dela já a estava amadurecendo, tornando-a uma pessoa melhor, mais paciente, mais sensata e mais cuidadosa consigo mesma. A menininha que gerava em seu ventre volta e meia chegava a conversar com ela por intermédio de lindas e lúdicas poesias, trazendo esperança e luz à sua mente, que tanto fora poluída pelas terríveis frases do Poeta Sombrio, algum tempo atrás.

Além da pequena Abbie, sua filhinha ainda não nascida, Cailey escrevia mensagens produzidas por seu subconsciente. Algumas vezes, até conseguia prever coisas, sinal de que seu dom estava evoluindo de alguma forma. E, ao contrário

# PERIGOSAS NACIONAIS

de Faith, na maioria das vezes, as previsões eram boas.

Mas não naquele entardecer...

Lá estava ela sozinha naquele sótão, quando foi tomada por uma sensação poderosa. Sentia que precisava colocar para fora as palavras, como se elas estivessem presas em sua mente, gritando, causando um tormento imenso. Palavras duras e sombrias. Palavras que ela pensava ter deixado para trás há algum tempo.

*Quando a morte chega sem avisar*

*Assombrando o mais puro sentimento*

*As luzes se apagam... trazendo a escuridão*

*Todos os segredos são revelados*

*E mostram que a verdade pode ser uma ilusão*

# PERIGOSAS ACHERON



*Aquela que manipula o sabor*

*Que é dona dos aromas*

*Perecerá em dor*

*Antes de conhecer a triste sina do amor*

Assustada, Cailey jogou a caneta longe e levantou-se subitamente da cadeira, deixando que esta caísse no chão, fazendo um barulho bem maior do que ela esperava.

Não demorou muito, portanto, para que Rowan surgisse correndo, uma vez que seu escritório ficava bem embaixo do sótão, o que permitira que ele ouvisse o tal barulho.

— Cailey! O que aconteceu?

Assim que chegou no cômodo onde ela estava, Rowan a segurou pelo braço e a fez sentar-

se no sofá de couro que havia ali, reservado para visitas. Ela estava pálida e parecia assustada, o que o deixou muito preocupado.

— Cailey, pelo amor de Deus, é alguma coisa com o bebê?

— Chame Faith! Por favor...

Desesperado, Rowan hesitou por um segundo, sem saber se seria melhor ficar com ela ou se deveria realmente chamar Faith, deixando-a sozinha. A melhor opção que encontrou, entretanto, foi pegar seu celular no escritório rapidamente e telefonar para a esposa, pedindo que voltasse para casa com urgência, pois estavam com um problema.

Claro que Faith não tardou a aparecer, já sabendo que tinha algo a ver com Cailey. Assim que ela cruzou a soleira da porta de entrada do local, a mais jovem jogou-se nos braços dela,

PERIGOSAS ACHERON

apavorada.

— O que houve, querida? Está se sentindo mal? Quer ir para o hospital? — Faith, com sua voz sempre calma e controlada, mesmo nos momentos mais desesperadores, indagou.

— Eu escrevi uma poesia... tem algo a ver com Tatianna. Algo a ver com morte também — Cailey chorava, parecendo uma menina desamparada.

— Onde está?

Cailey apontou para a mesa onde estivera escrevendo algum tempo antes, sem querer sair dos braços da irmã, e Rowan se antecipou e pegou o papel que ela tinha indicado.

Com cautela, Faith observou a poesia que tinha à sua frente, e um calafrio atravessou sua espinha. As palavras de Cailey, mórbidas e

## PERIGOSAS NACIONAIS

perturbadoras, revelavam algo que ela já parecia ter compreendido, por causa de seu próprio dom: Tatianna estava em perigo. Não havia dúvidas de que ela acabaria enfrentando a morte e que poderia até mesmo não sobreviver a tal provação. O que ambas temiam.

— Eu tive uma visão com ela. Também tinha algo a ver com morte.

Faith não precisou dizer mais nada. E provavelmente naquele momento nem conseguiria, pois havia um mundo de palavras insensatas em sua garganta, tomadas por uma agonia amarga. E o mesmo acontecia com Cailey. Por esse motivo, ambas ficavam caladas e assim permaneceram por pelo menos uns cinco minutos. Rowan, ao redor delas, também mantinha seus pensamentos para si mesmo. Já fazia parte daquela família há algum tempo, mas, ainda assim, era um pouco difícil

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

entender como funcionavam suas mentes tão evoluídas e diferentes.

Tatianna era um dos elos da corrente. Uma corrente forte, que talvez perdesse um pouco de seu poder e força se por acaso fosse desfeita. Coisa que elas não podiam permitir. Amavam demais a prima para perdê-la.

— O que vamos fazer, Faith? Temos que falar com ela.

— Não sei. Tenho medo de dizer qualquer coisa e assustá-la, fazer com que desista de sua busca pela história da mãe...

— Mas é exatamente isso que ela tem que fazer! Parar com isso... voltar à vidinha pacata que vivia.

— E que a fazia extremamente infeliz — complementou Faith, o que fez Cailey ficar quieta.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você iria preferir? Desistir de tudo e nunca encontrar Jayce ou correr o risco e ter uma chance de ser feliz?

— Mas... e se ela morrer?

— Acho que se esse fosse o caso, vovó a teria alertado. As visões dela eram muito mais claras e completas do que as nossas.

— Ah, Faith, eu não estou gostando nada dessa história.

— Vamos cuidar dela, Cailey. Todos nós — Rowan intrometeu-se no assunto, sabendo que precisaria ajudar a esposa a acalmar a irmã. Grávida, quase prestes a dar a luz, ela não podia ficar sofrendo emoções fortes.

Apesar do tom de voz confiante de Rowan e do fato de que confiava nele com todo seu coração, ela não se sentia segura com aquela escolha de

## PERIGOSAS ACHERON

ficarem em silêncio. Tatianna poderia estar em perigo, e isso a apavorava.

\*\*\*

Estava *tudo* errado.

Errado à milésima potência.

Talvez *errado* nem fosse a palavra certa. Talvez fosse um eufemismo em se tratando de um caso como aquele.

Ela tinha literalmente ido para cama com seu patrão, e ele a tinha abandonado na manhã seguinte, como se a situação já não fosse complicada por si só.

Conforme caminhava para chegar ao The Hannigan's, diminuindo o ritmo dos passos para simplesmente demorar mais tempo, pensava em

## PERIGOSAS NACIONAIS

como pudera ser tão estúpida para fazer algo tão...  
tão...

... Estúpido, já que não conseguia pensar em  
palavra melhor.

Já tinha se perguntado inúmeras vezes quais  
poderiam ter sido suas razões para terminar nos  
braços de Sebastian Hannigan, uma vez que o ódio  
que ele sentia era completamente evidente. E cada  
vez que se culpava, tentava compreender o que o  
tinha feito seduzi-la de tal forma, quando era  
visível que não tinha nenhum interesse. Nem  
mesmo profissional, uma vez que sequer a elogiara  
pelo sucesso da festa; ou melhor, ele nem queria  
que ela tivesse sido contratada.

Sim. Estava tudo errado. Do princípio ao  
fim.

Se é que alguma coisa ali tinha chegado ao  
fim.

## PERIGOSAS ACHERON



Assim que chegou ao The Hannigan's, um pouco mais cedo do que de costume, porque simplesmente não conseguira pregar o olho à noite, percebeu que teria que encarar Sebastian logo cedo. A primeira coisa que ouviu quando destrancou a porta — usando a chave que Taylor tinha lhe dado assim que a contratara — foi a voz dele. Soava um pouco preocupada, tensa, mas tratava-se de um monólogo, com espaços entre uma frase e outra, o que a fez concluir que ele deveria estar falando ao telefone.

A conversa era a mais estranha possível, e, embora não fosse uma fofoqueira, ficou atrás da porta, em silêncio, apenas a ouvi-lo, tentando decifrar qualquer coisa.

— Não... eu não sei quem foi que o convidou, mas tenho certeza que não foi Taylor — pausa. — Você precisa ficar calmo... não falou

nada de errado. Sabe que nós vamos protegê-lo de qualquer coisa — outra pausa. — Eu vou procurá-lo. Só não posso prometer que vou ser complacente novamente. Vou fazer o que for preciso. Nem que eu tenha que matá-lo para que ele não possa chegar perto dela.

*Dela?*

Quem seria ela? Por um momento, um pensamento estranho passou pela cabeça de Tatianna, e ela quase acreditou que ele poderia estar falando sobre ela. Mas essa ideia logo desapareceu de sua mente, pois sentiu um tom muito protetor na voz de Sebastian, como se ele realmente se preocupasse com a pessoa mencionada. E não poderia ser ela, é claro, a quem ele não teve o menor remorso de magoar tão profundamente.

Foi então que outro pensamento penetrou

em sua cabeça, ainda mais forte que o primeiro: Sebastian tinha alguém. Uma mulher a quem ele amava. Uma namorada? Noiva? Ela não fazia ideia. Mas iria descobrir.

A conversa seguiu com murmúrios ininteligíveis e palavras sem muito sentido, até que Sebastian cumprimentou a pessoa do outro lado da linha, despedindo-se. Assim que ouviu o barulho do telefone sem fio sendo devolvido ao suporte, começou também a ouvir passos em sua direção. Foi quando ela se escondeu, atrás do balcão do bar, no canto esquerdo do salão do restaurante, sentindo-se mais patética do que nunca.

Sebastian saiu do The Hannigan's parecendo muito determinado a chegar a algum lugar. E foi essa determinação que fez com que ela sentisse o ímpeto de segui-lo.

Deixou que se afastasse alguns passos e,

## PERIGOSAS NACIONAIS

percebendo que ele faria uma caminhada, foi atrás, deixando uma distância segura entre os dois.

Por ter as pernas mais longas, ele andava bem mais rápido, por isso, Tatianna teve que se esforçar para não perdê-lo de vista. E essa espécie de perseguição durou por mais ou menos dez minutos.

Aparentemente seu destino era uma casa; uma simples casa de classe média, parecendo acolhedora e romântica. Parecia um chalés de montanhas, um pouco isolado, daqueles que guardam segredos a sete chaves. Exatamente o que parecia acontecer ali. Antes que Sebastian entrasse na casa, olhou para todos os lados ao seu redor, tentando verificar se alguém o tinha seguido ou estava espreitando. Para a sorte de Tatianna, a rua era bem arborizada, e ela conseguiu se esconder perfeitamente atrás de um caule mais grosso.

## PERIGOSAS ACHERON

Depois dessa inspeção, o homem entrou em tal chalé, fechando a porta atrás de si. Tatianna daria qualquer coisa para segui-lo e descobrir o que estava prestes a acontecer ali dentro. Contudo, sua oportunidade surgiu pouco tempo depois.

Cinco minutos após Sebastian ter entrado, uma mulher, usando uma roupa branca — uma enfermeira, com certeza —, saiu, afastando-se da casa, deixando a porta apenas encostada.

Sorrateiramente, Tatianna deixou seu esconderijo e analisou a enfermeira enquanto ela fumava um cigarro — o que fez Tatianna pensar que era uma estranha ironia ver uma profissional da saúde dar um exemplo tão horrível. Isso significava que ela tinha muito pouco tempo para entrar, mas, afinal, tinha uma chance.

Abriu a porta tentando não fazer barulho e, pé ante pé, seguiu o som da voz de Sebastian, que

soava baixa e gentil. O que fazia com que se lembrasse da noite que passaram juntos.

Sim, era uma tremenda idiota. O que Jayce pensaria dela naquele momento, tentando bancar a detetive e pensando em romance? Precisava focar em sua missão.

Colocando-se em um cômodo adjacente, que mais parecia um quarto de hóspedes, conseguia visualizar Sebastian, parado em um pequeno quarto. Conseguia ouvir que ele travava uma estranha conversa que não poderia ser considerada um diálogo, afinal, ele fazia perguntas, mas ninguém lhe respondia. E o assunto era igualmente perturbador.

— Eu sei que você sabe de alguma coisa. Sei que mesmo neste estado pode me ajudar. Taylor nunca permitiria que eu viesse aqui, mas foi preciso... — pausa. — Por favor, Ivy! Pegue o

papel e a caneta... faça um desenho — mais uma pausa. — Isso... isso! — ele pareceu mais animado, como se a pessoa com quem estava falando tivesse reagido e feito exatamente o que ele pedira. — Obrigado. Muito obrigado... — seu tom de voz baixou, tornando-se mais grave e pesaroso: — Sentimos sua falta. Principalmente eu.

Algo que Tatianna poderia chamar de ciúmes invadiu seu coração, e ela acabou fazendo algum barulho com a porta na qual estava apoiada, no outro cômodo, e isso foi suficiente para que Sebastian a ouvisse e fosse ao seu encontro sem sequer lhe dar tempo para fugir.

— O que está fazendo aqui, Tatianna? — toda a doçura que ele utilizara para falar com a tal Ivy desaparecera e tornara-se pura aspereza e revolta. — Mas que porcaria de merda você está fazendo aqui? — repetiu, descontrolado, sem

## PERIGOSAS NACIONAIS

pensar muito nas palavras que usava, enquanto agarrava seu braço, impedindo-a de fugir sem lhe dar a resposta. Não que fosse possível, afinal, ele com certeza a alcançaria.

Ela não sabia o que responder. Até porque não tinha nenhuma explicação coerente ou que soasse menos estúpida. Talvez nem ela mesmo soubesse o que estava fazendo ali.

— Responda, Tatianna!

— Eu não sei! — ela se debateu e conseguiu soltar-se de sua mão. — Estou agindo como uma idiota, mas a culpa é sua. Você só me confunde! — gritando, Tatianna começava a perder o controle por não saber como agir.

— Você não pode gritar aqui! — novamente ele agarrou o braço dela e começou a arrastá-la para fora da casa.

## PERIGOSAS ACHERON



Assim que saíram, ele chamou a enfermeira pelo nome e pediu que voltasse para a casa. A mulher pareceu um pouco assustada ao ver Tatianna, uma desconhecida, ali, mas acabou fazendo o que Sebastian mandou.

— Quem é aquela mulher? Ivy, não é? — ousada, Tatianna indagou, assim que ficaram sozinhos.

— Você acha que está em condições de perguntar qualquer coisa? Não tem noção de onde está se metendo, garota. Sinceramente? Acho que deveria pegar suas coisas e voltar para casa. Esquecer esse negócio de trabalhar para o The Hannigan's.

— Idiota! — ela bateu no peito dele. Estava outra vez agindo da forma errada, mas ao menos uma vez na vida tinha que deixar suas emoções falarem mais alto. — Você é um completo idiota,

insensível... um babaca...

Enquanto ela falava e colocava para fora todas as emoções que pareciam esmagadas dentro de seu peito, Sebastian permanecia calado. Ao menos devia isso a ela.

— Posso merecer seus xingamentos, mas não vou admitir que vasculhe minha vida ou meus segredos.

Ao ouvi-lo falando dessa forma, Tatianna sentiu que estava parecendo uma louca obcecada, seguindo o homem com quem tinha transado uma única vez e que partira seu coração. Isso, claro, se não houvesse um outro motivo além desse.

— Eu tenho quase certeza que isso tudo tem a ver comigo — arriscou, e Sebastian pareceu não ter a coragem para negar. Por isso ficou em silêncio, sem coragem de mentir. — Portanto, Sebastian — proferiu o nome dele de forma muito PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

profunda, olhando-o em seus olhos, desafiando-o —, isso me dá todo direito de me intrometer nas suas coisas. E quero que saiba que não significa nada para mim. Todo meu interesse em você se resume a descobrir o que aquele homem, Stuart Frost, queria comigo naquele dia. Porque acho que isso aqui também tem algo a ver com ele.

As palavras que disse foram duras, exatamente como queria que soassem. E foi um pouco gratificante perceber que, de alguma forma, ele fora atingido por elas. Uma expressão facial de dor preencheu seu rosto, como se tivesse tomado um soco no estômago. Mas ela não sentia nenhum remorso. Não mesmo. Queria feri-lo, da mesma forma como ele a ferira.

— Você tem que ir embora!

— Não, não vou sair daqui sem descobrir alguma coisa. Sei que está me escondendo algo...

## PERIGOSAS ACHERON

— Tatianna, não vou falar de novo. Não há nada aqui para você, só problemas.

— Pare com isso... eu não vou...

Tatianna ia falar mais alguma coisa, mas foi interrompida quando ele novamente agarrou seus braços com força e prendeu seus olhos aos dela, sem dizer nada, como se fosse capaz de hipnotizá-la. Instantaneamente e sem explicação, ela começou a sentir uma estranha vontade de sair dali, uma urgência. Por algum motivo, desaparecer daquela cena e esquecer tudo aquilo era quase uma questão de sobrevivência.

Entretanto, a mesma sensação desapareceu em um segundo quando ele a soltou, baixando seus olhos para o chão, como se tivesse desistido do que quer que estava tentando fazer.

— Vá embora. Por favor... antes que eu faça uma besteira — daquela vez ele pediu de forma

PERIGOSAS ACHERON

gentil e quase sussurrante.

— Eu até posso ir, mas não vou desistir de descobrir tudo.

— Muito bem — ele assentiu com a cabeça, mantendo a expressão derrotada no rosto. — Você quer investigar e colocar sua vida em perigo? É uma escolha sua, mas saiba que não vou sustentar essa ideia louca. Agora é melhor que vá para casa.

Quem ele pensava que era para dizer o que ela deveria fazer? Que direito tinha de sequer se mostrar decepcionado com sua reação ou com a forma como ela o tratou? Ele *merecia* aquilo. Na verdade, merecia muito mais. Mas definitivamente não merecia ver suas lágrimas; e uma vez que sentia que seus olhos estavam começando a se encher delas, achou que era a hora certa de dar as costas e ir embora. Por mais que tivesse muitas coisas a dizer, poderia engoli-las mais uma vez.

Seria melhor do que engolir seu orgulho.

Mas foi Sebastian quem virou as costas primeiro e voltou para a casa, como se também quisesse fugir dela. Contudo, conforme caminhava, algo caiu de seu bolso sem que sequer percebesse.

E o coração de Tatianna palpitou desesperadamente quando se deu conta do que era: o tal desenho que a misteriosa Ivy tinha feito minutos antes.

Rapidamente colocou-o dentro do bolso da calça jeans, saindo dali apressada antes que ele percebesse o que tinha acontecido.

Talvez estivesse mais perto do que nunca de descobrir uma verdade que a prendia ao passado. Talvez fosse hora de finalmente se libertar.

\*\*\*

O sol de Moreau pintava o horizonte com seu brilho discreto, despedindo-se daquele dia. Aquilo era um sinal de que Jayce e Steve tinham levado tempo demais em sua breve viagem de Manhattan à pequena cidade que agora era o lar de Tatianna. Tinham várias coisas para fazer, mas muito pouco tempo.

A primeira parada foi a delegacia. Começaram a manter contato com o policial Gregory Loomis desde que começaram aquela pequena investigação, e ele se mostrava sempre bastante solícito, compartilhando informações importantes. Além disso, tinha adiantado uma pesquisa bem meticulosa sobre a vida de Madeline Moore, que iria facilitá-los e muito.

— Loomis, nem sabemos como agradecer por toda essa prontidão — Steve agradeceu,

analisando algumas pastas que o colega lhes tinha entregado.

— Tudo que me pediram está aí. Registros de cartórios, a certidão de casamento de Madeline Moore com Bernard Hannigan, informações sobre registros em hospitais. E, claro, dados internos sobre queixas e boletins de ocorrência. Como podem ver, foram muitos. Todos contra o tal de Stuart Frost.

Gregory apontou para uma pasta que estava nas mãos de Jayce, mostrando exatamente a menção do que ele tinha acabado de falar, sobre as queixas.

Exatamente como o policial tinha dito, Madeline e a família Hannigan tinham muitas reclamações sobre Frost, desde as mais simples às mais complexas, como tentativa de sequestro, perseguição e invasão de domicílio.



— Sabe alguma coisa sobre esse caso, Loomis? Algo que não esteja nos relatórios? — Jayce perguntou.

— Quase nada. O policial que cuidou de tudo se aposentou no ano passado, mas eu acompanhei alguma coisa. Sei que houve um mandado de restrição, mas nunca foi obedecido. O homem era obcecado pela mulher; tanto que em uma das últimas vezes que fizeram um boletim de ocorrência ele a tinha colocado dentro de um carro, sedada, e estava pronto para levá-la consigo. Estava enlouquecido, gritando que ela pertencia a ele, que preferia vê-la morta do que com outro. Foi uma confusão e tanto, até mesmo o canal local noticiou. Aliás, eles podem ajudá-los de alguma forma. Ainda devem ter o video da matéria.

Jayce e Steve se entreolharam, demonstrando que poderia ser uma possibilidade

interessante.

Depois de se despedirem de Gregory, seguiram com pressa até a TV local, sendo que no mesmo prédio também funcionava o único jornal da cidade. O que, para eles, facilitava e muito o trabalho e poupava tempo.

Assim que chegaram no local, foram recebidos por uma recepcionista que parecia muito mais preocupada com o final de seu expediente do que em atendê-los. Porém, acabou deixando-os nas mãos de Juliette Reynolds, a produtora executiva do telejornal da noite, que tinha televisionado a matéria sobre o sequestro relâmpago de Madeline Moore na época.

— Os Hannigan são uma família respeitada na cidade, tradicional, por isso demos muita atenção ao caso e tratamos a notícia com seriedade e respeito. Sabíamos que seria um escândalo, ainda

mais em uma cidade pequena como Moreau — a mulher falava, enquanto caminhava pelos corredores da emissora, parecendo muito profissional e segura de si em seu terninho azul. Jayce e Steve seguiam atrás dela, na direção da sala de arquivo.

Ela usou uma chave que estava no meio de um molho bem cheio e abriu a sala. Os olhos dos detetives foram tomados por estantes repletas de caixas identificadas por datas. Juliette parecia saber exatamente onde ir, por isso, se dirigiu sem hesitar a uma estante no fundo, de onde retirou uma caixa. Como ela parecia pesada, Jayce prontificou-se a ajudá-la a colocá-la no chão. E acabou ganhando um sorriso mais efusivo do que mereceria uma simples expressão de agradecimento. O que o deixou embaraçado, é claro.

Em posse da caixa, ela facilmente encontrou

um DVD catalogado pela data do sequestro.

— E você se lembra da data exata em que tudo aconteceu? — Steve perguntou impressionado.

— Ora, detetive, é o meu trabalho há mais de quinze anos. Conheço cada detalhe de cada matéria que preparei de cor — ela sorria orgulhosa de si mesma. Então, levantou-se de onde estava agachada, com toda dignidade e elegância, pediu que Jayce colocasse a caixa em seu devido lugar e dirigiu-se a uma sala adjacente, sendo acompanhada pelos detetives, trancando a porta atrás de si. Em seguida ligou um computador com um enorme monitor e inseriu a mídia para ser assistida. — Qualquer dúvida que tenham, podem me perguntar.

Ambos assentiram e se viraram para a tela, que começava a exibir o vídeo.

## PERIGOSAS NACIONAIS

A câmera focava um carro sedan na cor prata, parado em frente ao restaurante The Hannigan's, como dizia o letreiro. O zoom aproximou a imagem da janela do passageiro e foi possível ver uma mulher desacordada, sentada no banco do carona, com a cabeça tombada para o lado direito. No take seguinte, um homem saía do lado do motorista, com uma arma nas mãos. Parecia enlouquecido, dizendo exatamente a mesma coisa que Gregory informara que ele tinha dito. Bernard Hannigan parecia desesperado, cercado pelos filhos e por quem eles já conheciam como Antonia Welsh. A polícia estava na cena também, e isso fez com que Jayce ficasse intrigado.

— Como eles tiveram tempo de chamar a polícia?

A mulher pausou o vídeo para responder à pergunta.

## PERIGOSAS ACHERON

— De acordo com o depoimento de um funcionário do restaurante, Stuart Frost chegou na casa dos Hannigan e trancou-se em um quarto com Madeline Moore por um tempo. Eles discutiram, e nesse meio tempo Bernard chamou a polícia. Quando ele saiu do quarto, tinha uma arma na mão e carregava a mulher nos ombros, sedada. Acreditamos que ele tenha tentado convencê-la a ir com ele por livre e espontânea vontade, mas não conseguiu.

Assim que se deram por satisfeitos com a resposta, Juliette retomou a reportagem de onde tinha parado.

Uma repórter jovem e bonita narrava os acontecimentos, explicando que Stuart Frost e Madeline Moore viveram um breve romance no passado; que, inclusive, fora ele quem a apresentara a Bernard, o que levou à paixão do casal que

acabou se casando depois. Estava claro que isso tinha se tornado um motivo de pura inveja, embora Frost tenha demorado muito a demonstrar toda essa ira.

A matéria era curta e terminava com um policial conseguindo se aproximar de Frost por trás, dominando-o, salvando o dia. Logo depois disso, Bernard correu e tirou Madeline do carro nos braços, carregando-a de volta para casa, beijando-a desesperadamente, mesmo que ela não conseguisse sentir nenhum de seus carinhos.

— Como podem ver, foi uma coisa horrível — Juliette comentou, parando a exibição do vídeo.

— E houve qualquer outra notícia relacionada aos Hannigan nessa mesma época? — Steve perguntou.

— Sim, mas em menor relevância. A maioria delas envolvendo invasões à propriedade

# PERIGOSAS ACHERON

da família e brigas entre Bernard Hannigan e Stuart Frost. Esse homem era um louco, se me permitem um comentário mais pessoal.

— Era. Completamente louco — Jayce concordou. Mas em seu pensamento havia apenas uma dúvida: quão louca era também a família onde Tatianna tinha se metido?



## XI

### Passas ao rum

*"Passas, na cultura cigana, representam o progresso, seja ele pessoal ou profissional."*

Não havia paz nos pensamentos de Tatianna. Já tinha andado a casa toda, de um lado para o outro, bebido mais copos d'água do que seus rins poderiam suportar e perdido a conta de quantas vezes coçara a cabeça buscando uma explicação.

Estava sentada no sofá de sua casa emprestada, segurando o desenho que tinha praticamente roubado de Sebastian — tentando não pensar o quanto ele deveria ter ficado irritado —, buscando entender o que era. Porque ela tinha certeza que já o tinha visto em algum lugar.

Tratava-se de uma rosa envolta por um

pentagrama. Um símbolo... ironicamente familiar para Tatianna, embora ela não lembrasse de onde o conhecia. Ao lado dele havia a letra T. O que poderia significar um milhão de coisas, mas não conseguia parar de pensar que tinha algo a ver consigo mesma, com seu nome. E isso, com certeza, significava que ela estava também ligada ao desenho.

Foi no exato momento em que a campainha tocou que ela compreendeu... Tudo.

A interrupção não foi bem-vinda, mas quando viu que eram Jayce e Steve que estavam do outro lado da porta, chegou até a se sentir aliviada.

— O que fazem aqui? — não pôde deixar de perguntar, uma vez que estavam bem distante do lugar onde moravam.

Beijou ambos no rosto, cumprimentando-os, e os convidou para entrar. Todos os três se

## PERIGOSAS ACHERON

sentaram, prontos para iniciar a conversa que os levara até ali.

— Descobrimos coisas sobre a sua mãe, Tatty. Algumas são muito importantes — Jayce avisou, muito sério.

— Tenho uma coisa para mostrar a vocês também. Posso começar?

— Claro.

Tatianna, então, entregou o papel a Jayce, que o pegou e colocou-o no meio dele e de Steve.

— O que é isso, Tatty? — Steve indagou primeiro.

— Esse desenho estava com Sebastian Hannigan. Caiu do bolso dele e eu o peguei. Foi feito por alguma pessoa que eu não consegui ver quem era, mas que mora em uma casinha isolada aqui na cidade. Me parece que ele mantém essa

mulher em segredo.

— E como descobriu tudo isso?

— Eu o segui. Entrei na casa sem que ele percebesse. Pelo menos por um tempo.

— Ele te viu na casa? — Jayce perguntou preocupado, e quando ela assentiu, ele se mostrou desesperado. — Ficou louca? Não sabemos até onde essa gente pode ser perigosa. Você não pode ficar se expondo dessa maneira.

— Eu não quero ficar parada de braços cruzados. É a história da minha vida!

— E pode ser também a sua história de morte, se não se cuidar.

— Tá, Jayce. Vai querer que eu diga o que entendi sobre esse desenho ou não?

Ele suspirou. Aquela garota não tinha jeito. E ele achava que Cailey era difícil.

— Manda ver, Tatty! — Steve falou no lugar do amigo.

— Este símbolo é igual ao que minha mãe usava em um pingente. Ela nunca tirava do pescoço, pois foi um presente da minha avó. Mas não sei o que ele significava para ela — Tatianna fez uma pausa. — Sebastian insistiu que a tal mulher o ajudasse, que fizesse um desenho que lhe trouxesse a resposta que ele procurava. E foi isso que resultou.

— E você não chegou a ouvir o que ele perguntou a ela?

— Não. Cheguei depois.

— E o nome dela? Foi mencionado?

— Sim. Era Ivy. Mas ele não disse nenhum sobrenome.

— Bem, talvez já possa ajudar — os três

## PERIGOSAS NACIONAIS

ficaram em silêncio por algum tempo. Até que Tatianna falou:

— Mas... me digam, o que vieram fazer aqui em Moreau?

— Viemos pegar algumas informações com a polícia e com a TV local. Descobrimos que Stuart Frost perseguia sua mãe e que chegou a tentar sequestrá-la pouco tempo antes de ela morrer.

— Sim...

— Mas tem mais — Steve disse.

— Mais?

— De acordo com a repórter da matéria sobre o sequestro, Madeline Moore, ou Jane DeWitt, teve um romance com Stuart Frost antes de se envolver com Bernard Hannigan.

— O quê? Mas ela o odiava.

## PERIGOSAS ACHERON

— Passou a odiar depois, na verdade. Pelo que eu entendi, Bernard e Stuart eram grandes amigos; foi Frost quem a apresentou a Bernard.

— Meu Deus, mas que história louca! — Tatianna colocou as mãos na cabeça em um sinal de preocupação. Estava confusa. E cansada. Sentindo-se derrotada.

— Por isso que precisa se proteger, Tatianna. A história está toda muito mal contada e tem muitas lacunas ainda não preenchidas. Vamos até o fim para descobrir todos os detalhes, mas não vou poder fazer meu trabalho tranquilo se ficar pensando que você está agindo por impulso e se metendo em encrencas — ele pegou a mão dela, pronto para suplicar. — Me prometa, priminha... prometa que vai se manter em segurança.

— Isso aí, Tatty! Deixe a parte suja para nós.

Ela não pôde deixar de sorrir. Eram dois amigos e tanto.

— Vou ficar bem, gigante. Mas não vou desistir. E você deveria saber disso...

Com uma piscadela, ela sorriu. Mas isso não aliviou a preocupação de Jayce. Muito pelo contrário.

\*\*\*

Embora todos pensassem que sua estação do ano favorita era a primavera, Faith era apaixonada pelo verão. Claro que a estação das flores tinha um charme especial, mas o verão era quase mágico. A forma como os fortes raios solares incidiam sobre o lindo e vasto colorido de pétalas das mais diversas espécies proporcionava uma visão única para seus olhos. Era como se a todo



momento o céu estivesse sorrindo, derramando felicidade e harmonia sobre as coisas mais belas do mundo.

Naquele momento, sua floricultura, *Jardins e Sentimentos*, resplandescia em beleza e luz. E era sempre um espetáculo que ela gostava de testemunhar.

Mas havia outra criatura naquele espaço que brilhava mais do que o sol que iluminava suas flores. Cailey estava ao seu lado esquerdo, ajudando-a a regar algumas Camélias. Sonhadora, ela sustentava um sorriso bobo no rosto o tempo todo, acariciando a barriga protuberante com a mão livre, enquanto a outra segurava o regador. Era incrível ver a rapidez com que tinha amadurecido. Jayce fora um dos grandes responsáveis por tal mudança, mas a gravidez fora um divisor de águas, sem dúvida. Claro que ela jamais perderia seu

jeitinho de menina, jamais deixaria de encarar a vida de forma mais leve que qualquer outra pessoa, mas havia um olhar diferente e uma expressão mais serena em seu rosto, mais calma... sem pressa, sem toda a impulsividade que lhe fora peculiar um dia. Estava até mais bonita; se é que isso era possível.

Faith ainda esperava ter aquele mesmo brilho nos olhos quando tivesse um bebê em seu ventre, esperando para ser a razão de sua vida. Mas tentava pensar cada vez menos nisso; decidira deixar simplesmente nas mãos de Deus.

Thomas também estava lá, ajudando-as, pois haveria uma festa naquela noite, e Faith tinha sido contratada para fazer a ornamentação. Embora costumasse ser um pouco atrapalhado no início, com o passar do tempo passara a ser de grande ajuda. Não apenas para realizar as entregas, como também para ajudá-la com força física, já que tinha

ganhado altura e corpo em um piscar de olhos. Contudo, por conhecê-lo razoavelmente bem, podia quase jurar que o menino não estava em seu usual bom humor. Havia uma estranha expressão em seu rosto, uma melancolia que ele nunca demonstrara antes.

— Ei, Thomas! Está tudo bem com você hoje?

Por um momento o garoto sequer percebeu que Faith estava falando com ele, mas virou-se para ela em seguida, ainda sustentando a mesma espécie de mágoa nos olhos.

— Estou com alguns problemas pessoais — ele deu de ombros, tentando não dar muito valor à situação, mas estava claro que era algo significativo.

Cailey ouviu a conversa e se juntou a eles, também preocupada com Thomas.

— Eu também reparei que você anda meio pra baixo, Thommy. Vai, conversa com a gente — gentilmente, ela acariciou as costas do rapaz, incentivando-o a falar.

— É que, desde o ano passado, eu voltei para aquele orfanato de onde eu fugi e estou trabalhando nele. Faço a limpeza em troca de comida e cama. Mas vou ter que sair. A idade máxima para ficar lá é até a pessoa completar dezoito anos. Por isso ela não vai poder permitir que eu fique por muito mais tempo.

Tanto Faith quanto Cailey se entreolharam demonstrando estarem magoadas com aquela notícia. Todas as mulheres da família DeWitt tinham muita afeição por Thomas e sabiam que era recíproco. O rapaz era como parte da família. Desde que Lolla o conhecera, ainda muito pequeno, e o levara para casa sem nenhuma explicação para

que almoçasse com elas, ele passara a fazer parte de suas vidas quase que diariamente. Por isso compreendiam o quanto aquela transição seria difícil para ele.

— Posso aumentar seu salário, Thomas. Vai poder alugar algum lugar para ficar — Faith apresentou uma solução. Sabia que não seria suficiente, mas poderia ajudar de alguma forma.

— Obrigado, Faith, mas para continuar trabalhando aqui eu teria que encontrar uma casa por perto. A região é muito cara. Eu não teria condições de me manter, de comer...

— Olha, Thomas, podemos falar com Tatianna. Você poderia ficar morando na casa da nossa avó por uns tempos. Acho que ela não iria se incomodar, ainda mais que está vivendo em Moreau, por causa do trabalho — a ideia veio de Cailey. Parecera estúpida a princípio, mas depois,

conforme as palavras saíam de sua boca, percebeu que fazia algum sentido.

Faith olhou para ela um pouco confusa, mas sem desaprovar totalmente a sugestão.

— Não! Eu não posso aceitar isso! Aquela casa... aquela casa é sagrada para vocês. Não posso... aceitar... — o garoto gaguejava, nervoso, quase desesperado por ter recebido aquela proposta que lhe parecia tão inviável.

— E por que não, Thomas? A casa está vazia. Tatianna só vem para cá em alguns finais de semana, e ela não vai se importar se tiver dividir aquele espaço todo com você — Cailey insistiu, mas mesmo assim ele se mostrou um pouco indeciso. Tanto que olhou para Faith, como se buscasse sua aprovação.

— Concordo com Cailey. Acho uma solução muito boa, mesmo que temporária. E eu

PERIGOSAS ACHERON

garanto que Tatianna vai votar a favor também — Faith sorria, encorajadora.

Por um momento, Thomas meio que perdeu a compostura e seu jeito sempre respeitador e puxou as duas para um abraço. Ambas puderam sentir lágrimas quentes descendo por seu rosto, demonstrando todo seu alívio e emoção.

Contudo, o abraço foi interrompido pelo toque do telefone da floricultura.

Faith se desvencilhou daquela doce e sincera demonstração de carinho e foi atender à chamada.

Cailey e Thomas continuaram em seus lugares. Ela tentava acalmar o garoto que não parava de agradecer, enquanto sentia-se feliz por ter tido uma boa ideia para ajudar um amigo.

Contudo, os sorrisos de ambos foram

interrompidos quando viram Faith deixar o telefone cair no chão e cambalear, apoiando-se na mesa para firmar-se em pé.

— Faith, o que houve? — Thomas apressou-se e posicionou-se ao lado dela muito antes de Cailey, que estava impedida de correr mais rápido por causa da barriga proeminente.

— Henry... — mencionou o nome do ex-marido, o que fez ambos ficarem surpresos, já que desde que fora visitá-lo na cadeia, pela primeira e última vez, ficou decretado que esqueceriam de sua existência.

— O que tem Henry? — Cailey chegava, já ansiosa para saber o que tinha acontecido.

— Ele foi encontrado morto em sua cela. Cortou os pulsos com um caco de vidro.

Ao receber tal notícia, cada um dos três teve



uma reação diferente. Thomas penalizou-se por Faith, pois sabia que com seu imenso coração ela não seria capaz de não se sentir mal pela morte do ex-marido; Cailey, por sua vez, teve uma imensa vontade de dizer que Henry não iria fazer nenhuma falta, mas decidiu controlar-se em respeito à irmã. Tinha amadurecido muito, mas o rancor ainda era um sentimento com o qual não sabia lidar.

Já Faith, sentia como se seu coração tivesse sido arrancado do peito. Claro que não amava mais Henry. Claro que a mágoa que sentia por ele era maior do que qualquer amor que já pudera ter sentido durante o tempo em que ficaram juntos... Mas era impossível não sentir simplesmente nada. Aquele homem fora seu marido por cinco anos, fora um companheiro, alguém com quem compartilhara sonhos, metas, tristezas e alegrias. Tudo bem que já nem podia dizer que o conhecera

## PERIGOSAS NACIONAIS

muito bem, mas por um tempo ele fora uma parte muito importante de sua vida.

Pensar que ele tinha chegado ao extremo de tirar a própria vida fazia com que devaneasse um pouco. Como um homem que tivera tudo podia ter feito todas as coisas que fez? E fora por isso que começara a chorar. Não pela perda do homem que Henry tinha se tornado, mas pelo homem que ele poderia ter sido.

— Era Steve me avisando. O enterro vai ser amanhã.

— E você vai? — Cailey tinha uma leve nota de indignação na voz, já antecipando a resposta da irmã.

— Não. Não posso.

— Acho que o Sr. Allers não iria gostar...

— Thomas arriscou um palpite.

## PERIGOSAS ACHERON

— Isso não tem nada a ver com Rowan. Tem a ver comigo — Faith limpou as lágrimas do rosto e se recompôs. — Henry não era mais o homem que eu conheci. Não teria sentido ir ao enterro de um desconhecido.

E ela saiu andando, pronta para voltar a seus afazeres. Thomas e Cailey se entreolharam, desaprovando aquela resposta. Sabiam que o tom de voz frio e desinteressado que Faith usara não lhe era peculiar, e isso os preocupava, pois sabiam que aquilo não saíra de seu coração. Não era assim tão indiferente a Henry. Mesmo que o que sentisse por ele fosse puro ódio e rancor.

\*\*\*

A notícia da morte de Henry poderia ter abalado Steve, mas Jayce não sentia nem um

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

pouquinho de pena. Tinha um coração enorme, quase proporcional ao seu tamanho, mas quando se tratava de filhos da puta como aquele cara, ele simplesmente dava de ombros e pensava que era menos um criminoso no mundo. Lamentava apenas por Faith, pois sabia que, de alguma forma, aquilo iria mexer com ela.

Mas seu trabalho precisava continuar. Henry fora o melhor amigo de Steve, por isso, o comandante lhe dera o resto do dia de folga, para que pudesse ir ao enterro com Emily. Isso, portanto, significava que Jayce teria algumas horas para investigar sozinho. Não que não gostasse da companhia do melhor amigo, mas trabalhar sozinho era sempre mais produtivo.

Para começar, tinha um nome nas mãos: Ivy.

Ponto.

## PERIGOSAS ACHERON

Um maldito sobrenome seria muito útil naquele momento, mas não crucial.

Era um cara que sabia aproveitar as oportunidades, mesmo que os métodos utilizados não fossem os mais ortodoxos. Aliás, nenhum deles iria deixá-lo orgulhoso na manhã seguinte.

Um simples telefonema poderia fazer toda diferença.

— Sra. Reynolds? Aqui é o detetive Jayce Hernandez. — A mulher do outro lado da linha cumprimentou-o, mostrando que se lembrava de seu nome. — Desculpe atrapalhar sua rotina, mas tenho mais um pedido de ajuda. Se não for incomodá-la.

— De maneira alguma, detetive. Eu lhe dei meu cartão com meu número pessoal exatamente para isso.

Bem, ele sabia que não tinha sido apenas esse o motivo. A vadia nem sequer se importara com a enorme aliança que ele usava no dedo, mostrando ser um homem comprometido.

— Preciso de alguma informação dos jornais locais ou da TV que mencione uma mulher chamada Ivy, que tenha qualquer ligação com os Hannigan. Acha que é uma missão impossível? — Jayce também tentou soar simpático, até porque estava solicitando um favor.

— Hummm, não acho que vá ser tão difícil. Se houver algo no jornal impresso, temos um software de banco de dados que nos permite pesquisar notícias por uma palavra chave. Posso refinar a busca pelo nome da família e depois fazer outra mais detalhada em cima dos resultados da primeira. É um programa bem moderno.

— Quanto tempo acha que vai demorar?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— No máximo uma hora. Posso retornar a ligação se me der seu número...

As segundas intenções estavam marcadas no tom de voz, mas ele não caía no jogo.

— Pode deixar que eu retorno. Obrigado.

E desligou. Esquecendo-se dos bons modos e da simpatia por um momento.

Mas ele nem se importava... teria suas respostas do mesmo jeito.

\*\*\*

Ver o restaurante cheio, com clientes saindo de lá satisfeitos, compensava qualquer coisa para Tatianna. Ela sabia que tinha sido a responsável por aquele sucesso. Sabia que aquelas pessoas estavam retornando porque tinham gostado de sua comida.

## PERIGOSAS ACHERON

Porque tinha feito a coisa certa.

Mas será que não estava mesmo se arriscando demais?

A resposta para sua pergunta veio alguns minutos depois, com uma mensagem de Jayce dizendo que precisavam conversar com urgência, mas podia adiantar que ela precisava se afastar daquele restaurante e daquelas pessoas o mais rápido possível. E isso só podia significar uma coisa: ele tinha descoberto algo. Não era difícil imaginar que havia uma baita podridão escondida debaixo dos tapetes daquele lugar, mas, fosse o que fosse, sua mãe estivera envolvida.

Será que realmente queria estar por perto quando o verdadeiro segredo fosse revelado?

Jayce não iria parar de investigar, disso ela tinha certeza, então, poderia acompanhar a evolução da investigação e encontrar as respostas

PERIGOSAS ACHERON



da mesma forma.

E foi essa certeza, essa confiança em Jayce, que fez com que escrevesse uma carta de demissão. Aquele não era o desejo de Lolla, mas talvez não fosse corajosa o suficiente para enfrentar os obstáculos como suas primas tinham feito. Poderia jamais saber o que o destino tinha lhe reservado, mas sairia intacta: sem traumas, sem cicatrizes.

Dirigiu-se, portanto, ao escritório de Taylor, decorando um discurso aceitável para o que estava prestes a fazer, mas quem encontrou lá foi Sebastian.

De costas para ela, apoiado na mesa, ele logo a ouviu entrar e virou-se em sua direção. Por um momento podia jurar que seus olhos brilharam ao vê-la, quase como se sua presença não fosse incômoda. Contudo, ele logo ficou sério, como sempre.

— Onde está Taylor? — indagou, mostrando-se tão séria quanto ele. Não queria conversar.

— Ele não está. Posso ajudar?

— O assunto não é com você. Aliás, meus assuntos *nunca* são com você — ela virou as costas e já ia saindo quando ele falou:

— Se tem algo a ver com o restaurante, lembre-se que este lugar também é meu.

Por um momento, Tatianna simplesmente parou, inerte, sem saber como agir. Era bem verdade que devia satisfações a ele, pois também era proprietário do The Hannigan's, mas não lhe devia explicações, o que poderia facilitar sua vida naquele momento.

— Tudo bem, então... — virou-se finalmente e estendeu o papel em sua direção. —

Vou deixar isso com você. Mas fale para Taylor que ainda temos que conversar.

Tatianna cruzou os braços, mantendo-se de frente para Sebastian, observando-o enquanto ele abria a carta. Sua expressão, conforme lia as palavras escritas, transfigurou-se em puro desespero. O que foi uma surpresa para ela.

— Carta de demissão? Ficou louca? Está achando que o The Hannigan's é uma brincadeira?

Ah, claro... ele só estava preocupado com o restaurante.

— Vou indicar uma pessoa tão competente quanto eu; um colega de faculdade e...

— Eu estou pouco me importando com o restaurante, Tatianna, mas meu irmão está. E eu me importo com ele. Sei que Taylor vai sofrer se este lugar voltar ao estado em que estava antes de você

chegar — ele fez uma pausa. — Não percebe? Se você não tivesse aparecido, ele estaria resignado, aceitando a falência. Mas você veio e o encheu de esperanças. Não acha que está sendo cruel?

— Cruel? Quem é você para falar de crueldade? — alterou-se. — Posso estar sendo egoísta com a minha decisão, mas preciso pensar em mim. Como acha que posso ficar esbarrando em você depois de tudo que aconteceu? Não estou falando apenas por termos dormido juntos, mas também por ontem. Naquela casa. Disse que estou em perigo, não disse? Então vou me afastar...

— Se parar de se intrometer onde não é chamada não vai estar em perigo. Mesmo trabalhando aqui.

— Mas vou estar perto de você! Não sou o tipo de mulher que vai para cama com um homem e não se importa depois. Não gosto de ser usada. Não

sou um objeto sexual.

— Não... é claro que não é... — Sebastian não sabia o que dizer. E como poderia? Queria se defender, dizer que se importava com ela, mais do que deveria, mas não podia. Precisava deixar que ela o odiasse, embora não tivesse coragem de fazê-la se sentir um objeto.

— Mas foi assim que me senti quando acordei sozinha... quando não teve a decência sequer de me deixar um bilhete. Só faltou deixar dinheiro em cima do travesseiro — ironizou.

— Para com isso, Tatianna. Não foi desse jeito... eu não...

— Chega! Não quero mais ouvir — ela o interrompeu. — Dane-se o que você acha, o que significou para você. Não me importa. Só quero ir embora daqui.

Ela se virou para sair, mas ele a agarrou pelo braço e a puxou de volta.

— Não. Não vou deixar que vá embora assim...

— Eu decido. Vou conversar com Taylor, ele vai entender.

— Ele pode entender.... Claro que entenderia, já que é um homem compreensivo. Mas vai sofrer. E você vai ser responsável por isso.

— Vou dar um jeito de ajudar de alguma forma — disse e debateu-se, uma vez que ele não parecia disposto a soltá-la. — Dá para me soltar? Não pode me segurar aqui.

— Não, não posso. Mas vou. Vai ter que me ouvir.

— Não vou te ouvir. Já estou cansada de pensar nos outros e esquecer de mim... cansada! —

## PERIGOSAS NACIONAIS

elevou a voz mais ainda e continuou tentando se soltar das mãos dele. — Mas que merda! Me solta.

— Já disse que não! — em um ato impulsivo, Sebastian colocou as duas mãos na cintura de Tatianna e a levantou do chão, colocando-a sentada na mesa à sua frente. Depois, posicionou as mãos uma de cada lado dela, prendendo-a ali.

— Ficou louco?

— Acho que sim... completamente louco.

Dizendo isso, ele a beijou.

Ou melhor... assaltou seus lábios como um ladrão; como um criminoso que chega disposto a tudo a qualquer preço. E Tatianna quase podia sentir que ele roubara aquele beijo da mesma forma como roubara seu coração: sem que ela nem percebesse.

## PERIGOSAS ACHERON

A verdade era que apaixonara-se por Sebastian Hannigan em algum momento. O que fazia com que se achasse uma estúpida. Sempre acreditava que quando isso acontecesse, viveria um relacionamento tranquilo e com uma pessoa que sentiria o mesmo por ela. Que lhe ofereceria segurança, paixão, além de uma amizade eterna.

E Sebastian não se encaixava em nenhum desses requisitos.

Mas estava ali, suspirando em seus braços como uma tola apaixonada, mesmo sabendo que ele somente sentia uma atração física por ela. Nada de amor ou qualquer outro sentimento romântico. Era um maldito cafajeste.

Pensando nisso, ela virou a mão em seu rosto, fazendo o tapa estalar por todo o escritório.

— Como tem coragem? Depois de tudo que fez!



— Mas você retribuiu — ele sorriu de forma irônica, e isso a deixou com ainda mais raiva.

— Sim. Mas não fui eu que desisti de você. Eu estava lá, disposta a acordar do seu lado e começar um relacionamento, por isso que aceitar seu beijo não é nada surpreendente. Talvez um pouco idiota da minha parte, mas não absurdo.

— Não podemos... — ele soltou a frase no ar, como se nem falasse com ela. Parecia falar consigo mesmo.

— Não podemos o quê?

— Ficar juntos... simplesmente não podemos — confessou.

— Ah, mas podemos ir para cama e...

E Tatianna não pôde acabar a frase, pois Taylor entrou no escritório, abrindo a porta e

fazendo barulho, mal sabendo que iria encontrar os dois ali dentro. Muito menos naquela posição comprometedora e falando sobre algo tão íntimo.

— Eu... eu... não... — gaguejou Taylor. — Não esperava encontrar vocês dois aqui. Desculpem se interrompi alguma coisa. Não era a minha intenção.

Taylor saiu novamente, deixando ambos muito envergonhados.

— Como é possível que você só me coloque em situações difíceis? — descendo da mesa, Tatianna falou.

— Eu? Não acha que é o contrário?

— Pouco me importa. Mas acho que tem razão. Não fomos feitos um para o outro. Nada dá certo com a gente.

Sebastian a viu saindo pela porta e teve

## PERIGOSAS NACIONAIS

vontade de socar qualquer coisa na sua frente. Como era possível que simplesmente não conseguisse se controlar quando estavam juntos? E ao mesmo tempo, outra pergunta assombrava sua mente: por que o destino tinha que lhes pregar uma peça tão grande? Por que a mulher que mais queria era a única que não podia ter?

## PERIGOSAS ACHERON

## XII

### Bananas flambadas

*"Bananas representam a firmeza nas decisões e a energia de suas consequências."*

Respirou fundo e bateu à porta.

Sentia-se como uma menininha que tinha acabado de fazer uma travessura e estava prestes a encontrar a mãe para levar uma bronca.

Tudo estava errado naquela história, e parecia não ter a menor tendência para melhorar. Estava presa em um círculo. Quanto mais caminhava, mais parecia voltar para o mesmo lugar. Quando estava prestes a encontrar a solução para um problema aparentemente grande, outro surgia, fazendo o primeiro parecer uma coisinha de nada.

A voz de Taylor foi ouvida, pedindo que ela entrasse. Com isso, abriu a porta com cautela, entrando na despensa bem devagar.

Ele estava lá dentro, com um papel e uma caneta na mão, fazendo anotações de quantidades de mantimentos. Aquilo era trabalho dela, mas ele parecia não ter outra coisa para fazer, já que seu escritório tinha sido tomado por dois loucos que ficavam se agarrando nas horas mais inusitadas.

— Taylor, aquilo que você viu... — ela começou, mas foi interrompida.

— Tatianna, você não precisa me dar explicações... não vi nada de errado naquela sala; só fiquei um pouco surpreso, porque pensei que vocês dois não se davam muito bem — ele parecia sincero ao falar, mas ainda não a tinha encarado, continuava seu trabalho metódico.

— E não nos damos.

— Não foi o que pareceu — ele deu uma risadinha. Então, finalmente virou-se para ela. — Olha, eu quero muito que meu irmão seja feliz, e quero o mesmo para você. Se isso significar que vão ficar juntos, não vou me opor de forma alguma.

— Não é isso. Você não está entendendo. Foi só um beijo.

— Bem, eu ouvi outra coisa... mas não é da minha conta — ele se virou novamente para os mantimentos, parecendo um pouco chateado. Talvez pela mentira.

— Ah, Taylor... é tão complicado de explicar — Tatianna sentou-se em um banquinho no canto do pequeno cômodo. — Sebastian é muito estranho. Ao mesmo tempo que parece me odiar e me repelir, ele tenta me seduzir, eu não entendo.

Não era o tipo de mulher que saía fazendo confissões tão íntimas para pessoas que mal

PERIGOSAS ACHERON

conhecia, mas aquela saiu numa espécie de desabafo inconsciente. E, afinal, Taylor era irmão de Sebastian, deveria conhecê-lo bem. Quem sabe não surgia com alguma explicação para o estranho comportamento que ele apresentava?

— Isso não é típico de Sebastian. Ele costuma ser um cara legal, que não magoa as pessoas, muito menos mulheres...

— Então acho que ele decidiu escolher logo a mim para começar a bancar o idiota — disse, mas logo se arrependeu. — Desculpa. Não queria ofender, afinal, ele é seu irmão.

— Tudo bem. Se ele anda magoando você, realmente merece ser chamado de idiota — Taylor fez uma pausa e se aproximou de Tatianna, abaixando-se na sua frente, colocando a mão sobre a dela. — Quer que eu fale com ele?

— Não. Acho melhor deixar as coisas como  
PERIGOSAS ACHERON

estão. Só não sei se vou conseguir ficar trabalhando aqui com essa situação.

Pronto! Tinha falado. E, exatamente como esperava, a expressão de Taylor mudara, demonstrando uma imensa decepção.

— Me desculpe, Taylor... sei que estou sendo egoísta, mas acho que não tenho escolha.

Ele continuava com as sobrancelhas franzidas, como se tentasse interpretar as coisas que ela dizia.

— Veja bem, Tatianna... — começou. — Nunca iria prendê-la aqui só porque você salvou este lugar e porque preciso de você. Mas quando decidir ir embora... quando achar que não é mais feliz aqui ou que pode ser mais feliz em algum outro lugar, quero ter certeza de que sua decisão não tem a ver com outra pessoa.



— Eu adoro trabalhar aqui...

— Sei que gosta. E está fazendo um trabalho incrível. Só Deus sabe o quanto vou ficar desesperado se realmente decidir ir embora, mas é uma escolha sua.

Ela ficou em silêncio, mas seus pensamentos pareciam compensar essa falta de palavras e gritavam dentro de sua cabeça. Pensava em Sebastian, em tudo que tivera que suportar por causa dele; pensava na mensagem de Jayce e no que ele poderia ter descoberto de tão grave... Porém, naquele momento — talvez porque ele estivesse ali, na sua frente, parecendo mais desolado do que um menor abandonado —, Taylor era sua maior preocupação. Devia muito a ele. Muito mais do que ele devia a ela, por isso, deixá-lo seria mais do que egoísmo. Seria crueldade. E Tatianna não era uma mulher cruel.

Portanto, a resposta que deu em seguida saiu muito naturalmente, como se fosse a escolha mais lógica.

— Fica tranquilo, Taylor, não vou me demitir.

Aquela decisão não foi tomada apenas por causa de Taylor, mas também porque ela sabia que havia ainda muitas coisas a serem descobertas. Não poderia abandonar a investigação de um segredo que a atormentava há tantos anos. Não quando estava tão perto.

— Obrigado, Tatianna.

Ela somente sorriu.

— Você se importaria se eu chegasse um pouco mais tarde amanhã? Vou pegar meu carro hoje e vou para Manhattan, para resolver um problema com minhas primas.

— Não precisa nem se explicar. Pode ir.

Sorriu outra vez e saiu, deixando-o sozinho ali.

Assim que passou pelo salão principal do restaurante, viu Antonia varrendo o local, parecendo muito entretida e desligada do mundo ao redor.

— Antonia? — chamou, aproximando-se da mulher, assustando-a com sua voz.

— Ah, menina, que susto me deu!

— Desculpe...

— Podemos conversar? Preciso que me ajude.

Quase em câmera lenta, Antonia virou-se para Tatianna, finalmente parando de fazer o que estava fazendo e apoiando os braços no cabo da vassoura, em pé. Em seguida olhou para ela com

PERIGOSAS ACHERON

uma expressão muito enigmática no rosto.

Era como se a mulher soubesse exatamente o que a outra iria lhe perguntar, mas não estivesse nem um pouco disposta a cooperar.

— Não vai conseguir comigo as respostas que precisa, menina.

— Mas você as tem. Eu sei que tem. Sabe quem é Stuart Frost e o que ele pode querer comigo, não sabe?

— Sim. Só não vou ser eu a te falar qualquer coisa. Vai ter que descobrir por outros meios.

E ela voltou a trabalhar, como se Tatianna não estivesse mais ali. Não adiantaria nada insistir.

Sentindo-se derrotada, ela saiu do restaurante. Teria que caminhar por uns dez minutos para chegar à oficina onde seu carro a

esperava. Finalmente poderia pegá-lo.

Contudo, antes que pudesse iniciar sua caminhada, foi parada. Uma mão grande tocou seu ombro de forma sutil, sem que isso a impedisse de continuar, se quisesse. De alguma forma sabia que não se tratava de Sebastian, pois seu toque era muito mais possessivo do que aquele, mas tinha certeza que pertencia a um homem. Foi uma plena curiosidade que fez com que parasse para ver quem era.

Qual não foi sua surpresa quando deparou-se com Stuart Frost?

— Olá, Tatianna!

Uma mistura de medo e repulsa fez com que ficasse sem palavras, sem ação. Na sua frente estava o suposto assassino de sua mãe, o homem que também a torturara psicologicamente por muitos anos até que conseguira encontrá-la

PERIGOSAS ACHERON

indefesa, desprotegida. E, de certa forma, Tatianna também estava desprotegida ali, sozinha, parada no meio de uma rua sem muito movimento naquele horário.

Mas o que deveria fazer? Sair correndo ou tentar descobrir algum segredo?

— O que quer? — mostrou-se impaciente e ríspida.

— Conversar. Não precisa ter medo de mim...

— Não estou com medo.

Ele sorriu. Um sorriso malicioso, de canto, que a fez sentir um arrepio na nuca.

— Está sim... Mas pode ficar tranquila... só quero trocar algumas palavras.

— Será que o que tem para me dizer é do meu interesse? — cruzou os braços de forma PERIGOSAS ACHERON

desafiadora.

— Ah, minha querida... é de seu completo interesse — ele sorriu de forma maliciosa e assustadora.

— Talvez, ao invés de te ouvir, fosse melhor chamar a polícia.

Frost gargalhou.

— Talvez. Pode chamar, aliás. Já tive muitas passagens pela polícia, mas algumas queixas foram miraculosamente retiradas. Nada que uma boa chantagem não propocione. E não encontraram nenhuma prova que me ligasse ao assassinato da sua mãe. Só restou uma vã suspeita.

Conforme Frost falava, ela começava a se surpreender. Ele *sabia* quem ela era. *Sabia* que era filha de Madeline Moore, e talvez até soubesse que estava ali para investigar a morte da mãe e muitas

## PERIGOSAS NACIONAIS

outras coisas. Ao mesmo tempo em que aquilo a assustava, poderia realmente ser uma oportunidade. Isso, é claro, se soubesse jogar com as cartas certas e não se colocasse em perigo.

— Tudo bem. Podemos conversar. Mas não aqui, não agora. Tenho um compromisso.

— Podemos marcar no dia que você quiser, onde quiser...

Bom. Era um ponto a favor.

— Vou te passar meu telefone. Vou pensar em algum lugar.

— Como já disse, pode escolher o lugar que quiser, mas preciso que vá sozinha. Sei que vai fazer algumas perguntas cujas respostas serão muito íntimas para mim. Não seria muito confortável fazer certas revelações na frente de terceiros.

## PERIGOSAS ACHERON



Poderia ser um pedido razoável se não viesse de uma pessoa que a amedrontava ao máximo. Antes de ele fazer a exigência, Tatianna já estava pensando em levar Jayce consigo, o que seria uma proteção e tanto. Mas se era para descobrir coisas sobre sua mãe, ela faria qualquer sacrifício.

Portanto, pegou um papel e uma caneta de dentro de sua bolsa e anotou o número de seu celular.

— Pode me ligar amanhã de manhã. Não estarei no The Hannigan's.

Ela sabia que ele não telefonaria caso estivesse perto de alguma pessoa daquela família.

— Ótimo. Não vou esquecer.

E ele fez uma coisa que ela não esperava: pegou sua mão e a beijou, de forma muito educada

e quase galante. Depois foi embora sem dizer mais nada, mas deixando todas as suas palavras gravadas no pensamento de Tatianna. Cada uma delas.

\*\*\*

Mesmo depois de dirigir a noite toda e acordar cedo, sem ter conseguido dormir por causa da conversa com Frost, Tatianna sentia-se até bem demais. Talvez fosse a expectativa de ver suas primas, ou o fato de que estava novamente na casa da avó, mas simplesmente levantara-se de bom humor e disposta.

Ainda eram oito horas da manhã quando chegou no ateliê onde marcara com Faith e Cailey. Estavam agendadas para as provas dos vestidos que tinham encomendado para a festa da Alers' Arquitetura, que aconteceria naquele final de

semana. Tatianna estava ansiosa por aquele evento, pois seria uma chance de estar com as pessoas que amava e se distrair um pouco.

Tanto o vestido de Faith — um lindo longo na cor de beterraba, com uma renda que formava uma alça em apenas um ombro —, quanto o de Tatianna — um azul turquesa muito delicado, com brilhos prateados na cintura que a deixavam parecendo uma fada — as vestiam com perfeição. Já o de Cailey, um belíssimo bordô, que marcava a curva sob seus seios, evidenciando a enorme barriga de grávida com a saia plissada, não a estava deixando muito satisfeita.

— Quando me olho no espelho com ele, não consigo me reconhecer. Eu pareço mais um bolo de casamento do que uma convidada de uma festa de gala — choramingou.

— Querida, você está grávida. Qualquer

## PERIGOSAS NACIONAIS

vestido que colocar vai deixá-la se sentindo dessa forma — a costureira, muito paciente, explicou.

— Mas que droga! — Cailey resmungou mais uma vez. — Acho que eu vou desistir de ir.

— Ah, mas não vai mesmo! Pode ser sua última chance antes de Abbie nascer. E Deus sabe que com um bebê pequeno vai levar algum tempo até você poder tirar uma noite para se divertir — Tatianna falou. — Não acha, Faith?

Ela perguntou, mas Faith parecia um pouco distante. Cailey lhe avisara sobre a morte de Henry, mas Tatianna não acreditara que era apenas isso o que a estava deixando tão calada.

— Ei. Faith, você está bem?

— Não estou me sentindo bem desde ontem. Passei a noite inteira enjoada e com queimação no estômago. Deve ser algo que comi.

## PERIGOSAS ACHERON

Tatianna e Cailey se entreolharam, preocupadas, mas logo esqueceram a preocupação quando Faith simplesmente mudou de assunto, mencionando o convite que tinham feito a Thomas sobre ficar na casa de Lolla, enquanto estivesse vazia.

— Claro que não tem problema. Ele pode ficar por quanto tempo precisar.

— Achamos que diria isso e que seria bom que tivesse um pouco de companhia quando ficasse lá — Faith disse, sorrindo.

— E vamos combinar... Thomas está virando um gatinho. Quem diria! Sempre foi tão desajeitado... — Cailey comentou.

— Pelo amor de Deus, Cailey! O garoto é uma criança!

— Eu sei, Tatty! Só estou comentando.

Acho que ele vai fazer sucesso com as menininhas. Só isso.

Por mais que tivessem tentado se controlar, as outras duas — e até mesmo a costureira — não conseguiram não rir com o comentário fora de hora de Cailey. Como ela conseguia ser sempre tão espirituosa?

Tatianna sorriu com vontade, como não fazia há alguns bons dias, pensando no quanto tinha sorte por poder viver momentos como aquele. Porém, no momento em que seu celular tocou, seu coração soube que era hora de toda aquela harmonia se dissipar.

O display do celular identificava "número restrito", mas, para ela, não havia mistério nenhum na identidade de quem estava telefonando. E quando a voz masculina, do outro lado da linha, cumprimentou-a de forma quase formal e educada

demaís, ela já sabia que se tratava de Stuart Frost.

— Frost? E não é que você ligou mesmo?

— sua voz estava repleta de sarcasmo ao cumprimentá-lo de volta.

— Nunca deixo de ligar para uma dama no dia seguinte...

Se a ideia era fazer uma piada, não fora muito bem sucedido. Tatianna não achou a menor graça.

— Já decidiu onde iremos conversar?

— Está muito confiante de que vou realmente te ouvir.

— Acho que não tem nada a perder. Vamos nos encontrar nos seus termos, para que eu possa revelar os segredos que sempre quis saber. Não vejo como isso não possa ser benéfico para você.

O problema era que ele tinha razão. A  
PERIGOSAS ACHERON

vontade de saber mais sobre aquela história parecia um comichão dentro de seu corpo. E ela sabia que tal sentimento não iria se dissipar, nem mesmo depois de muitos anos. Afinal, apesar de já ter se passado muito tempo, ainda não tinha aceitado o abandono. Não podia aceitar viver sem a explicação.

— Tá legal, Frost. Vamos nos encontrar naquela igreja próxima ao The Hannigan's, às sete. No horário da missa.

— Uma igreja? Bem inusitado, garota. Mas tudo bem. Já faz algum tempo que não faço uma boa oração.

— Isso, é claro, se você não pegar fogo quando pisar em solo sagrado.

Frost gargalhou.

— Você é espirituosa, gosto disso.



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Até lá, Frost.

E ela desligou, sem muita paciência para conversas.

O possível assassino de sua mãe... e ela tinha marcado um encontro com ele! Só podia estar louca.

— Quem era, Tatty? — Cailey nunca perdia sua curiosidade.

— Ninguém em especial. Um fornecedor do restaurante.

Mentir era a última coisa que gostava de fazer quando se tratava de suas primas. Mas a verdade era que não podia lhes contar o que iria fazer ou iriam inventar de ir com ela. Ou enviar Jayce, o que estragaria tudo. Tudo bem que, pela expressão de Cailey, era fácil ver que não tinha engolido aquela história. Mas parecia ter decidido

## PERIGOSAS ACHERON

respeitar o silêncio da prima e não perguntou mais nada.

Até porque, mesmo que Tatianna ouvisse as perguntas, não saberia quais deveriam ser as respostas.

\*\*\*

— Você tem um minuto?

Jayce perguntou para Tatianna, quando esta foi deixar Cailey em casa, depois da prova na costureira. Ela planejava sair direto para o The Hannigan's, já que já eram mais de dez horas, e ela ainda iria levar umas três ou quatro horas na estrada.

— Não posso demorar muito, ainda tenho que ir para Moreau hoje.

— Não recebeu minha mensagem ontem? Pensei que já tinha pedido demissão. Pode estar em perigo trabalhando naquele lugar.

— Recebi, mas tive que ignorar, Jay. Ainda tenho muitas coisas a descobrir por lá.

Ele suspirou, sentindo que uma dor de cabeça estava por vir. Uma das muitas que aquela família já tinha lhe causado naqueles anos.

— Tudo bem... descobri algumas coisas. Já sei quem é Ivy, e é por causa dela que pedi que se afaste.

— Quem ela é? — quase desesperada, Tatianna arregalou os olhos e apressou Jayce em seu relato.

— Ela foi adotada pela família Hannigan quanto tinha apenas seis anos. A mãe de Sebastian queria ter outro filho, mas já estava começando a

ficar doente naquela época. Mas pelo que eu entendi, a moça, mesmo sendo tratada como da família, começou a se relacionar com Taylor e ficaram até noivos — ele fez uma pausa e respirou fundo, como se estivesse prestes a entrar na parte mais difícil da conversa. Sua expressão tornou-se preocupada, principalmente porque sabia que o que iria falar poderia magoá-la profundamente. — Pouco depois da morte da sua mãe, Ivy teve uma discussão com Sebastian Hannigan e...

— E...? O que aconteceu? — ela não podia mais esperar pela resposta, nem mesmo um segundo, que foi o tempo que Jayce levou para fazer uma breve pausa, tentando encontrar a melhor forma de explicar.

— Ela simplesmente caiu do sótão da casa dos Hannigan, e desde então está em uma cadeira de rodas, sem falar, sem andar e vivendo como um

vegetal. A verdade é que houve uma suspeita de que foi Sebastian quem a jogou, porque eles estavam brigando aos berros.

Tatianna sentiu as pernas bambearem e precisou se apoiar na parede para não cair no chão. Em nenhum momento achou que Sebastian poderia ser o mocinho da história, mas também nunca pensara que poderia ser um vilão. Ou pelo menos não um vilão capaz de tentar matar uma pessoa da família, alguém que crescera com ele.

Meu Deus! Ela nem sequer queria pensar que tinha ido para cama com um homem que tentara *matar* alguém que não merecia morrer. — Tatty, você está bem? Não quer se sentar? — Jayce preocupou-se. Ela estava ficando cada vez mais pálida.

— Sentar? Não! Eu quero entender...

— Não há o que entender. Não se sabe se

## PERIGOSAS ACHERON

foi mesmo isso que aconteceu, se ele tentou matá-la.

— Mas só a suspeita já é suficiente — ela sussurrou. — E ele foi preso? Chegou a ser acusado?

— Não formalmente. Chegou a passar uma noite na cadeia, mas não havia provas suficientes.

— Como não? Ele não foi pego em flagrante? — Tatianna, que não entendia nada de leis, perguntou confusa.

— Não. Não tinha ninguém no quarto com eles, portanto, não houve testemunha ocular. Mas também não havia nenhuma marca no corpo dela que indicasse briga. Além disso, as próprias digitais de Ivy foram encontradas no vidro da janela e havia uma pequena marca no parapeito que parecia ser de um sapato. Como se ela tivesse pisado lá para se jogar.

Ela respirou aliviada, mas não deixando de ficar intrigada com toda aquela história. Agora compreendia o desespero de Jayce quando lhe enviou a mensagem para que pedisse demissão. A história daquela família estava marcada por tragédias. E se continuasse perto deles, poderia estar fadada a entrar na estatística.

— Como descobriu tudo isso?

— A produtora executiva da TV local de Moreau me enviou alguns vídeos com reportagens sobre a família Hannigan. Pedi que ela fizesse uma busca filtrando pelo nome de Ivy. Me parece que o arquivo deles é muito organizado e moderno, o que facilitou o trabalho.

Tatianna assentiu com a cabeça, olhando para o nada, meio perdida, como se ainda não conseguisse parar de pensar em todas as informações que tinha acabado de receber.

— Tem certeza que mesmo depois de ouvir tudo isso você ainda quer continuar lá? Prometo que não vou parar de investigar. Vai acabar descobrindo tudo da mesma forma, mas se mantendo segura.

— Não. Sei que muitas coisas que quero saber você não vai poder me ajudar a descobrir. Não são coisas que se descobrem em jornais ou na TV local. São os segredos que me interessam, Jayce. E isso eu só vou descobrir se cavar até o fundo — percebendo a expressão apreensiva do amigo, Tatianna colocou a mão em seu ombro e sorriu, tentando parecer descontraída. — Quem sabe, com tanto treinamento, eu não consiga um emprego na delegacia com você?

E ela deu uma piscadela.

Porém, o que não poderia era exteriorizar que seu coração também estava piscando, pulsando,



doendo... Pensar que Sebastian poderia ter cometido um crime, assassinado a irmã de criação, ainda era uma ideia dolorosa em sua mente. Mais do que o medo, mais do que a curiosidade que sentia a respeito da história daquela família.

Em que momento ele tinha se tornado tão relevante para ela?

## XIII

### Nozes com figo

*"O figo é um dos frutos mais mencionados na Bíblia. Quando frescos, simbolizam o sucesso, quando secos, representam problemas."*

Já eram quase duas da tarde quando Tatianna chegou em Moreau. Mas antes de ir para o The Hannigan's, tinha um assunto muito sério para resolver. Precisava de uma resposta que poderia ser a tênue linha entre a possibilidade de colocar-se em perigo ou se manter segura, sem deixar de continuar sua pequena e amadora investigação.

Se bem que o que estava prestes a fazer já poderia ser uma escolha muito, muito errada.

Estava batendo à porta da casa dele. Mesmo depois de tudo que tinha acontecido, de ter jurado

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

para si mesma que nunca mais teria coragem de encará-lo. Mas aquele homem a incitava a fazer coisas completamente erradas, a agir de uma forma que nem ela mesma compreendia. Ele despertava tudo que havia de mais sombrio nela; até mesmo o desejo que sentia, a urgência em tocá-lo, por mais que fosse um erro, era um pouco obscuro.

E foi ele mesmo quem atendeu. Era tão misterioso que, provavelmente, não tinha empregados fixos. Talvez nem sequer gostasse de ter pessoas por perto. Muito menos ela.

Mas a forma como a olhou...

Oh, Deus, ela podia jurar que *realmente* havia um demônio naqueles olhos... um demônio que sussurrava tentações em seus ouvidos, que incitava promessas proibidas em sua mente.

Aqueles olhos a fitavam com puro e primitivo desejo.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou surpreso em vê-la aqui — ele disse, cruzando os braços na altura do peito e encostando-se de lado na moldura da porta.

— Eu também estou surpresa por ter tido coragem — falou, sem hesitar.

— Quer entrar?

— Depende da sua resposta para uma pergunta.

— E qual seria? — ele franziu as sobrancelhas, um pouco surpreso e confuso com aquela afirmativa.

— Quero saber tudo... toda a história que envolve Madeline Moore, seu assassinato, o que aconteceu com Ivy... *tudo*... — a última palavra soou fraca, quase inaudível. A verdade era que tal pedido parecera fazer todo sentido em sua mente, mas quando colocou-o para fora, em voz alta, soou

## PERIGOSAS ACHERON

tolo e muito infantil. Por que diabos ele lhe diria todas aquelas coisas?

— Por que isso te interessa tanto?

Claro, lá estava a pergunta que ela deveria ter previsto e evitado antes que fosse tarde demais.

— Eu preciso saber onde estou pisando. Não sei se quero trabalhar para uma família tão envolvida em desgraças.

Uma desculpa esfarrapada, mas quase plausível.

Pena que ele pareceu não se convencer.

Aliás, estudando seu rosto com cautela, Tatianna quase pôde perceber uma nova centelha. Algo que não tinha reparado algum tempo antes. Sebastian parecia saber de alguma que ela não sabia. E isso a preocupou.

— Já disse que é melhor que fique fora de  
PERIGOSAS ACHERON

todas essas histórias — ele falou com suavidade.

— Se não pretende me falar nada, como pôde ter coragem de me pedir para continuar trabalhando aqui? Acha justo?

— Nem tudo na vida é justo — ele respondeu com um ar arrogante que parecia muito ensaiado, mas que a deixou muito irritada.

Tatianna, portanto, respirou fundo e chegou à conclusão de que não conseguiria nada ali.

— Tudo bem, Sebastian. Não preciso de você. Tenho outros meios mais eficazes de descobrir o que quero.

Virou-se, portanto, e saiu, sem dizer mais nada e sem sequer deixar que ele também dissesse.

Enquanto a observava partir, com o coração em pedaços, sentiu uma mão pesando em seu ombro. Quando virou-se, viu Antonia, que estava

## PERIGOSAS NACIONAIS

trabalhando na sua casa naquele momento.

— Ela vai falar com Frost.

— O quê? Mas ela... ele... — Sebastian desesperou-se.

— Eu vi os dois. Estava escondida, mas consegui ouvir a conversa quando ela saiu daqui ontem de noite. Ele deve ter prometido algo; coisas que você não tá disposto a dizer.

Sebastian respirou fundo, tentando se acalmar. Não podia permitir que Tatianna tivesse qualquer contato com aquele homem. Não apenas porque ela não deveria descobrir os segredos que escondiam há tantos anos, mas principalmente porque Frost era uma pessoa perigosa. Então ele apenas se virou sem dizer nada, sem qualquer explicação. Porque, de certa forma, não fazia ideia do que iria fazer.

## PERIGOSAS ACHERON

\*\*\*

O livro repousava em uma determinada página. Tão aberto quanto ele estava o coração de Tatianna, pronto para deixar que a magia que existia dentro de si escapasse e fosse criar morada em suas mãos, ao menos naquele momento.

De olhos fechados, ela fazia um pedido, enquanto misturava os ingredientes para uma deliciosa mousse de chocolate com calda de romã. De acordo com o livro, tal ingrediente proporcionava sabedoria, incitava a verdade e proporcionava realização de desejos. Era exatamente tudo que precisava.

Assim que ficou pronto, guardou boa parte dele na geladeira e se obrigou a comer um pedaço, já que estava com o estômago embrulhado de



nervoso.

Depois deixou a louça na pia e foi em direção ao banheiro para começar a se arrumar.

Enquanto a água caía em seu corpo, pensava em muitas coisas. Na verdade, sua mente, naquele momento, tornara-se um turbilhão de pensamentos conflitantes e confusos, perdidos em meio a ideias corriqueiras. Era como se estivesse no meio de uma floresta e houvesse vários caminhos a seguir, porém, as placas que os indicavam mostravam várias direções diferentes, em cada uma delas constando uma informação distinta, mas relevante.

Saiu do banheiro já vestida, secando os cabelos, que cheiravam a xampú, em uma toalha. Foi direto para seu quarto, para maquiar-se e terminar de se arrumar, mas foi impedida ao ouvir um estranho barulho vindo daquela direção.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Claro que poderia ser apenas uma paranoia de sua mente assustada, mas também poderia ser um invasor. Se fosse esse o caso, ela preferia estar preparada, nem que fosse armada com uma faca de cozinha, que foi a arma que foi buscar antes de entrar no cômodo.

Pegou a maior de todas, uma das que usava para cortar carne, e assim, sentindo-se um pouco mais segura, voltou ao quarto.

E não se tratava apenas de uma impressão. Havia um homem deitado em sua cama, em uma postura relaxada e quase brincalhona.

Apesar de tê-lo reconhecido, Tatianna gritou assustada e continuou apontando a faca enorme para ele.

— Seu idiota! O que está fazendo aqui? — berrou, não conseguindo se conter.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Ei, ei, ei... não vai largar a faca? Sou eu... você me conhece!

— Exatamente por isso. Eu posso até te conhecer, mas não confio em você — ela fez uma pausa. — Acho melhor que diga o que veio fazer aqui.

Tatianna não parecia muito disposta a largar sua arma. Preferia ficar com ela ali mesmo onde estava: ao seu alcance.

— Vim impedir que vá se encontrar com Stuart Frost.

— O quê? Como sabe...?

— Deveria tomar mais cuidado com os seus segredos. As paredes têm ouvidos — ele se levantou da cama.

— E como pretende me impedir? Com uma conversa fiada? Acho que está um pouco tarde para

## PERIGOSAS ACHERON

isso, não acha?

Enquanto ele caminhava na direção dela, Tatianna tentava se afastar. Infelizmente tratava-se de um cômodo muito pequeno, e ela logo encontrou o fim da linha colidindo com uma parede.

— Me deixe em paz, Sebastian! Foi você quem decidiu assim, não foi?

— Estou disposto a contar tudo que você quiser... tudo... Mas em troca... — ele estava muito perto. Tão perto que ela podia sentir seu hálito quente roçando em sua própria boca, como se fosse capaz de respirar por ele.

— Vai pedir o que em troca? — Tatianna largou a faca. Era patética, sem dúvida. Aquele homem não podia sequer olhá-la de forma um pouco mais profunda que ela se derretia como gelo em um dia de verão.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Em troca disso... — ele colocou os lábios aos dela, fazendo-a ficar completamente confusa. Lá estava ele novamente seduzindo-a sem qualquer explicação. O beijo foi breve, mas intenso tanto quanto possível. E terminou assim que ela sentiu a mão dele na sua, tentando tirar a faca de sua mão.

Com um sobressalto, ela se afastou dele, voltando a apontar a faca em sua direção,

— Você vai sair da minha casa agora! Seu comportamento já passou dos limites!

Assim que ela disse isso, percebeu que a expressão de Sebastian ficara muito séria, compenetrada, e seus olhos se prenderam aos dela, de forma profunda, com o cenho franzido.

— Largue a faca, Tatianna... agora... — estendeu a mão na direção dela, esperando que ela lhe entregasse a arma que segurava.

## PERIGOSAS ACHERON

E foi o que ela fez. Sem resistência, sem gritos, sem hesitar. Como se estivesse hipnotizada.

E talvez estivesse...

Até porque não demorou muito mais do que um minuto para voltar a si.

— O que você fez comigo? — ela perguntou.

— Você não quer saber tudo? Eu vou te contar, mas não quero ser ameaçado de morte enquanto isso — ele zombou, como se tudo fosse muito divertido.

— Não vou ficar aqui com você...

Marchando, Tatianna caminhou em direção à saída. Tudo bem que aquela era sua casa, mas não conseguia mais ficar no mesmo ambiente que ele, por isso, se sua opção era sair, ela sairia.

Entretanto, assim que chegou à porta, tentou

## PERIGOSAS ACHERON

abri-la, mas estava trancada, e a chave não estava na fechadura, como sempre ficava. A cópia, por sua vez, também não estava pendurada no chaveiro, na parede; tinha desaparecido.

— Não vai sair daqui. Vai dar um belo bolo em Frost. Além disso... não estava tão desesperada para saber a verdade? Vou dá-la de bandeja para você.

— Não pode me trancar aqui. Esta é a minha casa!

— Lamento, mas esta é a minha condição...

— Condição? Mas você é muito abusado mesmo... como acha que ainda pode impor condições?

Sebastian novamente deitou-se em sua cama, assumindo a mesma postura relaxada de

antes, com as mãos atrás de sua cabeça, servindo de travesseiro.

Irritada, Tatianna começou a andar de um lado para o outro.

— Não vejo ninguém em mais vantagem do que você aqui, Tatianna. Estou te protegendo de um encontro com um homem perigoso e ainda vou te contar tudo que quer saber. Sou quase o herói que salva a donzela.

Havia uma forma irônica no jeito de ele se comportar, totalmente diferente da personalidade do homem que ela conhecia, tão sombria e severa. Não sabia dizer qual dos dois era o verdadeiro Sebastian, muito menos qual dos dois preferia, mas acreditava que com aquele que estava à sua frente saberia lidar.

Por isso, debruçou-se sobre ele, que ainda estava deitado na cama, deixando seus rostos muito

## PERIGOSAS ACHERON



próximos, e disse:

— Não vejo nenhum herói aqui... só o vilão... E eu estou longe de ser a donzela indefesa.

Ela tinha um sorrisinho no rosto, como se tivesse ganhado uma disputa. Por isso, para tirar aquela expressão de arrogância de seu rosto, Sebastian a agarrou e a jogou, por cima dele, do outro lado da cama, colocando-se sobre ela, prendendo-a ali.

— Estamos aqui sozinhos, Tatianna, e eu estou disposto a lhe dar tudo que você quiser... É só me dizer... só pedir...

E ela poderia pensar em mil coisas que gostaria de lhe pedir. Todas elas eram completamente inapropriadas e totalmente pecaminosas. E vergonhosas. Tatianna não podia pensar nelas, pelo menos não com Sebastian. Ele era exatamente tudo que ela deveria evitar, tudo

PERIGOSAS ACHERON

que precisava esquecer, por mais que sua mente teimasse em desejá-lo.

— Quero a verdade — ela disse em um sussurro, a voz quase inaudível.

Por um momento ela achou que ele iria beijá-la novamente, pois seus olhos fixaram-se nos dela, de forma profunda e intensa, como se fosse impossível se afastar. Mas finalmente ele conseguiu, libertando-a da prisão de seu corpo, permitindo que se levantasse e se afastasse, tentando manter o máximo de distância.

— Qual a sua primeira pergunta? — ele se sentou na cama e esperou.

— O que aconteceu com Ivy, de verdade?

A pergunta era boa, é claro. Responderia muitos de seus questionamentos interiores, principalmente sobre a índole de Sebastian, mas ela

a proferira de forma impulsiva, sem nem pensar. E ele pareceu achar a mesma coisa.

— Jura? É assim que quer começar nossa conversa? Não vai me perguntar sobre sua mãe?

Tatianna demorou para perceber a armadilha daquela pergunta. Mas quando caiu em si, arregalou os olhos assustada.

— Como sabe...?

— Que Madeline Moore é sua mãe? Ora, Tatianna... eu não sou idiota. Vocês são muito parecidas, além disso, eu reconheceria sua forma de cozinhar a quilômetros de distância — ele fez uma pausa. — Mas tive a confirmação somente naquele dia, na casa onde está Ivy. Foi o desenho que ela fez. E que você roubou — a última frase soou como uma repreensão.

Tatianna ignorou o último comentário.

— O que aquele desenho pode ter a ver comigo? — blefou. Ela sabia exatamente qual era sua ligação com a ilustração feita por Ivy.

Sebastian olhou para ela, como um pai desapontado olharia para uma filha malcriada, e retirou de dentro de seu bolso um cordão que carregava o pingente que Tatianna não via há mais de dezenove anos.

Uma confusão de lembranças desordenadas se instalaram em sua mente... Memórias que estiveram perdidas por todo aquele tempo, escondidas como uma criança assustada dentro de um armário, e foram libertadas subitamente, sem nem dar chance para que Tatianna respirasse. Quando ela pegou o pingente, quase arrancando-o da mão de Sebastian, foi como se a imagem de sua mãe voltasse a ser real em sua mente.

— Como conseguiu isso?

— Ela me deu. Um pouco antes de morrer.

Aquilo a feriu. Mais fundo do que feriria um punhal ou um tiro. Aquele pingente era a única herança que Jane DeWitt tinha para deixar, mas sua própria filha não fora a escolhida para recebê-lo. Fora alguém que não carregava sequer o seu sangue.

— Quando Ivy desenhou este símbolo, não houve mais dúvidas, nem por um segundo. Eu perguntei a ela qual poderia ser o interesse de Frost em você, e foi esse desenho que eu recebi. A ligação foi imediata; até porque eu já estava desconfiado. Madeline era muito importante para mim... e só uma mulher como ela poderia se tornar tão importante quanto...

Tatianna ergueu os olhos para olhar para ele, arregalados, repletos de espanto. Não esperava que ele dissesse aquilo. Muito menos da forma

como falou, parecendo acreditar em cada palavra.

Sem saber como reagir, com medo de que ele lesse em seus olhos qualquer coisa que não queria revelar, virou-se de costas, com a mão na cabeça, demonstrando preocupação. Ou pelo menos foi isso que demonstrou. Mas se ele tivesse o poder de ler dentro de sua alma, saberia que o sentimento era um pouco mais profundo do que aparentava. Saberia que ao ouvir de seus lábios que realmente se importava com ela, deixando de lado suas máscaras de indiferença e severidade, seu coração apertou-se no peito, provocando-lhe uma dor. A mesma dor que sentira quando sua mãe fora embora.

E a dor que a acometia não deixava de ser por causa de uma perda... Estava perdendo tudo naquele momento. Principalmente o próprio coração; o mesmo que parecia tão apertado dentro

do peito. Estava silenciosamente entregando-o para um homem que não o merecia. Nem sequer uma parte dele.

— Tatianna... — a voz dele soou cálida, como uma carícia suave em uma noite fria. Pela forma como ele pronunciou seu nome, ela podia jurar que viria acompanhado por uma declaração de amor. Mas não foi bem isso que aconteceu. — Eu não tentei matar Ivy. Ela é como uma irmã para mim.

— Então o que foi que aconteceu?

— Essa é sua segunda pergunta?

— Estou só começando, Sebastian... — falou em um tom desafiador, e ele sorriu, balançando a cabeça em negativa, desaprovando sua teimosia.

— Estávamos discutindo por um motivo

peessoal...

— Que motivo pessoal? — Tatianna o interrompeu. Não iria deixar que ele contasse nada pela metade.

Mais uma vez ele suspirou. Ela não estava lhe dando muita escolha.

— Ivy disse que me amava. Mas ela era namorada do meu irmão. Desde pequenos... Taylor ia se casar com ela, então eu nunca a olharia de forma romântica. Mas quando lhe disse tudo isso, ela ameaçou se jogar da janela. Disse que se mataria se eu não ficasse com ela.

— Então ela se jogou?

— Não. Eu estava quase conseguindo convencê-la a desistir daquela loucura, mas ela se desequilibrou e caiu. Não era uma altura muito alta, mas resultou em um traumatismo craniano que



afetou seus movimentos, fala e um pouco de sua capacidade mental.

— E o desenho?

— O que tem o desenho?

— Você pediu que ela te mostrasse qual era minha ligação com Frost. Como sabia sobre mim se nunca nos conhecemos? Como poderia saber que sou filha de Madeline Moore?

Mais uma vez Sebastian hesitou. Ele estendeu a mão para Tatianna, como se quisesse conduzi-la a algum lugar. Ela não cedeu.

— Acho melhor que se sente. Vou contar toda a história. Desde o início. E assim vou responder sua pergunta.

Finalmente ela o tocou, em um grande contraste de sua mão pequena com a enorme que ele lhe oferecia. Novamente, como na primeira vez,

uma estranha eletricidade percorreu seus corpos, como se tivessem sido submetidos a uma poderosa energia. De alguma forma, ambos sabiam o que era essa força. Chamava-se destino.

Assim que ambos se sentaram no sofá da sala de estar, Sebastian começou a falar. Durante cada minuto, o coração de Tatianna batia como se quisesse pular para fora do peito.

— Eu não sei exatamente qual foi o motivo que fez sua mãe vir para Moreau. Mas sei por que ela veio para esta cidade especificamente. Ou melhor, para o The Hannigan's. Foi o destino que a trouxe aqui. Somos uma família de pessoas com dons especiais. E sei que ela também era. Eu e meu pai, e também alguns de nossos antepassados, nascemos com alguns poderes psíquicos. Isso o tornou um curioso no assunto e fez com que buscasse outras pessoas assim. Foi como

conhecemos Frost e, posteriormente, Ivy.

"Ivy chegou nas nossas vida quando minha mãe decidiu que queria ter outro filho, mais ou menos na época em que descobriu que estava doente. Por isso pediu que meu pai adotasse uma criança. Mas claro que ele procurou por uma especial — ele fez uma pausa. — Ivy tem o poder de desenhar e adivinhar algumas coisas. Foi assim que ela soube de você, sem nem mesmo conhecê-la.

— E o poder de Frost? Qual é?

— Ele pode compreender alguns sentimentos. Só de olhar é capaz de sentir se está com medo, preocupada, irritada... e isso lhe dá uma grande vantagem sobre a pessoa. Ele pode ler alguns pensamentos também e, com isso, manipular quem quiser.

— Então foi assim que ele descobriu tão

## PERIGOSAS ACHERON

rápido quem eu sou.

— Sim. E poderia descobrir muito mais coisas se fosse se encontrar com ele hoje. Aquele homem era obcecado por sua mãe, isso é um passo para que fique obcecado por você também. Ainda mais se souber que tem o mesmo poder que ela.

— Eu preciso saber... — precisava, mas tinha medo tanto da pergunta quanto da resposta.  
— Qual o limite do meu poder?

— Não sei. Mas todo poder tem um lado bom e um lado obscuro. Cabe a nós a tarefa de reconhecer o equilíbrio e o limite entre o certo e o errado. Qualquer dom, por mais inofensivo que possa parecer, pode se tornar perigoso nas mãos erradas. Acho que você pode até machucar uma pessoa, Tatianna... se quiser...

A revelação criou um caos dentro de seu ser. Claro que não tinha a intenção de machucar  
PERIGOSAS ACHERON

ninguém, mas, exatamente como Sebastian tinha dito, se um poder como aquele caísse nas garras de alguém mal intencionado, poderia ser muito, muito, perigoso. E ainda ia mais longe: se ela mesma caísse nas mãos erradas, se acabasse vulnerável ou a mercê de um homem como Frost, poderia ser catastrófico.

Ainda havia muitas perguntas, e ela sentia que precisava fazê-las. Mas uma delas parecia gritar em sua mente, mais forte do que as outras.

— E você?

— O que tem eu?

— Qual é o seu poder?

Ele ficou incomodado com a pergunta. Mas o gesto que veio a seguir foi ainda mais inesperado. Sebastian novamente estendeu a mão para ela. Daquela vez, por algum motivo, Tatianna não

hesitou.

Assim que o tocou, já se preparou para receber toda aquela energia que sempre os rondava. Mas não foi o que aconteceu.

Seus olhos captaram uma nova imagem que não pertencia àquela casa. Na verdade, era uma imagem que não pertencia sequer àquele mundo.

Tatianna estava vendo sua mãe.

— Sebastian... — ela agarrou a mão dele com mais força, mas sem tirar os olhos da visão.

Provavelmente ele falou alguma coisa, perguntado por que ela o tinha chamado, mas ela já não ouvia nada ao seu redor. Nada além das batidas de seu próprio coração. Também não sentia nada além de um ar frio tocando seu corpo, congelando-o.

A imagem sussurrou seu nome e estendeu-

lhe a mão, como se precisasse dela. Como se tivesse algo a lhe pedir.

Mas não disse nada. Só fechou os olhos e desapareceu.

No momento exato em que se dissipou por completo, Tatianna sentiu o corpo cambalear e toda uma escuridão se instalou em seus olhos.

Atordoadado, Sebastian segurou Tatianna antes que ela caísse. Ele não fazia ideia do que estava acontecendo, mas também sentia algo estranho no ambiente. Uma presença... e não lhe era desconhecida.

Mas fosse lá o que fosse, não era algo que merecia sua atenção naquele momento. Tatianna, sim. Por isso, levou-a até a cama. Mesmo desacordada ela parecia inquieta, balbuciando palavras que ele não compreendia e respirando de forma incerta.

Sem saber o que fazer, ele apenas segurou sua mão gelada, tentando lhe transmitir um pouco de força. Imediatamente sentiu aquela sensação que os acometia sempre que se tocavam, e Sebastian viu que ela lentamente começava a voltar a si.

Quando seus olhos se abriram completamente, ela estremeceu e sentou-se na cama, mostrando certo desespero. Sua respiração estava ainda mais ofegante, como se tivesse sobrevivido a um imenso perigo.

— Ela estava aqui! — foi a primeira coisa que disse, embora não tenha soado muito claro para Sebastian.

— Tatianna... o que houve com você? Quem estava aqui?

— Minha mãe... eu... — nesse momento, acalmando-se um pouco, ela percebeu o quanto sua frase iria soar absurda. — Me desculpe, acho que

PERIGOSAS ACHERON



estou um pouco confusa.

Com as mãos na cabeça, escondendo os olhos, Tatianna ficou em silêncio, ainda ruminando o que teria acontecido nos momentos anteriores.

— Tatianna... — Sebastian tirou suas duas mãos dos olhos, para que ela pudesse olhar para ele. — Pode falar qualquer coisa para mim. Senti alguma presença sobrenatural no mesmo momento em que você desmaiou.

— Sentiu? — A forma como ela olhou para ele aqueceu seu coração. Parecia assustada, como ele nunca a tinha visto antes. Considerava-a corajosa, perspicaz e...

Que Deus o perdoasse... era linda. Mesmo naquelas condições, pálida, com os cabelos molhados e um pouco amassados, não havia dúvidas que era a mulher mais bonita que ele já tinha visto.

Contudo, sua reação seguinte não teve nada a ver com isso. Claro que o fato de estar completamente fascinado por ela ajudava, mas, abraçá-la, naquele momento, teve muito mais a ver com amizade do que paixão. Era uma forma de confortá-la, protegê-la e acalmá-la. E talvez ele mesmo precisasse ser acalmado.

— Eu não deveria deixar que me abrace assim... — ela disse, mas não fez nenhum esforço para se afastar. Na verdade, parecia quase se aconchegar no calor que aqueles braços lhe proporcionavam.

— Deveria, sim... Não há nenhum outro lugar no mundo onde você deva estar, Tatianna, além de aqui... comigo...

Se aquilo não era uma brincadeira, nada mais poderia ser. Será que havia, na face da terra, algum homem mais complicado, bipolar e

misterioso do que Sebastian? Como podia repeli-la, tratá-la com tamanha indiferença e depois falar palavras bonitas, como se nada tivesse acontecido? Será que a intenção era acalentar seu coração só para depois magoá-lo e a dor ser ainda mais intensa?

Aquela era a hora para questionamentos. Sabia que ele estava disposto a lhe proporcionar respostas; mas será que estava pronta para fazer todas as perguntas? Ou seria melhor simplesmente deixar que ele tocasse seus lábios com os dele e aceitar o beijo que parecia inevitável? Era o que queria... por mais que tivesse o ímpeto de lutar contra aquela paixão que crescia em seu peito, não podia mais negar que o desejava.

Sebastian não aprofundou muito o beijo. Era cauteloso e sabia que se aproveitar do estado de Tatianna naquele momento não seria uma escolha

muito sábia. Ela estava dócil e entregue, mas não poderia prever por quanto tempo. Não parecia ser o tipo de mulher que causava tempestades por onde ia. Fazia muito mais o tipo serena, doce e equilibrada, mas estas características não podiam ser aplicadas a seu comportamento em relação a ele. E não poderia dizer que ela estava errada.

Nada tinha mudado, de qualquer forma. Ainda havia aquela maldita profecia, ainda haveria morte e dor em seus caminhos, caso estes se cruzassem em algum ponto da estrada. E ele sabia que deveria se afastar, que deveria manter sua decisão inicial de não se envolver, mas iria se permitir apenas mais algum tempo com ela. Sentir ali tão próximo era como finalmente ver a luz do sol depois de dias enclausurado em sua própria melancolia. Era como encontrar a paz no meio de batalhas sem fim. Era como uma doce promessa de

que ainda haveria cores no cinza de seu céu.

Sim, estava sendo egoísta como um demônio, mas aproveitaria cada segundo. Depois lidaria com as consequências.

— Você dizia que sentiu a presença de sua mãe... Ela falou alguma coisa? Transmitiu alguma mensagem?

— Não. Ficou em silêncio, observando.

Isso não era bom. Nada bom.

\*\*\*

Estava esperando há duas horas...

Aquela maldita garota só poderia estar brincando. Estava sentado naquela porcaria de banco de madeira desconfortável, sentindo dores em músculos que nem sabia que tinha,

amaldiçoando tudo e a todos. A missa já tinha acabado, mas não havia nenhum sinal de Tatianna no local. E é claro que ela não apareceria. Sua intenção fora fazê-lo de palhaço. E conseguira.

Dando-se por vencido, quase rindo da ironia de estar se sentindo tão patético, olhou para a imagem de Jesus no altar e fez o sinal da cruz. Mas era mais um gesto de sarcasmo do que qualquer outra coisa. Se aquele homem ali tinha mesmo algum poder, sua proteção tinha pendido para o lado de Tatianna. Naquela noite, Deus, os anjos ou qualquer criatura celestial a tinham salvado. Porque ele pretendia matá-la...

Saiu da igreja e começou a caminhar ao ar puro, sentindo a brisa agradável tocar seu rosto. Não poderia se sentir abalado por aquela primeira falha... Haveria outras oportunidades.

Assim que entrou em seu carro e sentiu-se

## PERIGOSAS NACIONAIS

refugiado, pegou seu celular e fez uma ligação. A chamada demorou a ser atendida, como sempre, mas logo a voz que ele conhecia muito bem surgiu:

— Já não era sem tempo — só isso. Nenhuma saudação foi dita, como se Frost simplesmente não as merecesse.

— Deu tudo errado. Ela não apareceu.

— Como assim? — o tom de voz frio foi substituído por um berro indignado. — Como deixou que isso acontecesse?

— Eu tinha certeza que ela iria aparecer. Prometi contar tudo; mas deve ter acontecido alguma coisa. Alguém deve tê-la impedido...

— Não importa se foi o presidente quem a impediu. Você deveria ter agido de forma mais eficiente. Marcar um encontro? Só faltava ser um jantar à luz de velas e você acabar tentando seduzir

## PERIGOSAS ACHERON

a garota pateticamente.

— Você sabe que eu não faria isso...

— Claro que não. Você não ama ninguém além de Madeline, não é mesmo? Mas não pode se esquecer que ela está morta... Eu a matei...

Como se Stuart conseguisse esquecer. Levara a culpa pelo crime, mas jamais mataria Madeline. Não quando não era capaz de viver sem ela.

— Essa garota precisa desaparecer do mapa. Ela está começando a remexer em muitas coisas, e acho que vai acabar descobrindo o que não deve.

— Não vou falhar da próxima vez.

Stuart ouviu uma gargalhada.

— É claro que não vai.

E a ligação foi finalizada. Exatamente da



forma como começara, sem cumprimentos, sem palavras simpáticas.

Dando a partida no carro, Stuart tentava encontrar uma solução para seu problema. Só havia uma: Tatianna teria que ser eliminada.

Ele só precisava de uma chance.

\*\*\*

O dia tinha acabado de amanhecer quando Tatianna acordou. Estava encolhida na cama, aninhada nos braços de Sebastian. Ele ainda dormia, segurando-a com força, como se não pudesse soltá-la; como se sua vida dependesse de tê-la nos braços.

O que ele não sabia era que Tatianna não pretendia ir muito longe. Não depois da noite que

passaram, depois de horas conversando, como se fossem bons amigos. Ele não tirara nada dela além de beijos inocentes e delicados, nem mesmo tentara chegar mais longe do que isso. O que era uma prova e tanto de cavalheirismo.

Conhecera em uma noite um homem completamente diferente. Ele a fizera rir, falara-lhe algumas coisas sobre sua mãe e a relação que tivera com ela, e Tatianna também teve a oportunidade de falar sobre si mesma. Contara-lhe sobre suas primas, sobre a avó falecida e sobre Rowan e Jayce. Não tivera coragem de mencionar as cartas, pois ainda não sabia se confiava nele o suficiente para revelar informações sobre os dons de suas primas.

Com um pouco de esforço, Tatianna conseguiu se levantar da cama e foi direto para a cozinha, fazendo o máximo de silêncio possível para não acordá-lo. Havia um sorriso em seu rosto.

Como uma menininha boba, ela já se imaginava preparando um belo café da manhã para que pudessem se sentar à mesa juntos e ter mais alguns bons momentos.

O livro de sua mãe estava sobre a bancada da mesa e foi consultado. Não havia dúvidas de que a escolha certa para aquele dia era usar o "Maracujá", que a ajudaria em seu desejo por paz. Prepararia, portanto, um delicioso bolo da fruta para aquele desjejum.

Cantarolava enquanto batia a massa, unindo os ingredientes em um casamento perfeito. Quando todos os elementos da receita já estavam sendo utilizados, ela fechou os olhos, em seu ritual de sempre, e desejou que a partir daquele dia houvesse um pouco de tranquilidade em sua vida. Sabia que seria difícil obtê-la por completo, ainda mais na situação em que se encontrava, investigando um

## PERIGOSAS NACIONAIS

assassinato, mas se fosse agraciada ao menos com a harmonia de ter alguém especial ao seu lado para travar aquelas batalhas, já estaria contente.

Mas nem tudo aconteceu da forma como ela esperava.

Quando já estava com toda a massa em uma forma, pronta para ir ao forno, ouviu um estranho barulho vindo do quartinho que servia como despensa. Era pequeno, mais do tamanho de um armário, mas servia muito bem para os poucos mantimentos que Tatianna tencionava guardar em casa. De qualquer forma, ouvir qualquer som vindo dali era muito suspeito.

Decidiu, portanto, ignorá-lo, acreditando que era um fruto de sua imaginação. No entanto, não tardou a ouvi-lo novamente, o que a fez sobressaltar-se e derrubar a forma de bolo, derramando a massa inteira no chão.

## PERIGOSAS ACHERON

A cena provocou um aperto em seu coração. Sabia que algo estava errado. *Muito* errado. Por isso, cautelosamente, começou a caminhar na direção do pequeno cômodo. Ao passar pela bancada da pia, somente por precaução, pegou uma faca bem afiada de cortar carne, o que a fez se sentir em um filme de terror de quinta categoria.

Parou diante da porta e contemplou-a por alguns instantes, um pouco hesitante em relação ao que deveria fazer. Mas foi quando ouviu o barulho novamente que tomou coragem, colocou a mão na maçaneta e a abriu, de uma vez só.

Um grito horripilante escapou do fundo de sua garganta quando viu que realmente havia algo ali dentro. E não era um bicho ou algum objeto caindo de alguma prateleira. Era um corpo. Um homem, pendurado no spot de luz, enforcado. Porém, não era apenas isso que tornava a cena

## PERIGOSAS NACIONAIS

nauseante. Havia três marcas de tiro em seu peito, que sangravam profusamente, empapando a camiseta branca que ele usava.

Sem ter muito controle de seus movimentos, Tatianna deixou a faca cair no chão e berrou mais uma vez, quando o peso do corpo, que lentamente começava a fazer o spot ceder — o que estava provocando o barulho que ouvira —, venceu a batalha, deixando o cadáver cair no chão da cozinha de Tatianna, profanando aquele lugar que era tão especial e sagrado para ela.

Desesperada, ela saiu correndo até o quarto, em busca da ajuda de Sebastian. Contudo, quando chegou lá, a cama estava vazia.

Chamou seu nome, procurou-o pelos cômodos próximos, mas, quando voltou ao quarto, deparou-se com algo que não tinha visto antes: a janela estava aberta, como não estivera antes.

## PERIGOSAS ACHERON

Por um momento recusou-se a acreditar que ele poderia ter fugido como um gatuno, mas logo se conscientizou que fazia todo sentido. Era típico dele desaparecer depois de demonstrar sentimentos por ela. Era um fraco, um louco, que não sabia nem sequer o que seu próprio coração desejava.

Entretanto, uma nuvem pesada e escura pairou sobre sua cabeça. Um corpo fora deixado em sua casa durante a noite... exatamente na noite em que Sebastian estivera ali com ela. E quando este mesmo cadáver fora encontrado, ele fugira como um criminoso, como se tivesse alguma culpa e precisasse se esconder.

Bem... talvez não fosse a hora certa para pensar em algo assim. Estava confusa, assustada e se sentindo mais sozinha do que nunca. Precisava chamar a polícia... Ou melhor, Jayce, é claro. Ele

## PERIGOSAS NACIONAIS

saberia o que fazer e como fazer. Mas, mais do que isso, saberia como aconselhá-la naquele momento, pois ela tinha quase certeza que encontrar um cadáver em sua própria casa não era exatamente uma boa notícia.

## PERIGOSAS ACHERON



## XIV

Limão com sal

*"O limão indica ressentimento e inveja, desavenças e até rompimentos de relacionamentos."*

*"E ainda dizem que um raio não cai duas vezes em um mesmo lugar..."*, Jayce pensava enquanto avaliava a cena do crime. Aquela frase popular definitivamente não se aplicava à família DeWitt. Não havia trégua para elas...

— Será que as vidas dessas mulheres nunca vão deixar de ser um episódio de CSI? — Steve ironizou, mostrando que estava pensando mais ou menos a mesma coisa que Jayce.

Abaixado, analisando o cadáver mais de perto, Jayce apenas balançou a cabeça. Será que aquilo nunca iria ter fim?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O que temos aqui, parceiro?

— É John Briggs. Acho que foi queima de arquivo.

— Você acha que ele sabia mais do que tinha nos contado? — Steve indagou.

— E não é sempre assim? — Jayce deu uma risadinha desanimada e continuou avaliando o que tinha ali.

— Está sentindo um cheiro de carne queimada? — Steve percebeu.

— Sim... — Jayce não tardou em rasgar a camiseta de John. Logo encontraram a origem do cheiro: havia um símbolo marcado a brasa no peito do cadáver. Um símbolo igual ao desenho que Tatianna lhe mostrara; conseqüentemente igual ao pingente de Jane DeWitt. — Acho que esse assassinato foi um recado para Tatianna.

## PERIGOSAS ACHERON

Jayce falou enquanto se levantava. Outros policiais da equipe estavam ao seu redor, tirando fotos e avaliando o resto da casa. Um deles começava a conversar com Tatianna, fazendo anotações em um caderninho. Era um bom policial, gentil e competente, mas podia ver nos olhos de sua prima postíça que ela estava assustada, pois toda sua linguagem corporal indicava que só queria sair dali e se esconder. E isso lhe partia o coração.

Por isso, retirou sua jaqueta e começou a caminhar na direção dela. Colocou o casaco ao redor de seus ombros — porque ela tremia em seu *baby doll* comportado de dormir — e pediu que seu colega a deixasse com ele. Ele mesmo podia cuidar de sua família.

Com o braço ao redor de seus ombros, ele a tirou dali. Infelizmente não podia simplesmente acordá-la de um pesadelo e garantir que tudo ficaria

bem. A verdade era que não estava *nada* bem. Havia um cadáver na casa onde ela estava morando, o que era um fato que não poderia ser mudado. E não estava ali por coincidência.

— Tatty, vou precisar que converse comigo, tudo bem? — ele fez com que ela se sentasse na sala de estar, o mais longe possível da cozinha, e iniciou a conversa de forma bem gentil e cautelosa.

— Eu sei. Pode perguntar... — *Deus!* A voz dela nunca soara tão frágil.

— O que aconteceu ontem à noite, antes de você dormir? Quero que me conte tudo em detalhes. Qualquer coisa pode ser importante.

— Eu ia encontrar Frost...

— Você o quê? — ele nem deixou que ela terminasse a frase. Sem nem perceber o que fazia, socou o braço do sofá de couro tentando descontar

sua raiva em alguma coisa.

— Combinei com ele em um local público. Não pretendia me arriscar... Mas não fui. Sebastian me impediu — havia lágrimas em seus olhos. O que era uma merda, porque ela não queria chorar. Não por ele.

— Finalmente esse cara fez alguma coisa que preste.

— É, mas tem mais. Eu não passei a noite sozinha, Jayce...

— Ele ficou aqui com você? — Tatianna faz que sim com a cabeça. — E onde está agora?

— Ele sumiu. Fugiu pela janela assim que eu encontrei o corpo.

— Puta merda! — Jayce exclamou de forma completamente involuntária.

— Como posso ser tão burra, Jayce? Como

PERIGOSAS ACHERON

posso permitir que esse homem sempre me convença de que tudo vai virar um conto de fadas de uma hora para outra? O que ele faz comigo? — chorando, Tatianna desabafou.

— O problema não é o que ele faz com você, mas o que você tem feito a si mesma. Eu mal te reconheço, Tatty... sempre foi a mais responsável das três, mas está colocando sua vida em risco constantemente. Primeiro marca um encontro com o suspeito pelo assassinato da sua mãe, depois deixa esse cara passar a noite aqui... sabe que ele não é muito confiável. Lembra do que eu disse sobre aquela garota, a Ivy?

— Ele me contou tudo. Disse que foi um acidente — ela tentou explicar, mas soou extremamente imaturo de sua parte. As pessoas podiam simplesmente falar o que queriam, mentir, enganar, sem nenhum remorso. Já deveria ter

aprendido que Sebastian era profissional no assunto.

Jayce não a julgou. Não... ele não seria capaz disso. Era um amigo muito leal. Mas ela pôde ver em seu rosto o quanto estava decepcionado. Mas não mais do que Tatianna estava decepcionada consigo mesma. Agira como uma adolescente apaixonada e imatura. Não vira nada com os olhos da razão. Se estava ali, ferida e magoada, era puramente culpa sua.

— Tatty, você tem noção de que Sebastian, ao fugir, tornou-se o principal suspeito pelo assassinato daquele homem, não tem? — ela novamente fez que sim com a cabeça. — Sabe também que eu vou ter que procurá-lo?

— Sei. Eu quero saber a verdade, Jayce. Nada mais me importa... nada mais *pode* importar.

— E mesmo que eu não consiga provar

## PERIGOSAS ACHERON

nada, vai ter que se afastar dele, Tatianna. Não quero mais que se coloque em risco desta forma.

— Será que eu posso ficar um pouco sozinha? — ela pediu. E Jayce podia jurar que faria qualquer coisa por ela, mas infelizmente não era um momento simples.

— Não, querida. Não pode. Preciso que me conte todas as coisas que Sebastian lhe falou... preciso saber de tudo.

— Mas que droga, Jayce! Eu acordei com um cadaver na minha cozinha e o homem por quem estou apaixonada pode ser o responsável por isso. Não acha que eu mereço um pouco de paz? — exaltou-se. Não queria descontar sua raiva nele, mas era o alvo mais próximo naquele momento.

— Merece mais do que ninguém, mas é exatamente por esse motivo que conversar comigo é a sua melhor escolha.



# PERIGOSAS NACIONAIS

Sim. Ela sabia que ele estava certo. Apenas queria poder fechar os olhos, contar até três e desaparecer.

Seria uma saída covarde, mas estava pouco se importando com isso naquele momento. Contudo, precisava falar para que Jayce pudesse fazer alguma coisa para arrumar aquela bagunça ou o pesadelo jamais teria fim.

Foi então que começou a contar tudo que tinha descoberto...

\*\*\*

## DOIS DIAS DEPOIS

A taça de vinho se mantinha cheia na mão de Tatianna há pelo menos uma hora. Não que não tivesse motivos suficientes para entorpecer sua

## PERIGOSAS ACHERON

mente com um pouco de álcool. Na verdade, se fosse levar em consideração a quantidade de problemas que tinha na cabeça, somente umas dez taças maiores que aquela poderiam realmente começar a lhe relaxar.

Estava sozinha naquele momento, observando o local e as pessoas ao seu redor. Mas, de fato, não prestava atenção em nada daquilo. Sentada a uma mesa, sentindo-se um pouco inquieta, tamborilava os dedos sobre a madeira, seguindo o ritmo da música que a banda de jazz tocava de forma agradável.

Sentia-se entediada.

Ou talvez estivesse inquieta.

Não que não gostasse de uma festa. Sempre apreciava o clima descontraído das pessoas, ouvir boa música, ver as belas roupas dos convidados e confraternizar. Mas naquele dia específico, tudo

## PERIGOSAS ACHERON

que queria era ficar em casa. Desde que encontrara o corpo daquele rapaz, recebera folga de Taylor e ficara na casa de Lolla. Thomas ainda não estava morando lá, mas era uma questão de tempo até que resolvesse as burocracias no orfanato, e Tatianna estava aproveitando esse tempo para arrumar algumas coisas, pois queria que o garoto se sentisse à vontade quando finalmente se mudasse.

Estava tão distraída, pensando nos possíveis ajustes para Thomas, que nem percebeu que Faith sentava ao seu lado.

— Um doce por seus pensamentos — a mais velha se fez ser notada, percebendo que sua prima estava muito distante.

— Acho que eles não valem nem um grão de arroz no momento — Tatianna sorriu de forma sem graça e desanimada.

— O que você pensa sempre importa para  
PERIGOSAS ACHERON

mim. Vamos, Tatty... você e Jayce andam muito tensos, e sei que ele está te ajudando com as investigações do assassinato da sua mãe. Tem alguma coisa errada acontecendo?

— Alguma? No singular? — riu com sarcasmo. — "Várias" seria uma palavra mais apropriada.

— Isso você não precisava nem dizer — ela fez uma pausa e movimentou a cabeça, como se apontasse para o belo arranjo de centro de mesa. — Sabe que flores são essas que você está tocando?

Tatianna mal tinha percebido que estava tocando alguma coisa, pois era apenas um ato involuntário, mas já sabia que Faith diria que nada poderia ser "coincidência" quando se tratava de flores. Assim que a ouviu falando, levantou os olhos na direção do belo buquê e viu que seus dedos acariciavam pequenas florezinhas cor-de-

## PERIGOSAS NACIONAIS

rosa, singelas e muito delicadas. Mas claro que não sabia o nome delas.

— Não. Não sei.

— São Petúnias — falou com um sorriso no rosto e também começou a passar a mão delicadamente pela planta. — Elas significam confusão, mal entendido. Acho que isso exprime exatamente o que está sentindo, não?

— Sim, é claro. Mas há Petúnias em várias mesas neste salão. Por que elas estariam significando alguma coisa exatamente para mim?

— Não há mais ninguém aqui que as esteja acariciando de forma tão inocente. As flores são capazes de atrair como um ímã. Elas sentem o que você sente, sabem exatamente quem precisa delas. São seres incríveis.

— Sim, como as DeWitt — uma voz surgiu

## PERIGOSAS ACHERON

por trás de Faith, e mãos pousaram em seus ombros. Era Rowan. Depois que Faith virou-se em sua direção, ele acrescentou: — Querida, lamento interromper a conversa, mas preciso te apresentar para um casal de amigos — então voltou-se para Tatianna: — Você vai ficar bem se te deixarmos sozinha por um momento?

— Claro... podem ir.

Rowan sorriu e agradeceu, e Faith o acompanhou.

Com certeza Tatianna não se importaria de ficar sozinha. Sempre gostava da presença das primas e dos rapazes, mas, por ora, a solidão parecia muito abençoada. Já estava pronta para voltar a refletir, quando seu telefone celular começou a tocar.

No visor, pôde ver que a chamada era restrita, o que poderia não ser nada bom. Contudo,  
PERIGOSAS ACHERON

decidiu atender, para o caso de ser algo importante.

— Alô?

Saudou, mas não ouviu nada do outro lado da linha. Repetiu o cumprimento... e nada. Falou mais algumas vezes, mas permaneceu sem resposta. Até que desistiu.

Não deixava de ser uma coisa corriqueira, que poderia acontecer com qualquer pessoa, mas se estava acontecendo com ela, naquele conturbado momento de sua vida, era preocupante. Alguma coisa significativa.

Sentindo-se ainda mais inquieta, levantou-se, levando sua bolsa consigo, indo em direção ao banheiro.

Tencionava apenas retocar sua maquiagem, passar algum tempo sozinha, longe da música e dos olhares das pessoas, mas o espelho à sua frente

atraiu seu olhar.

O reflexo lhe era familiar. Era a mesma mulher de meses atrás, antes da carta. Ao mesmo tempo, via-se como a mesma menina de apenas oito anos, que se sentia desolada e perdida por ter sido abandonada. Tatianna possuía os mesmos sentimentos de perda, de abandono e fracasso de antes. Em seus olhos havia uma história se repetindo; mas, desta vez, não era sua mãe quem a deixava para trás, era um homem. Um homem que ela mal conhecia. Um homem que a confundia, mas que teimava em ocupar seus pensamentos de todas as formas.

Já se sentia cansada de pensar em Sebastian, principalmente por não conseguir odiá-lo, quando a porta do banheiro foi aberta. Era Cailey, e ela não parecia nada bem.

— Cailey! O que foi? — a prima mantinha



a mão na barriga e sustentava uma expressão de dor no rosto.

— Está doendo...

Tatianna a conduziu até uma das cabines, fechou o tampo do vaso sanitário e a fez sentar-se ali, antes que caísse no chão de tão pálida que estava.

Foi então que percebeu que, enquanto ela caminava, formava uma trilha de água no chão.

— Querida, sua bolsa estourou — ela poderia gargalhar de felicidade. Finalmente a neném iria nascer. Talvez trouxesse um pouco de paz para aquela família.

— O quê? Mas... o parto estava previsto para daqui a uma semana!

— Isso não é uma ciência exata...

— Ah, meu Deus, o que vou fazer? —

Cailey parecia estar entrando em pânico, portanto, a missão de Tatianna ali era acalmá-la. — Estamos na festa, não posso estragar tudo! Eu não esperava que fosse acontecer assim.

— Além de não ser uma ciência exata, não tem lugar ou hora certa para acontecer. É a natureza que manda.

— Eu sei! — exclamou, desesperada.

— Querida, você consegue se levantar? Vamos ter que ir até Jayce.

Cailey afirmou com a cabeça, levantou-se com muita dificuldade e foi amparada por Tatianna de volta ao salão, onde encontraram Jayce conversando com um casal de idosos muito animado.

Ele nem precisou de muito para perceber o que estava acontecendo. Apenas olhou para a

esposa e soube. Um minuto depois estavam em um carro, junto com Tatianna, indo ao hospital. Rowan e Faith seguiriam logo depois, assim que ele avisasse a seus sócios e se despedisse de todos os convidados.

Os momentos seguintes foram inesquecíveis para Tatianna. Nascera em uma família de grandes habilidades e poderes psíquicos, mas sabia que nenhuma delas fora capaz de magia mais poderosa do que Cailey naquele momento. A pequena menina que nasceu, que seria chamada de Abygail, era o maior dom que ela possuía. Era fruto de seu destino... de seu amor.

\*\*\*

Já passava das quatro da manhã quando Tatianna saltou do táxi e estava prestes a entrar em

casa. Naquela que considerava seu lar. O único e verdadeiro.

Estava exausta, mas feliz. Um sorriso sincero e sonhador não a abandonava desde o primeiro momento em que olhara para o lindo rostinho de Abygail. Mal queria se separar da menina, mas sentira que era o momento de ir para casa e descansar. Jayce estaria lá para cuidar da esposa, e ela poderia ver a prima e a neném na manhã seguinte.

O táxi parara em frente à casa. Tatianna tirou o chaveiro de sua bolsa e estava prestes a abrir o portão da casa, quando seu braço foi agarrado, e ela foi puxada para longe do local. Antes que pudesse gritar, uma mão cobriu sua boca. Debatendo-se como se disso dependesse sua vida, ela começou a lutar contra os braços que a prendiam, mas a pessoa que a segurava era muito

mais forte.

— Fique quieta...

Finalmente ela soube quem estava ali, pela voz que sussurrara de forma rouca em seu ouvido. Era Sebastian. O que não a deixou mais calma; pelo contrário, somente servira para deixá-la mais apreensiva.

— Tem uma pessoa na sua casa. Se entrar lá, ele vai te matar...

Poderia ser uma mentira, é claro, uma artimanha para fazer com que ela se acalmasse, mas Tatianna realmente parou de resistir. Foi então que ele retirou a mão de sua boca e a virou para si, ainda sem soltá-la.

Olhar em seus olhos foi suficiente para que compreendesse que ele dizia a verdade.

— Venha comigo — ele pediu.

— Não. Não vou a lugar nenhum com você.

— E o que vai fazer, então? Vai entrar naquela casa? Vai se entregar para a morte? — havia urgência em sua voz, como se convencê-la fosse importante para ele. Como se realmente quisesse protegê-la.

— Posso ir para a casa da minha prima. Posso voltar para o hospital...

— Hospital? O que aconteceu? Você está bem? — mais uma vez seus olhos se mostraram preocupados.

— Minha... — por um momento ela quase contou a verdade sobre o bebê que tinha acabado de nascer, mas precisou se lembrar que ainda não confiava nele. — Isso não te interessa. Só sei que não vou sair daqui com você.

— É sua melhor escolha. Se for ficar com

sua prima, vai acabar atraindo o mal para ela.

Era um bom argumento. Algo que ela, com certeza, não iria pagar para ver.

Mas, ainda assim, não poderia ceder.

— Posso ir para qualquer lugar; para um hotel, para a casa de uma amiga...

— Não. Você vai comigo. Só assim vou saber que estará segura. E chega de conversa. Não temos tempo para isso.

Sem nem pensar duas vezes, Sebastian ergueu Tatianna do chão e colocou-a em seu colo, começando a carregá-la até o carro, que estava parado logo na esquina da rua.

— Me ponha no chão, seu maldito! — ela gritava.

— Muito inteligente da sua parte gritar desse jeito e chamar a atenção do matador que está

PERIGOSAS ACHERON

na sua casa — Sebastian falou com sarcasmo, começando a ficar sem paciência.

Isso fez com que Tatianna parasse de falar, mas não deixou de espernear, até que ele a colocou dentro do carro.

Sebastian fechou a porta do passageiro e olhou diretamente em seus olhos, pelo lado de fora da janela, mostrando que estava enfurecido.

— Vá em frente e fuja, se quiser, mas saiba que vou atrás de você... não vou te deixar sozinha esta noite.

Assim que disse isso, ele saiu de perto e deu a volta no carro, indo direto para o lado do motorista, abrindo a porta e entrando, sentando-se em frente à direção. Sem dizer nada, uma vez que Tatianna também parecia catatônica ao seu lado, ele colocou a chave na ignição e deu a partida. Contudo, antes de começar a dirigir, acrescentou, PERIGOSAS ACHERON



sem sequer virar-se na direção ela.

— A propósito, você está linda...

Logo em seguida o carro foi posto em movimento, e Tatianna se viu novamente nas mãos daquele homem. Achando-se estúpida, sentiu o próprio coração batendo mais forte e mais rápido ao ouvir o elogio tão gentil.

Resignando-se de que não tinha mais escolha, tentando contar com a sorte, olhou para ele com o canto do olho, discretamente. A primeira coisa que percebeu foi que a sombra de uma barba, um pouco mais intensa que a usual, coloria seu rosto. Havia olheiras sob seus olhos e uma certa palidez em suas faces, o que fazia com que percebesse que não tinha passado dias muito agradáveis. Seria talvez a culpa?

Bem, não adiantava especular. Precisava arrumar uma forma de se livrar dele e se manter

PERIGOSAS ACHERON

segura.

Ainda observando-o, percebeu que estava muito nervoso. Precisava encontrar alguma forma de acalmá-lo.

— Como sabe que aquele homem estava lá para me matar? — claro que manter o assunto que o estava deixando nervoso não era a melhor escolha, mas não conseguia pensar em qualquer outra coisa para dizer naquele momento.

— Porque é um velho conhecido. Um capacho de Frost, faz tudo que ele manda...

— Mas me matar? Acha mesmo que Frost quer isso?

— Depois de você tê-lo deixado plantado? Onde foi mesmo que marcaram o encontro?

— Numa igreja...

Sebastian deu uma gargalhada que quase a

# PERIGOSAS ACHERON

assustou. Ele estava um pouco descontrolado.

— Ah, Tatianna... você nunca deixa de me surpreender. Stuart Frost em uma igreja? Isso é o que eu chamo de ironia — ele fez uma pausa. — Agora, mais ainda, eu tenho certeza de que ele está bem furioso ao ponto de mandar alguém invadir sua casa para matá-la. No mínimo lhe dar uma lição, o que seria tão desagradável quanto.

Ao ouvir tais coisas, ela preferiu ficar calada. A ideia de ter alguém a persegui-la, na intenção de tirar sua vida, era bastante assustadora. Sabia que deveria ligar para Jayce, para que ele pudesse resolver esse problema, mas seria quase um crime separá-lo de sua filhinha recém nascida. Mas poderia ligar para Steve, por isso, abriu sua bolsa e procurou pelo celular. Com a mesma rapidez com que o pegou para discar o número de telefone, Sebastian o roubou, afastando-o dela.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O que pensa que está fazendo? — ele perguntou.

— Vou ligar para um amigo policial. Ele vai saber o que fazer com aquele homem que está na minha casa.

— Não! Nada de polícia... não vai ser nada bom envolvê-los nisso!

— Não vai ser bom para quem? Só se for para você que parece ter coisas demais a esconder.

— Do que está falando?

— John Briggs. Não acha que é muita coincidência que ele tenha aparecido morto na minha casa na mesma noite em que você dormiu lá e que você tenha fugido que nem um criminoso da cena do crime? — conforme foi falando, seu tom de voz foi se tornando mais estridente, demonstrando toda sua raiva.

## PERIGOSAS ACHERON

— John Briggs? — ao repetir o nome do homem, Sebastian deu uma freada brusca com o carro, fazendo os pneus cantarem. — John Briggs está morto?

O tom verdadeiramente surpreso era novidade. Tatianna realmente não esperava por aquilo. Porém, não podia se iludir. Sebastian era um homem manipulador e poderia esconder muitas facetas por trás daquele rosto de anjo.

— Está. Mas por que será que não consigo acreditar que não sabia disso? — era um blefe. Queria estudar suas reações e ver se eram tão genuínas quanto pareciam ser.

— Eu *não* sabia! — ele exclamou com veemência. Depois, parecendo estar abalado com a notícia, encostou a testa no volante e respirou fundo, como se lamentasse a morte de John. Então, de repente, virou-se na direção de Tatianna, com os

olhos quase suplicantes: — Você está achando que eu o matei? John era meu amigo! Um amigo da família! Não pode pensar que...

— Olha, Sebastian, você torna as coisas muito difíceis para mim. Como acha que posso acreditar em você depois de tudo?

— Precisa confiar em mim...

— Como? Você nunca me deu nenhum motivo para isso — ela respirou fundo. — Confiar é perigoso. É sempre uma via de mão dupla. Se você não olhar para os dois lados, pode acabar sendo pego de surpresa.

Sebastian abaixou a cabeça, demonstrando culpa. Estava agindo de forma estúpida; como poderia exigir confiança de uma pessoa a quem ele só decepcionou?

— Você está certa. Mas não vou levar a

culpa por algo que não fiz.

—Tudo bem, mas não é para mim que vai ter que provar isso. Você é o principal suspeito. Então acho que é para a polícia que vai ter que se explicar.

Ao dizer isso, cruzou os braços na altura do peito e virou o rosto para a janela, começando a contemplar a noite lá fora. Sebastian, por sua vez, suspirou mais uma vez e voltou a dirigir.

Era curioso pensar, conforme observava as ruas passando depressa, que a noite lá fora, com toda sua escuridão e seus perigos, lhe parecia muito menos misteriosa que o homem ao seu lado.

\*\*\*

Tatianna foi acordada com o barulho de uma porta sendo fechada. Tinha adormecido

durante a viagem e, enquanto abria os olhos, viu Sebastian saltando do lado do motorista e dando a volta, aproximando-se dela.

Assim que conseguiu despertar por completo, visualizou o local onde estavam e percebeu que ele não a tinha levado para sua casa em Moreau, mas, sim, para a dele.

O dia já tinha amanhecido, e um sol tímido incidia sobre os vidros do carro, machucando seus olhos. Colocando a mão na frente deles, para protegê-los, virou-se para Sebastian, enquanto ele abria a porta.

— Por que me trouxe para cá?

— Não vou te deixar sozinha em casa. Se ele perceber que você não chegou, vai mandar alguém para cá.

Fazia sentido, é claro, mas não era a melhor



## PERIGOSAS NACIONAIS

escolha. Apesar disso, estava exausta; tudo que queria era uma cama, não importava onde a encontraria.

Praticamente se arrastou até a casa e se deixou ser conduzida até um quarto de hóspedes. Mal ouvia o que ele lhe dizia, apenas aceitou quando o viu colocando a chave do cômodo em sua mão e avisou que ela poderia trancá-lo por dentro, caso não se sentisse segura em estar sozinha com ele.

Mas ela sequer prestou atenção, apenas caminhou — quase como um zumbi — e se jogou sobre a cama, que nunca lhe pareceu tão convidativa ou confortável. Fechou os olhos e simplesmente caiu em um sono profundo, entrando no vale dos sonhos, onde se veria livre de todos os males daquele mundo cruel e sombrio onde vivia.

## PERIGOSAS ACHERON

\*\*\*

Maldita campainha!

Havia alguém do lado de fora da casa de Sebastian, há pelo menos dez minutos, que parecia ter urgência em falar com ele. E não era para menos, uma vez que tinha passado dois dias fora sem avisar a ninguém aonde fora. Por causa disso, não ficara surpreso ao ver que era Taylor. E ele sustentava uma cara de poucos amigos.

Ainda com sono e vestindo apenas uma calça de moletom, Sebastian abriu a porta e deixou que o irmão entrasse, esperando o sermão.

Que ele sabia que merecia.

— Parabéns por ter se ferrado com apenas uma atitude idiota! — foi a primeira frase que Taylor falou, enquanto batia palmas de forma

irônica.

— Como soube que eu estava de volta?

— Vi seu carro na garagem — respondeu, ignorando o fato de que Sebastian parecia não estar nem um pouco disposto a dar explicações. — Como pôde ter feito isso? Fugiu e deixou Tatianna sozinha para enfrentar uma merda de situação. Você realmente não a merece!

Sebastian também fingiu não perceber um leve tom de interesse naquela frase. Seria possível que Taylor estivesse atraído por Tatianna? Não que fosse algo difícil, mas ele preferia não pensar que teria que disputar o coração de alguém com o irmão. E ainda havia Ivy nesta situação.

Mas que diabos ele estava falando? Disputar coração? Se ele tivesse um pinga de juízo estaria dando graças a Deus por Taylor demonstrar interesse por ela. Era um bom homem, que a

PERIGOSAS ACHERON

manteria segura. Se soubesse que ela estava bem, poderia se afastar.

Então, por que será que isso fazia seu peito doer tanto?

— Também acha que sou culpado na morte de John?

— Pelo amor de Deus, é claro que não! — exclamou, quase se sentindo ofendido. — Acho que ainda te conheço.

— Ainda?

— O que quer, Sebastian? Você tem agido de forma ridícula há um bom tempo. Não sei o que está acontecendo, mas, definitivamente, o homem que está agora na minha frente não parece o irmão que eu sempre conheci — Taylor alterou o tom de voz, mostrando-se traído, indignado.

— Fale baixo! Vai acordar Tatianna!

Aquilo pareceu surpreendê-lo, pois Taylor arregalou os olhos em silêncio.

— Tatianna está aqui? Você dormiu com ela?

— Não é nada disso... Eu fui até a casa dela ontem, para tentar conversar, me explicar... sei lá... — ele se sentou, respirou fundo e continuou: — Mas tinha um homem lá. Um dos homens de Frost. Tenho certeza que ele estava lá para lhe fazer algum mal. Por isso eu a trouxe para cá.

— Ah, Sebastian! Você cometeu um erro muito grave quando fugiu da cena do crime. Eu fui interrogado pela polícia, me perguntaram de você, e eu não soube o que dizer. O que aconteceu? O que te fez fugir?

— Não teve nada a ver com o assassinato de John. Eu nem sabia que isso tinha acontecido. Eu fugi de Tatianna... fugi porque não posso ficar com PERIGOSAS ACHERON

ela...

— Não pode? Por quê?

Inquieto, Sebastian levantou-se de onde estava sentando e começou a andar de um lado para o outro na sala de estar de sua imensa casa.

— Lembra da profecia de Madeline?

— Aquela que dizia que você conheceria uma mulher e ela iria morrer nos seus braços?

— Sim. Essa mulher é Tatianna...

Taylor surpreendeu-se novamente.

— Como sabe disso?

— Madeline me disse quais seriam os sinais

— Sebastian fez uma pausa, quase hesitando no que iria dizer em seguida. Mas era necessário. — E tem mais: Tatianna é filha dela.

— O quê? — Tatianna é filha de Madeline

Moore? — Sebastian assentiu. — Mas como?

— Não sei. Só posso dizer que ela tem o mesmo poder da mãe, o que é um prato cheio para Frost. Ele já tentou marcar um encontro com ela, mas eu a impedi de ir.

— Fez bem. Esse homem não pode ter bons planos para ela. Não depois de toda obsessão que sentia por Madeline.

— Por isso temos que protegê-la. Mas acho que não sou a pessoa mais indicada para isso, já que ela não confia em mim — falou com pesar.

— E não é para menos...

— Tudo bem, sei que errei, mas tenho meus motivos. Estou tentando protegê-la... de mim mesmo.

Mostrando-se penalizado, Taylor colocou a mão no ombro do irmão, mas foi interrompido pela

campainha que novamente insistia em tocar.

— Desculpe, irmão, mas eu tinha que chamar a polícia — Taylor avisou.

— Por que fez isso?

— Acha que sua situação ficaria muito melhor se continuasse foragido? É melhor que fale logo com eles. Pelo que eu entendi, o detetive que está cuidando do caso é primo de Tatianna e, depois de uma conversa, ele concordou em te dar um voto de confiança.

Taylor estava certo. Era melhor que acabasse logo com aquilo. Não queria novamente ser acusado por um crime que não cometeu; queria que Tatianna acreditasse nele, que soubesse que não era um assassino. Novamente abriu a porta e deparou-se com dois homens. Somente em olhar para eles já era capaz de dizer qual dos dois era o parente de Tatianna. Só podia ser o latino de dois

PERIGOSAS ACHERON



metros de altura, forte como um armário. A fúria em seus olhos dizia que não estava muito inclinado a gostar de Sebastian, com certeza por ele ter magoado sua prima.

— Sebastian Hannigan? — o outro policial, o mais baixo dos dois, de cabelos castanhos encaracolados, indagou.

— Sou eu.

— Precisamos conversar. E nem vou tentar te enganar, está bem encarencado.

— Sei disso, mas estou disposto a explicar tudo — ele se afastou e abriu caminho para que os detetives pudessem passar. — Entrem, por favor.

Exatamente como ele dissera, Jayce e Steve entraram na bela casa e se acomodaram no sofá sem nem serem convidados. A conversa seria longa, por isso, preferiam estar confortáveis para

iniciá-la.

— Sou o detetive Hernandez, e ele é o detetive Ruther. Vamos gravar seu depoimento, tudo bem?

— Sim. Tudo bem. Só quero, antes de começarmos, avisar que sua prima está aqui na minha casa. Está dormindo — ele se voltou para Jayce.

— Tatianna está aqui? — sobressaltou-se.  
— O que fez com ela? — com toda sua altura, Jayce levantou-se de onde estava sentado, preparando-se para partir para cima de Sebastian, mas este estendeu a mão pedindo calma.

— Eu a trouxe para cá porque tinha uma pessoa na casa dela ontem. Tenho certeza que estava lá para lhe fazer mal. Decidi que a melhor forma de protegê-la era não deixá-la sozinha.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não me parece uma opção muito segura dormir na casa de um suspeito de assassinato.

Jayce sabia que estava perdendo a compostura, mas não conseguia ser 100% profissional quando se tratava das pessoas que amava.

— Pode pensar o que quiser, detetive, mas minha intenção era realmente cuidar dela.

Os dois homens ficaram se encarando por um tempo, em uma batalha silenciosa. Jayce se considerava bom em interpretar pessoas, em ler seus olhares e definir ao menos uma nuance de seu caráter. Sobre aquele que estava ali à sua frente, ainda não podia dizer qual era sua parcela de culpa na bagunça daquela família, mas no que dizia respeito a Tatianna havia um forte sentimento. Gostava dela, talvez mais do que poderia admitir, e isso era visível.

## PERIGOSAS ACHERON

— Por que fugiu da cena do crime, sr. Hannigan? — Jayce sentou-se novamente, ligando o gravador.

Claro que ele iria começar por aquela pergunta. Por mais que não estivesse muito propenso a contar suas intimidades para pessoas desconhecidas, sentia que precisava se abrir, nem que fosse um pouco, para poder se livrar de uma culpa que não lhe pertencia.

— Podemos conversar em particular, detetive Hernandez?

Ao se sentir excluído da conversa, Steve olhou diretamente para seu parceiro, como se dependesse dele decidir o que deveria ou não fazer. Com um meneio de cabeça, Jayce indicou que ele poderia se retirar. Apesar de não ter gostado muito disso, acabou aceitando a escolha do amigo e saiu da bela casa, avisando que aguardaria no carro.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Taylor, que ainda estava ali, recebeu um olhar do irmão e compreendeu a mensagem. Sendo assim, retirou-se também, e finalmente Jayce e Sebastian ficaram a sós.

— Estamos sozinhos, Hannigan, estou ansioso para saber o que tem a dizer — com um tom bem intimidador, Jayce se ajeitou no sofá, adotando uma postura confortável, focando sua inteira atenção em Sebastian. Aproveitou para desligar o gravador, pois sabia que ouviria algum relato muito pessoal ali. Caso fosse algo relevante para o caso, pediria para ele repetir.

— Estou apaixonado por sua prima, Jayce...  
— Sebastian preferiu chamar o detetive pelo primeiro nome, na esperança de criar um elo, uma certa intimidade. Talvez quisesse um aliado, mas Jayce não estava disposto a ceder sem saber mais daquela história obscura.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é o que parece... um homem apaixonado não age como você vem agindo com ela. Um homem que realmente ama uma mulher não pensa em magoá-la. Não importam os motivos. Ele só quer bem, quer protegê-la incondicionalmente...

— E é isso que venho tentando fazer desde que a conheci — hesitante, Sebastian parou de falar, como se pensasse qual era a melhor forma de iniciar o relato. Jayce o observou com paciência, tencionando lhe dar o benefício da dúvida.

E Sebastian lhe explicou tudo sobre a profecia e a mulher misteriosa que entraria em sua vida, fadada a morrer por sua culpa. — E essa mulher é Tatianna?

— Sim. É ela.

Aquilo fazia sentido. Fazia *todo* sentido.

## PERIGOSAS ACHERON

Não apenas explicava o comportamento estranho de Sebastian como também começava a acender uma luz no mistério da fuga da Jane. Lolla deveria ter previsto que Tatianna morreria depois de conhecer Sebastian, e sua mãe foi ao encontro dele para alertá-lo e impedir que acontecesse. Mas ainda havia muitas indagações sem respostas. Por que ela tinha desaparecido tão cedo? Quando saiu de Manhattan e foi parar em Moreau, Sebastian ainda era um menino. Por que não tinha voltado para casa depois de completar sua missão? Por que nunca mais procurara a filha ou dera qualquer notícia? Tudo isso ainda o confundia, mas algo lhe dizia que era apenas uma questão de tempo para que finalmente descobrisse toda a história.

— E isso tem alguma coisa a ver com sua fuga naquele dia?

— Claro que tem. Eu nem sabia da morte de

## PERIGOSAS NACIONAIS

John Briggs. Se soubesse nunca a teria deixado sozinha para lidar com tudo. Fugi porque passamos a noite inteira juntos, conversamos, ficamos próximos demais, e isso foi abrindo mais ainda o meu coração para ela. — Foi nesse momento que Sebastian olhou fundo nos olhos de seu interlocutor, e Jayce acreditou plenamente nesse amor que ele dizia sentir por Tatianna. O pesar em seus olhos falava muito mais do que as palavras que ele insistia em repetir. — Desculpe a pergunta pessoal, detetive, mas você ama alguém?

Pergunta pessoal? E em qual momento aquele interrogatório foi realmente profissional? Já estava indo longe demais, e se tivesse um pingão de juízo, Jayce não teria respondido.

Mas juízo era algo que ele não tinha. E seria interessante ver até onde aquele homem pretendia ir.

## PERIGOSAS ACHERON



— Sou casado com a prima de Tatianna — mas não iria dizer mais do que aquilo. Ainda não sabia até onde poderia confiar em Sebastian Hannigan, portanto, lhe revelar muitos detalhes de sua vida pessoal e seus pontos fracos poderia não ser uma ideia muito sábia. Se confessasse o quanto era apaixonado pela esposa, se dissesse que Cailey era toda sua vida, poderia usar isso contra ele, caso fosse o culpado no final das contas.

— Então vai me compreender. Imagine a dor de estar apaixonado por alguém, tê-la por perto, ouvir sua voz, sentir seu cheiro, mas saber que nunca poderão ficar juntos? Sou humano... por muitas vezes acabo caindo em tentação, mas quando me dou conta de quão horríveis vão ser as consequências, eu prefiro me afastar. Nunca tive a intenção de magoá-la, mas acabei magoando.

— Tatianna já tem umas histórias bem ruins

para contar. E você se tornou mais uma...

Jayce era um homem grande e forte, como Sebastian podia ver, mas nenhum soco dele seria capaz de machucar mais do que aquela frase.

— Mas talvez ainda esteja em tempo de consertar as coisas — Jayce acrescentou. Ainda iria se arrepender daquilo, mas Tatianna era sua única preocupação. — Deveria falar a verdade. Acho que ela tem o direito de escolher também.

— Escolher entre viver e morrer? — Sebastian se mostrou surpreso.

— Não. Eu aprendi que alguns destinos podem ser mudados, que cada pessoa pode interferir no seu. Tanta coisa já aconteceu depois dessa profecia... pode ser que ela nem se concretize.

Sim... ele estava andando demais com as

## PERIGOSAS NACIONAIS

DeWitt. Não iria se admirar se dali a pouco também começasse a fazer suas próprias previsões. Pois, por Deus, já estava começando a falar como elas!

— Acho que já conversamos demais. Tem algumas coisas que eu preciso saber — Jayce ficou subitamente sério, demonstrando que o assunto não era mais tão íntimo como antes. Sendo assim, ligou o gravador novamente. — Fale-me sobre Ivy Hannigan. Era esse o sobrenome que ela usava, não?

— Era, sim. — Qual era o verdadeiro sobrenome dela? Dos pais biológicos?

— Nunca soubemos. Acho que nem ela sabia. Vivia em um orfanato, mas a tiramos de lá quando era muito menina ainda.

— Ela namorava seu irmão.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim. Estavam prestes a se casar quando aconteceu o acidente.

— E não era estranho para sua família? Afinal, vocês eram tratados como irmãos...

— Não. Ninguém se importava com isso, já que eles se amavam — Sebastian falou com muita naturalidade.

— Taylor Hannigan me disse, quando o interroguei, que vocês dois são meio-irmãos...

— Sim. Somos filhos do mesmo pai, mas Taylor é fruto do primeiro casamento dele. E eu, do segundo.

— O que houve com a mãe de Taylor? — era uma pergunta capisciosa, pois Jayce já sabia a resposta desde que interrogara o falecido John. Por isso, Sebastian hesitou um pouco antes de responder.

## PERIGOSAS ACHERON

— Ela morreu.

— Puxa vida, seu pai não tem muita sorte com esposas... perdeu três.

— O que está insinuando, detetive? — Sebastian cruzou os braços na altura do peito.

— Nada. Foi apenas um comentário.

Mas ambos sabiam que não fora um mero comentário inocente. A verdade era que, por mais que ousasse acreditar em Sebastian, quando ele dizia que realmente gostava de Tatianna e que queria protegê-la, não podia negar que a família Hannigan o assustava. Jayce sentia muita escuridão vinda daquelas histórias, algo de muito cruel, e ele esperava que Tatianna simplesmente se livrasse de tudo aquilo.

E, antes que pudesse perguntar qualquer outra coisa, a própria surgiu, com uma aparência

cansada, quase apavorada, segurando o celular na mão. Os olhos vermelhos denunciavam que andara chorando.

— Ah, meu Deus, que bom que está aqui!  
— ela desceu as escadas correndo e se jogou nos braços do primo, abraçando-o e buscando seu conforto.

Jayce percebeu que ela ainda usava o vestido de festa da noite anterior, mas este estava amassado. O que não era para menos, uma vez que tinha dormido em cima dele.

— O que houve, Tatty? — Jayce a afastou um pouco de si para poder olhar em seus olhos.

— É Faith... ela foi atacada!

—Atacada? — tanto Jayce quanto Sebastian falaram ao mesmo tempo.

— Quem é Faith? — Sebastian perguntou.

— Minha cunhada — Jayce respondeu, sem dar muita atenção ao outro homem. — Mas como foi isso, Tatianna?

— Ela está no hospital. Rowan me informou o nome e o endereço.

— Então vamos para lá.

— Eu vou também! — Sebastian afirmou convicto, mas os outros dois olharam para ele com reprovação.

— Não acho uma boa ideia — Jayce deu sua opinião, mas Tatianna parecia relutante.

— Tudo bem, Jayce... talvez ele possa ajudar. Algo me diz que quem atacou Faith foi o mesmo o homem que estava na minha casa ontem, para me matar.

Sem ter escolha, dando de ombros, Jayce aceitou a opinião e os três saíram da casa. Sebastian

PERIGOSAS ACHERON

insistiu que ela deveria ir no carro dele, mas Tatianna preferiu ir com os policiais. Achava uma opção mais segura. Como o hospital era em Manhattan, a viagem demorou um pouco mais de três horas. Assim que chegaram, Tatianna foi a primeira a saltar do carro, desesperada, e a correr para a recepção. A enfermeira lhe informou o quarto onde estava Faith, e ela se dirigiu para lá.

Imediatamente deparou-se com Rowan, sentado em uma cadeira no corredor, mas, para seu alívio, sua expressão parecia calma.

Abraçou-o e sentou-se também, logo perguntando sobre a prima.

— Pelo que ela disse, quando acordou, foi um homem que a atacou. Ele a agarrou quando estava prestes a entrar na floricultura e disse alguma coisa em seu ouvido. Algo relacionado a você — ele explicou. A culpa instalou-se



dentro dela, pesando em seu coração como um fardo. Podia suportar qualquer coisa: que tentassem matá-la, a suspeita de que o homem por quem estava apaixonada fosse um assassino, poderia até mesmo lidar com uma eterna solidão, mas o fato de ver as pessoas que amava sofrendo por sua causa era o mais insuportável de todos os males.

— O covarde bateu nela e a deixou caída na rua, desmaiada — acrescentou ele, com raiva.

— Quem a encontrou?

— Uma cliente antiga. Ela chamou uma ambulância e encontrou meu telefone no celular de Faith.

Nesse momento, Jayce, Steve e Sebastian se aproximaram, depois de demorarem um pouco mais para estacionarem os carros. Ao mesmo tempo, um médico também surgiu com as novidades sobre

Faith.

— Terminamos os exames, Sr. Allers. Não há nada de errado com sua esposa. A pancada na cabeça foi forte, mas não causou nenhum dano, e a queda não afetou o bebê.

*Bebê?*

O médico falou uma dúzia de palavras, mas era muito provável que nenhuma das pessoas naquela sala de espera — talvez apenas Sebastian, que não conhecia a história daquela família — tivesse prestado atenção em nenhuma delas, apenas em: "bebê".

— Bebê? Que bebê, doutor?

— Ah, vocês não sabiam? — sorridente, o médico entendeu a mão para Rowan, que parecia mais pálido do que a parede na qual estava encostado. — Desculpe, então, dar a notícia dessa

forma. Mas posso adiantar que sua esposa está grávida de sete semanas.

— E ela já sabe? — a voz de Rowan saiu em um sussurro emocionado, como se estivesse segurando as lágrimas.

— Eu não disse nada. E por pura sorte! O senhor vai poder ter o prazer de dar a notícia pessoalmente.

— Já posso vê-la?

— Claro. Só vamos mantê-la aqui por mais uma meia hora, para podermos observá-la, mas depois podem ir para casa.

Se não fosse extremamente educado, Rowan sequer teria terminado de ouvir o que o médico tinha a dizer, pois estava desesperado para ver Faith.

E foi o que fez, assim que o doutor se

PERIGOSAS ACHERON

afastou. Nem perdeu mais tempo perguntando se alguém queria acompanhá-lo, mas era óbvio que preferia ficar sozinho com a esposa para compartilhar com ela aquela alegria.

Quando abriu a porta do quarto e a encontrou abatida e um pouco assustada, precisou controlar sua ansiedade e esconder o sorriso que teimava em surgir em seu rosto. Aproximou-se, portanto, pegou sua mão e a beijou de forma terna.

— Falou com o médico?

— Sim. Ele disse que você está bem... Que só vai precisar ficar mais meia-hora.

— Que bom! — ela exclamou sem nenhum entusiasmo.

— O que foi, querida? Não acabei de dizer que está tudo bem? Por que está me parecendo tão chateada?

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou preocupada com Tatianna. O homem pediu que eu a alertasse que ele vai matá-la. Ela está em perigo, Rowan! Mas é tão teimosa que não vai desistir dessa investigação.

— Não que você seja muito diferente — ele sorriu.

— Aconteceu alguma coisa que eu não sei? Você está com os olhos vermelhos, mas não para de sorrir — Faith sentiu uma leve desconfiança. Com isso, o sorriso de Rowan se alargou, pois não conseguia esconder nada dela.

— Sim... aconteceu — ainda segurando sua mão, ele se sentou, preparando-se para a notícia e procurando a melhor forma de dá-la. — O médico fez vários exames em você, e um deles teve um resultado bastante surpreendente.

— Como assim?

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Deus nos mandou um presente, Faith. Você está grávida.

Ela parou por um momento. Ou melhor, talvez seu próprio mundo tivesse parado de girar, perdido o movimento. Até mesmo seus pensamentos se embaralharam uns nos outros, criando algo como um novelo. Não podia acreditar que ele estivesse brincando, principalmente porque o conhecia muito bem para saber que não faria tal coisa. Mas aceitar que aquele sonho poderia estar se tornando realidade era perigoso... Muito perigoso.

— Rowan... você tem certeza?

— Foi o que o médico disse. Eu fiquei tão surpreso quanto você.

— Mas eu não estou sentindo nada... quanto tempo?

## PERIGOSAS ACHERON

— Sete semanas. Ainda é muito pequenininho... — finalmente Rowan abriu o coração e deixou que as lágrimas caíssem sem qualquer impedimento.

— Eu pensei que fosse sentir alguma coisa... que o sentiria dentro de mim. Como Cailey sentiu a Abbie.

— Talvez você tenha sentido, mas ignorou a intuição com medo de estar errada, de se decepcionar.

— Sim, você está certo. E para dizer a verdade, eu realmente senti alguns enjoos nos últimos dias...

Faith concordou com o marido, mas a verdade era que, enquanto balançava a cabeça em afirmativa, começava também a passar a mão na barriga ainda lisa, sem nenhum resquício da

gravidez. Nesse momento, Rowan sentiu que a perderia por alguns instantes. Ela entrara em uma espécie de transe, em um momento consigo mesma. Acariciando o ventre, como se pudesse tocar o bebê que havia ali dentro, parecia sonhadora. Aos poucos, um sorriso foi se formando em seu rosto, acompanhado por lágrimas que logo se tornaram um choro compulsivo.

Quando ela estava prestes a colocar a mão no rosto para cobri-lo, Rowan a puxou para si e a abraçou. Instantes depois, Tatianna e Jayce bateram à porta, também querendo participar da comemoração.

Depois de abraços e congratulações, Faith ficou novamente séria ao olhar para Tatianna. Apesar da alegria da novidade, não podia esquecer de cumprir com sua responsabilidade. Tinha uma mensagem para transmitir. E era muito importante.



— Querida, você já deve saber que o homem que me atacou parece ter algum interesse em você. Não sei direito do que se trata, mas se quiser me contar alguma coisa, saiba que estou aqui para te ouvir — Faith falou com sua peculiar serenidade. Imaginava que Tatianna já deveria estar um pouco abalada com todas as coisas que andavam acontecendo em sua vida.

— Faith, me desculpe. Não queria que isso refletisse em você... eu...

— Ei! — Faith a interrompeu. — Não estou te culpando. Você é muito mais vítima do que eu nessa história. O que estou querendo dizer é que ele me deixou uma mensagem. Ele disse que você vai morrer como sua mãe, e que enquanto não se entregar, as pessoas que ama vão sofrer as consequências.

Tatianna precisou se sentar na cadeira mais

## PERIGOSAS ACHERON

próxima, pois sentiu suas pernas fraquejarem. Abrira as portas de um pesadelo e agora não conseguia mais fechá-las. Era como se estivesse presa em um labirinto infinito, cheio de armadilhas e predadores. E ela, sem dúvida, era uma presa fácil. Ainda mais quando colocavam a segurança de sua família em risco. Especialmente quando tinha uma prima grávida e uma que dera à luz recentemente. E ainda havia Abygail em toda aquela história.

— Se está pensando o que eu acho que está pensando, pode esquecer. Não vai se sacrificar por nenhum de nós — Rowan foi o primeiro a dizer.

— Não! Ela não pode nem estar pensando em algo assim — Faith se sobressaltou.

— Eu não apostaria nisso, Faith. Sabe como ela é! — Jayce se aproximou da cunhada. — A propósito, você conseguiu vê-lo? Saberia descrever

PERIGOSAS ACHERON

seu rosto?

— Um pouco. Tinha a pele bem branca e uma tatuagem na mão que usou para me segurar. Não consegui ver direito o que era, porque estava muito assustada. Sei também que era careca, pois me debati quando ele me agarrou e sem querer toquei sua cabeça.

— Então também pode prever sua altura...

— Era baixo para um homem. Não parecia ser muito mais alto do que eu.

Sem dizer nada, Jayce saiu do quarto, deixando todos sem entender nada. Porém, retornou um minuto depois trazendo Sebastian consigo.

— Faith, descreva seu agressor mais uma vez — pediu Jayce, assim que voltou ao quarto.

Exatamente como o cunhado pediu, Faith repetiu todas as características das quais se

PERIGOSAS ACHERON

lembrava.

— É ele! É o mesmo homem que esteve na casa de Tatianna ontem.

— Ele esteve na sua casa? — Rowan perguntou, apreensivo.

— Sim, mas não é comigo que têm que se preocupar!

— Não seja boba, Tatianna! — Sebastian se intrometeu. — Claro que temos que nos preocupar. Você decidiu se colocar em uma encrenca, agora vai ter que aguentar as consequências, mas não sozinha.

Todos no quarto se surpreenderam com a forma como Sebastian falara com Tatianna. Estava realmente preocupado e decidido a ajudar. Também não parecia muito disposto a deixá-la desprotegida. O que, sem dúvida, implicaria em se manter por

## PERIGOSAS NACIONAIS

perto. E Tatianna não sabia se isso era uma boa ideia.

Antes que ele dissesse mais qualquer coisa, Jayce o puxou para fora do quarto.

— Isso tudo tem a ver com Stuart Frost, não tem? — o detetive perguntou assim que se viram sozinhos.

— Não tenho dúvidas. Tatianna o deixou um pouco enfurecido porque faltou a um compromisso que marcaram...

— Ela me contou — Jayce o interrompeu, não querendo perder tempo ouvindo o relato pela segunda vez.

— Ele é perigoso. E não tem medo de sujar as mãos.

— Você tem o nome desse homem que atacou Faith?

## PERIGOSAS ACHERON

— Sim. É Dwight Newman. Ganha uma boa grana como matador de aluguel e sempre sai impune de tudo.

— Tem mais alguma informação sobre ele?

— Poucas. Há algum tempo ele também atacou meu pai, para chantagear Madeline, por isso investigamos um pouco da sua vida. Só sei que foi criado por um homem completamente lunático, um psicopata famoso, conhecido como Lenhador. Já ouviu falar? — Jayce fez que sim com a cabeça. — Acho que isso mexeu com a cabeça do garoto e o tornou o que é hoje. Não sei se vai encontrar muito mais coisas sobre ele, porque eu procurei bastante.

— Tenho meus meios. Não vou deixar que ele chegue perto de Tatianna.

— Nem eu, detetive.

Nesse momento, Rowan se aproximou

deles.

— Deixei as duas conversando sozinhas. Tatianna está um pouco abalada, e Faith decidiu acalmá-la.

— Não sei como ela consegue ser sempre tão equilibrada — Jayce comentou, elogiando a cunhada.

— Acho que nem eu sei — Rowan riu. — O que vamos fazer para manter Tatianna em segurança? Tenho a leve impressão de que ela vai precisar de toda ajuda possível.

— Eu vou cuidar dela. Vou levá-la para a minha casa; não vou deixá-la sozinha — Sebastian afirmou.

— E aquilo que me contou mais cedo? Sobre a profecia? — Jayce perguntou, e Rowan não entendeu nada, mas preferiu nem perguntar.

— Ela vai acabar ficando em perigo das duas formas. Então, que ao menos fique comigo — ele fez uma pausa. — E não foi você que disse que o destino pode mudar? Quem sabe não temos uma nova chance?

Ao dizer isso, Sebastian se afastou dos dois. Precisava de algum tempo sozinho para convencer a si mesmo das palavras que tinha acabado de dizer. Convivera por tantos anos com aquela certeza de que teria que repelir a mulher que lhe seria destinada, que simplesmente esquecer as consequências que seu ato impensado poderia trazer era uma tarefa bastante árdua. Mas seria por uma boa causa. Teria que mantê-la em segurança... o que fariam depois somente o futuro iria lhes dizer.

— Esse cara é um pouco estranho! — Rowan comentou quando Sebastian já estava bem



distante.

— É. Também acho.

— Vamos deixar que ele leve Tatianna para a casa dele? Confia nele para protegê-la?

— É uma merda dizer isso, Rowan, mas eu estou começando a confiar nesse filho da puta. Acho que ele realmente gosta dela. E que Deus me proteja de estar errado...

## XV

### Menta e hortelã

*"Hortelã simboliza renovação, novas conquistas e  
recomeços."*

Logo que Faith recebeu alta, Rowan a levou para casa para descansar. Jayce também saiu, para ir ao encontro de Cailey e lhe dar notícias da irmã. Tatianna e Sebastian, portanto, ficaram sozinhos, ainda na recepção do hotel.

Havia um resquício de embaraço entre eles, portanto, o silêncio foi a melhor opção. Entretanto, não podiam ficar muito mais tempo no hospital, já que Faith tinha sido liberada e não havia mais nada a ser feito ali.

— Você vai comigo, tudo bem? — ele foi o

primeiro a quebrar o silêncio. Além disso, sua frase não dava margem para negações; era quase uma ordem. E Tatianna, por se sentir cansada demais para discutir, acabou aceitando.

Quando chegaram a Moreau, um lindo entardecer despontava. O sol baixo, quase adormecido, já beijava o horizonte, e a Lua já se preparava para surgir no firmamento. Por um momento, Tatianna parou e ficou contemplando o céu em silêncio. Seus olhos semicerrados demonstravam que havia certo sofrimento em sua alma, o que apertou o coração de Sebastian. Mais do que ser atacada, perseguida ou ameaçada, a tortura de ver as pessoas que amava sendo afetadas por suas escolhas fora o que mais a deixara abatida. Tudo que ele queria era confortá-la, embalá-la em seus braços bem lentamente e confessar tudo que sentia por ela até que a expressão triste se tornasse

um sorriso.

Contudo, não sabia como seria sua reação caso fizesse o que tinha em mente, por isso, apenas colocou a mão espalmada em suas costas e a guiou para dentro da casa.

Quando ambos se sentaram no sofá, porém, Tatianna deixou que seus sentimentos aflorassem e começou a chorar. Era um lamento tão profundo e sincero que Sebastian, comovido, puxou-a para seu colo, consolando-a como quisera fazer desde o princípio. Para sua surpresa, ela aconchegou-se nele e enterrou o pescoço em seu ombro, realmente procurando por apoio.

Sabia que procurar abrigo em seus braços não era o mais certo a fazer. Poderia estar cometendo um erro, entregando o coração de bandeja para alguém que iria devolvê-lo ferido e sangrando. Mas sabia que precisava dele. Precisava

PERIGOSAS ACHERON

do calor, do conforto, da proteção e de um momento onde permitisse a si mesma esquecer das noites escuras e focar nos dias de sol. Nos raros instantes de pura alegria... e tinha que confessar que em alguns desses momentos ele estava presente. Por isso, queria mais um para guardar na memória. Não sabia se ao acordar ele estaria ao seu lado ou se fugiria como um criminoso na calada da noite; não sabia se ele iria lhe proporcionar ainda mais decepção e dor, mas valeria a pena.

Pensando nisso, decidida a não se ater às consequências, Tatianna ergueu um pouco a cabeça e fez com que seus lábios tocassem os dele. Tencionava fazê-lo com certa gentileza, devagar, como quem coloca a mão nas chamas do fogo pela primeira vez. Não contava, entretanto, que ele fosse retribuir de forma totalmente inesperada.

Em um primeiro minuto, Sebastian

## PERIGOSAS NACIONAIS

simplesmente aceitou o toque dos lábios de Tatianna, com toda a doçura que ela lhe oferecia, mas logo puxou-a mais para si, como se tivesse medo que ela fosse fugir, escapar de seu contato, de seu desejo. Ele beijou-a com paixão, quase como se absorvesse sua alma, como se quisesse deixar algo de si mesmo dentro dela.

Mas a verdade era que estava se agarrando à oportunidade.

Mais do que isso... estava se libertando.

Ter Tatianna já não era mais um desejo, tornara-se uma necessidade. Podia estar colocando aquela mulher em perigo, mas achava mais importante manter-se por perto para protegê-la.

Naquele momento, contudo, os poucos pensamentos que habitavam sua mente lhe diziam que precisava tê-la por inteiro.

## PERIGOSAS ACHERON

Foi no espaço de uma fração de segundos que ele a segurou nos braços e a deitou no chão sobre o tapete felpudo. Ela merecia mais do que aquilo. Merecia não ser tratada como uma qualquer; não merecia ser amada por um selvagem, no meio de um chão. Merecia ser venerada, com todo cuidado e empenho, precisava ser tratada como uma princesa para compensar o que já tinha lhe feito. Queria que ela soubesse que era especial, que seu sentimento era maior do que ele mesmo imaginava.

Vendo-a deitada no chão, de olhos fechados, apenas deixando que ele a seduzisse lentamente, sentiu que recebia mais um voto de confiança. E aquela era uma chance que não pretendia perder.

— Sebastian...

Quando ela sussurrou seu nome, quase

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

como se suspirasse de desejo, ele compreendeu uma coisa muito importante: não havia mais volta. Ele soube, a partir daquele sublime momento, que seu coração já estava nas mãos dela. Que pertencia a ela. E, mais ainda, não havia nenhuma magia capaz de superar a magia do amor.

Não esperou muito mais para unir-se a ela, tornando-os um só. E foi então que a tal magia se fez, fazendo o tempo parar, permitindo que qualquer memória cruel que pudesse lhes torturar desaparecesse, enquanto a noite que se aproximava, testemunhando a união.

\*\*\*

Algumas horas depois, Tatianna acordava deitada em uma cama confortável, coberta por um

PERIGOSAS ACHERON



edredon quentinho.

*Claro que tinha sido um sonho!*, foi a primeira coisa que pensou quando abriu os olhos e se viu sozinha mais uma vez. Depois concluiu o pior: ele tinha fugido da própria casa; não honrara o compromisso de protegê-la, não respeitara sua dor ao saber que sua família estava em perigo.

Já estava pronta para se levantar dali, coberta pela vergonha, quando viu as cortinas se movimentarem. A primeira coisa que enxergou em seguida foi o belo homem que a amara na noite anterior, vestindo nada mais do que um short preto, entrando no quarto depois de passar alguns instantes na varanda.

— Que bom que acordou. Pedi que uma pessoa que trabalha comigo fosse até a sua casa e trouxesse algumas roupas. Tomei a liberdade de pegar sua chave, espero que não fique aborrecida.

— Não, tudo bem... — ainda atordoada por vê-lo ali, Tatianna acrescentou: — Arrependido? — precisou perguntar, embora soasse ridículo.

— Eu é que deveria fazer essa pergunta — sorridente, ele continuou a caminhar em sua direção e, sem esperar que respondesse qualquer coisa, depositou um beijo carinhoso em seus lábios. — O que aconteceu ontem não tem volta...

— Claro que não. Eu posso ter um dom sobrenatural, mas ainda não aprendi como fazer para voltar no tempo — brincou ela, tentando descontraír um pouco. Apesar disso, estava nervosa, pois não sabia o que esperar. Não fazia ideia de qual seria o próximo passo.

— Se eu tivesse esse poder e pudesse mudar as coisas, não mudaria nada do que aconteceu na noite passada — Sebastian sentou-se na cama, de frente para ela. — Mas mudaria muitas das coisas

PERIGOSAS ACHERON

que fiz e que acabaram te magoando.

— Por que, Sebastian? Por que fez tudo aquilo?

Não estava muito convicto de que era a hora certa de contar toda a história da profecia, mas não podia mais esconder, afinal, era a segurança dela que estava em jogo.

— Tatianna, o que vou te falar agora pode mudar suas opiniões sobre muitas coisas. Talvez faça com que decida ir embora definitivamente...

Ajeitando-se na cama, ela focou toda sua atenção no que ele tinha para lhe dizer.

— Você é uma caixinha de surpresas, Sebastian. Nunca sei o que esperar.

Ele sorriu, sabendo que ela estava certa. Mas logo retornou à expressão séria de antes, pois sabia que o assunto não era nada agradável.

— Sua mãe me contou que sua avó previu que eu conheceria uma mulher, com quem teria uma imediata conexão. Eu me apaixonaria perdidamente por ela, mas a perderia. Ela iria morrer em meus braços — desolado, prosseguiu depois de uma pausa breve. — Essa mulher só pode ser você.

— Isso quer dizer que está apaixonado por mim? — ela perguntou em tom zombeteiro, levantando uma sobrancelha, o que assustou Sebastian.

— Você entendeu o que eu acabei de dizer? Sua avó, que, de acordo com sua mãe, tinha um poder extraordinário, afirmou que você poderia morrer se ficasse comigo.

— Entendi perfeitamente. Mas minha avó sempre deixou bem claro que nenhuma das coisas que previa eram definitivas. O destino se faz de PERIGOSAS ACHERON

acordo com nossas escolhas, mesmo as menores. Cada detalhe importa. E, talvez, isso que está fazendo agora, me contando o que sabe, pode já estar alterando o futuro. Nunca se sabe.

A resposta foi tão surpreendente, tão equilibrada e sábia, que Sebastian não resistiu e a puxou para si, beijando-a com ainda mais paixão do que antes. Ainda a manteve em seus braços por algum tempo, como se quisesse aproveitar cada momento. Tinham acabado de receber uma espécie de alforria, as portas de uma prisão tinham sido abertas, e eles já se viam caminhando em liberdade. Não sabiam qual seria o destino, mas estavam dispostos a observar cada passagem.

Sebastian a afastou um pouco de si apenas para poder olhar em seus olhos.

— Sim. Acho que estou apaixonado por você... — um sorriso de canto provava que o que PERIGOSAS ACHERON

ele estava falando era uma brincadeira. Já não achava mais nada, tinha completa certeza.

— Bem, já que você *acha* que está apaixonado por mim, eu posso ir embora até que tenha certeza — ela entrou na brincadeira, mas quando ia saindo da cama, enrolada em um lençol, foi puxada de volta e jogada de costas no colchão. Colocando-se sobre ela, Sebastian disse:

— Eu tenho certeza... Total certeza. Posso levar a vida inteira tentando, mas vou provar que não vou te magoar novamente. Nunca.

E a beijou.

Não era o primeiro beijo que compartilhavam, não era a primeira vez que se viam assim tão próximos, mas naquele momento era completamente diferente. Havia uma ligação muito mais forte, uma conexão perfeita. Os

obstáculos iriam surgir, mas estavam prontos.

Ainda se beijavam quando a porta do quarto de Sebastian foi aberta com violência. Ambos olharam assustados na direção do barulho e se depararam com Taylor.

— Sebastian... — ele chamava, demonstrando um certo desespero, tanto no tom de voz quanto na expressão de seu olhar. — É Ivy... ela... ela...

— O que houve? — muito preocupado, Sebastian praticamente deu um pulo da cama, já sabendo que não teriam boas notícias.

— A enfermeira acabou de me ligar. Ivy teve um surto e... — foi nesse momento que ele percebeu a presença de Tatianna ali pela primeira vez. Mais do que isso, percebeu que ela estava se escondendo por baixo do lençol, o que fez com que

concluísse que estava nua e que tinha passado a noite com seu irmão. Isso o deixou confuso e um pouco envergonhado. — Me desculpem, eu não sabia... não queria atrapalhar...

— Não atrapalhou — Tatianna foi a primeira a tranquilizá-lo, embora também estivesse embaraçada por conta da situação.

Sebastian, sem nem pensar duas vezes, já começava a se arrumar, sabendo que teria que adiar o dia que tinha planejado com Tatianna.

— Taylor, Tatianna vai conosco — Sebastian afirmou com convicção, não dando margens para negativas.

— Não acho uma boa ideia... eu...

— Ela *vai* conosco. Não vou deixá-la sozinha... acho que Frost está atrás dela.

Taylor suspirou, sabendo que tinha sido

## PERIGOSAS ACHERON



derrotado. Com isso ele saiu do quarto, para que Tatianna pudesse se arrumar, e em poucos minutos já estavam saindo, rumo à casa onde Ivy vivia.

De longe, enquanto o carro ainda se aproximava, Tatianna conseguiu ouvir os gritos. Sons de total desespero, como se alguém estivesse com medo de alguma coisa ou sofrendo demasiadamente. Isso provocou uma terrível angústia em seu peito, o que fez com que saltasse do carro antes dos outros dois e corresse até a casa.

Taylor e Sebastian foram atrás dela, o mais rápido que conseguiram, e se depararam com a cena de Tatianna ajoelhada na frente da cadeira de Ivy, tentando acalmá-la de uma forma amadora e sem sucesso. Sua presença, no entanto, só serviu para deixá-la ainda mais nervosa e desencadear uma reação inesperada: Ivy parou de gritar por algum tempo, mas fixou os olhos em Tatianna,

como se ela tivesse feito algo de muito errado, e envolveu seu pescoço com sua mão pequena e incrivelmente forte.

Os gritos não demoraram a voltar, mas agora eram acompanhados por palavras. Em um primeiro momento foi quase impossível compreender o que ela estava dizendo, ainda mais que todas as pessoas presentes — Sebastian, Taylor e a enfermeira — se prontificaram a ajudar Tatianna, tentando afastar Ivy. Contudo, assim que Taylor conseguiu segurá-la e puxá-la para longe, todos conseguiram distinguir o que ela dizia: “*Ele vai matar a todos nós.*”.

Logo tais palavras converteram-se novamente em gritos sem sentido, e eles perderam novamente a conexão com ela.

Depois de amparar Tatianna, um pouco zozza com toda a cena, até uma cadeira, Sebastian

## PERIGOSAS ACHERON

aproximou-se da irmã de criação e tocou-a com carinho no rosto. Taylor a segurava enquanto ela se debatia, esforçando-se para que não fugisse.

Ainda com as mãos no rosto de Ivy, Sebastian disse, em um tom gentil, calmo, quase sussurrante:

— Você vai se acalmar, vai fechar os olhos e descansar em um sono tranquilo.

E foi o que bastou. No exato momento em que Sebastian falou tais palavras, como se fossem mágicas, Ivy foi caindo nos braços de Taylor, que a amparou no momento em que ela adormeceu.

Tendo sua tarefa finalizada, Sebastian aproximou-se de Tatianna, que parecia hipnotizada pelo que tinha acabado de ver.

— Você está bem? — ele perguntou.

— O que fez com ela? — sem nem

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

responder a pergunta que ele tinha lhe feito, Tatianna não conseguia tirar os olhos de Ivy enquanto Taylor a carregava para a cama.

— Eu só fiz com que ela dormisse. Vai acordar normalmente, como se tivesse tirado um cochilo, mas sentindo-se mais calma.

— Isso eu entendi, Sebastian. Quero saber *como* fez isso.

Uma leve nota de indignação foi ouvida na voz de Tatianna. O que não era nem um pouco bom. Sebastian sabia que já tinha falhado vezes demais com ela e que qualquer deslize poderia colocá-los na corda bamba. Só lhe sobrava, portanto, a sinceridade.

— É meu poder. Eu posso convencer pessoas a fazerem coisas... coisas que eu quero que elas façam.

## PERIGOSAS ACHERON

— E isso inclui tudo? Tipo... você pode obrigar que uma pessoa mate alguém ou que se apaixone por você?

Ele sabia onde ela queria chegar, e sabia que estava desconfiada. Não podia julgá-la, é claro.

— Não sei, porque são duas coisas que nunca tentei.

A resposta foi simples, mas pareceu sincera, o que foi satisfatório para Tatianna.

— Sei que está assustada com tudo isso, mas não pode me julgar por uma habilidade que não pedi para ter. Acho que você, melhor do que ninguém, compreende isso.

Sim, ela compreendia. Não podia ser hipócrita e fingir que nada tinha acontecido, mas também não precisava transformar aquela revelação em uma catástrofe de proporções tão grandes. Além

## PERIGOSAS NACIONAIS

do mais, havia algo muito mais importante em jogo.

— Ela disse que alguém vai matar a todos nós. Será que estava falando de Frost? — mudou de assunto.

— Provavelmente, sim — foi Taylor quem respondeu. Depois de um momento de silêncio, acrescentou, olhando para Ivy e sorrindo: — Ela não falava há três anos. Será que...

— Taylor, isso pode ter sido apenas um caso isolado. Foi um surto. Não sabemos como ela vai acordar — Sebastian tentou tirar um pouco das esperanças do irmão antes que ele começasse a acreditar demais na recuperação utópica de Ivy.

— Mas você não sabe. Não pode ter certeza. Eu a vi falando, e é nisso que vou acreditar — dizendo isso ele saiu do quarto, deixando o casal

## PERIGOSAS ACHERON

sozinho, uma vez que a enfermeira logo se retirou também.

— É muito difícil para ele, sabe? — Sebastian disse, como se tentasse explicar ou justificar a reação de Taylor.

— Não me parece muito fácil para você também...

— E não é. Mas a ligação dele com Ivy é muito mais forte — ele fez uma pausa, mas logo acrescentou, com um sorrisinho desanimado e um pouco irônico: — Maldito destino, não é mesmo?

Tatianna respirou fundo. Talvez concordasse com a afirmação. Talvez o destino fosse o vilão da história, aquele que sempre arquitetava as piores consequências, que apresentava as piores situações para causar danos e caos na vida das pessoas. Talvez o que ela dissera

## PERIGOSAS NACIONAIS

antes, de que as pessoas construíssem seus próprios caminhos, fosse apenas um conto de fadas no qual era mais fácil acreditar para não pensar que tudo estava perdido.

Talvez, ao ver todas aquelas coisas acontecendo, influenciando sua vida e as das pessoas ao seu redor, estivesse começando a compreender que certas coisas eram, sim, irreversíveis. Não importava a forma como se lutava, a batalha sempre poderia ser perdida.

— É... maldito destino...

\*\*\*

Em contrapartida ao pensamento de Sebastian e Tatianna, o destino estava sendo muito camarada com Jayce e Steve.

## PERIGOSAS ACHERON



Mas com certeza estava sendo um filho da puta com Dwight Newman. Não que ele não merecesse.

Por mais incrível que pudesse parecer, foi um pouco mais fácil do que todos imaginavam encontrar o assassino de aluguel que, de acordo com Sebastian Hannigan, trabalhava para Frost fazendo os serviços que ele não queria fazer. Pelo que os detetives puderam constatar, Dwight tinha recebido um pagamento quase obsceno para matar Tatianna, e, ao que parecia, fora apenas um sinal, pois o serviço — felizmente — não tinha sido concluído, mas o dinheiro já estava fazendo festa em sua conta bancária. E seus cartões de crédito estavam fazendo festa em lojas dos mais variados tipos, principalmente online. O cara comprava mais jogos do que Emily comprava sapatos, na opinião de Steve. E isso era uma grande coisa.

Claro que ele não usava o nome verdadeiro nesses cartões, mas também não foi muito difícil descobrir que Donald Newman, irmão biológico e gêmeo de Dwight, tinha morrido há oito anos, mas ainda fazia compras em sites como Ebay e Amazon. Quase um milagre bíblico.

Depois de rastrearem tais sites e pedirem uma ajudinha da empresa dos cartões de crédito, os policiais conseguiram o endereço de entrega dos produtos que ele comprava. E não é que era o exato domicílio do vagabundo?

A prisão foi feita de forma rápida, silenciosa e indolor. Mas não podiam dizer o mesmo do interrogatório. Por mais que tivesse a intenção de se controlar, todas as vezes que olhava para a cara feia do assassino à sua frente, algemado à cadeira de ferro da sala de interrogatórios, Jayce só lembrava do fato de que por muito pouco ele não

tinha conseguido tirar a vida de Tatianna. E com certeza ainda iria se divertir com ela, com sua mente porca.

O rosto de Dwight já estava em péssimas condições depois de ter levado alguns socos — que Steve considerara como fracos, se fosse levada em consideração a força de Jayce —, mas ele ainda insistia em se manter fiel a seu contratante. Contudo, ambos sabiam que era apenas uma questão de tempo até que abrisse a boca.

— Você acha que estamos brincando aqui, seu merda? Quero só um nome... um nome e você sai dessa sala — Jayce ainda insistia.

— Você tem que fazer alguma coisa! Esse cara não pode me bater assim! É contra os direitos humanos... — Dwight virou-se para Steve buscando apoio, mas este apenas deu de ombros, como se estivesse pouco se importando com os

PERIGOSAS ACHERON

métodos de Jayce.

— Direitos humanos? Quer falar sobre isso? E os direitos de Tatianna DeWitt? O direito que ela tem de viver e que você, por muito pouco, não roubou?

— Nem conheço a vadia, só sei que...

Dwight bem tentou terminar a frase, mas foi impedido por um soco um pouco mais forte que os outros, que pegou bem em seu queixo. E esse foi o sopro final. O assassino começou a chorar como um molequinho e confessou:

— Não foi Frost quem encomendou a morte dela...

— Ah, cara, conta outra! Vai dizer que não sabe quem é Stuart Frost e que nunca trabalhou para ele? — Steve se intrometeu.

— Não... ele sempre me contratou... mas  
PERIGOSAS ACHERON

não foi ele desta vez.

— Então quem foi?

— Não sei. Eu só recebo telefonemas e o dinheiro na minha conta. Foi assim com a tal de Tatianna e com John Briggs...

Não que eles já não desconfiassem, mas Dwight tinha acabado de confessar mais uma morte. Entretanto, nenhum dos dois policiais demonstrou surpresa ao ouvi-lo falar.

— Quantas sujeiras você já fez para Frost?

— Steve perguntou e percebeu que Dwight estava hesitante em responder. — Você já vai ser preso, amigo... se não disser tudo que sabe e que já fez vai ser pior. Vamos te deixar aqui com Jayce por mais algumas horas... — ele enfatizou o “*com Jayce*”, dando a entender o que iria acontecer se não falasse.

A escolha não foi muito difícil.

— Já invadi algumas casas, já dei umas surras em algumas pessoas e... — hesitou.

— E... o quê? Já sabe que é melhor falar — ameaçou Jayce.

— Eu roubei um bebê para ele.

— Um bebê? — Steve indagou, sentindo-se enojado sem nem mesmo ouvir toda a história. Jayce também não estava se sentindo muito melhor. Sua filhinha tinha acabado de nascer e só pensar em perdê-la... só de pensar em ter um merda daqueles colocando as mãos nela já esquentava seu sangue.

— É. Ele não me falou muita coisa, só disse que eu tinha que pegar a criança na maternidade e dar sumiço nela.

— E de quem era essa criança?

— Já disse que ele nunca me passava muitas informações. Eu fui na droga do hospital e peguei a porcaria do bebê — começando a ficar irritado, Dwight respondeu sem nenhuma paciência. O que, é claro, não agradou a Jayce nem um pouco.

— Acho melhor mudar sua atitude ou a situação vai ficar ainda pior — alertou em um tom bastante ameaçador. — Como reconheceu a criança no berçário se não sabia o sobrenome dos pais?

— Frost me indicou qual era. Eu só fui lá e peguei.

— Não sabe se era menino ou menina?

— Claro que não. Nem olhei... — deu de ombros como se pouco importasse.

O relato foi demais para ambos os detetives. Tudo que queriam era sair logo dali antes que

acabassem matando Dwight de tanta raiva que sentiam. O cara não tinha o menor remorso por matar, roubar ou sequestrar bebês inocentes. Mas, mais do que isso, eles estavam intrigados em descobrir de quem era aquela criança e tinham uma leve intuição de que isso também estava ligado à família Hannigan.

Mas antes que pudessem se livrar daquele monstro, tinham mais uma coisa para perguntar, que talvez fosse a mais importante de todas.

— Precisamos do endereço de Stuart Frost  
— Jayce afirmou incisivo, tentando manter a calma, embora estivesse prestes a explodir.

— Mas eu não...

— Se não tem, vai descobrir. Não importa *como* ou *com quem*. E queremos isso logo, parceiro. Para ontem. Sei que você vai dar o seu



jeito — Steve, em toda sua ironia, deu uma piscadinha, já sabendo que Dwight acabaria falando, nem que fosse sob pressão. Ele cedia facilmente, ainda mais com uma ajudinha especial de Jayce.

Assim que Dwight lhes forneceu o endereço que ele achava ser de Stuart Frost, depois de fazer algumas ligações sob a supervisão dos detetives, Jayce e Steve o acompanharam até a cela onde ele ficaria, depois saíram da delegacia e foram direto para a casa indicada.

De acordo com Dwight, Frost vivia em Cohoes, uma cidade vizinha a Moreau, com pouco mais de dezesseis mil habitantes. Um lugar perfeito para um refúgio isolado e bastante discreto. Talvez estivessem realmente com sorte.

A casa à qual o endereço lhes guiara era uma bela propriedade em estilo colonial, não tão

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

grande ou imponente quanto a dos Hannigan, mas, ainda assim, de encantar os olhos de qualquer um que por ali passasse.

Mas não estava encantando nem Jayce nem Steve. Tudo que eles queriam naquela casa era prender o sujeito.

Utilizaram, portanto, o interfone, da forma mais civilizada possível, mas não foram atendidos. Tentaram mais algumas vezes, e nada.

Steve se sentia frustrado. Pegar Frost poderia acabar com todos os problemas de Tatianna. E com certeza Jayce pensava da mesma forma, mas sua atitude e sua demonstração de frustração eram completamente diferentes. Ao invés de estar parado, pensando em maneiras de reverter a situação, ele estava escalando o portão da casa com destreza e facilidade, sem nem se importar se era mesmo o certo a fazer.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Jayce! — Steve exclamou. — Mas que merda está fazendo? Não pode invadir uma propriedade desse jeito. Não temos nem um mandado.

— Estamos falando de um criminoso. Se ele ainda não fugiu, não vou dar chance ao azar.

— Mas nem sabemos se é a casa certa. Dwight não tinha certeza.

— Vamos ter que correr o risco.

Que Deus os protegesse, mas Steve também fez a mesma coisa e escalou o portão de ferro, fechado a cadeado, caindo do outro lado, dentro da suposta casa de Stuart Frost.

Caminharam pelo jardim até chegarem à porta principal da casa. Jayce estava disposto a arrombá-la, mas não foi necessário, pois estava aberta. O que era extremamente estranho.

## PERIGOSAS ACHERON

Após se entreolharem, os dois entraram na casa, com suas armas em punho. Não queriam estar despreparados, caso se tratasse de alguma armadilha.

Dividiram-se para checar a casa inteira com mais rapidez. Mas não foi preciso muito tempo, pois Steve logo chamou por Jayce, segundos depois de ter entrado no escritório.

Assim que Jayce adentrou o cômodo, o cheiro de morte penetrou suas narinas. Um odor que ele conhecia muito bem e que não lhe proporcionava lembranças muito agradáveis. Cailey era seu raio de sol, o milagre que trouxera luz à sua escuridão, mas lembrar de Debra sempre o magoaria. Fora uma boa mulher e não merecia o trágico destino que lhe restou.

E não era apenas o cheiro que o incomodava, mas a cena, também, era bastante

## PERIGOSAS ACHERON

nauseante.

O homem estava sentado em sua cadeira de couro, com a cabeça tombada para a frente, com três perfurações a bala em seu peito. Estas sangravam, manchando sua camisa de linho branca. Ele segurava uma caneta em sua mão, como se estivesse escrevendo alguma coisa antes de morrer. O telefone também estava fora do gancho, demonstrando que tinha feito ou recebido alguma ligação enquanto era assassinado. Havia café sobre a mesa e alguns papéis estavam manchados, tanto de sangue quanto da bebida, que tinha sido derramada.

— Ninguém contava com isso, hein? Stuart Frost partiu dessa para uma melhor — Steve jamais usava de sarcasmo para se referir a uma morte, mas aquele homem não merecia nenhum resquício de seu respeito.

— Partiu, não... foi levado...

— Isso dificulta um bocado nossa investigação, não é?

— Bastante.

Jayce respondeu, mas a verdade era que sua atenção não estava muito voltada para o parceiro. Estava muito mais interessado na cena do crime. Tomando todo o cuidado para não tocar em nada com as mãos nuas, ele entrou na suíte do escritório e enrolou a direita em um bocado de papel higiênico. Não facilitaria muito seu toque, mas era uma precaução necessária.

Havia muitos documentos sobre a mesa, livros e pastas. Ateve-se principalmente àqueles que estavam mais próximos do cadáver. Muitos eram notas fiscais, uma vez que Frost, assim como os Hannigan, possuía um restaurante, outros eram

currículos de chefes de cozinha. Havia também alguns documentos que ele parecia ter que assinar, mas nada que chamasse muita atenção ou que pudesse ser usado pela polícia.

Apenas um papel específico, perdido no meio dos outros, e que quase poderia ter lhe passado despercebido.

Ainda com as mãos protegidas pelo papel precário, Jayce tirou o documento de debaixo dos outros e constatou o que já tinha imaginado ao vê-lo pela metade: tratava-se de uma certidão de nascimento de uma pessoa do sexo feminino, nascida em 1985, em Manhattan, chamada Audrey Frost. Na lacuna onde deveria constar o nome da mãe havia um nome que eles não reconheciam, porém, o pai era o próprio Stuart Frost.

— Steve... acho que você vai gostar disso aqui...

Ao ouvir o chamado do parceiro, Steve aproximou-se de Jayce e olhou para o papel que ele tinha nas mãos. Logo constatou que aquilo era uma bomba, que poderia explodir a qualquer momento.

— Cara, essa história é uma caixinha de surpresas. Por essa eu não esperava.

— Vamos ter que descobrir quem é essa mulher... Acho que ela pode ser a resposta para muitas perguntas...



## XVI

### Doce de Maçã

*"A maçã é o fruto da revelação e da magia.  
Representa os mistérios e os segredos de uma  
alma."*

A melodia dos pássaros reconfortava seu coração. Era como se eles cantassem apenas para ela, compartilhando de seu momento de reflexão. O sol a iluminava de forma cálida, quase se despedindo para dar lugar à noite.

O jardim da casa de Sebastian era um lugar perfeito. Quase como um sonho. E a situação não era muito diferente...

Estava deitada na grama, com a cabeça no colo do homem por quem estava apaixonada,

observando as nuvens no céu.

Passara o dia inteiro vendo-o trabalhar na administração de suas vinícolas e aprendera muito sobre ele. Ele fazia tudo à distância, de sua própria casa, onde mantinha um escritório bem equipado, mas vez ou outra precisava viajar para tratar de problemas mais sérios. Parecia gostar do que fazia e até chegou a mostrar a ela alguns dos vinhos produzidos por sua marca.

Deveria estar feliz, mas a expressão melancólica de seu rosto não permitia falsas interpretações. E Sebastian não pôde deixar de perceber e se sentir péssimo por isso. Sabia que em grande parte era culpado por aquela tristeza.

Estavam ambos em silêncio, apenas contemplando o belo céu azul, quando Tatianna, de repente, indagou:

— Qual o gosto da felicidade? — havia um tom sonhador em sua fala, como se estivesse apenas divagando. Talvez quisesse simplesmente falar para si mesma, mas acabou proferindo a pergunta em voz alta.

Ao ouvir algo tão repentino e surpreendente, Sebastian deu uma risadinha e respondeu, já esperando que algo muito inusitado viria daquela mulher:

— Felicidade tem gosto?

— Claro que tem! Tem cheiro também... — ela fez uma pausa e ajeitou-se para poder olhar para ele. — Para mim ela tem gosto de chocolate derretido na boca, bem gelado e cremoso... tem gosto de açúcar caramelado e de suspiro... Às vezes, quando acordo, ela tem sabor de pão quentinho e café...

— E por que isso?

— Essas coisas me fazem lembrar da minha mãe, da minha avó... e, de certa forma, das meninas também — ele sabia que ela se referia a Faith e Cailey, de quem ela sempre falava com carinho.

— E tristeza, Tatianna? Qual o gosto da tristeza? — a pergunta foi feita com um tom de voz mais grave. Não era algo agradável para se perguntar, mas ele queria que ela desabafasse, que derramasse suas angústias sobre ele. Queria ser mais que um mero amante... queria poder suportar o peso de sua alma.

— Tristeza não tem gosto... Tristeza tem som...

— Som?

— Sim... ela soa como uma porta se

fechando, como um adeus... de alguém que nunca mais vai voltar.

Já tinham se passado dezenove anos; muitas coisas tinham acontecido, mas ela ainda guardava aquela tristeza dentro de si. Ele quase podia sentir sua mágoa como algo tangível, como se coubesse na palma de sua mão. Era um objeto letal, que ao invés de matar de uma vez só, torturava lentamente, dilacerava sentimentos e emoções para sempre.

Não havia como não perceber que Tatianna sentia o abandono na alma, cravado em seu interior. Por mais que descobrisse a verdade, que acabasse por compreender os motivos que levaram Madeline Moore — ou seja lá qual fosse o nome dela — a partir em uma fuga misteriosa, ela jamais conseguiria esquecer ou perdoar. Perdera a mãe naquele fatídico dia de Natal, muitos anos atrás. Perdera anos e anos com ela. Anos esses que

Sebastian a tivera para si.

— Madeline chorava... sozinha... escondida no quarto. Eu sempre quis saber por que, mas acho que agora sei. Ela deixou uma parte dela com você. Seu coração, por maior que fosse, nunca pertenceu aos Hannigan por inteiro.

Ao ouvir aquilo, Tatianna permaneceu algum tempo quieta, muito pensativa, mantendo seu olhar no azul encantador do céu. Tentou fixar sua mente na perfeição daquelas nuvens, pensar apenas na solitária gaivota que cortava a imensidão em seu voo livre e belo, mas foi em vão.

— Meu Deus, já faz tanto tempo... por que ainda me machuca desse jeito? — proferiu sem querer, quase sem perceber que o tinha feito em voz alta. Depois, veio o inevitável: o choro.

Tentou controlar-se a princípio, mas quando

## PERIGOSAS NACIONAIS

Sebastian a puxou para que ficasse sentada a seu lado e a abraçou bem forte, ela desabou.

Podia jurar que não se lembrava de ter chorado de tal forma, nem mesmo na época em que tudo aconteceu. Talvez, naquele momento, sendo confortada por Sebastian, ela não estivesse chorando apenas por Jane DeWitt; talvez fosse uma junção de fatores, um desabafo completo que valeria por todos os outros. Até porque ela jurava que seria o último. Não podia se deixar abater, tinha muito pelo que lutar. Precisava ser forte por Faith e Cailey, pois não podia permitir que fossem envolvidas naquele jogo cruel. Também chorava por Sebastian, que tentara abdicar de seu próprio sentimento para protegê-la... Precisava ser forte por si mesma, porque não poderia permitir que tudo fosse em vão. Mas chorava, além de tudo isso, por algo mais...

## PERIGOSAS ACHERON

No momento em que Sebastian lhe contou sobre a profecia, ela soube que tinha algo a ver com o fato de sua mãe ter ido embora. Sua avó profetizara, e Jane se afastou para tentar salvar a filha. O que fazia muito mais sentido do que qualquer outra coisa. Outras perguntas ainda estavam bem vivas em sua mente, mas tinha certeza que obteria as respostas. Mais cedo ou mais tarde.

O que, é claro, poderia ficar para depois. Precisava aproveitar aquele segundo, amparada pelos braços de Sebastian, para permitir aquele choro. Era quase uma necessidade.

Ele permitiu que ela ficasse ali até que se sentisse melhor. Esperava que derramasse um pouco da tristeza de seu coração junto àquelas lágrimas e que isso trouxesse um pouco de cor a seu rosto. Além disso, sentia-se honrado por ela ter lhe escolhido como ombro amigo. Era um sinal de



## PERIGOSAS NACIONAIS

que começava a confiar nele, mesmo que lentamente, com cautela. Assim que se sentiu pronta para afastar-se dele, Tatianna o fez. Foi beijada com carinho e sentiu a palma da mão firme e quente de Sebastian limpando seu rosto, ainda molhado do choro.

— Está se sentindo melhor?

— Acho que sim... — respirando fundo ela respondeu, tentando imitar um sorriso. Era o primeiro passo para colocar um ponto final naquele momento de puro desabafo.

Ele a ajudou a levantar-se, e, abraçados, caminharam para dentro da casa no exato momento em que a campainha tocava. Talvez já estivesse tocando há algum tempo, mas, por estarem nos fundos, não a tinham escutado.

Ficaram preocupados, pois Sebastian

## PERIGOSAS ACHERON

afirmou que não estava esperando ninguém. Taylor não tocaria, ele simplesmente usaria sua chave e entraria sem qualquer cerimônia. Sendo assim, não lhe restavam muitas opções.

Quando Tatianna viu Jayce do outro lado da porta, acompanhado por Steve, sentiu um forte aperto no coração, como se soubesse que ele estava ali para lhe contar alguma coisa séria.

Convidados a entrarem e sentarem-se, Jayce e Steve pegaram um papel que traziam consigo, sem nem dizer nada. Tratava-se de uma cópia da certidão de nascimento que tinham encontrado na casa de Frost. Assim que eles o entregaram para o casal, Tatianna praticamente arrancou-o da mão dele. Sebastian aproximou-se para poder ler também, compreendendo que havia uma suposta filha de Stuart, perdida pelo mundo.

Jayce, assim que percebeu que eles já tinha

## PERIGOSAS ACHERON

entendido tudo, acrescentou:

— E tem mais: conseguimos prender Dwight Newman...

— Quem é esse? — Tatianna indagou.

— É o homem que estava na sua casa naquele dia, de tocaia — foi Sebastian quem falou, usando de seu tom de voz mais cálido e gentil.

— Bem, ele afirmou que não foi Frost quem o contratou para matá-la — Jayce disse.

— E vocês acreditaram nele? — Sebastian se surpreendeu.

— Podemos dizer que com o tratamento que Jayce lhe deu, o cara não iria ter colhões para mentir — Steve brincou.

— Mas não é só isso... Ele nos deu o endereço de Frost. Fomos lá para levá-lo para a

delegacia, mas quando chegamos... ele estava morto. Foi assassinado.

Era possível enxergar o choque nos olhos dos dois. Contudo, depois de absorverem a notícia, tiveram diferentes reações: Sebastian pareceu aliviado, como se a existência daquele homem o incomodasse como um vírus letal, pronto para infectar todos ao seu redor. Já Tatianna, apenas inclinou-se para trás, encostando-se no sofá, sustentando uma expressão que era um pouco mais difícil de interpretar.

Dentro da mente de Tatianna, um turbilhão de pensamentos se formava, começando a confundi-la e deixá-la completamente zozza. Eram muitas informações para absorver, mas o que mais martelava em sua cabeça era o fato de que Frost era, possivelmente, a pessoa que poderia lhe revelar coisas sobre sua mãe que ainda estavam pendentes.

E agora ele nunca mais poderia lhe dizer nada.

E isso foi suficiente para que ela sentisse uma imensa necessidade de sair dali. Queria se jogar em uma cama, fechar os olhos e não acordar até que estivesse mais calma. Por isso, saiu de onde estava, sem nem se despedir de Jayce ou de Steve, e correu para o quarto de Sebastian.

Jayce logo se levantou, prontificando-se a ir atrás dela, mas Sebastian o impediu:

— Pode deixar comigo...

— Não me leve a mal, Sebastian, eu posso até ter certa confiança em você, e só Deus sabe o porquê, mas não acho que seja a pessoa mais indicada para confortá-la nesse momento. Eu a conheço...

— Já disse que pode deixar comigo. Prometo que ela está em boas mãos — insistiu,

mostrando convicção.

Dando-se por vencido, Jayce suspirou e fez um meneio com a cabeça na direção de Steve, informando que eles já poderiam sair, que ele acreditava que Sebastian iria cuidar bem de Tatianna.

Assim que eles saíram, Sebastian encaminhou-se lentamente até o quarto. A porta não estava fechada, apenas encostada, por isso ele entrou. Por mais que o quarto fosse seu, sabia o quanto ela precisava de privacidade. No entanto, quando se sentou na cama, ao lado dela, ela não o evitou; pelo contrário, buscou seus braços para se aninhar, como uma criança assustada em um dia de tempestade.

A verdade era que havia muitas tempestades na vida de Tatianna naquele momento, mas nenhum sinal do sol por trás das nuvens pesadas e

## PERIGOSAS ACHERON

cinza.

Ele precisava fazer alguma coisa; precisava de algo que pudesse animá-la um pouco... Por isso, teve uma ideia.

Sem dizer nada, levantou-se da cama e estendeu a mão para ajudá-la a levantar-se também. Começou a caminhar, ainda mantendo o mistério, mas Tatianna parou no meio do caminho, desconfiada.

— Para onde está me levando?

— Vamos... acho que você vai gostar do que vamos fazer.

E ele a conduziu até o terceiro andar, até um enorme sótão, parando conseqüentemente em frente a um armário. Sebastian o abriu e de lá tirou uma caixa grande e pesada que carregou até um pequeno sofá.

— É aqui que eu guardo sua mãe... Porque sinto que ela era um pouco minha também...

Tatianna simplesmente não conseguia falar. No momento em que ele abriu a caixa de sonhos e começou a retirar retratos, cartas e as lembranças mais bobas e maravilhosas que poderia encontrar em algum lugar, ela não resistiu. Queria ver tudo ao mesmo tempo, queria rir, chorar... queria ver quem sua mãe fora naquele tempo em que ficaram afastadas.

— Isso foi tudo que consegui reunir ao longo do tempo. Algumas fotografias eu encontrei no quarto dela, depois de sua morte.

Mais uma vez Tatianna não disse nada. Na verdade, ela praticamente nem prestou atenção no que ele dizia, pois tanto seu coração quanto sua mente estavam ocupados demais com aquelas relíquias. Havia fotos dela cozinhando, fotos com

PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

Bernard Hannigan e com os meninos, até com Ivy. Em todas elas, ela sorria genuinamente, como se fosse realmente feliz no meio daquela família; como se não lhe faltasse nada... como se a filha que deixara para trás não fizesse mesmo mais parte de sua vida nem de seus pensamentos.

— Ela parecia feliz — precisou comentar.

— E não duvido que fosse. Sei que ela nos amava... mas como eu já te disse, tenho certeza que em seus momentos de solidão ela sentia sua falta.

— Você sabe que o nome dela não era Madeline Moore? — começando a chorar, ela revelou.

— Bem, sempre suspeitei que ela fosse uma mulher cheia de segredos... — sorriu nostálgico.

— Era Jane DeWitt. Era assim que eu a conhecia...

## PERIGOSAS ACHERON

Daquela vez foi Sebastian que não soube o que dizer, mas sabia que estava fazendo a coisa certa. Madeline — ou Jane — devia anos e anos de memórias a ela, e ele tentaria, ao menos, proporcionar-lhe o direito de saber coisas sobre a mãe, coisas que lhe foram roubadas de forma cruel, quando era apenas uma menina.

Tatianna, por sua vez, ao mesmo tempo em que sentia uma dor profunda por testemunhar todos aqueles momentos como uma expectadora distante, invadindo lembranças que não lhe pertenciam, também sentia-se privilegiada.

Mas além das coisas maravilhosas que pôde ver, uma foto, no meio de todas aquelas outras, parecia destacar-se, ao menos sob os olhos de Tatianna. Era uma foto onde Jane sustentava um barrigão de gravidez. Por um breve momento, acreditou que fosse ela mesma quem estava

crescendo ali, dentro de seu ventre, mas havia uma data no verso da foto: Abril de 1993, e ainda constava outra mensagem, na caligrafia dela: "6 meses".

Outra surpresa... Será que elas jamais parariam de surgir?

— Minha mãe teve outro filho?

— O quê? — ao responder com outra pergunta, Sebastian pareceu estar tão surpreso quanto ela. Tirou a fotografia da mão de Tatianna para também observá-la com cuidado. — Eu não sabia disso, na verdade nem me lembro deste retrato...

— Nem eu. Ainda mais que, pelo que consta aqui, ela já saiu de Manhattan grávida.

— Mas teve o bebê aqui... Pelo menos a foto foi tirada em Monroe — ele disse,

reconhecendo a paisagem.

— Quando foi que ela começou a trabalhar no The Hannigan's?

— Em Agosto ou Setembro, se não me engano... Mas, pelo que sei, meu pai já a conhecia quando ela veio trabalhar conosco.

— Sebastian... será que esse bebê é filho do seu pai?

— Não sei. Mas sendo ou não sendo, onde será que está essa criança? Ou melhor, adolescente... já deve estar com dezoito anos.

— Temos que descobrir alguma coisa! — Tatianna foi logo se levantando, quase de um pulo, disposta a investigar.

— O que vai fazer?

— Se ela teve o bebê aqui em Moreau, deve

ter algum registro disso no hospital — saiu do sótão e começou a descer as escadas. Sebastian a seguiu.

— Vou com você... também estou intrigado.

— E não é para menos... pode ser que tenhamos um irmão ou irmã.

— Eu não me surpreenderia nada com isso.

— Muito menos eu...

\*\*\*

Chegaram ao hospital da cidade em pouco mais de quinze minutos. Tatianna ia se preparar para falar com a recepcionista, mas Sebastian a interrompeu, pedindo que deixasse com ele. Ao se aproximar do balcão, ao invés de pedir informações para a própria atendente, ele solicitou a presença de

um homem chamado Dr. Wilson Grey.

O tal doutor demorou pelo menos vinte minutos para aparecer, o que já estava deixando Tatianna cada vez mais ansiosa. A cada instante que passava, uma pergunta se tornava mais e mais presente em seus pensamentos: quantas verdades mais ela teria que perseguir?

Quando Dr. Grey apareceu, demonstrou uma expressão um pouco preocupada ao ver Sebastian.

— Acho melhor irmos para um local mais reservado... — ele disse, sem nem cumprimentar nenhum dos dois.

— Claro. Enquanto isso, quero que procure informações sobre Madeline Moore... algum acompanhamento de gravidez, parto... tudo que encontrar.

— Mas, Sebastian... eu não sei...

— Pode ficar tranquilo que vou te recompensar. Agora, o que acha de nos encontrarmos na lanchonete do hospital logo que você encontrar o que eu pedi? — Sebastian soava autoritário, como se não estivesse disposto a aceitar um não como resposta.

— Tudo bem, eu encontro vocês em alguns minutos.

O médico deu as costas para o casal, e Sebastian começou a conduzir Tatianna até o local do futuro encontro. Porém, ela parou subitamente.

— Doutor? — chamou. Quando o médico se virou novamente para ela, Tatianna falou: — Se não encontrar como Madeline Moore, procure por Jane DeWitt.

Um pouco confuso, o homem fez que sim

com a cabeça, e finalmente seguiram direções opostas.

Assim que chegaram à lanchonete, pediram algo para comer, e Tatianna sentiu que precisava perguntar:

— Quem é esse homem? Você ofereceu um suborno a ele, foi isso?

— Dr. Grey não tem lá muitos escrúpulos. Já precisei da ajuda dele quando me proibiram de saber como Ivy estava, depois de seu acidente.

— Você foi proibido de vê-la?

— Na época todos achavam que eu era o culpado pelo acidente dela, até mesmo Taylor. Foi um período bem ruim.

— E como foi inocentado?

— Bem, fizeram uma reconstrução da cena,



e a polícia concluiu que não havia provas suficientes para me incriminar. Era muito mais plausível que tivesse acontecido um acidente, como eu alegava. Com isso, até mesmo Taylor voltou a acreditar em mim.

Sebastian ainda sofria com aquela história. Por mais que tentasse esconder, por mais que fizesse um enorme esforço para parecer indiferente, falando com naturalidade do ocorrido, seus olhos tornavam-se sombrios e um pouco melancólicos. Devem ter sido dias muito obscuros, realmente. Ao perceber tudo isso, Tatianna pegou em sua mão. Era difícil saber quem estava confortando quem ali.

Não houve muito o que conversar durante os momentos de espera, portanto, quando o médico chegou, trazendo nas mãos um envelope branco, Tatianna simplesmente se preparou para uma notícia bombástica. — Não encontrei nada no nome

de Madeline Moore. Mas há um cadastro para Jane DeWitt no nosso sistema, exatamente como você disse. Ela fez algumas consultas com nosso ginecologista e deu à luz a um menino em julho de 1993.

Tatianna colocou a mão no peito, sentindo-se emocionada com aquela afirmação. Sim, ela tinha um irmão. O doloroso era imaginar onde ele poderia estar, se é que ainda estava vivo.

— E há algum registro de paternidade neste sistema? Algo que possa nos indicar quem era o pai desta criança?

— Bem, Sebastian... o pai do menino era Bernard.

Não que eles já não imaginassem isso, mas ouvir a constatação era algo completamente diferente. Exatamente como pensaram

anteriormente, Tatianna e Sebastian tinham um irmão. Ou chegaram a ter.

— E essa criança nasceu viva? — Tatianna insistiu.

— Pelo que consta aqui era um bebê perfeito. Foi chamado de Aaron Hannigan. — Ao responder isso, o homem olhou ao seu redor, como se estivesse com medo de que alguém visse que ele estava passando informações sigilosas. — Olha, eu acho que já disse o que queriam saber. Está com meu dinheiro aí?

Sebastian pegou a carteira no bolso e tirou de lá um talão de cheques. Preencheu-o com a quantia de quinhentos dólares, o que não pareceu deixar Dr. Grey muito satisfeito.

— Só isso? E ainda por cima em cheque?

— E fique satisfeito. Já tenho a informação,

poderia sair daqui e não lhe dar nada.

Com uma expressão muito insatisfeita e contrariada, Wilson Grey levantou-se da mesa e retirou-se, deixando os dois sozinhos.

— Você está bem? — era a preocupação de Sebastian. Ele estava completamente atordoado com a notícia, mas imaginava que ela deveria estar se sentindo da mesma forma, ou pior.

— Aaron... Aaron Hannigan! — ela mal respondeu a pergunta de Sebastian, apenas divagou, repetindo o nome que ouvira e que, supostamente, pertencia ao irmão que eles não tiveram o direito de conhecer. — Um menino... Sebastian, onde ele está? E como você não sabia disso?

— Isso eu posso entender. Nesta época meu pai ainda era casado com a minha mãe. Devem ter mantido em segredo; mas, mesmo

compreendendo isso, não consigo sequer imaginar o que eles fizeram com essa criança. Muito menos por que não revelaram que ele existia depois que minha mãe faleceu.

— Não sei. Eu lembro que ela fez uma breve viagem, antes de ir embora definitivamente, mas achei que tivesse relação com o trabalho dela, e eu era muito pequena para fazer perguntas como onde e por quê — Tatianna fez uma pausa. — Mas ela voltou para casa. E se voltou, pode ser que haja alguma coisa lá que nos dê uma luz.

— Isso faz muito tempo, Tatianna... Não acho que ainda possa haver alguma coisa que sirva para nós.

— Não custa tentar.

Um pouco relutante, Sebastian concordou com aquilo, e ambos partiram para Manhattan, mais

precisamente para a casa de Lolla DeWitt.

Durante o caminho, Sebastian telefonou para Taylor para avisar que talvez fossem passar a noite fora e para saber se ele iria lidar bem com o The Hannigan's sem Tatianna, mas ele planejava deixá-lo fechado por mais um dia. Desde a morte de John estavam fechados, e ele sabia que isso iria afastar o público, mas Taylor não parecia se importar. Ivy era tudo que restara em sua mente, tanto que passara a ficar com ela, mal voltando para casa.

Algumas horas depois, chegaram na casa das DeWitt. Sebastian, é claro, entrou primeiro, para avaliar se o local estava seguro, mas logo sinalizou que Tatianna podia entrar também.

Ela o levou diretamente para o quarto que era fora de sua mãe, onde poderiam encontrar alguma coisa perdida. Vasculharam gavetas, pastas,

## PERIGOSAS ACHERON

caixas, prateleiras, mas nada. Em seguida foram direto ao quarto de Lolla. Se alguém soubera de alguma coisa, esse alguém fora sua avó. Ela não sabia sempre de tudo, afinal?

Mais uma vez procuraram por toda parte, até que encontraram uma carta. Uma carta escrita por Jane para Lolla no exato e fatídico mês de julho de 1993, alguns dias depois do nascimento de seu bebê, ao menos de acordo com o registro do hospital.

Eles leram tudo com pressa, como se quisessem absorver aquelas informações de uma vez só, sem nem respirar.

O texto mostrava, intrínseco em suas linhas, todo o desespero que Jane parecia sentir. Ela contava para a mãe que seu bebê fora sequestrado, ainda na maternidade, um dia depois de ter nascido. Além de desesperada, ela parecia um pouco

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

revoltada com Lolla. Dava também a entender que Lolla previra que alguém tentaria fazer mal ao menino, mas que não lhe dissera exatamente o que iria acontecer. A carta também sanava outra dúvida dos dois: o motivo pelo qual Bernard e "Madeline" esconderam o nascimento do pequeno Aaron era para protegê-lo, pois a criança era muito especial e importante para o futuro da família.

Nervosa, sentindo as pernas tremerem, Tatianna precisou sentar-se. Mais uma surpresa, mais uma tragédia. Aquilo precisava ter um fim... Não havia labirinto que não possuísse uma saída. Aquele também tinha que ter.

— Sebastian, precisamos falar sobre isso para Jayce. Acho que pode acrescentar alguma coisa em sua investigação e acabar logo com isso.

— Sim, eu também acho. Ligue para ele.

## PERIGOSAS ACHERON



E assim Tatianna fez. Já eram pouco mais de dez horas da noite, por isso, Jayce atendeu a seu chamado prontamente, mas levou Cailey e Abbie consigo, o que alegrou Tatianna um pouco.

Com cautela e detalhes, os dois contaram para Jayce toda a história da gravidez de Jane e o sumiço do bebê após o sequestro do mesmo.

— Faz todo sentido. Dwight contou a mim e a Steve que fez um serviço semelhante para Frost. Ele disse que sequestrou um bebê, mas eu não fazia ideia que era um filho de Jane DeWitt — Jayce ficou abalado com a história. Mas, ao menos, tudo começava a se encaixar.

— Então foi Frost? — Tatianna indagou, quase sem ar, com todo aquele turbilhão de emoções.

— E você ainda duvidava? — Sebastian

usou de sarcasmo.

— Meu Deus, mas que história! O que vão fazer agora? — Cailey, embalando sua neném, perguntou preocupada.

— Vou até a delegacia ter uma conversinha com Dwight — Jayce respondeu.

— A essa hora, Jayce?

— Me desculpe, meu amor, mas é importante. Você fica aqui, tudo bem? — ele indagou com carinho, e Cailey assentiu com a cabeça. Depois ele se virou para Sebastian. — Cuide delas, por favor.

— Pode deixar.

Jayce saiu pela porta da frente, deixando os outros na casa, confiando que Sebastian cuidaria das mulheres que mais amava na vida.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

## XVII

### Figo ao Conhaque

*"O figo é um alimento utilizado para combater a depressão, ansiedade e problemas de memória. Simboliza, também, a cura de um coração partido."*

Inquieta.

Era assim que ela se sentia, como um tigre enjaulado.

Sua mente, no entanto, voava livre por caminhos tortuosos, juntando pensamentos distintos de uma só vez, formando uma imensa confusão. Mal sabia como ainda conseguia pensar com clareza.

Sebastian estava no sótão da casa, tentando encontrar mais alguma coisa sobre o tal filho de

Jane, enquanto Tatianna e Cailey esperavam no quarto pela volta de Jayce, que já tinha partido a pelo menos uma hora.

A linda Abbie dormia calminha sobre a cama enorme, e Tatianna sorria ao olhar para Cailey, enquanto ela ajustava alguns travesseiros ao redor da menina para que não caísse ao rolar o corpinho. A irresponsável e desajustada das três estava se tornando uma excelente mãe. O que era lindo de se ver.

Prestes a fazer um comentário sobre a linda cena, Tatianna ouviu a campainha tocando. Certa de que era Jayce, desceu as escadas em direção ao primeiro andar e abriu a porta sem nem olhar no olho mágico. O que, com certeza, fez com que se arrependesse amargamente.

Foi agarrada por um homem mascarado, sua boca foi coberta por sua mão enluvada e uma arma

## PERIGOSAS ACHERON

foi apontada para sua cabeça. O pânico se instalou em cada centímetro de seu corpo, mas a adrenalina ordenava que não fraquejasse. Manteve-se ereta, firme, apenas tentando organizar seus pensamentos.

Primeiro de tudo, tinha que impedir que o homem a levasse, mas se decidisse mantê-la prisioneira ali dentro, teria que fazer com que não encontrasse Cailey. Ao mesmo tempo, alertar Sebastian do perigo para que ele pudesse ajudá-la.

— Não faça gracinhas. Sei que não está sozinha em casa... quero que me leve até sua prima.

Ele sabia de Cailey.

Exatamente o que ela temia. Então teria que partir para a segunda parte do plano: alertar Sebastian que algo estava errado.

Mas ele estava no sótão, o lugar mais afastado da casa, onde não deveria nem sequer ter

## PERIGOSAS NACIONAIS

ouvido a campainha. E qualquer barulho que fizesse poderia fazer com que Cailey aparecesse ali também.

Por isso, tentou pensar rápido e, quando viu, já estava mordendo a mão do agressor, o que, é claro, só lhe facilitou para girar o corpo, deixando-a na posição perfeita para uma joelhada nas partes íntimas do homem. Com um urro de dor, ele a soltou, e Tatianna correu, porém foi agarrada novamente e praguejou por não ter tanta força a ponto de fazer o homem desmaiar de agonia ou ficar mais tempo impossibilitado de andar.

No momento em que o bandido a agarrou, Tatianna caiu de cabeça nos degraus da escada e ficou um pouco zozza. O homem, então, a arrastou pelas pernas, colocando-a sob ele e a golpeou duas vezes no rosto, fazendo com que perdesse a consciência.

## PERIGOSAS ACHERON

Arrastou-a de novo, até um pequeno armário que ficava sob as escadas, atou seus pés, suas mãos e fechou a porta. Não era ela quem ele queria, era a loirinha e o bebê; seriam excelentes moedas de troca e chantagem.

Não demorou muito para encontrá-las, surpreendendo Cailey, que não estava sabendo de nada. Ouvira apenas o barulho no andar de baixo e estava prestes a descer para ver o que tinha acontecido, mas nem precisou. Já compreendia exatamente. Aquele homem estava ali para lhe fazer mal.

E, por Deus, ela estava pouco se lixando para si mesma, mas se ele tocasse em Abbie, iria matá-lo. Nem que fosse a última coisa que faria em vida.

— O que está fazendo aqui? O que quer? — perguntou, enquanto se posicionava em frente à

PERIGOSAS ACHERON



cama, escondendo a filha com o próprio corpo..

Não obteve resposta. Então, sua única alternativa foi usar um abajur como arma e gritar. E isso ela sabia fazer muito bem.

Gritou o nome de Sebastian duas vezes e finalmente foi ouvida. Ele não tardou a aparecer e, quando chegou, viu Cailey tentando se proteger de um homem que tinha duas vezes o seu tamanho. Claro que estava em desvantagem, principalmente quando as mãos do indivíduo se fecharam em torno de sua garganta.

— Solte-a! — ele gritou, já partindo para cima do homem e libertando Cailey. — Saia daqui... — Sebastian ordenou, e ela correu para pegar a neném da cama e sair do quarto, enquanto os dois homens tratavam uma luta corporal.

Preocupado por não ter visto Tatianna com Cailey, Sebastian golpeou o homem várias vezes, usando

## PERIGOSAS ACHERON

toda sua força, deixando-o em um péssimo estado. O cara não era muito bom de briga, e Sebastian era maior e mais forte do que ele. Em poucos minutos conseguiu imobilizá-lo.

— Para quem está trabalhando? O que quer com essa família?

— Pode fazer o que quiser comigo, mas não vou dizer.

— Isso é o que vamos ver!

Ainda segurando o homem, Sebastian abriu as gavetas do armário e começou a procurar por algo que servisse de corda para amarrá-lo. Encontrou algumas meias-calças, alguns lenços e improvisou, deixando o homem muito bem preso ao encosto da cama.

Ao sair ainda trancou a porta e foi correndo procurar por Tatianna. Encontrou Cailey, ainda

muito nervosa, segurando a neném no colo, que chorava como se compreendesse a gravidade da situação.

— Onde ela está? — foi a primeira coisa que ele perguntou.

— Não sei, não sei... já procurei por toda parte — ela chorava. — Será que alguém a levou, Sebastian?

— Não! Vamos acreditar que ela ainda está aqui. Já ligou para Jayce?

— Sim. Ele está vindo.

Ao ouvir a resposta, Sebastian começou a gritar pelo nome de Tatianna, enquanto continuava vasculhando toda a casa. Quando avistou a pequena portinha debaixo da escada, depois de alguns bons minutos, Jayce já estava chegando.

Assim que abriu a porta, ele a viu lá dentro,  
PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

caída no chão, semi-consciente e correu para ajudá-la. Com pressa, desamarrou-lhe os punhos, os tornozelos e a tirou dali, carregando-a até o sofá. Jayce ajudou a acomodá-la, enquanto ela começava a recuperar os sentidos lentamente.

— Cailey! — foi a primeira coisa que proferiu quando abriu os olhos e se deu conta de tudo que tinha acontecido.

— Estou aqui. Estamos bem... graças a Sebastian.

Sem nem pensar duas vezes, Tatianna jogou-se nos braços dele, abraçando-o com força, como um agradecimento por ter protegido sua prima e Abbie.

— Tatty, sei que ainda está um pouco abalada, mas preciso que me conte tudo que aconteceu. E você também, Cailey — Jayce pediu.

## PERIGOSAS ACHERON

— Eu fui atender à campainha, e sei que fui uma idiota por não ter conferido quem era, mas jurava que era você, Jayce. Daí um homem foi entrando, me agarrou e me pediu que o levasse até Cailey e Abbie. Acho que ele queria usar vocês duas como algum tipo de chantagem.

Todos na sala fingiram não perceber que Jayce respirou fundo para controlar sua raiva ao ouvir que sua esposa e filha estiveram em perigo.

Cailey, por sua vez, começava a absorver a seriedade daquela situação. Aproveitando que Abbie estava mais calma, colocou a neném no carrinho, que ainda estava no primeiro andar da casa, e colocou as mãos no rosto, segurando o choro. Tanto Jayce quanto Tatianna sabiam o que se passava em sua cabeça: imagens de quando fora sequestrada pelo Poeta Sombrio. Lembrava muito bem da sensação de estar completamente indefesa,

## PERIGOSAS NACIONAIS

nas mãos de uma pessoa louca, sem ter a garantia de que seria salva no final das contas. Por um momento foi forte para proteger sua filha, mas, agora que estavam fora de perigo, sentia-se no direito de desabar.

Jayce percebeu sua reação e foi rápido em envolvê-la nos braços, criando um casulo ao seu redor, uma fonte de proteção. Quase a perdera de novo e não poderia, de forma alguma, permitir que passasse por outro terror.

— Está tudo bem, meu amor... fique calma.

— Como posso ficar calma? Tem alguém muito, muito, doido atrás de Tatianna! Sei que quer usar a mim e a Faith como moeda de troca por alguma coisa, mas é ela que está realmente em perigo.

— Olha só, Cailey, ninguém vai pegar

## PERIGOSAS ACHERON

Tatianna, tudo bem? — Sebastian levantou-se, caminhando na direção de Cailey, endossando o coro iniciado por Jayce de que ela precisava ficar calma.

Aproveitando que ele estava de pé, Jayce puxou Sebastian para um canto.

— Onde está o cara? Você o pegou?

— Está preso em um dos quartos. Acho que você vai gostar de bater um papo com ele.

— É o que eu mais quero nesse momento.

— Mas eu vou junto, tudo bem? Acho que tenho esse direito.

— Tem sim, parceiro — com um tapinha nas costas de Sebastian, servindo tanto como um agradecimento quanto como um convite para se juntar a ele, Jayce começou a subir as escadas e foi seguido pelo outro, deixando as duas mulheres

PERIGOSAS ACHERON

sozinhas.

Sebastian abriu a porta do quarto, e ambos viram que o homem tentava se soltar.

Sem dizer qualquer coisa, sem fazer perguntas ou pedir explicações, Jayce partiu para cima do bandido e lhe deu um soco bem no queixo, sem medir sua força, apenas para fazer com que sua raiva se dissipasse um pouco. Não era um homem dado a atos violentos, mas nos últimos dia tinha batido em mais filhos da puta do que estava acostumado a fazer.

— Não sei se sabe, mas a mulher que estava tentando asfixiar, de acordo com o meu amigo aqui, é minha esposa. Consequentemente, a neném é minha filha... então acho que deve imaginar o quão puto eu estou pela merda que estava prestes a fazer.

A voz de Jayce soou baixa, rouca e



equilibrada, exatamente para mostrar que estava no comando da situação. Contudo, o homem sequer se moveu.

— Não estou com paciência para joguinhos. Não sei para que tipo de pessoa trabalha, o que espero que me diga muito em breve, mas pode apostar que se continuar a protegê-lo, vai se dar muito mal — Jayce insistiu, mas o homem não parecia nem um pouco disposto a dizer qualquer palavra. Provavelmente fora muito bem pago.

— Deixe de ser idiota! Seja lá quanto for que tenham te pagado, você não vai aproveitar nada. Vai para a cadeia — Sebastian complementou a fala de Jayce, mas mais uma vez não deu resultado.

Sem paciência, Jayce agarrou o sujeito pela gola da camisa e estava prestes a lhe dar uma surra, contudo, foi interrompido por Sebastian, que pediu

## PERIGOSAS ACHERON

um momento com ele.

Muito calmamente, tomou o lugar do outro e, por mais que fosse esperado que ele partisse para cima do cara com violência, simplesmente colocou a mão em seus ombros e olhou fixamente em seus olhos, como se o hipnotizasse. E parecia que era exatamente o que estava fazendo.

— Você vai responder todas as perguntas de Jayce. Vai colaborar com a polícia e deixar que eles façam seu trabalho.

Assim que Sebastian terminou sua estranha abordagem, o homem ficou inerte, olhando fixamente para Jayce, como se já aguardasse que a pergunta fosse repetida. O detetive, não compreendendo nada, simplesmente aceitou a situação e continuou seu interrogatório. Até porque, não podia se surpreender com mais nada naquele estranho mundo em que vivia.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Para quem trabalha?

— Fui contratado diretamente por Stuart Frost, mas sei que ele não é o mandante de tudo isso. Com essa pessoa eu só falo por telefone ou e-mail.

Desconfiado da resposta, Jayce olhou para Sebastian em busca de orientação.

— Ele está falando a verdade — Sebastian respondeu convicto.

Acreditando, o policial prosseguiu:

— O que queria aqui nesta casa?

— Eu fui mandado para sequestrar a mulher loira e a criança.

— Por que elas? Por que não lhe mandaram levar apenas Tatianna, se é a ela que eles querem?  
— foi Sebastian quem perguntou daquela vez.

## PERIGOSAS ACHERON

— Porque querem uma forma de chantageá-la.

— Para quê?

— Não sei. Não sou contratado para saber os detalhes.

Suspirando derrotados, tanto Jayce quanto Sebastian compreenderam que aquele homem realmente não seria de muita ajuda. Por isso, o policial chamou reforços e o levou para a delegacia. Era madrugada, ele estava exausto, mas tinha um dever a cumprir. Por mais que quisesse ir para casa para ver a filha e Cailey, teria que passar toda a noite na delegacia. Ossos do ofício.

Depois de ajudar Jayce a escoltar o bandido até o carro, Sebastian verificou se Cailey estava bem e foi procurar por Tatianna na cozinha.

Lá estava ela, concentrada no movimento de

suas mãos mágicas. Os cinco sentidos em alerta, focados no que preparava, como sempre acontecia quando cozinhava. Contudo, havia um elemento novo e estranho naquele cenário: lágrimas. Tatianna estava ferida, travando uma batalha silenciosa e invisível contra os demônios que tentavam invadir sua mente e seu coração. Lutava para se manter calma e sã diante de tantos obstáculos e barreiras que a afastavam de seu destino. Vendo-a daquela forma, tudo que ele queria era poder protegê-la, poder se colocar na sua frente, servindo de escudo contra todas aquelas ameaças, mesmo as que conseguiam ferir apenas sua alma.

Ainda um pouco assustada com o que tinha acontecido, ela sobressaltou-se quando sentiu mãos em seus ombros.

— Desculpa. Não queria te assustar —

## PERIGOSAS NACIONAIS

Sebastian disse no momento em que ela se virou para encará-lo.

— Tudo bem — ela passou os braços ao redor de sua cintura, abraçando-o e buscando conforto naquele contato. — Cailey e Abbie estão bem?

— Estão. Sua prima está um pouco assustada, mas é compreensível.

— Com certeza. Eu também estou.

Percebendo o tom tenso que ainda podia ser ouvido em sua voz, Sebastian esfregou suas costas, acariciando-a delicadamente.

— O que está cozinhando? — ele sorriu, tentando mudar de assunto.

— Uma sopa de abóbora.

— Às duas da manhã? — ele riu.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— É a receita mais simples que eu conheço que leva manjerona — ela também sorriu sem graça.

— Por que está usando manjerona?

— Proteção. Acho que estamos precisando, não é mesmo?

Mais uma vez Sebastian a puxou para si, como se não quisesse soltá-la nunca mais.

— Sabe o que eu acho? Que você deveria deitar e tentar dormir um pouco.

— É... quem sabe? — fez uma pausa. — Você e Jayce descobriram alguma coisa com aquele cara?

— Nada. Nem mesmo depois de eu usar meu poder nele. O que faz com que eu acredite que realmente estava falando a verdade.

## PERIGOSAS ACHERON

— Usou seu poder nele?

— Claro. Fiz com que dissesse toda a verdade para Jayce.

— Deve ser bom poder usar um dom desta forma. O meu é bem menos eficaz — a expressão facial de Tatianna estava distante, um pouco soturna, como raramente acontecia. — Não posso usá-lo para me defender. Ou será que posso?

— Onde está querendo chegar, Tatianna?

— Uma vez você me disse que eu poderia ser capaz de ferir uma pessoa... mas será que eu seria capaz de matar alguém com esse poder?

— Não seja boba. Mesmo que pudesse, você não iria querer fazer isso... não é da sua índole.

— Não? Será mesmo? Será que eu não seria capaz de ir tão longe para defender aqueles que

PERIGOSAS ACHERON



amo? — ela fez uma pausa. — Talvez eu não tenha coragem de matar alguém diretamente, mas quem sabe não possa fazer com que essa pessoa sofra a tal ponto que chegue até mesmo a tirar a própria vida?

Sebastian a agarrou pelos braços, assustado com as palavras que estava ouvindo. Mal conseguia reconhecer a mulher à sua frente, falando como uma fanática, com ideias sombrias sobre tirar a vida de alguém.

— Veja bem o que está falando! Está se tornando igual a eles!

— Estou cansada de tudo isso. Se só há uma forma de lidar com isso, por mais cruel que possa ser, vou apelar para ela.

— Não! Não vai! Não vou deixar, porque sei que vai se arrepender. Você é uma boa pessoa,

não seria capaz de nada parecido com isso... E se, por acaso, me disser que o faria sem arrependimentos, sem pensar duas vezes, então você não é a mulher por quem me apaixonei, por quem entreguei meu coração mesmo sabendo dos riscos.

O discurso de Sebastian, em um primeiro momento, pareceu não afetar Tatianna. Ou se afetou ela não demonstrou, pois permaneceu com o olho vidrado em um ponto qualquer do cômodo, como se ainda pensasse sobre a possibilidade de machucar realmente alguém. Mas logo foi como se toda a realidade do que ele tinha ouvido tivesse acertado seu peito como uma flecha. Sebastian tinha razão; como ela poderia ser capaz de tamanha maldade?

— O que está acontecendo comigo?

— Você está sob muita pressão, precisa

descansar. Vamos, vou te levar até o quarto.

— Não. Fique com Cailey e com a neném. Posso ir sozinha.

Com um beijo rápido e sem emoção em seus lábios, Tatianna saiu da cozinha, depois de desligar o fogo onde preparava a sopa, deixando-a pela metade ali mesmo. Não tinha ânimo nem sequer para cozinhar e, depois das coisas horríveis que disse, achava que não tinha mais direito de pedir nada aos céus.

Naquele momento, porém, queria ficar sozinha... queria pensar e tentar se redimir consigo mesma e esquecer todos as ideias horríveis que tinham passado por sua cabeça. Quem sabe no final de tudo aquilo conseguisse recuperar a Tatianna que sempre conheceu.

Se é que ela ainda existia em algum lugar

no meio daquela escuridão.

\*\*\*

Os olhos pesados ardiam e por várias vezes quase permaneceram fechados até que ele adormecesse sobre a própria mesa de trabalho.

O dia já tinha amanhecido, e com ele chegou uma novidade bastante promissora, tanto para Jayce quanto para Steve, que já estava na delegacia. Depois de uma intensa pesquisa com a equipe responsável pelo banco de dados da polícia, os dois detetives tinham em mãos informações sobre a suposta mulher com quem Stuart Frost tivera sua misteriosa filha.

Havia uma propriedade no nome de tal mulher, nos arredores de Moreau, para onde os dois

## PERIGOSAS NACIONAIS

partiram minutos depois de terem recebido a informação.

Ao menos a adrenalina de um interrogatório manteria Jayce acordado e em alerta.

A casa era uma típica propriedade de classe média, com um jardim mal cuidado na frente e um balanço quebrado. Era visível o descaso, o que fazia com que o local parecesse um cenário perfeito para um filme de terror. Não que a história não se assemelhasse realmente com um.

Havia flores mortas por todas as partes, e elas trilhavam um caminho até uma porta de madeira velha e marcada pelo tempo, onde eles bateram, esperando que fossem recebidos.

Foram recebidos por uma mulher de meia idade, que sustentava uma certa beleza em seu rosto cansado. Os cabelos negros tinham alguns poucos

## PERIGOSAS ACHERON

fios brancos, e algumas rugas circundavam seus olhos, mas, no fundo, era atraente.

— Emma Hilton? — ao ouvir a pergunta, a mulher fez que sim com a cabeça. — Somos da polícia. Gostaríamos de conversar sobre...

— Sobre as esquisitices da família Hannigan? — ela riu. — Entrem, detetives, estava ansiosa por este dia.

A mulher abriu-lhes a porta e indicou o caminho para que entrassem e se sentassem. Diferente do que tinham visto do lado de fora, a casa, por dentro, era bem arrumada, limpa e decorada com modéstia, mas bom gosto. Um claro sinal de que Emma Hilton queria esconder alguma coisa.

— Sei que não é muito bom falar uma coisa dessas na frente da polícia, mas eu esperei anos e

anos pelo dia em que Stuart Frost seria morto. Porque eu sabia que ele não iria durar muito tempo com todas as porcarias que fazia — ela falava sem nenhum remorso, enquanto se encaminhava à cozinha. — Aceitam um café?

Era engraçado ver que a mulher usava da mesma naturalidade, tanto para demonstrar que estava satisfeita com um assassinato quanto para ser cordial com as visitas. Era, de fato, uma criatura incomum.

— Não, obrigado — Steve negou. — Qual era sua relação com Stuart Frost, Sra. Hilton?

Mais uma vez ela riu. De forma completamente irônica.

— Ainda bem que está sentado, detetive, pois é uma história um pouco longa.

— Temos tempo, mas agradeceríamos se

pudesse resumi-la.

— Bem, eu fui amante dele por muito tempo. Ele meio que descontava em mim sua frustração por não ter a mulher que realmente amava.

— Teve um filho com ele? — Jayce perguntou sem rodeios.

Desta vez a mulher realmente pareceu surpresa.

— Fizeram um bom trabalho. Mas como descobriram?

— Encontramos uma certidão de nascimento na casa de Frost no mesmo dia em que encontramos o corpo. Tinha seu nome nela.

— Frost nunca foi muito inteligente. Guardar essa certidão foi mais uma de suas mancadas. Mas vamos ao que interessa... ao lindo  
PERIGOSAS ACHERON



conto de fadas — mais sarcasmo. Não havia dúvidas que a mulher odiava Stuart Frost. — Quando eu contei para ele que estava grávida, ele decidiu, por um tempo, que iria ficar comigo, começar uma família e blá, blá, blá. Chegamos a ficar juntos por quase um mês depois que a menina nasceu. Mas ele sempre soube que outra mulher viria, sempre soube que conheceria aquela que iria mexer com seus pensamentos e levá-lo à loucura. E soube que nossa união, nossa filha, seria um empecilho. Por isso ele me convenceu que não era hora de ficarmos juntos e que deveríamos entregar a menina para adoção. Por um momento eu achei um absurdo, mas depois fez sentido. Eu tinha apenas dezessete anos, a vida inteira pela frente, e ele já tinha decidido que não me ajudaria em nada; ou seja, eu teria que cuidar dela sozinha. Então, concordei, mas fiz uma chantagem: disse que queria um dinheiro todo mês para não contar para PERIGOSAS ACHERON

ninguém. E é assim que me mantenho.

— E agora com a morte de Frost, como vai continuar se mantendo? — Steve perguntou por curiosidade.

— Ele sempre me pagou muito bem pelo meu silêncio. Tenho bastante dinheiro guardado e investi um bocado dele.

— Você sabe o que aconteceu com a menina? — Jayce perguntou.

— Stuart tentou me enganar que a tinha entregado para uma boa família rica, mas depois de alguns anos eu descobri que ele a tinha mandado para um orfanato. Aliás, o mesmo para o qual o filho de Madeline Moore foi enviado... — ela também sabia do outro lado da história. — Fiz um escândalo, jurei que iria contar para todo mundo, então, ele convenceu uma família a adotar uma

criança e apresentou-os à nossa filha, que usava um nome diferente do que aquele com o qual a batizamos.

— E qual seria esse nome?

— Ivy. E essa família eram os Hannigan.

Jayce e Steve se entreolharam, demonstrando surpresa. Sem dúvida era uma revelação e tanto.

— Sabe se Stuart Frost mantinha contato com Ivy?

— Até onde eu sei, sim. Acho que ele chegou até mesmo a revelar para ela que era o pai biológico, mas não sei como ela reagiu, afinal, estava sendo criada por uma família que o odiava. Eles lhe davam amor; Frost a abandonou quando era um ser indefeso.

— E a senhora? Nunca se arrependeu de ter

PERIGOSAS ACHERON

abdicado de sua filha? — Jayce, inconformado com tanta crueldade, indagou.

A mulher parou tudo que estava fazendo e caminhou na direção dos detetives, segurando uma xícara de café nas mãos. O sorriso debochado que se mantivera em seu rosto durante toda a conversa desapareceu e deu lugar a uma expressão melancólica, quase desdenhosa. Um desdém por si mesma, talvez. Algo que ela jamais conseguiria superar. Nem se tentasse.

— Detetive, por acaso o senhor percebeu todas as flores mortas do lado de fora da casa? — ela olhou diretamente para Jayce. Ele, por sua vez, respondeu positivamente com a cabeça. — Cada uma delas é um caco do meu coração partido... são as únicas companhias que me restaram. Sendo assim, acho que já pode imaginar como me sinto até hoje.

As palavras duras e sentimentais da mulher mexeram com as emoções dos dois detetives. A história era triste para todos os lados; ninguém iria terminá-la sem cicatrizes, sem sofrer. Esperavam apenas que o final fosse feliz a ponto de compensar todo o caminho.

Mas isso não importava naquele momento... o mais relevante era o nome que tinham em mente: Ivy. Ela era um ponto importante. Só restava saber qual o seu grau de culpa em tudo.

## XVIII

### Açúcar Caramelado

*"O doce do açúcar representa a sensação de retorno ao lar, depois de uma longa jornada de ausência."*

Voltando para Nova Iorque, os dois detetives tinham mais um local para visitar: o orfanato para onde Ivy fora levada quando era pequena.

Logo assim que chegaram e demonstraram que eram da polícia, foram encaminhados ao escritório da madre superiora. Ela os recebeu com certa desconfiança e um pouco de severidade, convidando-os para se sentarem à sua frente, cheia de formalidades.

— O que desejam, detetives? — indagou assim que se acomodaram.

— Gostaríamos de saber algumas informações sobre uma criança que foi trazida para cá em julho de 1993. Um menino recém-nascido.

Com certo desdém, a freira deu uma risadinha, como se zombasse do que Jayce tinha acabado de falar.

— O senhor há de convir, detetive, que pode ser um pouco difícil descobrir a qual de nossas crianças está se referindo.

— Se tiver um pouco de boa vontade, vai procurar em seus arquivos. Não acho que recebam tantas crianças assim por mês que não possa discernir de qual delas estou falando — usando do mesmo tom com o qual ela o estava tratando, Jayce afirmou com autoridade.

Em um primeiro momento, ela simplesmente ficou parada, olhando para os dois homens sem saber exatamente o que dizer ou fazer. Porém, percebendo que eles não iriam desistir, a idosa mulher tomou um pequeno sino nas mãos e o balançou, fazendo-o soar, chamando uma jovem noviça que, com certeza, era sua assistente.

— Mary Ellen, por favor, traga os arquivos do mês de Julho de 1993.

— Sim, senhora.

A espera pareceu uma eternidade. Durante os vinte minutos que a noviça Mary Ellen levou para ir e voltar com a pasta solicitada, um silêncio quase contrangedor se formou na sala onde estavam. A freira não parecia muito disposta a cordialidades.

Algum tempo depois, a jovem moça deixou



uma pasta amarelada pelo tempo sobre a mesa, bem ao alcance da mãe superiora. Colocando, portanto, um óculos de grau no rosto, ela abriu-a e verificou que, exatamente como os policiais tinham previsto, havia apenas um registro de entrada naquele orfanato na data mencionada.

— Vejam bem, detetives, quero que saibam que apenas uma criança foi deixada nesta instituição em julho de 1993. Porém, preciso saber o que os trouxe aqui antes de lhes passar qualquer informação. Tenho um apreço especial por esse orfão.

Ah, então a mulher tinha um coração. Não deixava de ser surpreendente, afinal, ela não parecia muito amigável.

Antes de responder, entretanto, Jayce e Steve se entreolharam, decidindo se deveriam ou não contar para a mulher toda a história envolvendo

## PERIGOSAS ACHERON

a criança. Mas talvez não conseguissem nenhuma informação se não abrissem o jogo.

— Descobrimos que essa criança foi roubada na maternidade e trazida para cá, sem o consentimento da mãe. Esta mulher foi assassinada anos depois e estamos investigando esse crime. Para isso, precisamos descobrir todos os detalhes e segredos. Achamos que o sequestro deste menino pode ser uma peça chave para todo o resto.

Os olhos da mulher se arregalaram com a complexidade da história. Apesar disso, manteve-se ativa e séria como estivera desde o princípio.

— Bem... sendo assim... vou lhes dar um nome. Espero que consigam encontrá-lo, porque ele acabou de nos deixar...

\*\*\*

Havia lágrimas em seus olhos.

Sempre lhe ensinaram que um verdadeiro homem não deveria nunca chorar, que não poderia fraquejar diante de qualquer adversidade, mas já estava cansado de tantas dificuldades. Com apenas dezoito anos, por quantas mais precisaria passar para conseguir ser alguém, para vencer na vida?

Caminhava com um resquício de esperança em seu coração. Precisava acreditar que estava começando uma nova jornada. Sabia que estava sendo ajudado por pessoas que gostavam realmente dele. Tinha uma chance, afinal. Quem sabe desta vez tudo não mudaria para melhor?

Tinha algum dinheiro guardado consigo, dentro da mochila, por isso pôde se dar ao luxo de pegar um ônibus. O caminho até a casa das DeWitt não era muito longo, mas estava tão triste que

PERIGOSAS ACHERON

chegava a sentir certo cansaço em seu próprio corpo.

O ponto de ônibus estava vazio, o que era natural naquele horário, mas os carros e as pessoas iam e vinham o tempo todo, e ele gostava de observá-los. Gostava de imaginar como seriam as vidas daqueles estranhos, com o que trabalhavam, quais eram seus pensamentos, metas e planos... Será que tinham sonhos parecidos com os dele?

Mais ainda... será que havia alguém, no meio daqueles homens e mulheres, que soubesse fazer as mesmas coisas das quais ele era capaz?

Descobrira-se diferente há algum tempo. Embora convivesse com pessoas extraordinárias desde muito menino, nunca imaginara que também pudesse haver magia em suas mãos... em sua alma. Sempre pensara que era apenas um orfão rejeitado, que não fora merecedor do amor nem

PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

mesmo da mulher que o gerara. Não sabia nada de sua história; não sabia nem mesmo qual era seu nome verdadeiro — se é que tinha algum —, mas sempre soube quem era Thomas Smith. Mais ainda... sempre soubera quem queria ser. Embora já não soubesse mais.

Principalmente depois de receber a carta...

A angústia em seu peito era tanta, os pensamentos confusos travavam uma batalha tão violenta em sua mente, que sequer percebeu quando um daqueles carros, que iam e vinham sem parar, parou exatamente na sua frente. Um homem desconhecido saltou dele e andou em sua direção.

Thomas, desconfiado, agarrou a mochila com força, como que para proteger suas economias. Não era mais um garotinho assustado; era quase um homem, saberia se defender.

## PERIGOSAS ACHERON

Contudo, não esperava sentir uma estranha picada no braço, aplicada discretamente, e que fez com que apagassem lentamente. Depois não conseguiu sequer compreender o que aconteceu. Apenas deixou que o destino com o qual sonhava todos os dias seguisse seu curso sombrio.

\*\*\*

Cortinas fechadas...

Um suave tic tac do despertador...

O aroma de sabão nos lençóis macios...

Lar... tudo isso tinha cheiro de lar.

Sentindo-se desorientada, Tatianna abriu os olhos. Estava em casa. A única casa que conhecia; onde sua mãe a deixara naquele dia e onde

conhecera uma felicidade — embora incompleta — nos braços da avó.

Estar em casa era confortador. Era como estar em segurança, como imaginar que nada nem ninguém seriam capazes de feri-la.

Suspirando confortada, ouviu o telefone tocando, revelando o que realmente a tinha trazido de volta de seu sono.

Não se sentia muito disposta a falar com ninguém, não queria demonstrar o quanto estava cansada para quem quer que estivesse telefonando, mas poderia ser importante.

— Tatianna?

A voz do outro lado da linha não lhe era conhecida. Na verdade, parecia abafada, como se alguém estivesse querendo se manter oculto.

E isso cheirava a problema.

— Quem está falando? — sentiu-se aflita.

— A pessoa por quem você está procurando... a pessoa que matou sua mãe.

O coração de Tatianna gelou. Não previra tamanha ousadia. Menos ainda, não imaginava que poderia chegar a ter qualquer contato com aquele ser. Em seus pensamentos, acreditava que Jayce descobriria sua identidade e acabaria prendendo-o antes que pudesse realmente lhe fazer qualquer mal. Mas a realidade era muito diferente dos sonhos e dos contos de fada.

Apesar de estar nervosa, pensou em algo importante: começou a gravar a ligação.

— O que quer?

— Quero usar seu poder... quero que trabalhe para mim... que faça tudo que eu mandar.

— Acha mesmo que vou concordar com  
PERIGOSAS ACHERON



isso?

— Acho que posso convencê-la.

Houve um breve silêncio do outro lado da linha, até que a voz de um jovem garoto a surpreendeu.

— Tatianna?

— Thomas? — ela reconheceu. — Ah, meu Deus! Mas por quê? Por que pegaram você? — pensando que o menino não tinha nada a ver com a história, Tatianna desesperou-se.

— Eu li na carta... li que... — o garoto mal conseguia falar — ...que eu sou seu irmão, mas isso é impossível e...

— Chega!

Thomas teria falado mais coisas, mas foi interrompido quando o telefone foi arrancado de

suas mãos.

— É, o destino realmente tem o poder de nos surpreender, não é mesmo? Quem diria que o orfãozinho rejeitado é um DeWitt?

Ainda muito atordoada para falar qualquer coisa, Tatianna respirou fundo. Percebendo que ela estava nervosa, o homem misterioso continuou:

— Só você pode salvá-lo, Tatianna.

— O que quer que eu faça?

— Quero que anote um endereço e que venha até mim. Sozinha. Se não aparecer em quatro horas, seu irmãozinho morre — depois de uma pausa, a pessoa do outro lado da linha acrescentou: — E se tiver qualquer dúvida sobre Thomas ser ou não seu irmão, aqui vai um trecho de uma carta muito interessante: *"Querido Thomas, sei que deve estar surpreso por receber uma carta minha, mas*

*eu não seria capaz de deixar nenhum dos meus netos desamparado. Sim, menino... você é um DeWitt. E eu previ também o seu futuro, assim como os de suas primas e o de sua irmã..."*

— Ah, meu Deus... — foi tudo que ela conseguiu proferir, quase que involuntariamente.

— Acho que já a convenci, não é mesmo? Há muito mais do que apenas uma verdade lhe esperando por aqui, Tatianna... Há anos mistérios não revelados para que possa descobrir mais de você mesma. Afinal, são os segredos que nos rondam que contam muito mais sobre nossa própria história, não é mesmo?

O sarcasmo poderia tê-la irritado profundamente se não houvesse muito mais coisas em jogo naquele momento. A vida de um menino estava em suas mãos. A vida de seu *irmão* dependia de apenas uma escolha. De um sacrifício.

Mas até onde era capaz de abdicar de sua própria vontade para salvar outra pessoa? O que aconteceria se aceitasse aquela estranha chantagem? Eram muitas perguntas, muitas dúvidas e muito pouco tempo para pensar. Só tinha uma certeza: jamais se perdoaria se Thomas sofresse por sua culpa. Estava cansada de colocar as pessoas que amava em perigo. E aquele menino já tinha sofrido demais.

— Tudo bem. Estarei ai em menos de quatro horas. Mas não o machuquem.

— Ótimo.

Do outro lado da linha, Tatianna ouviu Thomas gritando que ela não deveria ir, que ele saberia se cuidar, mas era tarde. O homem desligou o telefone, e Tatianna já estava decidida. Ele não ficaria mais sozinho. Tinha uma família. Ele era sua responsabilidade agora, como sempre deveria

## PERIGOSAS ACHERON

ter sido.

Se ela achava que a escuridão já tinha permanecido em sua vida por muito tempo, ainda estava longe de chegar à luz... O caos estava só começando.

\*\*\*

O poder emanava daquela família. Era uma coisa quase tangível, que qualquer um que tivesse vivido em contato com dons especiais e magia seria capaz de sentir.

Sebastian sabia muito sobre o oculto. Reconhecia que algumas pessoas, abençoadas ou amaldiçoadas pelo destino, nasciam com habilidades estranhas, inexplicáveis para a ciência, ainda assustadoras para a humanidade.

## PERIGOSAS NACIONAIS

Desde criança sabia que era diferente. Soubera que algo muito poderoso crescia em suas veias. Um dom tão incrível quanto perigoso, que, se não controlado, poderia causar um verdadeiro pandemônio.

O poder de controlar um ser humano, fazer com que agisse a seu bel prazer era deveras tentador. Poderia conseguir qualquer coisa que quisesse, desde o ato mais nobre ao mais vil, com apenas um toque de suas mãos. Poderia controlar o mundo com a mesma facilidade com que amassava um pedaço de papel. Mas tivera a sorte de nascer em uma família cheia de escrúpulos, com um pai que possuía uma habilidade muito semelhante, mas que a usava com sabedoria e equilíbrio. Era afortunado por conhecer uma palavra como livre arbítrio. Cada um tinha o seu, e ninguém — ninguém —, por mais poderoso que pudesse ser,

## PERIGOSAS ACHERON

tinha o direito de roubá-lo de alguém.

Por saber de todas essas coisas, observar as mulheres DeWitt era algo extremamente curioso e excitante. Por mais que estivessem simplesmente conversando, apreensivas por uma situação perigosa na qual estavam vivendo, era como se uma aura completamente diferente emanasse delas. Não apenas o poder sobrenatural que crescia em suas almas, mas um elo muito mais forte. Juntas eram pura magia.

E ainda faltava Tatianna naquela pequena reunião, mas achara uma boa ideia deixá-la descansar. Não que Cailey parecesse em muito melhor estado que a prima, mas esta se recusava a deixar qualquer um dos presentes cuidar da neném. Até que o marido chegasse em casa, não se mostrava muito disposta a abandonar seu posto. Faith e Rowan também estavam ali, mas isso não

parecia mudar seu pensamento.

— Ele não vai desistir, não é mesmo? — Faith disse, interrompendo os pensamentos de Sebastian. Mesmo um pouco desligado da conversa, ele conseguiu compreender que ela se referia ao mandante de tudo aquilo. Ela sabia que ele não pretendia parar até que conseguisse o que queria.

— Não. Não até que Tatianna ceda — foi Sebastian quem respondeu, com toda sua sinceridade.

— O que será que ele pode querer com ela? — Cailey indagou, ainda com Abbie nos braços.

— Acho que quer seu poder. Quer usá-lo para alguma coisa...

— Mas isso é absurdo! Chega a ser quase inacreditável que exista alguém tão fanático...



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Querida, nem parece você falando. Você e Cailey passaram por provas não muito diferentes...

— Você tem razão — Faith concordou com o marido. — O que será que nos deixa tão suscetíveis ao perigo?

— Seus dons... Eles existem, com certeza, para um propósito maior. Eu sempre acreditei nisso, desde que descobri que era diferente... assim como vocês — afirmou Sebastian.

— Você também tem um poder? — Cailey perguntou surpresa.

— Sim. Eu e meu pai. E isso, de alguma forma, nos une. Por isso estamos aqui... — ele falou, levantando-se. — Acho que está na hora de acordá-la, a propósito. Talvez, juntos, possamos pensar melhor, descobrir mais coisas.

## PERIGOSAS ACHERON

Todos concordaram com Sebastian, e ele foi até o segundo andar da casa para procurar por Tatianna. Ela precisava descansar, mas sabia que não lhe perdoaria se a deixasse dormir enquanto conversavam sobre um assunto de seu total interesse.

A porta estava entreaberta, o que demonstrava que ela já estava acordada, pois tinha clara certeza de que a tinha fechado depois de sair do quarto, após esperá-la dormir.

Sem nem bater, entrou, e a primeira coisa que viu foi a cama desfeita e vazia. A segunda coisa que percebeu foi o celular caído no chão.

Ao pegá-lo na mão, sentindo-se quase desesperado, começou a vasculhá-lo em busca da última ligação recebida, mas encontrou algo mais importante: a gravação que Tatianna fizera minutos antes, que ela tinha deixado propositalmente bem à

## PERIGOSAS ACHERON

vista.

Ouviu, portanto, toda a ligação, as ameaças, a chantagem e o endereço onde aconteceria o encontro.

Contudo, de acordo com o registro do celular, a ligação tinha acontecido há quase duas horas. Ela tinha saído pelos fundos e ninguém nem tinha percebido.

Era uma questão de correr contra o tempo.

\*\*\*

Mais ou menos duas horas depois, Tatianna chegava de carro no local combinado. Tratava-se de uma casa pequena, quase uma choupana, em Moreau, não muito longe da casa onde Ivy vivia escondida.

Cautelosa, guardando no bolso uma pequena faca que pegara em sua cozinha antes de sair, saltou do carro e começou a andar na direção da cabana.

A porta, é claro, estava trancada, mas assim que ela bateu, foi como se um fantasma invisível a tivesse aberto.

A primeira coisa que viu foi Thomas amarrado em uma cadeira. Punhos e tornozelos atados para que não pudesse se defender. Uma covardia. Principalmente porque assim que a viu, o garoto começou a se debater e gritar que ela deveria ir embora, que não deveria se colocar em perigo por causa dele.

— Querido, fique calmo, vou tirar você daqui — ansiosa, correu na direção do menino que conhecia tão bem, mas que agora sabia ser sangue de seu sangue, e começou a desamarrá-lo.

Porém, não foi capaz de realizar sua tarefa até o final, pois foi interrompida por um vulto que saía de detrás da porta. As formas femininas e delicadas eram familiares, mas a surpreendia o fato de ser ela a estar ali.

— Ivy?

Tatianna logo a reconheceu. A menina bonita e indefesa que conhecera em uma situação tão estranha estava ali, empunhando uma arma e apontando-a na sua direção.

Apesar de estar em vantagem ali, Ivy tremia e chorava, como se não estivesse fazendo aquilo por querer; como se estivesse sendo obrigada. Percebendo isso, Tatianna abusou da sorte.

— Não... mas é claro que não é você. Você não seria capaz. Tem alguém muito cruel por trás disso tudo que a está chantageando...

## PERIGOSAS NACIONAIS

A jovem mulher caminhava normalmente e usava de suas condições motoras plenamente, nem sequer lembrar a inválida perturbada que conhecera dias atrás.

— Eu... eu... — gaguejou insegura.

Foi então que uma segunda pessoa apareceu.

E esta carregava em seus olhos toda maldade que Tatianna sequer percebeu existir no momento em que se conheceram.

\*\*\*

Correndo contra o tempo, pegando o celular de Tatianna e quase derrubando-o no chão de tanto nervosismo, Sebastian já dava partida no carro ao mesmo tempo em que fazia a ligação.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Cada minuto de espera, até que fosse atendido, pareceu uma eternidade...

— Jayce! É Sebastian! Graças a Deus que atendeu!

— O que aconteceu? Por que está ligando do celular de Tatianna?

— Ela está em perigo. Sequestraram um rapaz chamado Thomas, alegando que ele é irmão dela e a chantagearam. Ela está indo de encontro a eles.

— Mas que merda! — Sebastian ouviu um barulho abafado, como se Jayce tivesse socado algo; talvez o volante, pois ele parecia estar em movimento, a julgar pelo barulho do vento. — Thomas é mesmo irmão dela. Acabei de descobrir isso no orfanato onde ele vivia. E descobri também que Ivy, sua irmã adotiva, é filha de Frost.

## PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

— O quê? Ela pode estar envolvida?

— Acreditamos que sim. Mas não sabemos até que ponto — ele fez uma pausa e pediu que Steve anotasse o que ele iria ditar. — Me passe o endereço. Se for em Moreau, estou bem perto.

— Graças a Deus!

Sebastian informou o local a Jayce, e ambos os carros partiram para lá no mesmo instante.

Tinham que contar com a sorte. Apenas com ela.

Esperavam que estivesse do lado deles daquela vez.

## PERIGOSAS ACHERON



## XIX

### Amêndoas com mel

*"As amêndoas representam longevidade, riqueza e felicidade. Revestidas com mel, demonstram o quão doce a vida pode ser."*

Era difícil de acreditar.

Mas, afinal, se tivesse sequer suspeitado daquele desfecho, nada teria chegado tão longe. Se tivesse sido mais esperta, estaria em segurança. E Thomas também. Embora ele parecesse mais corajoso e forte do que ela.

— Vejo que está surpresa... — ele também segurava uma arma na mão, apontada para ela. Ivy continuava mantendo a sua na mesma direção.

— Eu deveria aprender a confiar menos nas pessoas.

O rosto que sempre considerara bondoso agora era uma máscara de sarcasmo e maldade. Com a mão livre, o algoz ajeitou os óculos, e até mesmo esse gesto simples, tão corriqueiro, quase um cacoete, lhe pareceu cruel.

— Realmente deveria. Acha mesmo que quando eu a contratei para trabalhar no The Hannigan's eu já não sabia quem você era? — sorriu com sarcasmo. — Eu sempre soube. Você é uma cópia dela. Uma nova chance para mim.

— Que chance, Taylor?

— De ter poder. Já imaginou quantas coisas podemos fazer juntos? Você tem um baita dom nas mãos, Tatianna... se souber aproveitá-lo, como Sebastian nunca soube aproveitar o dele, podemos

ficar milionários! Podemos controlar as pessoas.

Tatianna tentou desviar sua atenção das palavras de Taylor para Thomas. O menino estava começando a conseguir se soltar. Era esperto, estava acostumados à maldade das ruas, então, ela acreditou que conseguiriam se salvar. Seriam dois contra dois, afinal. Por isso, tentou ganhar tempo.

— Não acho que meu dom chegue assim tão longe. Sinto desapontá-lo.

— Com um pouco de treino, qualquer dom pode chegar onde a pessoa quiser. Madeline também não queria usar o poder maravilhoso que tinha para si mesma. Queria levar alegria para as pessoas... paz — novamente o sarcasmo. — Mas que coisinha mais chata! Era tão idiota e romântica quanto você é. Mas o mundo não é romântico, Tatianna! O mundo é isso aqui! Quando menos se espera, alguém está apontando uma arma para a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça de alguém, por isso, temos que ser espertos para a vantagem ser nossa.

Ele falava com segurança, como se tivesse razão; como se seus ideais fossem os corretos, fizessem parte de um propósito maior. Achava-se justo, na verdade, como se obter poder às custas dos outros fosse seu direito.

— Era isso que queria com a minha mãe? O poder dela?

— Ah, Tatianna... a história é muito mais complexa do que seus pensamentozinhos medíocres podem imaginar... — ele fez uma pausa teatral e começou um relato: — Quando sua mãe chegou nas nossas vidas, eu soube que ela era diferente. Diferente como meu pai era, como Sebastian é, mas como eu nunca fui. Papai e Sebastian tinham uma ligação fora do comum, uma conexão especial, como duas almas gêmeas. Eles se compreendiam

PERIGOSAS ACHERON

com um olhar, tinham o mesmo poder... eram seres especiais.

— Todo mundo é especial de alguma maneira.

Taylor riu com a frase filosófica de Tatianna.

— É ainda mais parecida com a sua mãe do que eu pensei. Ela diria a mesma coisa idiota — outra pausa. — Mas deixe-me continuar. Ela chegou e logo fez amizade com meu pai e com Frost. Na verdade, ela veio passar pouco tempo na cidade para visitar uma amiga que trabalhava em uma lanchonete de quinta categoria perto do The Hannigan's, onde meu pai e Stuart se reuniam para resolver coisas do restaurante que não estava montado ainda. É claro que os dois se apaixonaram por ela. Em um primeiro momento, ela se identificou mais com Frost, até porque, meu pai era

PERIGOSAS ACHERON

casado.

"Ele me contou, tempos depois, que ela lhe confessou que precisava ter um filho em Moreau, com alguma pessoa que tivesse uma habilidade especial. Foi o primeiro erro dela. O segundo erro foi mostrar seu poder a Frost. Quando soube da história, é claro que ele se ofereceu para ser este homem, mas Madeline recuou. Algo lhe disse que ele não era a pessoa certa. E foi então que ela cedeu aos encantos do meu pai." — Taylor zombava da história.

— Mas eu não entendo... por que ela tinha que engravidar? — Tatianna divagou. Por mais que estivesse ouvindo a história de um louco, ela precisava saber... precisava aproveitar aquele momento.

— Foi sua avó, Tatianna. Ela previu que você seria morta. Que estaria fadada a morrer aqui,  
PERIGOSAS ACHERON

em Moreau, por culpa da família Hannigan. E que somente um outro filho, gerado com o homem destinado a ela, poderia te salvar.

Tatianna olhou para Thomas, que também se sentia confuso com a história.

— Mas por que ela nunca voltou? — a pergunta foi feita mais para si mesma, mas acabou saindo em voz alta.

— Para você? Porque Frost roubou o seu irmãozinho aqui — Taylor apontou para Thomas. — E ela precisava encontrar uma forma de impedir que você chegasse a Moreau, conhecesse Sebastian e se apaixonasse.

— Mas será que ela não imaginou que, no final das contas, eu iria procurá-la?

— Acho que ela preferiu arriscar. Mas acho também que está na hora de parar de perdermos

## PERIGOSAS NACIONAIS

tempo — Taylor apontou a arma para a cabeça de Thomas, bem a tempo de impedir que ele se soltasse. — Você já tomou sua decisão?

— Eu mal sei o que vai querer de mim...

— Ainda tenta negociar? É a vida do seu irmão que está em jogo! — ele se surpreendeu. — Mas posso adiantar que com o seu poder sendo usado em um restaurante como o The Hannigan's, podemos ganhar muito dinheiro. Tenho certeza que há muitas coisas que você nem sequer sabe que pode fazer... e quero que me dê a chance de descobrirmos juntos.

— E isso tem a ver com roubar e enganar pessoas, não é?

— Ora, não há vitória sem sacrifícios, não é mesmo?

— E Ivy? Ela é sua cúmplice?

## PERIGOSAS ACHERON



## PERIGOSAS NACIONAIS

— Claro que não! — Ivy berrou, começando a chorar. — Foi tudo ideia dele! Ele sempre me chantageou com essa história de eu ser filha de Frost. Me fez forjar o acidente para culpar Sebastian, mas não conseguiu. Me fez fingir que estava inválida esse tempo todo...

— Ivy, você não precisa mais fingir. Já sabemos que não foi culpa sua. Vou te defender...

— Tatianna tentou acalmá-la, até porque, ela segurava uma arma na mão.

— Vocês duas, calem a boca! — Ivy assustou-se com o grito de Taylor e começou a tremer.

— O que vai fazer com ela? — ainda querendo ganhar tempo, percebendo que Thomas conseguiria se soltar se Taylor não estivesse prestando atenção nele, Tatianna continuou com as perguntas, referindo-se a Ivy.

## PERIGOSAS ACHERON

Assustada ao ouvir seu nome, Ivy arregalou os olhos, talvez com medo da resposta.

— Bem... — com desdém e indiferença, Taylor virou-se na direção de Ivy. — Ela também tem um dom, então, pode servir para alguma coisa. O que eu acho...

Aproveitando que Taylor ainda estava com os olhos voltados para Ivy, embora a arma permanecesse apontada para sua cabeça, Thomas pulou sobre ele, fazendo com que derrubasse o revólver no chão. Tatianna foi rápida em pegá-lo e afastá-lo dos dois.

Thomas estava cheio de raiva, e era um rapaz alto e forte para sua idade, mas estava em clara desvantagem. A luta corporal não demoraria muito, por isso, ela abaixou-se e pegou a arma na mão. Mal sabia se teria coragem de atirar em uma pessoa, mas o faria se fosse preciso para salvar o

## PERIGOSAS ACHERON

irmão.

Ao mesmo tempo olhava para Ivy, que ainda tremia, mal sabendo o que fazer.

— Vá chamar ajuda! — era importante afastá-la dali. Ainda não sabia de qual lado ela realmente estava e parecia muito suscetível aos mandos e desmandos de Taylor.

Quando a garota se afastou, depois de relutar por uns bons minutos, Tatianna voltou-se para os dois, que ainda brigavam. Com a arma em punho, ela se sentia mais segura.

Contudo, não tardou para que Taylor sacasse um outro revólver que estava escondido em algum lugar de sua roupa e imobilizasse Thomas, apontando uma arma para sua cabeça.

— Por favor, não o machuque! — Tatianna implorou.

— Então coloque a arma no chão, em primeiro lugar.

Ela obedeceu, embora seu coração estivesse explodindo de raiva.

— Vamos deixar esse menino aqui são e salvo, e você vem comigo sem nem relutar.

— Para onde?

— Ainda tem coragem de perguntar? Na situação em que está, deveria estar concordando em ir até o inferno.

— Eu vou! Mas deixe-o em paz.

Taylor largou Thomas no chão com certa violência, mas ainda manteve a arma apontada, ora para o garoto, ora para Tatianna, que estava começando a chorar de ódio.

Andando na direção dela, ele agarrou seu

braço e começou a puxá-la para a saída, enquanto Thomas se levantava na intenção de não deixar que ele a levasse. Contudo, antes que pudessem sair pela porta, Jayce abriu-a, entrando, também com seu revólver em punho, acompanhado por Steve.

No mesmo instante, assim como fizera com Thomas, Taylor segurou Tatianna contra seu peito, mantendo-a imobilizada, e encostou o cano da arma em sua cabeça.

— Solte-a, Taylor! Chamamos reforços, o local vai estar cercado em pouco mais de dois minutos — Jayce falou com autoridade, temendo pela segurança de Tatianna.

— Saiam daqui ou vou matá-la. Do mesmo jeito que fiz com a mãe dela.

Tatianna segurou a respiração. Taylor estava louco, descontrolado a ponto de fazer uma

declaração como aquela para a polícia. Ouvir com todas as letras que aquele homem era o assassino de Jane DeWitt deixou-a um pouco atormentada, mas também provocou uma reação imediata em seu subconsciente. Com um pouco de esforço, conseguiu mexer o braço, mesmo presa por Taylor, possibilitando que colocasse a mão dentro de seu bolso, de onde tirou a pequena faquinha de cozinha que levava consigo.

Não que aquele objeto fosse capaz de salvar sua vida, mas ela o cravou no braço que a mantinha prisioneira, causando um susto e uma dor intensa. Taylor acabou soltando-a, e ela correu na direção de Jayce.

Porém, não demorou muito para que Taylor se recuperasse, ao menos um pouco, e apontasse novamente o revólver na direção dela, atirando.

E foi nesse momento que mais alguém

## PERIGOSAS ACHERON

entrou pela porta...

Sebastian chegou a tempo de presenciar a cena e amparar Tatianna em seus braços, antes que caísse no chão.

Exatamente como dizia a profecia...

Ao vê-la ensanguentada, sem saber onde o tiro tinha pegado, Taylor ficou um pouco desorientado. Precisava dela viva, queria seu poder... chegara até a se sentir um pouco atraído por ela, como um dia se sentira por Madeline — ou qualquer nome que a vagabunda pudesse ter. Queria construir muitas coisas ao seu lado, conquistar dinheiro, fama e tudo que sempre mereceu. Merecia tudo aquilo muito mais do que Sebastian... que tinha tudo... que *sempre* tivera tudo.

Aproveitando o momento de descontrole do

## PERIGOSAS NACIONAIS

homem, Thomas pulou sobre ele, desarmando-o. O garoto sentia uma raiva imensa, principalmente depois de Tatianna ser alvejada. Imediatamente, Jayce e Steve foram ajudá-lo, algemando o bandido, e Thomas pôde aproximar-se de Sebastian e ver como Tatianna estava.

O tiro tinha acertado uma área perigosa de suas costas, de onde ela sangrava profusamente. Jayce já estava chamando uma ambulância, mas não sabiam se haveria tempo suficiente para salvá-la. Se tivesse a sorte de sobreviver, poderiam haver sequelas.

— Meu amor, vai ficar tudo bem... vamos levá-la ao hospital!

— Sebastian... Thomas é... nosso... — ela mal conseguia falar. — Nosso irmão... você precisa... — arfou. — Cuidar dele.

## PERIGOSAS ACHERON



— Eu vou... ou melhor, nós vamos... juntos.

Thomas, desesperado, nem sabia o que falar. Só chorava por não ter podido proteger sua irmã.

No entanto...

Havia uma estranha luz naquela casa... uma luz branca, pacífica, que lentamente começava a se transfigurar em uma forma humana.

Lolla.

Ela não disse nada, só ficou parada, observando-o, olhando fixamente para o menino que sabia ser seu neto.

E isso foi suficiente para que Thomas soubesse o que tinha que fazer. Era o seu momento.

Sem nem dizer nada para ninguém, ele colocou as duas mãos em formato de concha sobre

a ferida de Tatianna e fechou os olhos.

Thomas fizera aquilo muito poucas vezes, mas foram suficientes para que aprendesse mais ou menos como funcionava seu estranho poder. Ele só precisava orar, pedir que aquela pessoa ficasse curada, para que o ferimento fechasse sem sequelas. Em se tratando de alguém de quem ele gostava tanto, era um pouco mais difícil, pois estava nervoso, muito ansioso para que tudo desse certo. A carta lhe dissera, e Taylor confirmara: Thomas nascera para ser o anjo que salvaria Tatianna da morte. Era uma imensa responsabilidade, mas ficaria grato por existir e poder cumprir sua missão.

— Thomas? — a voz era de Tatianna. Parecia mais forte, mais segura... De olhos fechados, o menino mal tinha coragem de abri-los, mas, assim que o fez, percebeu que Tatianna já não

## PERIGOSAS NACIONAIS

estava mais deitada no colo de Sebastian, com aquela aparência pálida e agonizante de antes. Estava bem, corada e sorrindo. Escapara da morte por causa dele.

Sem dizer nada, os dois se abraçaram. As mulheres DeWitt sempre sentiram uma ligação especial com aquele menino, mas nunca souberam o porquê. Agora sabiam... ele era parte daquela família.

Uma família um tanto quanto excêntrica, mas cheia de amor.

\*\*\*

## DIAS DEPOIS

Com Taylor preso, o restaurante The PERIGOSAS ACHERON

## PERIGOSAS NACIONAIS

Hannigan's fechou de vez, mas Sebastian já tinha planos para abrir um outro, em Manhattan, para que Tatianna não precisasse se afastar novamente de suas primas. Ele mesmo reconhecia que três mulheres tão poderosas não deveriam ficar separadas; seus poderes eram infinitamente mais significativos quando estavam juntas, pois o amor que sentiam uma pela outra era tão forte quanto a magia que as unia. Antonia os estava ajudando a procurar algum bom lugar, uma vez que estavam dispostos a promovê-la a gerente.

Ivy Hannigan também foi presa, mas seu julgamento estava marcado para dali a um mês. O próprio Sebastian contratara um advogado para defendê-la, e todos acreditavam que, se não fosse inocentada, pegaria uma pena pequena. De certa forma ela fora cúmplice de Taylor, sabia de todos os seus crimes e ficara calada durante todo aquele

## PERIGOSAS ACHERON

tempo. Precisava responder por isso, e estava tão arrependida que nem sequer se declarara inocente.

Thomas agora morava com Tatianna na casa de Lolla. Sebastian estava se programando para ir morar com eles no mês seguinte, mas tinha muitas coisas a organizar e resolver em Moreau. Não venderia sua casa, pois era uma enorme lembrança de seu pai e de Jane, mas havia outros imóveis. Pensava em unir o amor pelos vinhos ao talento de Tatianna na cozinha... a ideia era que o restaurante novo fosse também uma adega para que as pessoas pudessem comprar os vinhos de suas vinícolas e degustar pratos especialmente feitos para elas, de acordo com o que precisavam sentir. Isso, é claro, ficaria a cargo do poder da chefe de cozinha. Antonia também estava incluída no projeto, como uma espécie de gerente. Ela iria coordenar as equipes, as compras, as manutenções

e tudo que fosse necessário para o perfeito funcionamento do estabelecimento.

Depois de conhecer toda a história sobre sua mãe, Tatianna decidiu que queria conhecer um pouco mais sobre as raízes de sua família paterna. Embora não tivesse conhecido seu pai, e ele realmente não tivesse feito muita questão de aproximação, ela sabia que ele tinha falecido alguns anos atrás, e era hora de mais uma pesquisa. Mas uma bem mais tranquila e sem grandes emoções.

Era uma noite de sábado quando todos decidiram se reunir na casa de Lolla, como costumavam sempre fazer, mesmo quando ainda não havia a presença de Sebastian nem de Thomas. A família parecia crescer a olhos vistos, e muito em breve ainda teriam mais um bebê por ali, pois a gravidez de Faith seguia tranquila e sem nenhuma

complicação.

Já fazia algum tempo que todos queriam que Thomas explicasse como tudo tinha acontecido, como descobrira seu poder e como soubera que poderia salvar Tatianna, no fatídico dia em que ela quase morreu. Contudo, sabiam que as feridas emocionais ainda estavam abertas no coração de todos, e deixar a história esfriar na cabeça dos envolvidos era a melhor escolha. Mas já estava na hora de a verdade ser revelada.

Foi por isso que Thomas relatou tudo...

— Foi na noite de Natal... quando Cailey descobriu que estava grávida. Chegou uma cartas no orfanato, uns dias antes, endereçada a mim. Eu estranhei, mas quando abri, vi que era de D. Lolla... ou melhor... — ele riu — da nossa avóE era essa aqui — Thomas começou a ler, com o papel na mão, que tinha sido recuperado por Jayce quando

PERIGOSAS ACHERON

prende Taylor.

*Querido Thomas,*

*Sei que deve estar surpreso por receber uma carta minha, mas eu não seria capaz de deixar nenhum dos meus netos desamparado. Sim, menino... você é um DeWitt. E eu previ também o seu futuro, assim como o de suas primas e o de sua irmã...*

*Na verdade, para falar sobre o seu futuro, vamos ter que voltar um pouquinho no passado...*

*Quando Tatianna tinha apenas oito anos, eu previ que ela iria morrer. Foi uma previsão estranha, como quem observa uma estrada tomada por uma neblina... eu não via nada ao redor, só minha neta nos braços de um homem, morta. No momento em que contei isso para Jane, minha*



## PERIGOSAS NACIONAIS

*filha, ela se desesperou de tal forma que começou a usar seu poder para descobrir como, quando e onde aconteceria. Graças a ela, eu consegui mais algumas informações. Eu vi um restaurante, vi o homem por quem ela se apaixonaria e a vi morta novamente, como se ele tivesse sido o culpado. Para o bem de todos, consegui prever que haveria uma chance de salvação... um bebê... nascido de um amor puro e destinado a acontecer... como todos os amores de verdade são.*

*Hoje sei que a história não vai acontecer bem assim... não será esse homem quem irá matar Tatianna, nem será ele o responsável pela tragédia; mas sua família está interligada... e foi isso que fez com que Jane tomasse a decisão que mudaria a vida de todos. Ela foi para Moreau, a cidade que surgiu na minha profecia... e foi lá que teve você.*

## PERIGOSAS ACHERON

*Infelizmente ela confiou nas pessoas erradas em um primeiro momento, e você foi tirado de nós de forma cruel, por causa de um amor doentio. Mas Deus quis que voltasse às nossas vidas e nos enchesse de esperança. Ou melhor... a mim... pois eu descobri que você era um DeWitt no momento em que o conheci, pedindo um emprego para Faith com apenas doze anos de idade.*

*Naquele mesmo momento, eu queria tê-lo abraçado, protegido, levado-o comigo e cuidado de você como merecia ser cuidado... mas fiquei com medo de que descobrissem e o levassem de novo para longe. Por isso, comecei a fazer doações ao orfanato, pedindo que fosse bem protegido... pedi a Faith que cuidasse de você, da forma como ela poderia cuidar, lhe oferecendo alguns trabalhos para que pudesse guardar um dinheirinho e ter algum conforto.*

*Sei que não foi muito, mas foi o que pude fazer...*

*Mas agora chegou sua vez, Thomas... chegou o momento de saber de tudo. Sou sua avó... Tatianna é sua irmã. Somos sua família... nunca o abandonamos. E precisamos de você.*

*Sei que tem um dom. Um dom lindo, angelical, que lhe proporcionará a chance de salvar vidas, de curar pessoas que não merecem morrer... e Tatianna será uma delas.*

*O futuro que eu vi irá se cumprir. Afinal, eu nunca erro em uma premonição, e acho que você sabe bem disso. Mas nenhuma profecia é definitiva. Nenhum destino é imutável. Por isso preciso de você; preciso que seja forte e use seu poder na hora certa... Não hesite, não duvide... você é capaz.*

*Deixo, portanto, o destino de sua irmã em*

*suas mãos. E em sua mente, tenha a certeza de que o amei desde o momento em que entrou na minha vida. Queria que as coisas tivessem sido diferentes, mas um dia nos encontraremos novamente e eu poderei ser a avó que nunca pude ser.*

Ela sabia. Como sempre soubera de tudo... não havia segredos, não havia mistérios que ela não fosse capaz de desvendar.

Tatianna, enquanto todos ainda estavam em silêncio, aproximou-se de Thomas e abraçou-o. Por sua cabeça passavam vários pensamentos sobre o que aconteceria se Lolla não tivesse tal poder: jamais conheceriam aquele menino e nunca saberiam que ele era parte da família. A vida de todos ficaria apenas pela metade.

— Será que ela nunca vai se cansar de nos surpreender? — Cailey brincou.

## PERIGOSAS NACIONAIS

— Espero que não... — Tatianna respondeu sorrindo.

— Thomas, e como você descobriu que tinha o poder da cura? — Sebastian perguntou ao irmão.

— Foi ainda no orfanato... um de meus colegas caiu de cima de uma árvore e bateu com a cabeça. Era tarde da noite, tínhamos desrespeitado a hora de ir para cama, e todos estavam dormindo. Fiquei assustado e coloquei, sem querer, a mão sobre o machucado. Comecei a chorar, sem saber o que fazer, mas quando percebi, ele acordou como se nada tivesse acontecido. E coisas parecidas continuaram a acontecer...

— Por que nunca nos contou? — Faith, acariciando a barriga ainda lisa e imperceptível, indagou.

## PERIGOSAS ACHERON

— Não sei. Na verdade eu nem sabia explicar o que era.

— Agora sabe... você é um DeWitt, tem um dom. Não poderia ser diferente... — ainda abraçada ao irmão, Tatianna disse com certo orgulho nos olhos. Do outro lado, Sebastian também se aproximava, passando um braço ao redor de sua cintura e beijando-a.

Pela primeira vez naqueles anos, as três mulheres DeWitt sentiram uma paz imensa. Todas as peças de seus quebra cabeças tinham se encaixado, seus destinos estavam traçados e a família se encontrava ali, com toda uma geração reunida. Não havia dúvidas de que Lolla estava ali presente, abençoando-os e protegendo-os, como sabiam que sempre faria. Mas ela também estava em paz, como se finalmente pudesse seguir seu caminho, pois sua verdadeira e definitiva missão

# PERIGOSAS NACIONAIS

estava completa.

Não havia mais escuridão, sombras ou morte... apenas amor.

# PERIGOSAS ACHERON

# EPÍLOGO

## CINCO ANOS DEPOIS

A lápide parecia um pouco mais velha a cada dia, assim como a saudade. O tempo jamais a amenizava, jamais tornava a perda mais fácil ou mais aceitável. Era sempre doloroso, sempre triste... De certa forma todos sentiam-se órfãos de Lolla DeWitt, até mesmo Rowan, Jayce e Sebastian que nunca a conheceram. Apesar de não entenderem muito o que estava acontecendo, as pequenas Abbie, Joscelyn e Hazel — filhas de Cailey, Faith e Tatianna, respectivamente — estavam quietas, como se estivessem presentes em uma cerimônia solene.



Perdidos em seu silêncio, mal percebiam que alguém os observava... um homem.

Com uma expressão curiosa e ao mesmo tempo surpresa no rosto, ele se aproximou do estranho grupo.

— Com licença...

Todos se viraram na direção do homem barbudo e de meia idade. Rowan, que costumava visitar Úrsulla no passado, sabia quem ele era. Era o coveiro. Isso fez com que pegasse a filha no colo, em uma atitude protetora, afinal, não sabiam o que aquele tipo estranho poderia querer com eles.

— O que deseja? — indagou desconfiado.

— Eu mal entendo o que estou fazendo aqui, mas acho que isso pertence a vocês.

Jayce adiantou-se para pegar os três envelopes que o homem lhes entregava. Neles

# PERIGOSAS ACHERON

havia mensagens contendo datas e o nome das três jovens crianças ali presentes.

— O que é isso? — Thomas perguntou.

— São cartas. Uma senhora chamada Lolla DeWitt deixou isso comigo há alguns anos... sete, talvez... — divagou. — Ela pediu que eu entregasse a um grupo de pessoas que viria visitar sua lápide exatamente neste dia. Eu achei estranho, mas acabei guardando as cartas só por curiosidade. E ainda bem que guardei. Juro por Deus que não esperava que isso fosse mesmo acontecer. Parecia que ela sabia que eu não falharia na missão...

Todos se entreolharam cheios de dúvidas.

— Obrigado — com um meneio de cabeça, Sebastian virou-se para o homem, agradecendo como que para liberá-lo. Por sorte ele logo foi embora.

# PERIGOSAS NACIONAIS

— Será que é o que estou pensando que é?  
— foi Cailey a primeira a falar.

— Muito provável... três cartas, para nossas três filhas... — Faith assentiu.

— E em algum momento vocês realmente pensaram que ela iria deixar alguém para trás?

Não... Tatianna tinha razão. Lolla nunca deixaria de cuidar deles...

Só restava saber o que mais o destino reservaria àquela família...

FIM

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON